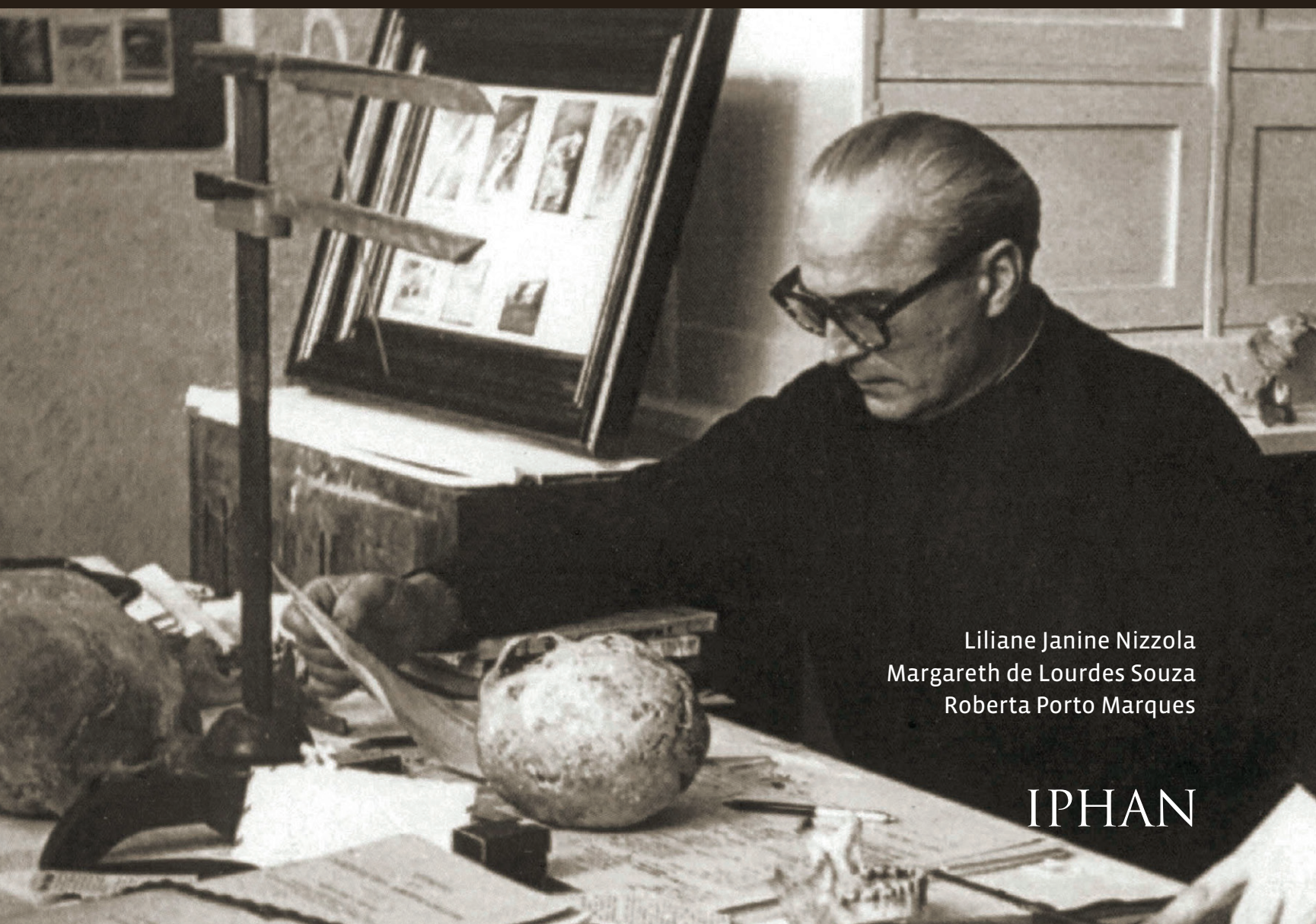


A TRAJETÓRIA ARQUEOLÓGICA DE  
**Pe. JOÃO ALFREDO ROHR**  
EM SANTA CATARINA



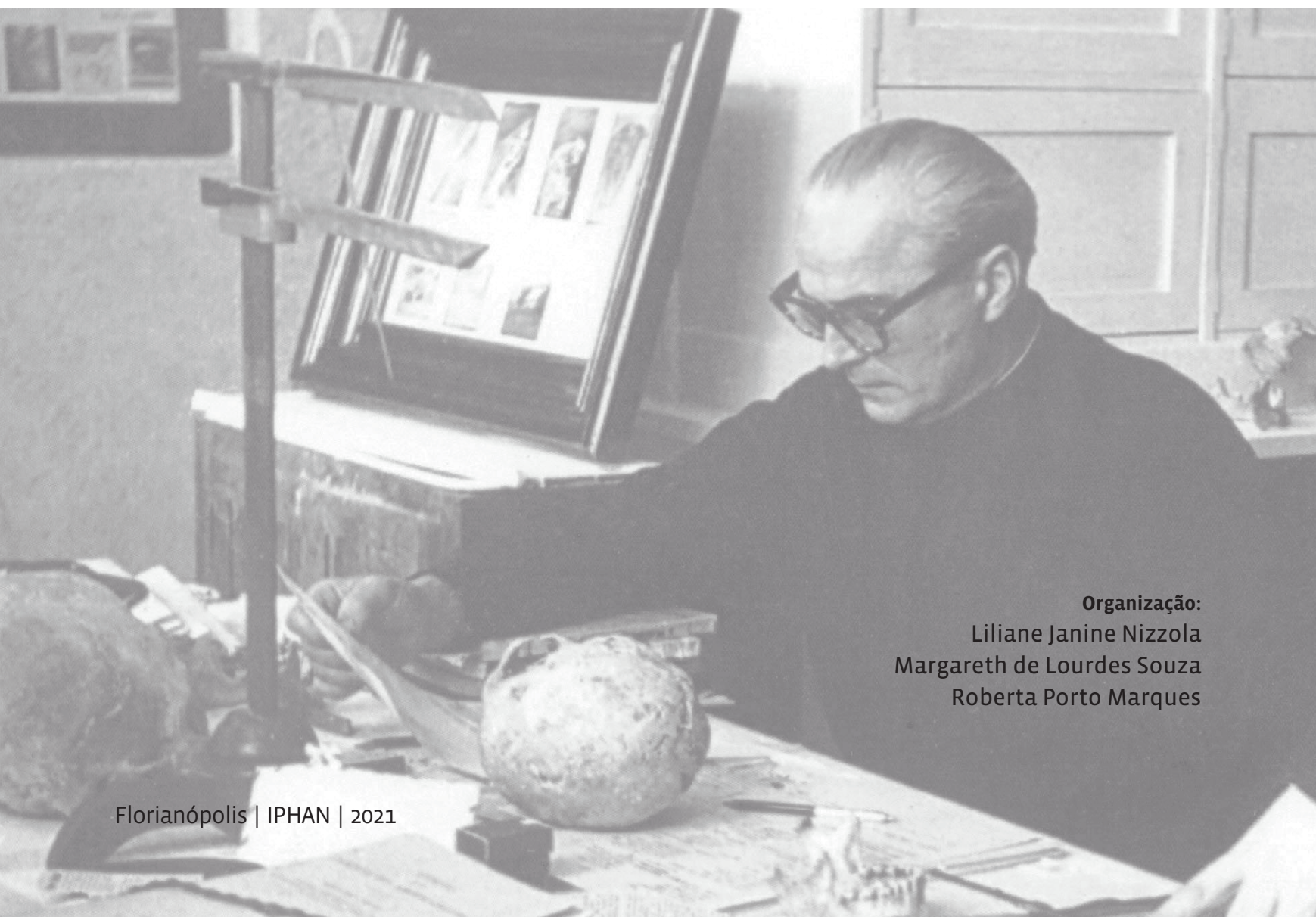
Liliane Janine Nizzola  
Margareth de Lourdes Souza  
Roberta Porto Marques

IPHAN





A TRAJETÓRIA ARQUEOLÓGICA DE  
**Pe. JOÃO ALFREDO ROHR**  
EM SANTA CATARINA



**Organização:**

Liliane Janine Nizzola

Margareth de Lourdes Souza

Roberta Porto Marques

©2021 Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional-IPHAN

É permitida a reprodução desta publicação, desde que sem alterações e citada a fonte. Disponível também em: [www.iphan.gov.br/sc](http://www.iphan.gov.br/sc)

**Presidente da República**

Jair Bolsonaro

**Ministro do Turismo**

Gilson Machado Neto

**Secretário Especial da Cultura**

Mário Luís Frias

**Presidente do Instituto do  
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**

Larissa Peixoto

**Diretores do Iphan**

Arlindo Pires Lopes

Arthur Lázaro Laudano Brengunci

Marcelo Brito

Raphael João Hallack Fabrino

Tassos Lycurgo

**Supertintendente de Santa Catarina**

Liliane Janine Nizzola

**Organização da Publicação**

Liliane Janine Nizzola

Margareth de Lourdes Souza

Roberta Porto Marques

**Coordenação Editorial**

Regina Helena Santiago

**Textos**

Andreas Kneip

Andreia Considera

Bruna Cataneo Zamparetti

Deise Scunderlick Eloy de Farias

Geovan Martins Guimarães

Margareth de Lourdes Souza

Mercedes Okumura

Roberta Porto Marques

**Fotografias do Acervo do MHS**

Oscar Liberal

**Fotografias do Acervo do Museu Geociências/UnB**

Adon Bicalho

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Biblioteca, IPHAN/SC

T768

A trajetória arqueológica de Pe. João Alfredo Rohr em Santa Catarina / Liliane Janine Nizzola, Margareth de Lourdes Souza, Roberta Porto Marques, orgs; Andreas Kneip ... [et.al], textos. Dados eletrônicos (1 arquivo pdf) -- Florianópolis, SC : IPHAN, 2021. 224 p. ; 23x25 cm

ISBN: 978-65-86514-32-2

1. Patrimônio arqueológico. 2. Arqueologia. 3. Sítios arqueológicos. I. Nizzola, Liliane Janine. II. Souza, Margareth de Lourdes. III. Marques, Roberta Porto. IV. Kneip, Andreas. V. Considera, Andreia. VI. Zamparetti, Bruna Cataneo. VII. Farias, Deise Scunderlick Eloy de. VIII. Guimarães, Geovan Martins. IX. Okumura, Mercedes.

CDD 930.81

Elaborado por Mônica da Silva Magalhães – CRB-14/965

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

[www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)

[publicacoes@iphan.gov.br](mailto:publicacoes@iphan.gov.br)

[iphan-sc@iphan.gov.br](mailto:iphan-sc@iphan.gov.br)





## AGRADECIMENTOS

Esta obra só foi possível com o juntar de muitas mãos, um forte apoio institucional e muito esforço. Organizar publicações em meio às mil atribuições patrimoniais é tarefa árdua.

Assim, inicialmente, gostaria de registrar nossa gratidão aos autores dos artigos que compõem esta obra, por aceitarem a missão e tão brilhantemente a cumprirem, pois sem texto, não há livro.

Ressaltamos o trabalho feito pela empresa contratada para a edição da publicação, elaboração do projeto gráfico, diagramação e revisão, MC&G Design Editorial e sua coordenadora Maria Clara Pires da Costa.

Agradecemos também a cessão de imagens feitas pela Sra. Sandra Mussi, filha do fotógrafo Jankiel Gonczarowsa que nos autorizou a publicar a foto (**Figura 5**) e as informações disponibilizadas por Leonardo Wen, que encontrou e nos forneceu o contato da Sra. Sandra Mussi.

Importante também referenciar as diversas áreas e pessoas do IPHAN que se envolveram com a publicação, desde o Centro Nacional de Arqueologia, que apoiou e participou elaborando a apresentação; ao Departamento de Cooperação e Fomento, e sua Divisão de Editoração e Publicações, que auxiliou nos ajustes, revisões e publicação do material; à Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, pela parceria e apoio na realização, com a disponibilização

**Figura 1:** Escavação arqueológica realizada pelo arqueólogo João Rohr, de chapéu, e equipe. Florianópolis/SC.

**Fonte:** Acervo MHS/CC



da arqueóloga Margareth Souza que escreveu um dos artigos e auxiliou na organização da publicação; à Superintendência do IPHAN no Rio de Janeiro, por ceder o fotógrafo Oscar Liberal, que fez a maioria dos registros fotográficos magistralmente; à Procuradoria Jurídica que analisou os editais de contratação e deu todo o suporte para que os contratos relacionados a publicação tivessem bom andamento; ao Departamento de Planejamento e Administração, pelo apoio prestado em relação aos procedimentos administrativos e contratuais; e finalmente, à Presidência do IPHAN, por acreditar na ideia a ponto de financiá-la possibilitando assim sua execução.

Indispensável mencionar os servidores da Superintendência do IPHAN em Santa Catarina, vez que muitos se envolveram diretamente em sua execução: a arqueóloga Roberta Porto Marques que escreveu um dos artigos em seus horários externos ao horário no IPHAN e auxiliou na organização da obra; a bibliotecária Mônica Magalhães que elaborou a ficha catalográfica; a Divisão Administrativa, chefiada por Solange Siglinski,

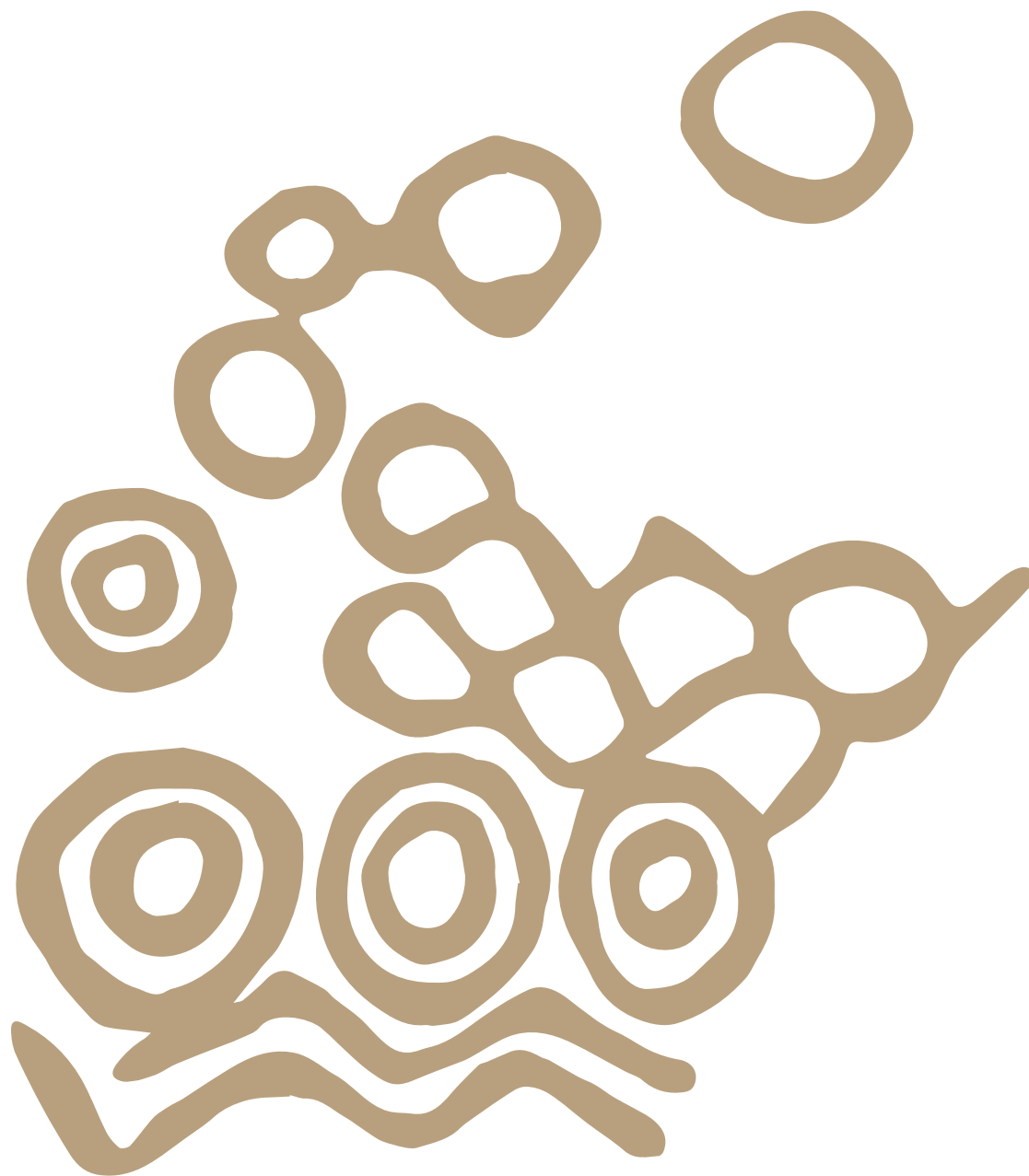
que operacionalizou os procedimentos de contratação, empenhos e pagamentos; a Divisão Técnica, especialmente a chefia, Regina Santiago, que coordenou, revisou e aprimorou toda a edição e a toda a nossa equipe de apoio administrativo, nossas facilitadoras do cotidiano.

Merece destaque a primorosa organização desta publicação feita pela servidora do IPHAN no Distrito Federal, arqueóloga Margareth Souza, mentora deste trabalho. Sem ela, não aconteceria.

Ainda, um agradecimento especial a quem lançou o desafio para que essa obra existisse, plantando a semente que germinou e se tornou fruto, um antigo aluno apaixonado pelo trabalho do Pe. João Alfredo Rohr, Esperidião Amin Helou Filho.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que esta publicação se realizasse e alcançasse êxito.

**Liliane Janine Nizzola**



**Figura 2:** Petroglifo Ilha dos Corais, identificado em 1966 pelo arqueólogo João Alfredo Rohr. Florianópolis/SC.

**Fonte:** João Alfredo Rohr, 1969 Imagem vetorizada por Sofia Paiva



**Figura 3:** Padre João Alfredo Rohr, S.J., com suas botas de cano alto e chapéu inglês, com aproximadamente cinquenta anos de idade, durante escavações arqueológicas no sítio Base Aérea. Florianópolis/SC, 1958.

Fonte: Acervo MHS/CC



# PREFÁCIO

Até hoje, a participação dos jesuítas na minha formação, é preponderante. Dentre os meus professores jesuítas, o Padre João Alfredo Rohr foi a personalidade mais impressionante.

Assim me refiro a ele no texto *Quem sou eu?*, que integra a Antologia da Academia de Letras de Biguaçu (2013, p. 227):

O Padre João Alfredo Rohr, arqueólogo de contribuição ímpar em Santa Catarina, professor de Química, botânico, mestre em nutrição, talvez tenha sido o mais completo sábio que pude conhecer na escola. Era temido por seu gênio e por sua “geniosidade”, intolerante com as “malandragens” dos alunos. Suas “sabatinas”, pequenas provas aplicadas semanalmente, faziam com que déssemos atenção plena às suas aulas e aos deveres que nos passava. O Museu do Homem do Sambaqui é o legado mais conhecido de sua obra científica.

Como professor, foi tão competente quanto rigoroso. Devo a ele o que aprendi sobre Química. Mais: nenhum dos seus alunos esqueceria a ênfase com que ele “declamava” os elementos da Química, especialmente os ribombantes, como, por exemplo, “*plumbum*”, cuja pronúncia acordaria qualquer dorminhoco, além do peso que o chumbo representa. A severidade tornou-se lendária, em casos como o de um querido colega e amigo, supostamente “inventor” de método infalível para obter êxito nos exames semanais no caderno das “sabatinas” já referidas.

Os “visitantes” não-convidados do Orquidário e do Pomar sofriam um bocado quando flagrados, numa reedição da expulsão do paraíso...

No texto acima referido, contudo, não por acaso, começo a apresentação do personagem de múltiplos talentos e notável polivalência pela obra como “arqueólogo de contribuição ímpar em Santa Catarina”. É, portanto, sobre o arqueólogo que devo escrever neste livro *A Trajetória Arqueológica de Padre João Alfredo Rohr, em Santa Catarina*, editado pelo IPHAN de nosso estado, sob a liderança de sua competente Superintendente, arquiteta Liliane Janine Nizzola, com a participação de Andreas Kneip, Andreia Considera, Bruna Cataneo Zamparetti, Deise Scundenick Eloy de Farias, Geovan Martins Guimarães, Margareth de Lourdes Souza, Mercedes Okumura e Roberta Porto Marques.

No final dos anos 1950, me deparei com um jipe cinza (capô alto ou cara-de-cavalo) estacionado em frente à nossa casa “de praia”, no bairro Bom Abrigo, meu atual endereço. Curioso, fui pesquisar e me deparei com o Padre usando um guarda-pó sobre a batinha (sotaina) preta e botas de cano alto. Fascinado, ali fiquei junto com outros guris do bairro, “espionando” aquele trabalho até então desconhecido. Lembro que um dos garotos encontrou, na escavação, um fornilho (copo) de barro do que seria um cachimbo indígena. Aparentemente, pensou em “levar” a bela peça para

casa. O nosso arqueólogo sustou a peraltice com um “olhar de secar figueira”...

Em 1959, já na primeira série do ginásio, no Colégio Catarinense, fiquei sabendo da existência do Pomar e do Orquidário, que, juntamente com a sala de Química e o acervo arqueológico, integravam os “domínios” do respeitado e temido Padre do jipe, o Padre Motoqueiro, título do livro biográfico escrito por seu fiel amigo e companheiro Sebastião Manoel Nunes. Aliás, esse livro, editado em 2000, contém interessantes informações sobre os métodos de trabalho do Padre Rohr e ratifica meu sentimento de que a peça considerada mais rara do acervo foi encontrada na Tapera, Florianópolis, constituída por uma vértebra caprichosamente atravessada em seu centro por uma ponta de flecha de pedra. Sebastião apresenta impressões colhidas do próprio biografado, no convívio da missão religiosa e científica que longa e fraternalmente compartilharam.

Como governador, em 1984, depois da morte do Padre Rohr, ocorrida em 21 de julho daquele ano, deparei-me com uma questão crucial: a direção do “meu” querido Colégio teria decidido, em sintonia com a “minha” Ordem, transferir o acervo do Museu do Homem do Sambaqui para o Rio Grande do Sul. Informado de que essa decisão seria concretizada, mantive pessoalmente com o Diretor do Colégio os contatos que resultaram na decisão de fazer aqui permanecer esse rico patrimônio.

A partir desse incidente, firmei posição no sentido de que o Governo deveria diligenciar para que o acervo arqueológico constituído de peças aqui colhidas deveria ser tombado como patrimônio do nosso Estado, na forma prevista na Lei Estadual n.º 5.846/1980. Consequência dessa decisão foi o ofício de 27 de setembro de 1984, que enderecei ao então Presidente do Conselho Estadual de Cultura, o grande mestre, Professor Osvaldo Ferreira de Melo, solicitando a preservação do Museu “e sua permanência em nosso estado”. A tramitação deste processo, de número 004/84, constitui interessante visão do cenário em que se definiu o tombamento.

Esta publicação é um justo resgate da extraordinária obra do nosso Precursor em matéria de Arqueologia. A propósito, não é demais ressaltar que a Sociedade de Arqueologia Brasileira instituiu o Prêmio Padre João Alfredo Rohr, conferido a cada dois anos.

O Museu do Homem do Sambaqui Padre João Alfredo Rohr S.J., que podemos visitar no Colégio Catarinense, merece nosso empenho político visando obter meios para que o Poder Público, em parceria com a Companhia de Jesus, contribua para a adequação de suas instalações, dando-lhe o devido e efetivo destaque.

É a homenagem que a obra do Padre Rohr está a reclamar!

**Esperidião Amin Helou Filho**

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
Danieli Helenco – Centro Nacional de Arqueologia	
<b>INTRODUÇÃO – UMA HOMENAGEM AO PE. JOÃO ALFREDO ROHR.....</b>	<b>13</b>
Liliane Janine Nizzola	
<b>O CONTEXTO DA FORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE PE. JOÃO ALFREDO ROHR .....</b>	<b>17</b>
Margareth de Lourdes Souza	
<b>JOÃO ALFREDO ROHR: REGISTRO E FISCALIZAÇÃO DOS PROCESSOS DESTRUTIVOS EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO LITORAL SUL CATARINENSE.....</b>	<b>99</b>
Geovan Martins Guimarães   Bruna Cataneo Zamparetti   Deise Scunderlick Eloy de Farias	
<b>SAMBAQUIS DO LITORAL CATARINENSE E AS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS DE JOÃO ALFREDO ROHR .....</b>	<b>137</b>
Deise Scunderlick Eloy de Farias Andreas Kneip	
<b>AS CONTRIBUIÇÕES DE PADRE ROHR À BIOANTROPOLOGIA DO LITORAL DE SANTA CATARINA NO HOLOCENO MÉDIO E FINAL ATRAVÉS DA FORMAÇÃO DE COLEÇÕES DE ESQUELETOS HUMANOS PRÉ-HISTÓRICO .....</b>	<b>143</b>
Mercedes Okumura	
<b>ACERVO DE ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS DA COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA PADRE JOÃO ALFREDO ROHR EM DOIS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS NO LITORAL CATARINENSE .....</b>	<b>163</b>
Roberta Porto Marques	
<b>JOÃO ALFREDO ROHR E A PESQUISA EM SÍTIOS GUARANI EM SANTA CATARINA.....</b>	<b>189</b>
Andreas Kneip   Deise Scunderlick Eloy de Farias	
<b>MUSEU E ACERVOS ARQUEOLÓGICOS: CAMINHOS E DESCAMINHOS NO BRASIL .....</b>	<b>207</b>
Andréa Fernandes Considera	
<b>LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, MAPAS, QUADRO E TABELAS.....</b>	<b>219</b>



## APRESENTAÇÃO

A proteção do patrimônio arqueológico está inserida no ordenamento jurídico brasileiro desde 1937, quando, por meio do Decreto-Lei nº 25/37, ocorreu a organização da proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, constituído pelo referido documento como o *“conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”*.

Anos depois, devido à preocupação com o crescente aproveitamento econômico dos sítios arqueológicos do tipo *sambaquis*, é publicada a Lei n.º 3.924/61, a qual delega ao poder público a proteção e a guarda do patrimônio arqueológico, além de considerar crime contra o Patrimônio Nacional a destruição ou a mutilação desses bens. Reforçando a sua importância, a Constituição Federal, de 1988, passa a reconhecer os sítios arqueológicos como Bens da União e como parte integrante do patrimônio cultural brasileiro.

O processo construtivo desse arcabouço legal para a salvaguarda do patrimônio arqueológico brasileiro foi resultado do esforço empreendido por diversos profissionais, pesquisadores e gestores, que deixaram sua marca na história de luta pela preservação dos bens arqueológicos nacionais, como é o caso de João Alfredo Rohr (1908-1984).



**Figura 4:** Pesquisadores, da esquerda para direita: Pedro Ignácio Schmitz, Guilherme Naue, Danilo Lazarotto, Pe. Rohr, Margarida Davina Andreatta. São Leopoldo/RS, 1968.

**Fonte:** Arquivo Pe. Schmitz, consultado em <http://www.anchietano.unisinos.br/equipe/Rohr/rohr.htm>

O “Pai da Arqueologia Catarinense”, como é chamado por muitos, foi padre, professor e arqueólogo, tendo deixado um grande legado para a arqueologia brasileira.

No sentido de demonstrar a notoriedade de Rohr, o livro *A Trajetória arqueológica de Pe. João Alfredo Rohr em Santa Catarina* nos contempla com um compilado de artigos que resgatam a memória e a obra do Padre Rohr, evidenciando a sua significativa contribuição para o desenvolvimento de pesquisas e para o reconhecimento, a valorização e a preservação do patrimônio arqueológico, tendo como foco os Sambaquis de Santa Catarina.

Os autores apresentam a trajetória profissional do Padre João Alfredo Rohr, como pesquisador e representante do Iphan, e relatam, por meio do vasto registro documental por ele produzido, sua atuação fundamental em ações de fiscalização para a preservação dos sítios e em campanhas junto à sociedade sobre a importância desse patrimônio.

Com essa publicação temos o imenso prazer de registrar a dedicação do Padre Rohr, ao longo de quarenta anos, demonstrando métodos e técnicas de seus trabalhos, que resultaram na identificação

de inúmeros sítios e na formação de excepcional acervo arqueológico, tombado pelo estado de Santa Catarina, em 1984, e pelo Iphan, em 1986, e que ainda possibilitam o desenvolvimento de relevantes pesquisas, proporcionando novas interpretações e, sobretudo, avançando na produção e na fruição do conhecimento.

**Danieli Helenco**

Diretora do Centro Nacional de Arqueologia  
Iphan



**Figura 5:** Revista Manchete edição nº 505, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1961.

**Fonte:** <http://memoria.bn.br/docreader.aspx?bib=004120>



# UMA HOMENAGEM AO Pe. JOÃO ALFREDO ROHR

A elaboração desta publicação é fruto da inquietação de um antigo seminarista e ex-aluno do Padre João Alfredo Rohr – Esperidião Amin Helou Filho, preocupado com todo o rico acervo bibliográfico escrito por ele e ainda pouco conhecido e explorado. Assim, com o objetivo de homenagear o arqueólogo João Alfredo Rohr, e sua trajetória pelo estado de Santa Catarina, organizou-se esse compilado de artigos que retratam sua atuação, especialmente em solo catarinense, sempre forte e destemida, em defesa do patrimônio arqueológico, o que se tornaria a sua marca registrada, e, segundo Lima (1999-2000), o incluiria, junto com Paulo Duarte, Castro Faria e Loureiro Fernandes, entre os grandes defensores que o patrimônio arqueológico brasileiro teve até hoje.

Suas pesquisas arqueológicas, realizadas entre 1958 a 1984, geraram coleções arqueológicas, como as da Base Aérea, da Tapera, do Pântano do Sul, da Armação, do Balneário das Cabeçadas, da Praia das Laranjeiras e uma série de outras menores, além de outras coleções diversas, que, por sua vez, ainda geram conhecimento, novas pesquisas e perspectivas, como aquelas aqui apresentadas pelos autores convidados pelo IPHAN, que avançaram e geraram novos conhecimentos sobre a história da ocupação do território brasileiro.

A socialização dos trabalhos realizados por Rohr é de suma importância, como a visita pública que ocorre no Museu do Homem do Sambaqui - Padre João Alfredo Rohr, S.J., na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Entende-se que compreensão e apropriação do patrimônio arqueológico brasileiro se dá por meio de ações que viabilizem a fruição dos sítios arqueológicos, acervos, e demais bens de caráter arqueológico, nas suas mais diversas formas, como por exemplo, essa publicação, que permite a extensão do conhecimento gerado pelo arqueólogo João Alfredo Rohr, com mais de noventa publicações e significativo acervo arqueológico, oriundo de seus trabalhos no estado de Santa Catarina.

No artigo *O contexto da formação arqueológica de João Alfredo Rohr*, de autoria da arqueóloga Margareth Souza, é apresentada a trajetória de João Alfredo Rohr, a sua integração ao projeto articulado por Luiz Castro de Faria, Paulo Duarte e José Loureiro Fernandes, visando a capacitação de arqueólogos brasileiros, com a vinda de professores estrangeiros para ministrar cursos, entre eles, Annette Laming-Emperaire, mestra da linha francesa, a qual Rohr adotaria. Em seguida é apresentado o processo de tombamento, a nível estadual e federal, do acervo proveniente de coleções diversificadas de culturas

indígenas, sob a guarda do Museu do Homem do Sambaqui, o que resultou na proteção e reconhecimento do valor cultural deste acervo, e desde então sinalizou a necessidade de um projeto museológico que contemplasse todas as coleções existentes neste Museu.

O artigo *João Alfredo Rohr: Registro e fiscalização dos processos destrutivos em sítios arqueológicos no litoral Sul Catarinense*, de autoria dos arqueólogos Geovan M. Guimarães, Bruna Zampareti e Deise Scunderlick de Farias, retoma a discussão anterior, enfocando a destruição de alguns sambaquis emblemáticos, como o sambaqui da Carniça, Cabeçuda I e Perrixil (Laguna – SC), Garopaba do Sul (Garopaba – SC), Jaboticabeira II (Jaguaruna – SC) e outros. Faz uma reflexão sobre a manutenção do legado cultural de Rohr e as ações necessárias.

O artigo de Deisi Scunderlick Eloy de Farias e Andreas Kneip, cujo título é *Sambaquis do Litoral Catarinense e as contribuições científicas de João Alfredo Rohr*, apresenta um panorama da ocupação dos povos sambaquieiros, caracterizando os sambaquis, descrevendo os artefatos utilizados para captura dos alimentos, os adornos usados, destaca impressionantes zoólitos, verdadeiras obras de arte da pré-história, adentra ainda nos tipos de sambaquis cadastrados e pesquisados por Rohr e nos resultados alcançados, exaltando sua atuação e legado. É assim a ciência, um contínuo com avanço, reflexões, mudanças de perspectivas e novos avanços.

No artigo *As contribuições de Padre Rohr à Bioantropologia do litoral de Santa Catarina no Holoceno Médio e Final através da formação de coleções de esqueletos humanos pré-históricos*, Mercedes Okumura apresenta seu estudo realizado a partir de coleções osteológicas humanas oriundas de sítios arqueológicos localizados no litoral central e sul de Santa Catarina e na Ilha de Santa Catarina, e em sua maioria, pesquisados por João Alfredo Rohr. As análises permitiram complementar o conhecimento a respeito desses grupos pretéritos, e responder a pergunta de quem eram e como viviam, apontando para uma baixa frequência de traumas violentos ou acidentais, uma alta frequência de alterações ósseas motivadas pelo estilo de vida ligado ao mar e indicando a existência de dois grupos distintos, em termos biológicos e culturais na costa sudeste e sul do Brasil.

O artigo de Roberta Marques, intitulado *Acervo de acompanhamentos funerários da Coleção Arqueológica Padre João Alfredo Rohr em dois contextos arqueológicos no litoral catarinense*, contempla o acervo da coleção do sítio Praia das Laranjeiras II e a coleção do sítio Caiacanga-Mirim, sob a perspectiva da Arqueologia da Morte, nos leva a refletir sobre as semelhanças e diferenças existentes nos artefatos que acompanham os sepultamentos humanos na pré-história, e também o potencial dos acervos de coleções arqueológicas em museus, que ajudam a escrever a *história dos*

*povos indígenas do território brasileiro*. Outro elemento interessante nesse trabalho foram as observações da autora, ao estabelecer comparações metodológicas aplicadas por Alfredo Rohr, na escavação do primeiro sítio por ele escavado, o sítio Caiaganga-Mirim, em 1958, e o aprimoramento metodológico, com mais rigor e riqueza de detalhamento, observado no sítio Praia das Laranjeiras II, em 1977 e 1978. O que representa a capacitação e aperfeiçoamento de Padre Rohr nos cursos que participou, como aluno de Annette Laming Emperaire e outros professores, conforme retratado no artigo *O contexto da formação arqueológica de João Alfredo Rohr*.

O artigo Andreas Kneip e Deisi Scunderlick Eloy de Farias, sob o título *João Alfredo Rohr e a pesquisa em sítios Guarani em Santa Catarina*, enfoca os trabalhos de Rohr com os sítios cerâmicos Guarani, destacando os sítios escavados e mapeados em Florianópolis, Itapiranga, Jaguaruna, Garopaba, Imbituba, Paulo Lopes e Palhoça. Os autores reconhecem que “as pesquisas arqueológicas desenvolvidas por Rohr ao longo da sua vida, possibilitam ainda hoje a continuidade das pesquisas, já que oferece dados importantes que ainda geram problemas de pesquisa instigantes.”

Encerra-se essa homenagem a Padre João Alfredo Rohr, com o artigo *Museu e acervos arqueológicos: caminhos e descaminhos no Brasil*, da museóloga e professora do Curso de Museologia

da Faculdade de Ciência da Informação, da Universidade de Brasília (DF), Andréa Considera, nos impulsiona a refletir que é “preciso abrir as reservas técnicas e ressignificar os discursos, ousar novas museografias com propostas pedagógicas e principalmente escutar o que os objetos tem a nos dizer.”

Assinala-se que o registro fotográfico de peças da Coleção Alfredo Rohr, sob a guarda do Museu do Homem do Sambaqui, foi feito pelo servidor do IPHAN e fotógrafo Oscar Liberal, em setembro de 2019, acompanhado pela servidora do IPHAN em Santa Catarina, Roberta Porto, que selecionou as peças a serem registradas. Complementando o acervo constituído inseriu-se algumas peças registradas pelo Ádon Bicalho, no inventário realizado pela Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, em 2018.

Sabe-se que o desafio da preservação e promoção do patrimônio arqueológico continua, talvez mais acirrado. Ainda é preciso conscientizar e conciliar ações de desenvolvimento com atividades econômicas ainda mais diversificadas, com a conservação dos bens culturais, por meio de pesquisas integradas com o turismo cultural, ações educativas intensas, tanto com as escolas, quanto com as comunidades, projetos museológicos criativos e, principalmente, mudanças de paradigmas mentais.

**Liliane Janine Nizzola**  
Superintendente do Iphan em Santa Catarina



**Figura 6:** Adorno encontrado em sítio litorâneo. Dentes de tubarão duplamente perfurados, formando um colar, coletados em 1961, junto a sepultamento. Sítio Praia da Tapera, município de Florianópolis/SC.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC

# O CONTEXTO DA FORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE PADRE JOÃO ALFREDO ROHR

**Dra. Margareth de Lourdes Souza<sup>1</sup>**  
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
margareth.souza@iphan.gov.br

## RESUMO

Este capítulo visa a apresentar o contexto de formação arqueológica de Padre João Alfredo Rohr e a sua integração ao projeto planejado por Luiz Castro de Faria (Rio de Janeiro), Paulo Duarte (São Paulo) e José Loureiro Fernandes (Paraná), visando ao aperfeiçoamento dos arqueólogos brasileiros. Em seguida, têm-se o momento do processo de tombamento da Coleção Padre João Alfredo Rohr, ao nível estadual e federal, e a constatação que a maior parte do acervo arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui, ainda não possui inventário e não se encontram em condições regulares de guarda na Reserva Técnica, seguindo a portaria IPHAN n.º 196, 18 de maio de 2016. Por final, apresentamos um arrolamento das publicações de Padre Rohr, com uma síntese das obras, que foram digitalizadas e serão disponibilizadas ao público, pela Superintendência do IPHAN em Santa Catarina e o Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Palavras-chave:** João Alfredo Rohr. Biografia. Sítios arqueológicos. Iphan. Santa Catarina.

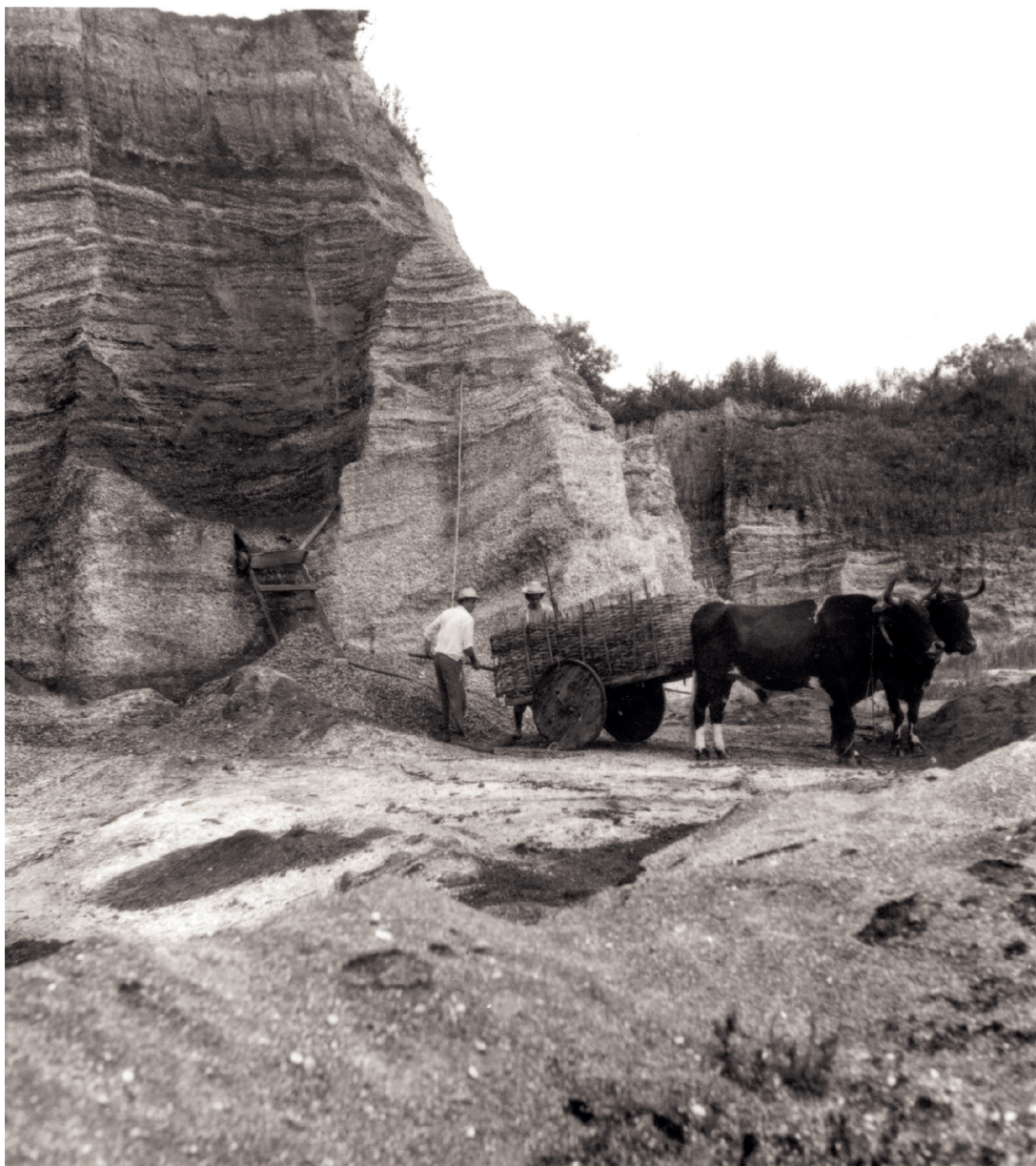
---

<sup>1</sup> Ex-bolsista do CNPq e Capes.



## FORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA E INTEGRAÇÃO

A trajetória arqueológica do Padre João Alfredo Rohr está ligada à própria germinação da Arqueologia brasileira como ciência, plantada por Luiz Castro de Faria (Rio de Janeiro), Paulo Duarte (São Paulo) e José Loureiro Fernandes (Paraná), diante a destruição dos sítios arqueológicos, em especial dos sambaquis, que desde o século XVI eram desmontados, onde conchas, ossos e artefatos eram triturados, e usados como matéria-prima para construção civil, oficial e religiosa. E assim a destruição foi tomando proporções gigantescas, mesmo com denúncias feitas, desde o século XIX, por cronistas viajantes, arqueólogos e antropólogos (Saint-Hilaire, 1820; Conde de La Hure, 1865; Richard Francis Burton, 1866, Agassiz, 1830; Charles Wiener, 1876; Ladislau Neto, 1876, 1882, IN: CALAZANS, 2016). Ao lado **Figuras 7 e 8** de flagrante de destruição do sambaqui da Jaboticabeira, registrado por Alfredo Rohr.



**Figura 7:** Extração de camadas do sambaqui da Jaboticabeira II, para serem trituradas e queimadas nas caeiras/fornos. Jaguaruna /SC.

**Fonte:** Acervo MHS/CC





**Figura 8:** Caieira – local para onde eram transportadas, trituradas e queimadas toneladas de estratos de camadas dos sambaquis, e transformadas em cal. sambaqui da Jaboticabeira II, Jaguaruna /SC.

Fonte: Acervo MHS/CC

Além do arrasamento secular dos sambaquis, outro fator preocupante era por um lado os poucos profissionais para resgatá-los e por outro lado a falta de sistematização nas pesquisas, na classificação, no registro e na coleta (BARRETO,1999-2000, p. 40; ROHR, 1984). Com esse cenário, e determinados a buscar a formação de pessoal especializado, paulatinamente, foram realizadas ações em prol do patrimônio arqueológico brasileiro, por meio de campanhas preservacionistas e criação de núcleos de pesquisa arqueológica dentro das universidades. Em 1935, Luis Castro de Faria fundou o Centro de Estudos Arqueológicos, incorporado posteriormente ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Em 1952, Paulo Duarte cria a Comissão de Pré-História, futuro Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo. Em 1956, no Paraná, José Loureiro Fernandes, cria o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) na Universidade Federal do Paraná (BARRETO,1999-2000, p. 41; LIMA, 1999-2000, p. 295).

Segundo Lima (1999-2000, pp. 295-297) no começo da década de cinquenta,<sup>2</sup> esse grupo combativo foi responsável pela vinda de especialistas franceses e americanos ao Brasil para implantação de cursos de arqueologia, visando à formação de arqueólogos no Brasil. O etnólogo Paul Rivet,<sup>3</sup> do Museu do Homem de Paris, veio a convite de Paulo Duarte, e

que posteriormente trouxe o casal Emperaire, Joseph Emperaire e Annette Laming, que realizaram escavações sistemáticas em sítios arqueológicos do litoral paulista. E a partir de 1956, seguiram para o estado do Paraná, onde estudaram os sambaquis, onde apresentaram as primeiras datações absolutas em carbono 14 (C-14) para os sambaquis — entre 10.800-8.000 anos a 4.000 anos (BARRETO,1999-2000, p. 42, LIMA,1999-2000, p. 297). Acrescenta-se que entre 1974 e 1976, Annette Laming coordenou a missão franco-brasileira na região de Lagoa Santa – MG, onde em 1975 resgatou o fóssil de Luzia, durante as escavações na gruta da Lapa Vermelha IV, datado posteriormente em 11,5 anos pelo arqueólogo e antropólogo Walter Neves.

A capacitação arqueológica ocorreu, principalmente, no Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) na Universidade Federal do Paraná e Universidade de Santa Catarina, com os cursos de Arqueologia Pré-Histórica (1962), Ensino e Pesquisas em sítios cerâmicos (1966) e Tipologia Lítica e métodos de pesquisa em Arqueologia (1971), ministrados por Annette Laming Emperaire, no Seminário de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, em sítios pré-cerâmicos; e Fundamentos de Antropologia (1963) pelo professor Dr. Luiz Castro de Faria; Origens do Homem e Origens do Homem americano (1968) pelo professor Dr. Paulo Duarte e Ensino e

---

<sup>2</sup> O Congresso Internacional de Americanistas, realizado em São Paulo, em 1954, é considerado um marco na Arqueologia brasileira, em que foi discutido a necessidade de formação de profissionais da Arqueologia, por meio da vinda de professores com renomada experiência, para ministrar cursos intensivos.

<sup>3</sup> Criou a teoria que os povos indígenas da América do Sul vieram da Austrália e Melanésia.

Pesquisas em jazidas Cerâmicas (1964) por Clifford Evans e Betty Meggers. Segundo Rohr (1977, pp. 71-74):<sup>4</sup>

Aqueles cursos de pós-graduação foram promovidos pelo saudoso professor José Loureiro Fernandes, fundador do extinto CEPA (Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas). Loureiro Fernandes — tem o mérito de ter trazido ao Brasil uma série de eminentes especialistas estrangeiros, inclusive os Evans do Museu Nacional de Washington, permitindo aos arqueólogos brasileiros, familiarizarem com a metodologia arqueológica, tanto francesa, como americana, sem terem de fazerem viagens dispendiosas para fora do país. Pode não ter sido o mais perfeito: mas foi o único viável na época e a maioria dos arqueólogos, atualmente, ativos no Brasil, — beneficiaram-se daquela louvável iniciativa (ROHR, fls. 00165 a 001608, Relatórios CNPq).

Conforme Neto (2014) a primeira turma de alunos capacitada por Annette Laming foi composta por Luciana Pallestrini (SP), Margarida Davina Andreatta (SP), Maria da Conceição Beltrão (RJ), Maria José Reis (PR), Niede Guidon (SP), com aulas práticas no sambaqui do Guaraguaçu, no litoral paranaense. Em 1962, uma segunda turma de alunos é capacitada, composta por Padre Alfredo Rohr (SC), Andréia Loyola (MG), Padre Ignácio Schmitz (RS), Margarida Davina Andreatta (SP), Maria José Reis (PR), Maria da Conceição Beltrão (RJ), Ondemar Dias (RJ), Sílvia Maranca

(SP) e Walter Piazza (SC), com escavações realizadas no sambaqui da Ilha das Rosas II e na Gruta do Wobeto, indo do litoral da Antonina a Manoel Ribas. Outros cursos foram ministrados por Annette Laming no CEPA/UFPR, como o Curso de Aperfeiçoamento em Técnicas Arqueológicas Aplicáveis a sítios Pré-Cerâmicos, em julho de 1973.

A partir dessa integração acadêmica, em 1966, Rohr como colaborador, apresenta a técnica de cimentação.<sup>5</sup> de esqueletos e de blocos testemunhos, na escavação na Ilha das Rosas, Antonina, estado do Paraná, coordenado pela professora e arqueóloga Annette Laming, e em seguida o CEPA, em 1970, publica a obra “Normas para a cimentação de enterramentos arqueológicos e montagem de blocos testemunha”, **Figuras 9 e 10**. E em 1979, a convite da Prof.<sup>a</sup> Dra. Lina Maria Kneip, do Departamento de Antropologia do Museu Nacional (UFRJ) Rohr aplica a técnica de confecção de “blocos-testemunho” no sambaqui de Camboinhas (correspondência de Lina a Rohr, 1979, folha 001819). Que por sua vez resultou na publicação Cimentação e sepultamentos e de “Blocos Testemunhos” (1981):

Se, por um lado me honra, o convite, por outro lado me preocupa. Se me convidasse para a cimentação de esqueletos, fogões, fornos polinésios etc., aceitaria com entusiasmo, porque estas estruturas são susceptíveis de cimentação. Os blocos-testemunha, porém, são problemáticos. Devem ser encaixotados

<sup>4</sup> Relatórios do CNPq Parte 1 – fls. 001605-01608.

<sup>5</sup> Técnica não reversível.



sem cimentação, dependendo o êxito do trabalho, em grande parte, da composição e das dimensões do bloco a ser montado. Blocos de um metro a metro e meio de altura, via de regra, não oferecem dificuldade. Em se tratando, porém, de camadas arqueológicas mais espessas, o sucesso do empreendimento é incerto.

De qualquer forma, não é do meu feitio, recuar diante de dificuldades. Embora, aqui, o trabalho

nunca se acabe, arrastando a gente para, cada vez novos empreendimentos, irei lá e farei o possível para ajudar nos trabalhos de montagem e de cimentação. Acho importante este contato entre diversos arqueólogos; porque ambas as partes se beneficiam, aprendendo uns aos outros. Não irei para ensinar; mas para aprender (Correspondência de Padre João Rohr a Professora Lina Maria Kneip, 1979, fl. 001782).



**Figura 9:** Escavação Ilha das Rosas. Com Margarida Andretta, Annette Laming-Emperaire, Padre Rohr, Celso Perota, Marcos Albuquerque, Pedro Ignácio Schmitz e três operários. Antonina/PR, 1966.

**Fonte:** Fotografia Vladimir Kozak. Arquivo Pe. Schmitz consultado em <http://www.anchietano.unisinos.br/equipe/Rohr/rohr.htm>



**Figura 10:** A técnica de cimentação, criada por Rohr, foi aplicada em diversos sítios arqueológicos, no estado de Santa Catarina, Rio de Janeiro e Paraná. A exemplo, vê-se na imagem o Sep 110, cimentado e em exposição no MHS, proveniente do sítio Praia da Tapera, com ponta de flecha cravada na vértebra.

Foto: Oscar Liberal/IPHAN. Fonte: Acervo MHS

Por oportuno, observa-se que tanto João Alfredo Rohr, quanto Margarida Davina Andreatta, respectivamente aluno e assistente de Annette Laming Emperaire, herdaram a qualidade de constituir museus ou centros de pesquisa nos locais onde desenvolveram pesquisas arqueológicas, tornando-os precursores das boas práticas de educação patrimonial e envolvimento com as comunidades locais, visando a preservação dos sítios arqueológicos.

A arqueóloga Tânia Lima (1999-2000, pp. 295-297) relata que outros cursos são ministrados, como em 1958, com a vinda de W. Hurt, da Universidade de South Dakota, Estados Unidos, que veio para o Brasil ministrar um curso de treinamento sobre Pré-História, especificamente sobre escavações sistemáticas, e iniciar pesquisas em sambaquis brasileiros, e *nos anos sessenta trabalhou nos sambaquis do sul, onde ajudou a formar novos centros de pesquisa, como o*



*Museu Paranaense e Museu de Antropologia da UFSC* (BARRETO, 1999-2000, p. 44). Em 1960, Alan L. Bryan, da Universidade de Alberta, Canadá, desembarca em Santa Catarina, a convite de Castro Faria, para estudar os sambaquis da Ilha de São Francisco (LIMA, 1999-2000, pp. 296-300).

A partir da década de sessenta, os arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans, do Smithsonian Institution, Washington (EUA), ministraram aulas no Seminário de Ensino e Pesquisas em Jazidas Cerâmicas, promovido pelo Smithsonian Institution, CNPq e IPHAN, para os seguintes alunos Fernando Altenfelder (SP), Igor Chmyz (PR), Heloísa Fénelon (RJ), José Proença Brochado (RS), Mário Simões (PA), Nássaro Nasser (RN), Ondemar Dias (RJ), Sílvia Maranca (SP), Walter Piazza (SC), Wilson Rauth (PR) e Valentin Calderón (BA) (NETO (2014, n.p.). Porém alguns arqueólogos, como Alfredo Rohr, Margarida Andreatta e outros mantiveram-se orientados, primordialmente, pela chamada “linha francesa”, assim como instituições, como o Museu Nacional (RJ), Museu do Homem do Sambaqui (SC), Museu Antropológico da UFG (GO) e outros.

Foi nesse contexto que antecedeu e que seguiu imediatamente à aprovação da Lei n.º 3.924/61, que se estabeleceu a interlocução entre Castro Faria e João Alfredo Rohr (CRUZ, 2013, p. 139). Em 1972, por intervenção de Luiz Castro de Farias, Rohr tornou-se representante do IPHAN no estado de Santa Catarina, sem função remunerada, mas passa a receber uma

verba do IPHAN, “com fim declarado de proteger os sambaquis do Estado contra depredações e vandalismos” (Relatórios CNPq – folha 002627).

Conforme Paulo Duarte (1968, p. 75) os ventos estavam propícios com a aprovação da Lei n.º 3.924, quando o Museu Nacional recebe uma cadeira cativa no Conselho Consultivo do SPHAN/DPHAN (CRUZ, 2013, pp. 105-106) e a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), atual IPHAN, cria um Setor de Arqueologia, sob a responsabilidade de Alfredo Teodoro Russins, e Castro Faria se tornou seu parecerista. Após décadas de trabalho dedicado a luta pela preservação dos sambaquis, em 1972 Alfredo Rohr é nomeado pelo presidente do IPHAN, Renato Soeiro, a ser o representante do IPHAN no estado de Santa Catarina, ficando no cargo até 1984, quando é substituído por Maria Lúcia Vidal, pouco antes de seu falecimento (CRUZ, 2013, p. 185).

A Lei n.º 3.924/1961 é um divisor de águas para a arqueologia brasileira, quando regulamenta a proteção dos sítios arqueológicos, delegando sua propriedade à União, sob representação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), e também institui penalidades aos responsáveis pela destruição ou mutilação do patrimônio.

A lei determinava que “[...] Nenhuma autorização de pesquisa ou lavra para jazidas, de calcário de concha, que possua as características de monumentos arqueológicos ou pré-históricos poderá ser concedida sem audiência prévia da DPHAN”, estabeleceu-se que



toda pessoa física ou jurídica que estivesse procedendo, para fins econômicos, à exploração de “sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou sernambis” possuía um prazo para comunicar essa atividade à DPHAN, sob pena de multa caso não o fizesse. Em seguida a essa comunicação, um profissional indicado pela Diretoria do Patrimônio Histórico determinaria se a área de exploração em questão fosse natural ou um sambaqui. Igualmente, as pesquisas de cunho científico deveriam obter permissão do Governo Federal.

Já sob o vigor da Lei n.º 3.964/1961, o presidente da DPHAN, Rodrigo Mello Franco de Andrade, demanda a Luiz Castro de Faria um parecer sobre a primeira solicitação de autorização de pesquisa de Alfredo Rohr, conforme Cruz (2103, p. 110). Em 1962, com o parecer favorável do DPHAN, com orientações detalhadas sobre os procedimentos em campo, Rohr inicia as pesquisas arqueológicas no Sítio Praia da Tapera, conforme descrito abaixo:

1. Que enviasse com o primeiro relatório à DPHAN também um levantamento topográfico minucioso da área em exploração.
2. Que constasse no mesmo relatório: a localização das trincheiras ou cortes feitas no sítio; seu perfil estratigráfico; detalhes sobre a ordenação e composição das diferentes camadas que o compunham; dados sobre o contato do depósito arqueológico com o terreno sobre o qual se assenta.
3. Que fizesse um registro fotográfico do sítio arqueológico e de suas circunvizinhanças antes

de iniciados os trabalhos de escavação, assim como de todas as fases da pesquisa.

4. Que colhesse amostras de matéria orgânica “dos diferentes estratos com significação especial para o estabelecimento de sequências culturais”, para futuras datações pelo C-14.
5. Que colhesse amostras de solo de todos os níveis estratigráficos para a realização de análises polínicas.
6. Que fizesse “um desenho singelo” de todos os enterramentos que eventualmente se encontrasse, “para registro da posição e da orientação do esqueleto”, e que, além de uma relação numérica destes, também elaborasse “uma súmula das observações sobre orientação e posição dos esqueletos, por níveis estratigráficos, e a indicação de todos os anteriores fatos e outros elementos de qualquer forma associados aos enterramentos.”
7. Que enviasse no mesmo relatório uma relação completa de todos os artefatos e outros elementos de indústria humana exumados na pesquisa, com indicação das associações observadas, sua distribuição horizontal e estratigráfica “e qualquer particularidade que aconselhe um assessoramento de pesquisa por parte de especialista indicado pela DPHAN.”
8. Que todo o material que coletasse em decorrência da pesquisa autorizada fosse “integralmente depositado no Museu do Homem Americano, sociedade cultural com sede e foro na cidade de Florianópolis”, e que ele fosse relacionado com minúcia, para formação de inventário a ser registrado na DPHAN.

9. Que ele remetesse à DPHAN ao final da pesquisa um relatório conclusivo sobre os resultados desta, no qual deveriam constar sugestões e informações acerca da conveniente preservação de parte do sítio arqueológico estudado como bloco-testemunho.

10. Que a autorização que lhe era concedida tinha a validade de dois anos, a contar a partir do dia de sua comunicação ao requerente; que ele tivesse clareza que todos os bens arqueológicos localizados em território brasileiro eram propriedade do governo federal; e que, caso violasse alguma das normativas da Lei n.º 3.924, isto significaria a caducidade automática da autorização concedida (Carta de Luiz de Castro Faria a Rodrigo Mello Franco de Andrade, de 23 de maio de 1962. CFDA 06.07.041. 2 fl.s Acervo CF. AHC-MAST/MCT, apud CRUZ, 2013):

Alfredo Rohr, com amparo legal da Lei n.º 3.924/61, e como representante do IPHAN em Santa Catarina, passou a atuar de maneira mais incisiva na luta para preservação dos sambaquis, que eram demolidos pela indústria de cal, para uso em edificações, adubos, ração de animais e calçamentos de estradas (SOUZA, 2018, p. 30). Cabe ressaltar a relevância da bolsa do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), que viabilizou os trabalhos de cadastramento, proteção e estudo dos sítios arqueológicos no estado de Santa Catarina. Em

entrevista escrita, Rohr relata que em 1963, Castro Faria o aconselhou a pedir bolsa ao CNPq, onde permaneceu bolsista entre 1963 e 1984,<sup>6</sup> e com este recurso pode atuar na luta pela preservação dos sambaquis, conforme Relatório CNPq – fl. 002626.

Iniciei as pesquisas arqueológicas, por amor à ciência, trabalhei durante muitos anos sem auxílio de ninguém. Apenas em 1963, o Dr. Luiz de Castro Faria, diretor do Museu Nacional e professor de Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, vendo meu trabalho na Tapera, onde ajudou nas escavações durante uma semana, me aconselhou a pedir bolsa do Conselho Nacional de Pesquisas. Com o patrocínio do mesmo, consegui a bolsa, e desde então continuo bolsista e melhorando de categoria. Jamais estive interessado em polpudas verbas, mas fazia o que era possível realizar, com os recursos disponíveis. Tanto mais que os governos estaduais e municipais me apoiavam colocando à disposição operários para as escavações arqueológicas (folhas 002629-002630).

As ações de fiscalização e denúncias à Superintendência da Polícia Federal e prefeituras são constantes no estado de Santa Catarina. **A Figura 11** mostra uma ação de fiscalização de Rohr, acompanhado de Luiz Castro Faria, diretor do Museu Nacional, em que confirmam a denúncia de destruição de sambaquis na região de Laguna/SC. No registro fotográfico

<sup>6</sup> Os relatórios digitalizados no CNPq constam o período de 1976 a 1984.



**Figura 11:** Ação de fiscalização. João Alfredo Rohr (IPHAN/SC) e Luiz Castro de Faria (Museu Nacional/RJ) diante o desmorte realizado em um sambaqui da região de Laguna. Laguna/SC, 1964.

**Fonte:** CFAHC-MAST/MCT.

é possível observar a perplexidade de ambos, com o arrasamento das camadas seculares de ocupação humana. Assim como as **Figuras 7 e 8**, apresentadas anteriormente, que registram o flagrante da demolição do sambaqui da Jaboticabeira II, no município de Jaguaruna – SC, onde se vê parcialmente sua extensão e a altura, e por último o registro de uma caieira, para onde eram transportadas as camadas dos sambaquis, para serem trituradas e queimadas nos fornos.

Como visto, Alfredo Rohr, se integrou a esse movimento nacional, articulado por Luiz Castro de Faria,

Paulo Duarte e Loureiro Fernandes. E junto com IPHAN e outras instituições de defesa do patrimônio histórico e pesquisa desencadeou em Santa Catarina, ações contínuas contra os interesses econômicos das empresas mineradoras, destruidora dos sambaquis, e sua luta se tornou sua marca registrada, de perfeccionismo em campo e ações combativas, em defesa do patrimônio arqueológico. Como ele mesmo afirmou que não era de *seu feitio, recuar diante as dificuldades*, e assim foi durante sua trajetória em Santa Catarina, entre 1958 a 1984. E como atesta Lima (1999-2000, p. 298):



Restringindo-se a Santa Catarina, Rohr promoveu o levantamento e registro dos sítios do litoral sul, centro e norte do Estado, a par de detalhadas escavações, onde apenas eventualmente acolheu discípulos ou colaboradores. Trabalhando isoladamente e contrariando as tendências da época, que privilegiavam mais as abordagens verticais, horizontais, que permitiram um melhor conhecimento da utilização que essas culturas fizeram do espaço, particularmente o funerário.

O cuidado com o registro detalhado dos dados de campo e na prioridade dada, nas publicações, às descrições minuciosas, às classificações cuidadosas, à reprodução de perfis, croquis e plantas (ROHR 1959, 1960, 1961, 1962, 1966, 1977; ROHR; ANDREATTA 1969), permitiram, anos depois, na década de 90, a retomada de seus trabalhos por outros pesquisadores, liderados por Pedro Ignácio Schmitz, S.J., designado pela comunidade dos jesuítas do Colégio Catarinense como responsável pelo acervo arqueológico da instituição, após o falecimento de Rohr, em 1984.

O resgate da trajetória do arqueólogo Alfredo Rohr em Santa Catarina é também ressignificar a história do Brasil e de suas instituições, que se consolidaram paralelamente, como as universidades, o Iphan e o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e do Museu do Homem do Sambaqui. Após seu falecimento, em 1984, foi a sociedade catarinense e pesquisadores de todo o Brasil, que se uniram para a permanência de um

dos mais diversificados e valiosos acervos, com várias coleções representativas da ocupação do território de Santa Catarina, formado durante seus trabalhos arqueológicos. O que significa que a sociedade nacional se apropriou do acervo arqueológico e o transformou em seu patrimônio.

## **A COLEÇÃO DO MUSEU DO HOMEM DO SAMBAQUI**

O acervo formado por Alfredo Rohr, entre os anos de 1958 e 1984, teve o apoio da Companhia de Jesus, prefeituras do estado de Santa Catarina, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (1976-1984) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. A maioria deste valioso acervo está sob a guarda do Museu do Homem do Sambaqui, localizado nas dependências do Colégio Catarinense, em Florianópolis/SC.<sup>7</sup>

Os trabalhos arqueológicos resultaram na identificação e registro de mais de quatrocentos sítios arqueológicos, em diversos municípios catarinenses; na faixa litorânea com os sambaquis e petróglifos, nas regiões interioranas com as casas e galerias subterrâneas, grutas, abrigos sob rocha e aldeias tupi-guarani, que formaram importantes coleções osteológicas humanas, artefatos líticos lascados e polidos (lâminas de machados, pontas de flecha, tembetás, pesos de rede e zoomorfos), material conchífero (conchas, colares),

---

<sup>7</sup> Situado à Rua Esteves Júnior, nº 711, Centro, Florianópolis/SC.

material ósseo (pontas de flecha, agulhas, anzóis, adornos), urnas funerárias, grandes quantidade de fragmentos cerâmicos de vasilhames da cultura tupi-guarani, peças arqueológicas e etnográficas da região amazônica, e outras tantas peças ainda não inventariadas.<sup>8</sup>

Conforme Rohr (1971, pp. 20-22 ) o Museu do Homem do Sambaqui, se originou de outros dois museus: o Museu do Colégio Catarinense<sup>9</sup> e o Museu do Homem Americano, e gradativamente, entre os anos de 1946 a 1958, as coleções arqueológicas foram sendo aumentadas por achados fortuitos, até chegar a pesquisa sistemática realizada no sítio da Base Aérea em 1958.

Enquanto diretor do Museu, em 1948, realizou a compra de peças arqueológicas de Carlos Berenhauser, que as coletou entre 1908 a 1948, e passou a constituir a Coleção Carlos Berenhauser (ROHR, 1950, pp. 13-115). Essa Coleção possui aproximadamente noventa mil peças, entre material lítico (pontas projéteis em pedra e, zoólitos, ornamentos, cerâmico e osteológicos. Dessas peças, cerca de oito mil são referentes a sítios do tipo sambaqui. As demais se referem a material cerâmico, sendo cerca de oitenta mil fragmentos cerâmicos e alguns vasilhames Guarani. O responsável pela numeração e catalogação dessa grandiosa Coleção foi o Padre Georg Alfred Lutterbeck, S.J. (ROHR, 1950, pp. 13-115, ROHR, 1973, p. 52, SCHMITZ, 2009, p. 13).

Ressalta-se que Rohr pretendia adquirir a Coleção Tiburtius, que junto com as coleções do Colégio Catarinense e de Carlos Berenhauser formariam a maior coleção arqueológica da América do Sul. Rohr lamentou que a coleção tenha sido adquirida pela Prefeitura de Joinville, impedindo a projeção maior para o Museu do Homem do Sambaqui (ROHR, 1973).

Logo após o falecimento de Alfredo Rohr, em 22 de julho de 1984, o acervo arqueológico e documental formado corria o risco de transferência do Museu do Homem do Sambaqui para a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul. O que levou arqueólogos, antropólogos, políticos e diversas associações da sociedade catarinense a convergirem esforços, para sua permanência em Florianópolis. Com esse propósito solicitaram ao governo de Santa Catarina, apoio para a reverter a decisão do Colégio Jesuíta, da Companhia de Jesus.<sup>10</sup>

O governador de Santa Catarina, Esperidião Amin,<sup>11</sup> reconhecendo o papel, a relevância e a significância do museu e de seu acervo, resolveu incorporá-lo definitivamente a sociedade catarinense por meio do tombamento. E por meio do ofício Of. nº 8281/84, **Figura 12**, define que o presidente do Conselho Estadual de Cultura, Osvaldo Ferreira de Melo, realize em conjunto com a Fundação Catarinense de Cultura, o estabelecimento das medidas necessárias para o tombamento do acervo

<sup>8</sup> Processo n.º 1.129-T-84, 1984, pp. 1-17.

<sup>9</sup> O Museu do Colégio Catarinense foi fundado em 190. O histórico do Museu está na revista Notícias n.º 111/112 (1971) e n.º 113 (1972).

<sup>10</sup> Processo n.º 1.129-T-84, 1984, pp.1-17.

<sup>11</sup> Gestão de 1983 a 1987.

organizado pelo Padre João Alfredo Rohr, S.J., no Museu do Homem do Sambaqui, Colégio Catarinense, em Florianópolis, impedindo sua remoção e consequente desmonte do Museu.

O papel da arqueóloga Maria Lúcia Vidal, representante do IPHAN em Santa Catarina, Regina Coeli Pinheiro da Silva, responsável pelo Núcleo de Arqueologia e Augusto Carlos da Silva Telles, da Diretoria de Tombamento e Conservação do IPHAN, foi também fundamental para a permanência do patrimônio cultural em seu local de origem, o estado de Santa Catarina. A soma dos esforços resultou no tombamento de todo acervo do Museu do Homem do Sambaqui, inclusive o próprio edifício do Museu, pelo estado de Santa Catarina em 1984, com homologação da Portaria n.º 056 de 14/11/1984. A ação de acautelamento protegeu todo acervo museológico organizado em Santa Catarina pelo arqueólogo João Alfredo Rohr, e não apenas ao acervo arqueológico, conforme Parecer n.º 39/84 do Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina (Processo n.º 384/84, pp. 21).

Na instância federal, o reconhecimento da relevância e significância da Coleção Arqueológica, ocorre em 1986, com o tombamento federal, do acervo arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui, e também

ESTADO DE SANTA CATARINA  
GABINETE DO GOVERNADOR  
OF. Nº 8281 /84  
Florianópolis, 27 de Setembro de 1984

PROTÓCOLO CEC  
Nº 238/84  
ESTADUAL 3/10/84  
AIDM

DIPC/FCC  
FHS 06  
Rubrica

Senhor Presidente,

Venho encarecer a esse Egrégio Conselho, a oportunidade de incluir nas suas preocupações referentes a preservação de bens culturais, o Museu do Homem do Sambaqui, cujo valor arqueológico tem sido ressaltado, em várias ocasiões, dentro e fora do Estado.

Tendo em conta que, na forma da Lei nº 5.846, de 22 de dezembro de 1980, consideram-se históricos para o Estado, os documentos e coisas que apresentem excepcional valor arqueológico, etnográfico e outros, e tendo presente a vinculação daquele acervo aos estudos das origens dos primeiros habitantes do território catarinense, acredito que deva o governo tomar as medidas recomendáveis para a preservação daquele Museu e sua permanência em nosso Estado.

Dessa forma desejo que sejam coordenadas ações em conjunto com a Fundação Catarinense de Cultura visando ao estabelecimento das medidas que o caso requer.

Renovo-lhe, nesta oportunidade, as expressões de consideração e apreço.

Euphrásio Amin  
GOVERNADOR

Ilmo. Sr.  
Prof. Osvaldo Pereira de Melo  
MD. Presidente do Conselho Estadual de Cultura  
NESTA

DIPC/FCC  
FHS 06  
Rubrica

**Figura 12:** Ofício n.º 8.281, de 27 de setembro de 1984, com recomendação do governador do estado de Santa Catarina, para o tombamento, a nível estadual, do acervo Rohr.  
**Fonte:** Fundação Catarinense de Cultura, Processo de Tombamento n.º 384/84.

daquelas peças doadas e em exposição em outras instituições, como no Museu Arqueológico e Oceanográfico, em Balneário de Camboriú/SC e na Academia e Nacional da Polícia Federal, em Brasília,<sup>12</sup> que foram igualmente acauteladas, com inscrição no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. O tombamento da Coleção Rohr foi inscrito no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Processo n.º 1129-T-84, sob o n.º 91, 18 de abril de 1986.

Desta forma, com o tombamento da Coleção Rohr, todo o acervo passa a ser reconhecido e protegido tanto pelo estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, quanto pela União, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, contra qualquer tipo de destruição. Entretanto, ainda é necessário que as diversas coleções, não somente da Arqueologia, sejam devidamente inventariadas, considerando que quando ocorreu o tombamento a nível estadual e federal, foram realizadas apenas listagens do acervo arqueológico. Visto que o acervo do Museu do Homem do Sambaqui, além do acervo arqueológico, possui outros acervos, como os de mineralogia, zootécnica (animais taxidermizados), numismática e malacologia, visto em exposição permanente e outra grande parte, compõe a sua Reserva Técnica.

No processo de tombamento n.º 384/84 e processo n.º 1.129-T-84, da Coleção Rohr, pelo estado de Santa Catarina e pela União, foram apresentadas listagem de

mais de noventa publicações referentes às pesquisas arqueológicas, projetos e trabalhos realizados a partir do material arqueológico coletado e outros. E ainda um breve histórico dos sítios escavados e quantitativo estimado, sob o título *Escavações Arqueológicas realizadas pelo Professor João Alfredo Rohr. Material coletado. Trabalhos de Laboratório – análises*. Contudo, a indicação do quantitativo dos materiais coletados é imprecisa.

Foram referenciados, nos dois processos de tombamento, apenas parte dos sítios arqueológicos levantados por Rohr, assim como o quantitativo de poucos sítios arqueológicos, como o Caiacanga-Mirim, Tapera, Armação do Sul, Balneário das Cabeçudas, Itajaí /SC, com dados de localização (Setor e Nível) e identificação da peça. Em síntese, até o momento, o acervo não foi mensurado de forma quantitativa e qualitativa — em número, peso, registro fotográfico das peças, individual e/ou conjunto — e atual estado de conservação.

Segundo Garcia (2016, p. 162) o Museu do Homem do Sambaqui, passou por um tempo fechado, voltando a reabrir em 1992, após reformas, com novo nome, Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. Não há maiores detalhes de como ocorreu essa mudança e as reformas ocorridas, entre 1984 a 1992:

Diante da insistência de muitos arqueólogos para acessar as reservas técnicas do MHS em suas pesquisas, do Ministério Público Federal de SC e da solicitação de um ex-governador do

<sup>12</sup> Museu de Geociências da Universidade de Brasília, no Distrito Federal.



Estado (que propôs uma mesa-redonda para discutir a questão),<sup>13</sup> a nova gestão do Colégio Catarinense<sup>14</sup> não só se comprometeu em reabrir o Museu, mas também em reformá-lo por completo. Em 1992, o MHS reabriu suas portas com um subtítulo, “Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr, S.J.”, em homenagem ao seu fundador, a pedido do Padre Kuno, o reitor vigente do C.C.

Segundo Comerlato (2014, p. 14), baseada com dados do Cadastro dos Museus Catarinenses da Fundação Catarinense de Cultura, em 1979, *o depósito do museu contava com 130.000 peças antropológicas e 12.000 arqueológicas*.

Algumas ações de curadoria do acervo foram realizadas, como o trabalho feito entre 2004 a 2006, com material osteológico humano, por Luciane Scherer e Andrea Lessa; e também os trabalhos de curadoria do acervo cerâmico, dos sítios Praia da Tapera, Pântano do Sul, Armação e Laranjeiras I e II, entre 2014 e 2015, onde a Fundação Catarinense de Cultura (FCC) do estado de Santa Catarina, por meio do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, Edição 2013, premiou o projeto de curadoria, apresentado pela empresa Scientia Consultoria Científica (processo IPHAN n.º 01510.000914/2014-97), intitulado *Projeto de Salvaguarda do Acervo Arqueológico do Museu do*

*Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” do Colégio Catarinense em Florianópolis /SC*. A proposta do trabalho de curadoria, consistia na realização do inventário, catalogação do acervo, higienização, acondicionamento e identificação de procedência do acervo cerâmico, totalizando aproximadamente trinta e duas mil peças e por fim, o trabalho de curadoria realizado com material lítico da Coleção Berenhauser, por Jefferson Batista Garcia (2016).

Em outro momento, em 2018, a SE-IPHAN/SC por meio de fiscalização constatou que “a maior parte do acervo arqueológico presente no Museu do Homem do Sambaqui encontra-se alojada de maneira indevida em estantes e caixas provisórias, com pouca ou nenhuma identificação”. E em 2019, por meio de um Termo de Ajustamento de Conduta, priorizou o Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui, indicando a realização de um projeto com os seguintes produtos: 1) Projeto de Inventário do Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui, Município de Florianópolis, estado de Santa Catarina, 2) Relatório de Diagnóstico do Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui, 3) Aquisição e entrega de materiais indicados no Relatório de Diagnóstico do Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui, 4) Inventário do Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui. A ação deverá apresentar “o inventário completo do Acervo Arqueológico do Museu do Homem do


<sup>13</sup> Governador Esperidião Amin.

<sup>14</sup> 1984-1993 Padre João Cláudio Rhoden, S.J.

*Sambaqui, com todas as informações pertinentes e re-acondicionamento do material arqueológico* (Processo IPHAN n.º 01510.000231/2019-44).

Em relação ao acervo localizado no atual Museu de Arqueologia, localizado no Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, em Balneário Camboriú (ex-Museu Arqueológico e Oceanográfico), se tratam de peças em exposição, como esqueletos cimentados, e várias categorias de materiais arqueológicos (artefatos líticos, ósseos e conchífero, fragmentos e peças cerâmicas) advindos das escavações do sítio Praia das Laranjeiras I e II (Marques, 2017, p. 22), contudo, não há informação da existência da realização de inventário.

É importante atualizar a informação de que as peças da Coleção Rohr em Brasília foram transferidas da Academia Nacional da Polícia Federal para o Museu de Geociências da Universidade de Brasília. A Superintendência do Iphan no Distrito Federal, após uma ação de fiscalização em 2016, as removeu para sua sede, onde passaram por uma curadoria com a realização de inventário de todos os 52 itens, nos moldes do formulário da Portaria Iphan n.º 196/2016. Em 2019 o acervo foi transferido para o Museu de Geociências da Universidade de Brasília, conforme Termo de Recebimento de Coleções Arqueológicas, **Figura 13**, visto no Processo IPHAN n.º 01551.000107/2016-50. E atualmente a Coleção se encontra em exposição no Museu de Geociências da Universidade de Brasília.



The image shows a formal receipt document titled "TERMO DE RECEBIMENTO DE PEÇAS DA COLEÇÃO PE. JOÃO ALFREDO ROHR". At the top left is the logo of the Universidade de Brasília, and at the top right is the logo of the Museu de Geociências. The text of the document states that Paola Ferreira Barbosa, head of the Museu de Geociências, is receiving 173 pieces from the collection of Pe. João Alfredo Rohr. The document is signed by Paola Ferreira Barbosa, with her name and title "Chefe do Museu de Geociências – IG / UnB" printed below the signature line.

**Figura 13:** Termo de Recebimento de peças da Coleção Rohr no Museu de Geociências da UnB. Fonte: Processo Iphan nº 01551.000107/2016-50.  
**Fonte:** Processo IPHAN n.º 01551.000107/2016-50.

Para a continuidade da manutenção e conservação do legado do arqueólogo João Alfredo Rohr, além da emergência de verbas, para aplicar em ações de planejamento e execução nas áreas de educação, documentação e segurança, é necessário na gestão de acervos museológicos, a presença do profissional da museologia e da conservação, antes de qualquer ação de curadoria e diante da diversidade do acervo do Museu, visto que além do acervo arqueológico há outras peças em têxtil, metal, papel e animais taxidermizados. Entre tantas outras ações necessárias, que poderiam ser identificadas por meio de um diagnóstico, a ação de digitalização da documentação produzida por Rohr é de fundamental relevância como as cadernetas de campo, croquis e outros manuscritos, **Figura 13**, que possibilitará a preservação e a comunicação do acervo do Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr, S.J.”.

E de acordo com Froner (2008, p. 3), dentro dos preceitos da Conservação Preventiva, esses profissionais da museologia e conservação que irão definir prioridade e elaborar projetos que consideram os riscos existentes ou potenciais a partir da especificidade das coleções. E reconhecer essa realidade deveria ser o primeiro passo para o gerenciamento e preservação dos acervos do Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.



**Figura 14:** Digitalização da documentação produzida por Alfredo Rohr, durante os trabalhos arqueológicos, como os diários de campo, croquis e correspondências, será uma ação preventiva para conservação e complementação da Coleção arqueológica tombada.

Fonte: Oscar Liberal/IPHAN   Fonte: Acervo MHS/CC



## LIVROS, ARTIGOS E CRÔNICAS

Para a sistematização das obras publicadas e apresentadas sob a forma de relatórios de João Alfredo Rohr, a equipe de trabalho desse projeto realizou o arrolamento de suas publicações no Museu do Homem do Sambaqui (Florianópolis/SC), arquivos digitais do Instituto Anchieta de Pesquisas (São Leopoldo/RS) e do Museu de Astronomia e Ciências Afins (RJ), no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq (Brasília/DF), Arquivo Noronha Santos/IPHAN e na Biblioteca Mário de Andrade/IPHAN (Brasília/DF), onde foram digitalizadas ou copiadas, criando um banco de dados. Após a leitura das obras, foi feito um resumo, com a identificação da publicação ou do documento, sítios arqueológicos citados e sua localização, palavras-chave, material arqueológico identificado e localização atual do acervo; e ainda indicação de cada pessoa envolvida — entre pesquisadores, estagiários e colaboradores, proprietário de terreno, especialistas, prefeito e outros; e também uma síntese da publicação, com indicação da existência de fotografias, croquis e desenhos. Algumas poucas obras não foram obtidas, mas se encontram relacionadas no levantamento. Por fim, é importante, destacar, que optou-se manter os termos utilizados pelo autor, evitando alterar expressões e termos utilizados à época.

**1) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S. J. Contribuição para a etnologia indígena do estado de Santa Catarina. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE, 1., 1950, Florianópolis. Florianópolis: Imprensa Oficial 1950, Separata, v. 2, pp.1-120.  
**Sítios arqueológicos citados:** sítios na Praia dos Ingleses, Lagoa, Campeche, Ressacada, Armação do Sul, na Ilha de Santa Catarina.  
**Município:** Florianópolis/SC.  
**Palavras-chave:** Coleção Berenhauser. Coleção do Colégio Catarinense.  
**Material identificado citado:** Material lítico polido e lascado da Coleção Berenhauser e Coleção do Colégio Catarinense.

Inscrições rupestres da Praia dos Ingleses, Ilha dos Corais, da Ilhota de Porto Belo.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** P. G. Lund; General Rondon, Horta Barbosa; Padre Jorge A. Lutterbeck, S.J.; Padre Bertold Braun S.J.; Carlos Berenhauser.

**Resumo:** Se trata do primeiro trabalho de Alfredo Rohr apresentado como arqueólogo, no Primeiro Congresso de História Catarinense, em 1948.

Apresenta breve contextualização etnohistórica da ocupação no estado de Santa Catarina, seguida da descrição dos sambaquis e inscrições rupestres ou Itacoatiara existentes. Com extenso e detalhado arrolamento parcial do acervo do Colégio Catarinense, com medidas das peças (peso, comprimento, largura e espessura). A descrição das peças foi realizada pelo Padre Jorge A. Lutterbeck, S.J., e a classificação mineralógica pelo Padre Bertold Braun, S.J. A maioria do acervo descrito se origina da Coleção Berenhauser. Acompanha fotografias P&B, inscrições rupestres da Ilha dos Corais, da Ilhota de Porto Belo; Reserva Técnica do Museu Etnológico do Colégio Catarinense; pedras-moinhos, pilões zoomorfos, Reserva Técnica e mãos-de-pilão.

**2) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Pesquisas Paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina. Porto Alegre. **Pesquisas:** 3, n.º 1, 1959.  
**Sítios arqueológicos citados:** Base Aérea. Localização dos sambaquis na parte norte: do Rio Vermelho; Rio Cachoeira; Canasvieiras; Vargem Grande; Ponta das Canas; Lagoinha, Rio do Braz; Lagoa (Ponta das Almas); Barra da Lagoa; concheiro do Rio Ratonas. Na parte Sul: Pântano do Sul; Armação do Sul; Rio Tavares; Base Aérea, Fazenda da Ressaca e arredores; Canto da Lagoa; Moleques do Sul e Ilha do Campeche.  
**Município:** Florianópolis/SC.  
**Palavras-chave:** Arqueologia em Santa Catarina.

**Material identificado citado:** Amuleto de pedra, de concha, dente de cação, de jaguar; pontas de flechas feita de osso, ponta de flecha ou furador de osso; osso humano, fragmento de chifre de cervo e raspador e furador. Materiais líticos (quinze tembetás de pedra) e “Outro material lítico com sinais evidentes de uso” (amolador de instrumentos, alisador de cerâmica, abridor de conchas, martelo, quebra-coquinhos, quebra-nozes; machados de pedra de vários tamanhos; fragmentos de machados).

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** J. J. Bigarella; Padre Balduino Rambo; Padre Inácio Schmitz, S.J.; Carlos Berenhauser; Aderbal Ramos da Silva; C.el Nelson Asdrúbal Carpes; Maj. Carlos Jorge Mirândola; Buechele Júnior; Moacir Coelho.

**Resumo:** São descritos os tipos de sítios arqueológicos existentes na Ilha de Santa Catarina – sambaquis, Estações Líticas, Inscrições rupestres e jazidas Paleo-etnográficas e Paradeiros indígenas. Em seguida passa a descrever a jazida Paleo-etnográfica da Base Aérea de Florianópolis, desde o histórico da descoberta em 1958, aspectos ambientais e os trabalhos arqueológicos desenvolvidos, com coleta de carvão enviada para datação nos Estado Unidos e Alemanha. Descreve por categoria os materiais coletados: esqueletos com objetos de adorno, crânios, material lítico, pontas de flecha, outros utensílios e material cerâmico. A análise do material cerâmico do sítio Base Aérea é apresentada na mesma publicação, intitulada A Cerâmica guarani da Ilha de Santa Catarina, por Ignácio Schmitz, pp. 272-352. Apresenta descrição de vinte e um crânios e de parte do material recolhido, com algumas medições. Acompanha prancha de fotografias de “moinhos” de alisamento, fogueiras e sepultamentos, crânios, conchas perfuradas ou amuletos, machados de pedra; adornos de material ósseo, dentes e conchas, Prancha de localização e situação da Caicanga-Mirim e dos esqueletos das crianças e adultos e desenho de instrumento para executar furos e o gesto presumível de usar os machados.

**3) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Pesquisas Paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina.

**Pesquisas:** Antropologia, São Leopoldo, v. 8, n.º 2, 1960.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaquis das regiões da Ressacada, Rio Tavares e da Praia Grande/Rio Vermelho.

**Município:** Florianópolis /SC.

**Palavras-chave:** Arqueologia em Santa Catarina.

**Material identificado citado:** Ósseo (sepultamentos de adultos e crianças), lítico (machados de pedra, quebra-coquinhos, pesos de rede) e cerâmica.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Proprietários de terrenos de sítios arqueológicos: Mauro José Leal; José Elias, Marcelino Cândido Machado; Adauto Felix Maciel; Saturnino Rocha; Hipólito Chagas; Pesquisadores: Hugo de Souza Lopes (Instituto Oswaldo Cruz, Manguinhos, RJ); J. J. Bigarella; Dr.Norton de Oliveira; Rubens Müller, S.J.

**Resumo:** Descrição de pesquisas e sítios pesquisados nas regiões da Ressacada, no Rio Tavares e Rio Vermelho. Relatório de pesquisas e sítios pesquisados nas localidades da Ressacada, Rio Tavares e Praia Grande/Rio Vermelho, após o término dos trabalhos no sítio Caiacanga-Mirim, na Base Aérea. Estabelece comparações dos sítios com o de Caiacanga-Mirim. Cita que Carlos Berenhauser realizou retirada de material cerâmico e lítico da região do Rio Tavares, em terreno de propriedade de Marcelino Cândido Machado. Acompanha Mapa da Ilha de Santa Catarina com localização do sítio arqueológico; figura 1: Diagrama do sambaqui n.º 5 da Ressacada; figura 2: Diagrama da estratigrafia do Rio Tavares; figura 3: Esqueleto de sambaqui Praia Grande; **figura 4:** O segundo esqueleto da jazida n.º 5, do Rio Tavares; figura 5: Esqueletos 4 e 5; Fig.: 6 e 7, Fotografia da área da jazida Rio Tavares; figura 8: Material lítico de Ressacada, Praia Grande e Rio Tavares; figura 9: Material lítico de Rio Tavares (e mandíbula); figura 10: Vaso de barro não cozido do sambaqui Praia Grande; figura 11: Vaso de barro não cozido no sambaqui Praia Grande, Rio Vermelho.

**4) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Pesquisas Paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina.

**Pesquisas,** Porto Alegre, v. 5, n.º 3, 1961; Notícias prévias sobre sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul.

**Pesquisas:** Antropologia, São Leopoldo, n.º 12, 1961.

**Sítios arqueológicos citados:** Praia Grande, Ponta dos Martins, sambaqui no Forte Marechal Luz.

**Município:** Florianópolis e São Francisco do Sul/SC.

**Palavras-chave:** Sambaquis. Lagoa da Conceição. Ilha do Linguado. Forte Marechal Luz. São Francisco do Sul.

**Material identificado citado:** Fragmentos de machados líticos, machado inteiro, machado com encaixe, carvão de madeira, fragmentos de cerâmica guarani, estruturas de fogões de pedra e restos de esqueleto.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Carlos Büchele Júnior (Departamento Estadual de Geografia e Cartografia); Sergio Serpokrylow (Departamento Estadual de Geografia e Cartografia); Dr. Alan Bryan e John Gallovich (Harvard University, Massachusetts); João José Bigarella; Marcelino Pereira; Laurindo Januário da Silveira; Carlos Behrenhäuser; Carlos Büchele Júnior.

**Resumo:** Relatório de pesquisas realizadas em sambaquis, localizados na Zona da Lagoa da Conceição; Ilha de Santa Catarina e na Ilha de São Francisco do Sul, realizada em 1959. Divide o artigo em duas partes, sobre a Zona da Lagoa da Conceição e sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul. Cita que Carlos Behrenhäuser realizou escavações em um casqueiro no Canto da Lagoa, retirando material cerâmico e lítico. Relata que Dr. Alan Bryan (Universidade de Alberta, Canadá) e John Gallovich (Harvard University, Massachusetts) realizaram escavação em um sambaqui, localizado no Forte Marechal Luz, com coleta de “grande número de machados de pedra, anzóis e pontas de flecha feitas de osso, colares feitos de conchas ou dente de cação, cerâmica, fogões, etc.. Avaliavam a idade daquele sambaqui em sete mil e quinhentos anos”. Acompanha croqui com localização

de dezessete jazidas ou sítios arqueológicos na Lagoa da Conceição e “Esquema de escavação realizada na jazida n.º 16, do Canto da Lagoa”, nove croquis de estratigrafia, três pranchas com desenhos de machados encontrados na jazida n.º 16, do Canto da Lagoa e mapa de localização da Ilha de São Francisco, com destaque do Forte Marechal Luz e Ilha do Linguado, fotografia de fogões da jazida n.º 16, do Canto da Lagoa.

**5) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Pesquisas Paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e sambaquis do litoral sul-catarinense – IV (1961).

**Pesquisas:** Antropologia, São Leopoldo, n.º 14, 1962.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaquis do Forte Marechal da Luz; Base Aérea (Caiacanga-Mirim), do Gravatá; Morro do Padre; Ponta da Galheta; Carniça; Cabo de Santa Marta; Perichil; sambaqui da Praia Grande (Rio Vermelho); sambaqui de Lucidônio Teixeira; sambaqui da Passagem do Rio d’Una.

**Municípios:** Florianópolis; Jaguaruna; Laguna; Imaruí; Imbituba/SC.

**Palavras-chave:** sambaqui da Praia Grande (Rio Vermelho).

**Material identificado citado:** Esqueletos humanos; material lítico (machados); material ósseo (pontas, anzol, peso de rede, agulha).

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Cláudio Vasco e Hipólito do Valle Pereira (desenhistas), Castro Faria (MN) e proprietários de terrenos de sítios arqueológicos: Honorato Avelino Isidoro; Renê de Souza Machado; José Cardoso Jeremias (Imbituba).

**Resumo:** Relatório de pesquisa realizada no sambaqui da Praia Grande, localizados no Rio Vermelho, Ilha de Santa Catarina, realizada em 1961. Relata sobre os sambaquis do litoral sul-catarinense (Jaguaruna, Laguna, Imaruí, Imbituba). Acompanha croqui de área de escavação no sambaqui da Praia Grande (Rio Vermelho), prancha de desenhos de artefatos líticos sambaqui da Praia Grande (Rio Vermelho)



e do sambaqui de Lucidônio Teixeira; Líticos do sambaqui da Praia Grande (Rio Vermelho) e sambaqui do Rio d'Una; Fotografias do autor, P&B, do sambaqui da Praia Grande (Rio Vermelho).

**6) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina: I – Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. II – Os sítios arqueológicos do município de Itapiranga.

**Pesquisas:** Antropologia, São Leopoldo, n.º 15, 1966.

**Sítios arqueológicos citados:** Praia da Tapera e sítios do município de Itapiranga; SC-U-1; SC-U-2; SC-U-3; SC-U-4; SC-U-5; SC-U-6; SC-U-7; SC-U-8; SC-U-9; SC-U-10; SC-U-11; SC-U-12; SC-U-13; SC-U-14; SC-U-15; SC-U-16; SC-U-17; SC-U-18; SC-U-19; SC-U-20; SC-U-21; SC-U-22; SC-U-23; SC-U-24; SC-U-25; SC-U-26; SC-U-27; SC-U-28; SC-U-29; SC-U-30; SC-U-31. SC-U-32; SC-U-33; SC-U-34; SC-U-35; SC-U-36; SC-U-37; SC-U-38; SC-U-39; SC-U-40; SC-U-41; SC-U-42; SC-U-43; SC-U-44; SC-U-45; SC-U-46; SC-U-47; SC-U-48; SC-U-49; SC-U-50; SC-U-51; SC-U-52; SC-U-53.

**Municípios:** Florianópolis, Itapiranga e Mondaí/SC.

**Palavras-chave:** Sítio Praia da Tapera. Sítios de Itapiranga. Cultura Alto-paranaense.

**Material identificado citado:** Machados bumerangóides, picões, raspadores, facas laminares, lascas alto-paranaense, lascas de ágata e basalto, carvões de fogueiras, Urnas funerárias (Igaçabas), Vasilhames, fragmentos cerâmicos de vasilhames lisos e decorados (corrugada, unzulada, incisa, escovada, pintada), ossos e conchas de gastrópodes fluviais, braceletes de contas de pedras, contas de diversas cores (verde, azul e branca), mão de pilão, batedores, tembetá, alisadores, machados guaranis com corte alisado e machados semilunares.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Alunos do Instituto de Assistência e Educação S. Canísio.

**Resumo:** O artigo apresenta breve histórico das pesquisas

realizadas entre 27 de abril a 1.º de junho de 1966, com prospecções nos sítios arqueológicos no município de Itapiranga e Mondaí, realizadas custeadas pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – DPHAN (atual IPHAN).

Arrolamento de 52 sítios arqueológicos identificados no município de Itapiranga e um no município de Mondaí, ao longo do Rio Uruguai. Os sítios arqueológicos apresentaram tamanhos variados, entre 100 m² a 100.000 m² com presença de manchas pretas com material arqueológico da cultura guarani e vestígios de cultura Alto-paranaense. O autor cita a Estrada dos Bugres, nas proximidades do sítio SC-U-42, na localidade Hervalzinho. E ainda observa que a localidade “é muito rica em material arqueológico; o povo, porém, miscelânea de alemão, italiano e luso tem a cabeça cheia de mitos e ideias vagas de tesouros escondidos dos Jesuítas”. Indica a fundação de um Museu Arqueológico Municipal. Acompanha Mapa dos sítios arqueológicos em Itapiranga, pranchas com desenhos de machado semi-lunar, ponta de flecha, piteira ou cachimbo de barro cozido, tembetás, instrumentos da Cultura alto-paranaense, urnas; Prancha de fotos de urnas.

**7) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. O sítio arqueológico de Alfredo Wagner, S.C.-VI-13.

**Pesquisas:** Antropologia, São Leopoldo, n.º 17, 1967.

**Sítios arqueológicos citados:** Sítios de Itapiranga/SC e Missiones, Argentina.

**Município:** Alfredo Wagner.

**Palavras-chave:** Alfredo Wagner (S.C.-VI-13). Sítio pré-cerâmico. Trançado.

**Material identificado citado:** machados líticos; batedores; amoladores; quebra-coquinhos; pequenas lascas de sílex; núcleos; “machados de corte alisado com cabo solidário”; artefatos de madeira (trançados de fibra de Imbé revestindo arcos) e outros.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Luís Henrique Batista (indicação do sítio arqueológico).

**Resumo:** Apresenta os trabalhos realizados no sítio pré-cerâmico SC-VI-13 ou Alfredo Wagner, localizado no município de Alfredo Wagner/SC. São descritos os procedimentos metodológicos adotados na escavação arqueológica, realizada entre 19 a 31 de maio de 1967, os materiais arqueológicos coletados por nível estratigráfico, categorizados em madeira (machados polidos com cabo solidário, muleta de madeira e virote), fibra vegetal (fibras de Imbé e trançados) e em pedra (machados, quebra-coquinhos, amoladores, núcleos e miscelânea), com a descrição das peças, dimensões e peso. Datação de três anos. Na contextualização etnográfica da localidade descreve conflitos entre colonos e indígenas e as casas subterrâneas. Entre 60 cm de profundidade foi encontrado o nível de ocupação ou chão da casa, coberto de seixos rolados trazidos do rio, de artefatos de pedra, de fibra e de madeira, de cipós e cascas de árvores. Entre os artefatos de madeira “havia belíssimos e finos trançados de fibra de Imbé, que revestiam pontas de arco” (1967, p. 9). Acompanha Pranchas de desenho: Mapa de localização do sítio arqueológico, Perfil estratigráfico, Planta do sítio, machados polidos com cabo solidário, “muleta de madeira”, Virote e bengala de madeira; Registro fotográfico: Trançado em forma de cesta e diversos tipos de trançado.

**8) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Arqueologia e Monumentos arqueológicos. Separata de: **Vozes** 9, Petrópolis, ano 61, n.º 6, jun. 1967.

**Sítios arqueológicos citados:** Caiacanga-Mirim, Praia Grande do Rio Vermelho, Tapera, Armação do Sul e Praia do Santinho; Abrigos sob-rocha nos municípios de Petrolândia, Atalanta, Imbuia e Alfredo Wagner, São Joaquim, Lages e Bom Retiro, no estado de Santa Catarina.

**Município:** Florianópolis Petrolândia, Atalanta, Imbuia e Alfredo Wagner, São Joaquim, Lages, Bom Retiro/SC.

**Palavras-chave:** sítios arqueológicos em Santa Catarina.

**Material identificado citado:** Esqueletos/sepultamentos, pinturas rupestres, fragmentos cerâmicos e artefatos líticos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Dr. Oswaldo Menghin, Dr. Luiz de Castro Faria (diretor do Museu Nacional), Peter W. Lund, G. Tiburtius e J. J. Bigarella

**Resumo:** Breve conceituação de Arqueologia. Apresenta os tipos de sítios arqueológicos do estado de Santa Catarina: sambaquis (estado de conservação e legislação), Abrigos sob-rocha, jazidas Paleo-etnográficas (sambaqui e aldeia), paradeiros indígenas, inscrições rupestres e estações líticas. Fotografia P&B, de Rohr no sítio Caiacanga-Mirim (Aeroporto de Florianópolis), sem indicação do autor.

**9) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos de Itapiranga. **Vozes**, Petrópolis, v. 61, n.º 7, pp. 623-629, 1967.

**Resumo:** Obra não localizada.<sup>15</sup>

**10) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (I). **Vozes**, Petrópolis, v. 61, n. 8, pp. 671-72, 1967.

**Sítios arqueológicos citados:** Praia da Tapera

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Praia da Tapera. Datação.

**Material identificado citado:** sepultamentos (172), conchas (8 toneladas), ossadas de peixes e mamíferos (2 m<sup>3</sup>), artefatos de pedra (1 m<sup>3</sup>), pontas de flecha de osso (700), adornos (350), cerâmica (24.000) e milhares de dentes pontiagudos

<sup>15</sup> Considerando o título, imagina-se que deva ser semelhante à obra referenciada no item 17.

de cação, dentes de porco-do-mato, de macacos, de gatos-do-mato, de jaguatiricas, pacas, quatis, lobos-marinhos, lontras, etc..

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Peter Lund, Dr. Luís Castro de Faria (diretor do Museu Nacional), professor Igor Chmyz (Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade do Paraná), professor Dr. Ignácio Schmitz, S.J., (Universidade do Rio Grande do Sul), doutores Clifford Evans e Betty Meggers (Museu Nacional de Washington),

**Resumo:** Apresenta dados da localização e processo de colonização europeia da Ilha de Santa Catarina e da pré-história, seguido de dados gerais do sítio Praia da Tapera e quantitativo do material arqueológico coletado e datação entre 415 d.C. até 1415 d.C.

**11) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. A exploração científica da aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (II). *Vozes*, Petrópolis, v. 61, n. 9, pp. 807-811, 1967.

**Sítios arqueológicos citados:** Caiacanga-Mirim (Base Aérea de Florianópolis), sambaqui de Guaraguaçu (Paraná).

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Praia da Tapera.

**Material identificado citado:** Ossadas de peixes, aves e mamíferos, lascas cortantes de quartzito e diabásio, seixos rolados, machados líticos, batedores, amoladores, raspadores, alisadores de cerâmica, quebra-coquinhos, pontas de flecha ósseas, dentes de cação e mamíferos; objetos de adorno, pedras corantes, esqueletos humanos, fogões, fornos subterrâneos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Paul Rivet.

**Resumo:** Artigo apresenta a contextualização do sítio Praia da Tapera, com os trabalhos iniciados em 1962, descrevendo a estratigrafia, a identificação de estruturas como fogões e

fornos subterrâneos. Fotografia P&B de Perfil estratigráfico do sítio Praia da Tapera.

**12) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (III). *Vozes* 9, Petrópolis, v. 61, pp. 10, 1967. **Sítios arqueológicos citados:** Caiacanga-Mirim (Base Aérea de Florianópolis).

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Praia da Tapera.

**Material identificado citado:** machados, quebra-coquinhos, batedores e pesos de rede.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Padre Edgar Schmidt (Mato Grosso); Padre João Dorstauder, S.J.; Prof.<sup>a</sup> Florence Chapmann (Universidade de Indiana-USA).

**Resumo:** Artigo que trata dos sepultamentos do sítio Tapera, descrevendo seu estado de conservação, distribuição espacial, com indicação dos sepultamentos n.ºs 45, 46, 47, 41, 43, 131, 135, 133, 33, 34, 35, 131, 133, 135, 3, 6, 150, 76, 63, 110, 28, 146, 14, 52, 91. Destaque para os sepultamentos n.ºs 28 (com pontas de flecha no peito) e 110 (esqueleto com ponta de flecha cravado na vértebra lombar — exposto no Museu do Homem do Sambaqui). Consta fotografia dos sepultamentos n.º 110-28.

**13) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (IV). *Vozes* 9, Petrópolis, v. 11, pp. 997-1001, 1967.

**Sítios arqueológicos citados:** Caiacanga-Mirim (Base Aérea de Florianópolis), sambaqui da Ilha das Rosas (Paraná)

**Município:** Florianópolis.

**Palavras-chave:** Praia da Tapera.

**Material identificado citado:** machados, quebra-coquinhos, batedores e pesos de rede.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.



**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Prof. Cunha Salles (Universidade do Brasil), professora Annette Laming-Emperaire (Sorbonne, Paris).

**Resumo:** Apresenta considerações sobre abrasões dentárias, estatura, habitação e alimentação da população do sítio da Tapera. Em seguida descreve a técnica de cimentação e encaixotamento de esqueletos, blocos-testemunho, e relata a sua aplicação em fogões, fornos e etc.. Consta fotografia de Rohr aplicando a técnica de cimentação no sítio Praia da Tapera.

**14) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (V). *Vozes*, Petrópolis, v. 61, n. 12, pp., 1967.

**Sítios arqueológicos citados:** Caiacanga-Mirim (Base Aérea de Florianópolis), Sítio arqueológico de Itacoara e sambaqui no Forte Marechal Luz, em São Francisco do Sul.

**Município:** Florianópolis.

**Palavras-chave:** Praia da Tapera.

**Material identificado citado:** Moinho de “bugre”, machados, quebra-coquinhos, batedores e pesos de rede.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Dr. Alan Bryan.

**Resumo:** Artigo apresenta os artefatos de pedra — machados, quebra-coquinhos, batedores e pesos de rede — coletados no sítio arqueológico Praia da Tapera. Consta desenho a nanquim de “modo presumível de amolar os machados de pedra”.

**15) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (VI). *Vozes*, Petrópolis, v. 62, n.º 2, pp.149-154, 1968.

**Sítios arqueológicos citados:** Caiacanga-Mirim (Base Aérea de Florianópolis).

**Município:** Florianópolis.

**Palavras-chave:** Praia da Tapera.

**Material identificado citado:** Tembetás, artefatos sob material lítico e ósseo (pontas de flecha, colar e outros adornos).

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Dr. Vladimir Kozák (Universidade do Paraná).

**Resumo:** Artigo trata de armas e adornos usados pelos habitantes do sítio arqueológico da Tapera. Consta duas pranchas de fotografias P&B, do autor, com colar de conchas — sepultamento n.º 161 e artefatos sob material ósseo — pontas de flecha, colar e outros adornos.

**16) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (VII). *Vozes*, Petrópolis, v. 62, n. 4, pp. 325-331, 1968.

**Sítios arqueológicos citados:** Caiacanga-Mirim (Base Aérea de Florianópolis).

**Município:** Florianópolis.

**Palavras-chave:** Praia da Tapera.

**Material identificado citado:** Cachimbos, fragmentos e vasilhames cerâmicos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Prof. Igor Chmyz.

**Resumo:** Artigo trata do material cerâmico, com descrição da técnica de manufatura e decoração. Consta duas pranchas de fotografias P&B, do autor, material cerâmico: cachimbos, fragmentos e vasilhames cerâmicos.

**17) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Achados arqueológicos em Itapiranga.

**Pesquisas:** Antropologia, n.º. 18, pp. 47-48, 1968.

**Estudos Leopoldenses,** São Leopoldo, 9, pp. 47-48, 1968.

**Sítios arqueológicos citados:** Sítios às margens do Rio Uruguai.

**Município:** Itapiranga/SC, cultura alto-paranaense, datações.

**Palavras-chave:** Itapiranga/SC.

**Material identificado citado:** Carvão de fogueiras; cerâmica guarani; lascas; urnas funerárias; esqueleto de criança; tembetá de pedra branca zeolítica; machados ou raspadores curvos (bumerangóides); picões; bifaces; pontas; facas e lascas diversificadas.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Padre Pedro Ignácio Schmitz; Oswald Menghin.

**Resumo:** “Em maio de 1966, a serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, realizamos uma viagem de prospecção de sítios arqueológicos no extremo oeste catarinense, na fronteira da vizinha República da Argentina”.

Relata coleta de carvão de fogueiras, às margens do rio Uruguai, a 4.50 metros de profundidade, datado pelo Museu Nacional de Washington, em 7.260 anos. Em outra coleta de carvão, a uma profundidade de 30 a 70 centímetros, e associado à cerâmica de tradição Guarani, foi datado em 700 a 1.180 anos.

Foram realizadas escavações sistemáticas em sítios guaranis; adquirida por compra, duas urnas. Em coleta de superfície, foram recolhidos numerosos artefatos: machados ou raspadores curvos (bumerangóides), picões, bifaces, pontas, facas e lascas de todos os tipos e tamanhos, fabricados de diabásio vermelho e descritos por Menghin, como cultura alto-paranaense.

\*Pesquisa, Antropologia, n.º 18 e Estudos Leopoldenses, n.º 9, apresenta dois artigos: Achados arqueológicos em Itapiranga, Levantamentos de sítios em Jaguaruna.

No mesmo arquivo consta a Pesquisa, Antropologia n.º 20 e Estudos Leopoldenses n.º 13.

**18) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Levantamentos de sítios em Jaguaruna.

**Pesquisas:** Antropologia, n.º 18, pp. 49-51, São Leopoldo, 1968.

**Sítios arqueológicos citados:** Praia da Tapera

**Município:** Jaguaruna/SC.

**Palavras-chave:** sambaquis de Jaguaruna.

**Material identificado citado:** Sepultamentos, urnas, fragmentos cerâmicos e pedras lascadas.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados e outros:** Não cita quem o acompanhou durante a viagem de prospecção.

**Resumo:** Em fins de outubro de 1967, durante viagem de prospecção de sítios arqueológicos no município sul-catarinense de Jaguaruna, registrou que os sambaquis na região de Jaguaruna são de três tipos diferentes, em função da disposição no relevo, produção de artefatos, no tamanho (altura e comprimento) e na composição (ostras, berbigão e mariscos). Há outros tipos de sítios arqueológicos existentes, como os parapeiros indígenas (Guarani), casas subterrâneas e sítios de sepultamento.

\*Pesquisa, Antropologia n.º 18 e Estudos Leopoldenses, n.º 9, apresenta dois artigos: Achados arqueológicos em Itapiranga, Levantamentos de sítios em Jaguaruna.

No mesmo arquivo consta a Pesquisa, Antropologia n.º 20 e Estudos Leopoldenses, n.º 13.

**19) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Cimentação de sepultamentos arqueológicos e montagem de blocos-testemunhos. SBPC, Ciência e Cultura, São Paulo, v. 20, n.º 2, pp. 456-457, 1968. Suplemento.

**Sítios arqueológicos citados:** Tapera

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Armação do Sul.

**Material identificado citado:** Sepultamentos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Trata de resumo de trabalho a ser apresentado no encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, em São Paulo.

**20) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Um método de copiar litoglifos. **SBPC, Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 20, n.º 2, pp. 462-463, 1968. Suplemento.

**Sítios arqueológicos citados:** Sítios da Ilha de Santa Catarina

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Armação do Sul

**Material identificado citado:** Petroglifos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Trata de resumo de trabalho a ser apresentado no encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, em São Paulo. Apresenta método para copiar as inscrições rupestres.

**21) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Personalidade Cultural. **Mensagem Pedagógica**, Florianópolis, n.º 3, 4, pp. 20-21, 1968.

**Resumo:** Obra não localizada.

**22) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Petroglifos de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes. **Pesquisas:** Antropologia, São Leopoldo, n. 3, p. 19, 1969.

**Sítios arqueológicos citados:** Ilha do Cunha, em Porto Belo; Praia do Santinho; Ilha do Arvoredo; Ilha do Campeche; Ilha dos Corais e petroglifos nos municípios de Caxambu do Sul e Urubici/SC.

**Municípios:** Florianópolis e Porto Belo/SC.

**Palavras-chave:** Registro. Santa Catarina. Destruição.

**Material identificado citado:** Petroglifos. Praia do santinho (moinhos de Bugre, oficinas líticas ou pedra de alisamento/polimento). Na ilha dos Corais (sepultamentos, fragmentos cerâmicos e artefatos líticos); na ilha do Campeche (oficinas líticas ou pedra de alisamento/polimento) e na Ilha do Arvoredo (sepultamentos).

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:**

Theodor Koch-Grünberg; Spix; Martins; Alcione Costa; Aníbal Matos; Alfredo Brandão; professor José Anthero Pereira Júnior, Menghin; Dr. Luiz D'Acampora

**Resumo:** Trabalho realizado em 1968, com registro dos petroglifos existentes na Ilha de Santa Catarina, na Ilha de Porto Belo, na Ilha do Arvoredo, na Ilha do Campeche e na Ilha dos Corais. Segundo Rohr, foram “copiados e documentados, fotograficamente, acima de quarenta metros de gravação rupestres”. Sequenciamento apresenta e descreve os petroglifos da Ilha do Cunha, em Porto Belo, Ilha do Arvoredo, Ilha do Campeche e da Ilha dos Corais

No início do texto faz distinção entre petróglifos que são chamados popularmente por letreiros e a pedra do letreiro recebe o nome de itacoatiaras. Cita autores que estudaram as itacoatiaras, e sobre a hipótese de Menghin (1961) sobre as inscrições rupestres serem de origem tupi-guarani. Descreve a metodologia utilizada na cópia das inscrições, sua localização, disposição nos paredões, distância da praia, os motivos gráficos gravados nas rochas. Estabelece comparações. Relata destruição de petroglifos existentes na Ilha de Porto Belo e na Ilha do Campeche, e também nos municípios de Caxambu do Sul e Urubici. Apresenta cópia das inscrições rupestres registradas na Ilha do Cunha, em Porto Belo, Praia do Santinho, Ilha do Arvoredo, Ilha do Campeche e Ilha dos Corais e fotografia de petroglifo localizado na Praia do Conforto, Ilha do Campeche. Ilha do Cunha, em Porto Belo, Praia do Santinho, Ilha do Arvoredo, Ilha do Campeche, Ilha dos Corais.

**23) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo; ANDREATTA, M. D. O sítio arqueológico de Armação do Sul (Nota Prévia).

**Pesquisas:** Antropologia, São Leopoldo, n.º 20, pp.135-138, 1969.

**Sítios arqueológicos citados:** Armação do Sul.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Armação do Sul.

**Material identificado citado:** Material lítico, ósseo, conchífero, fogueiras ou covas culinárias, núcleos de ocre, sepultamentos e mobiliário funerário.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Conforme o artigo são apresentadas observações realizadas na fase inicial das escavações arqueológicas no sítio Armação do Sul: sítio conchífero (não cerâmico), material lítico polido e lascado, indústria óssea contém pontas de projéteis (simples e duplas), fragmentos seccionados e vértebras de peixes perfuradas; fogueiras ou covas culinárias com restos de peixes, mamíferos marinhos e terrestres, calcinados; núcleos de ocre vermelho (hematita) associados a esqueletos; sepultamentos estendidos em decúbito dorsal e ventral e abundante mobiliário funerário junto aos sepultamentos. Acompanha quatro fotografias P&B expondo fogueiras sepultamentos (n.º 22 e outros) do sítio Armação do Sul.

**24) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos do município Sul-Catarinense de Jaguaruna.

**Pesquisas:** Antropologia, São Leopoldo, n.º 22, p., 1969.

**Sítios arqueológicos citados:** SC-J-1 (Jaboticabeira); SC-J-2 (Jaboticabeira); SC-J-3 sambaqui (Lagoa da Figueirinha); SC-J-4 (Lagoa da Figueirinha); SC-J-5 (Lagoa da Figueirinha); SC-J-6 (Lagoa da Figueirinha); SC-J-7 (Lagoa do Laranjal); SC-J-8 (Lagoa do Laranjal); SC-J-9 (Lagoa da Encantada); SC-J-10 (Lagoa da Figueirinha); SC-J-11 (Garopava); SC-J-12 (Lagoa da Encantada); SC-J-13 (Lagoa da Encantada); SC-J-14 (Camacho); SC-J-15 (Pôrto Vieira); SC-J-16 (Costa da Lagoa); SC-J-17 (Ilhota); SC-J-18 (Arroio Corrente); SC-J-19 (Campo Bom); SC-J-20 (Arroio da Cruz); SC-J-21 (Balneário do Arroio Corrente); SC-J-22 (Balneário do Arroio Corrente); SC-J-23 (Morro da Cruz); SC-J-24 (Arroio Corrente); SC-J-25 (Arroio Corrente); SC-J-22 (Balneário do Arroio Corrente); SC-J-23 (Morro da Cruz); SC-J-24 (Arroio Corrente); SC-J-25 (Arroio Corrente); SC-J-26 (Arroio Corrente); SC-J-27 (Morro Grande); SC-J-28 (Morro Grande); SC-J-29 (Olho d'Água); SC-J-30 (Arroio da Cruz de Dentro); SC-J-31 (Arroio da Cruz de Dentro); SC-J-32

(Olho d'Água); SC-J-33 (Olho d'Água); SC-J-34 (Olho d'Água); SC-J-35 (Olho d'Água); SC-J-36 (Olho d'Água); SC-J-37 (Arroio da Cruz); SC-J-38 (Olho d'Água); SC-J-39 (Olho d'Água); SC-J-40 (Olho d'Água); SC-J-41 (Torreio); SC-J-42 (Morro Bonito); SC-J-43 (Morro Bonito: Albardão do Morro Bonito); SC-J-44 (Laranjal); SC-J-45 (Garopava); SC-J-46 (Morro Bonito); SC-J-47 (Morro Bonito); SC-J-48 (Morro Bonito); SC-J-49 (Ilhota da Ponta do Morro); SC-J-50 (Ilhota da Ponta do Morro); SC-J-51 (Ponta do Morro); SC-J-52 (Ilhota); SC-J-53 (Pontal do Morro Azul).

**Município:** Jaguaruna/SC.

**Palavras-chave:** Jaguaruna. Arqueologia guarani. Casas subterrâneas. Sambaquis. Vale do Rio Uruguai.

**Material identificado citado:** Urnas, sepultamentos, urnas, vasilhames de uso culinário, fragmentos cerâmicos de tradição guarani, estruturas arqueológicas, machado lítico, tembetá de cristal, pingente de conchas.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** DPHAN, CNPq, Hercílio Silva (Correios e Telégrafos).

**Resumo:** Apresenta os sítios arqueológicos identificados por Padre Rohr no município de Jaguaruna/SC, entre 1961, 1967 e 1969. Descrição ambiental dos cinquenta e três sítios arqueológicos, entre sambaquis, paradeiros Guarani, casas subterrâneas, sítios de sepultamentos, sítios com artefatos de madeira e traçado de fibra conservados, sítios com indústria óssea dos sambaquis. Acompanha prancha de urnas Tupiguarani, mapa de localização dos sítios arqueológicos, prancha de fotografias em P&B de urnas funerárias e fragmentos cerâmicos.

**25) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Normas para a cimentação de enterramentos arqueológicos e montagem de blocos-testemunha. **Manuais de Arqueologia**, n.º 3. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. Universidade Federal do Paraná, 1970.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaqui da Praia Comprida,



Caiacanga-Mirim e Praia da Tapera, sambaqui da Ilha das Rosas, na baía de Antonina, Paraná

**Município:** Florianópolis/SC e Ilha das Rosas, baía de Antonina, Paraná.

**Palavras-chave:** Cimentação de sepultamentos. Blocos-Testemunha.

**Material identificado citado:** Sepultamentos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Dr. Vladimir Kozák (UFP), Dra. Annette Laming-Emperaire (École Pratique des Hautes Études, de Paris (figuras 8 e 9), Osmar Coelho, Margarida Davina Andreatta (figuras 8 e 9).

**Resumo:** Neste periódico Rohr descreve a técnica da cimentação desenvolvida, após várias tentativas de transporte dos frágeis esqueletos dos sambaquis, com registro fotográfico dos trabalhos realizados no sambaqui da Ilha das Rosas, na baía de Antonina, Paraná.

Acompanha fotografias dos procedimentos para a cimentação dos esqueletos e croqui de encaixotamento de um esqueleto em posição estendida. No artigo o autor acredita que o “cimento não gruda nas ossadas e, no laboratório poderá ser destacado do cimento” (p. 5).

**26) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Os paleo-ameríndios. *Notícias*, Porto Alegre, n.º 110, pp. 22-26, 1972.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Municípios:** Urubici, Lages e Petrolândia/SC.

**Palavras-chave:** Contato cultural. Conflitos.

**Material identificado citado:** Grafismo na Ilha do Campeche, Florianópolis e em Urubici/SC

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** José Moser; Horácio Coelho; Padre Luigi Marzano; Jean Lery.

**Resumo:** Texto que discute a origem dos índios e o contato com colonos em Santa Catarina, exemplificando com relatos históricos nos municípios de Urubici, Lages, Petrolândia e

comparações gerais. Acompanha desenhos de índios brasileiros, fotografia P&B do autor, de grafismo (petroglifos) na Ilha do Campeche, Florianópolis/SC e de uma galeria subterrânea.

**27) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. O Museu do Homem do Sambaqui. *Notícias*, Porto Alegre, n.º 111-112, pp. 20-24, 1971.

**Sítios arqueológicos citados:** Tapera, Base Aérea

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Museu do Homem do Sambaqui.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Padre Frederico Maute S.J., Padre Boock (reitor); Padre Henrique Lans; Padre Arnaldo Bruxel S.J.; André Mayer (taxidermista Museu Paranaense); Carlos Berenhauser; Padre Georg Alfred Lutterbeck, S.J.; professores Marcel Homet e Pierre Vassal (Paris); governador Celso Ramos (patrono do Museu); Dr. Osvaldo Rodrigues Cabral (diretor da Faculdade de Filosofia); Dr. Alfredo T. Rusins (museólogo do IPHAN); Padre Lutterbeck, S.J.; Dr. Paulo Duarte (USP); Professor Dr. Osvaldo Menghin (Argentina); casal Evans (Museu Nacional de Washington) e Prof.<sup>a</sup> Dra. Annette Laming-Emperaire (Sorbonne, Paris).

**Resumo:** Histórico do Museu do Homem do Sambaqui, que se originou de outros dois museus: o Museu do Colégio Catarinense e o Museu do Homem Americano. Relata que o Padre Georg Alfred Lutterbeck, S.J. foi responsável pela numeração e catalogação da Coleção Berenhauser. Acompanha fotografias, em P&B, do Padre Rohr em mesa de laboratório e em campo, e vista geral de esqueletos do sítio Tapera.

**28) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo S.J. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil.

**Pesquisas** (Antropologia 24). São Leopoldo. 1971.

**Sítios arqueológicos citados:** SC-Urubici-1; SC-Urubici-2; SC-Urubici-14; SC-Urubici-34; SC-Petrolândia-11; SC-Petrolândia-1; SC-Petrolândia-3; SC-Petrolândia-4; SC-Petrolândia-10;

SC-Rancho Queimado-1; SC-Imbuia-1; SC-Ituporanga-1; SC-Bom Retiro-15; SC-Alfredo Wagner-5; SC-Urubici-6; SC-Urubici-7; SC-Urubici-28; SC-Bom Retiro-1; SC-Bom Retiro-2; SC-Bom Retiro-4; SC-Bom Retiro-5; SC-Bom Retiro-10; SC-Alfredo Wagner-4; SC-Alfredo Wagner-6; SC-Urubici-4; SC-Urubici-11; SC-Urubici-20; SC-Urubici-23; SC-Urubici-30; SC-Urubici-31; SC-Bom Retiro-6; SC-Bom Retiro-9; SC-Bom Retiro-13; SC-Urubici-3; SC-Urubici-5; SC-Urubici-9; SC-Urubici-10; SC-Urubici-13; SC-Urubici-15; SC-Urubici-17; SC-Urubici-19; SC-Urubici-24; SC-Urubici-25; SC-Urubici-26; SC-Urubici-32; SC-Urubici-33; SC-Lages 1; SC-Urubici-18; SC-Bom Retiro-16; SC-Petrolândia-2; SC-Bom Retiro-7; SC-Bom Retiro-11; SC-Bom Retiro-14; SC-Urubici-21; SC-Urubici-22; SC-Urubici-29; SC-São Joaquim-1; SC-Urubici-8; SC-Urubici-16; SC-Petrolândia-5; SC-Petrolândia-6; SC-Petrolândia-9; SC-Bom Retiro-12.

**Municípios:** Alfredo Wagner, Bom Retiro, Lages, Petrolândia, Rancho Queimado, São Joaquim e Urubici /SC.

**Palavras-chave:** Sítios abertos. Sítios de sepultamentos junto às cascatas. Casas Subterrâneas. Galerias subterrâneas. Terreiros de antigas aldeias.

**Material identificado citado:** material lítico (lascado e polido) e cerâmico.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Apresenta arrolamento de sessenta e sete sítios arqueológicos catalogados, no arquivo Museu do Homem do Sambaqui e encaminhados ao IPHAN, classificados nos tipos: Sítios abertos, Sítios de sepultamentos junto a cascatas, casas subterrâneas, galerias subterrâneas, terreiros de antigas aldeias e, outros sítios abertos. Com descrição da tipologia dos sítios e análise de materiais líticos e cerâmicos. Acompanha mapa de localização, croquis de grafismos dos sítios SC-Urubici-1; SC-Urubici-2; SC-Urubici-14 e SC-Urubici-34, croqui de galeria subterrânea, pranchas de reconstituição de vasilhames, prancha de registro fotográfico de galerias subterrâneas, de artefatos líticos (lascados e polidos) e cerâmicos.

**29) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Novo tipo de monumento arqueológico. SPBC, *Ciência e Cultura*, São Paulo, n.º 23, p. 145, 1971.

**Resumo:** Obra não localizada

**30) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Paleo-Amerindianer in brasilien. *Jahrbuch der Familie*, Porto Alegre, pp. 100-103, 1972.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Municípios:** Urubici, Lages e Petrolândia/SC.

**Palavras-chave:** Contato cultural. Conflitos.

**Material identificado citado:** Grafismo na Ilha do Campeche, Florianópolis e em Urubici/SC.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** José Moser, Horácio Coelho, Padre Luigi Marzano e Jean Lery.

**Resumo:** Texto que discute a origem dos índios e o contato com colonos em Santa Catarina, exemplificando com relatos históricos nos municípios de Urubici, Lages, Petrolândia e comparações gerais.

Acompanha desenhos de índios brasileiros, fotografia P&B do autor, de grafismo (petróglifos) na Ilha do Campeche, Florianópolis /SC e de uma galeria subterrânea. Imagens já apresentadas no Livro da Família, 1971.

**31) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. O Museu do Homem do Sambaqui. *Notícias*, Porto Alegre, n.º 113, pp. 32-36, 1972.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaquis da Ressacada; Rio Tavares; Canto da Lagoa; Rio Vermelho, Passagem do Rio D'Una; sítios no Rio Uruguai, cinquenta e três sítios no município de Alfredo Wagner; Armação do Sul; Tapera.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Museu do Homem do Sambaqui.

**Material identificado citado:** Acervo do Museu do Homem do Sambaqui – lítico, cerâmico e ósseo.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Alfredo T. Rusins (museólogo do IPHAN), André Mayer (taxidermista Museu Paranaense), Dr. Luiz de Castro Faria (Museu Nacional).

**Resumo:** Neste periódico Rohr apresenta histórico do Museu do Homem do Sambaqui, com histórico de pesquisas realizadas em diversos sítios arqueológicos em Santa Catarina, entres eles, os sambaquis da Ressacada, Rio Tavares, Canto da Lagoa, Rio Vermelho, Passagem do Rio D'Una, sítios no Rio Uruguai, cinquenta e três sítios no município de Alfredo Wagner, Armação do Sul e Tapera.

Relata que a portaria autorizativa do IPHAN, para as escavações no sítio Tapera, foi publicada no Diário Oficial da União, em 13 de julho de 1962, sob orientação de Luiz de Castro Faria (Museu Nacional), com apoio financeiro do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e do IPHAN. Acompanha fotografias, em P&B, do acervo do museu, do Padre Rohr com zoólitos e em campo executando a técnica de “cimentação de esqueleto” (Paraná) e de vista geral de área de escavação do sítio Tapera.

**32) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. As casas subterrâneas pré-históricas. **Livro da Família**, 114 :132:135. Porto Alegre, 1972.

**Sítios arqueológicos citados:** Citados de forma geral nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

**Município:** Urubici/SC.

**Palavras-chave:** Casas e Galerias Subterrâneas.

**Material identificado citado:** Machados de pedra amoladores, batedores, bigornas, raspadores, facas de pedra, ponta de flecha ósseas, amuletos de dentes e de conchas perfuradas e sepultamentos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** O artigo trata de duas casas subterrâneas escavadas no município de Urubici, estado de Santa Catarina, com presença de cinza, carvão, cacos de potes (cerâmica) e centenas

de pedras, umas lascadas e outras alisadas: machados de pedra amoladores, batedores, bigornas, raspadores, facas de pedra. Acompanha fotografias P&B do autor, com detalhes das casas e galerias subterrâneas em suas partes externas e internas.

**33) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Um elefante marinho. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 115-116, pp. 40-42, 1972.

**Resumo:** Obra não localizada.

**34) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Desvendando o mistério das galerias subterrâneas. **Livro da Família**, pp. 104-107. Porto Alegre, 1971.

**Sítios arqueológicos citados:** Galerias subterrâneas localizadas na Tocas dos Padres, Morro do Avenal e Bico das Tocas.

**Município:** Urubici/SC

**Palavras-chave:** Galerias subterrâneas.

**Material identificado citado:** Fragmentos cerâmicos e “pedras com sinais de utilização”.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Flores Figueredo de Oliveira, Dr. Osvaldo Menghein (Universidade Buenos Aires), Dr. George Bleyr.

**Resumo:** Relato das pesquisas realizadas no município de Urubici/SC, onde foram visitadas dezesseis galerias subterrâneas, dispersas sobre uma área geográfica de mais de cem quilômetros de diâmetro; todas cavadas da mesma forma cilíndrica, na rocha mole do arenito. Apresenta registro fotográfico do interior e exterior das galerias subterrâneas, inscrições rupestres (petróglifos), em Urubici e na Ilha do Campeche.

Relata que na galeria do “Bico das Tocas”, de Urubici /SC, “foram retirados esqueletos pelo Dr. George Bleyr”. Acompanha fotografias em P&B das galerias subterrâneas, de inscrições rupestres (petróglifos), localizadas no Morro do Avenal, Urubici/SC, e das inscrições rupestres (petroglifos) na Ilha do Campeche.

**35) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. As casas subterrâneas e sua cultura material. **SPBC, Ciência e Cultura**, v. 24, n.º 6, pp. 481-482, São Paulo, 1972. Suplemento.

**Resumo:** Obra não localizada.

**36) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Uma onça cruzou nossos caminhos. **Livro da Família**, pp. 146-147 Porto Alegre, 1973.

**Sítios arqueológicos citados:** Galeria subterrânea.

**Município:** Urubici/SC.

**Palavras-chave:** Taxidermia.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Ermelindo Pedro Ribeiro.

**Resumo:** O artigo relata o encontro inesperado de Ermelindo Pedro Ribeiro com uma onça-pintada, em uma galeria subterrânea. Padre Rohr comprou a pele e esqueleto da onça para ser exposta no Museu do Homem do Sambaqui. Acompanha fotografia P&B, do autor, de uma onça pintada.

**37) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Curiosidade zoológica: Peixe-Lua de 150 quilos. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 119-120, pp. 32-34, 1973.

**Sítios arqueológicos citados:**

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Taxidermia.

**Material identificado citado:** Peixe-lua.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Manoel Isaac da Costa

**Resumo:** Se refere aos procedimentos da taxidermia, com empalhamento aplicado no Peixe-Lua. Acompanha fotografias, em P&B, do autor, da estrutura para receber a pele do Peixe-Lua.

**38) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. A pesquisa arqueológica no estado de Santa Catarina. **Dédalo**, São Paulo, v. 9, n.º 17-18, pp. 49-58, 1973.

**Sítios arqueológicos citados:** Forte Marechal Luz; sambaqui do Gaspar; sambaqui de Espinheiros; sambaqui da Ponta das Almas; sambaqui da Enseada; Tapera; Base Aérea; Petroglifos da ilha de Santa Catarina; Ilha dos Corais; Ilha do Campeche; Ilha do Arvoredo e na Ilha João Cunha.

**Município:** Laguna, Jaguaruna, Tubarão, Imaruí e Imbituba, Florianópolis, São Francisco do Sul, Araquari, Joinville e Garuva/SC.

**Palavras-chave:** Pesquisa arqueológica.

**Material identificado citado:** material lítico lascado e polido, cerâmico e enterramentos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Othon Henry Leonardos; Froes de Abreu; João José Bigarella; Luiz Castro de Faria; Alan Lyle Bryan e John Galovch, dos USA (escavações no sambaqui do Forte Marechal Luz); Carlos Berenhauser; Walter Piazza; Wesley Hurt (Univ. Indiana); Ana Maria Beck; Padberg Drenkpol (Museu Nacional) e Osvaldo Menghin.

**Resumo:** Apresenta uma síntese dos tipos de sítios arqueológicos existentes no estado de Santa Catarina, dividindo em três regiões: Litoral, Planalto e Oeste Catarinense – Vale do Rio Uruguai.

Apresenta mapa do estado de Santa Catarina delimitando as áreas arqueológicas trabalhadas e ao final consta referências bibliográficas de arqueologia no estado de Santa Catarina. Cita que Carlos Berenhauser “durante quarenta anos andara coletando material de sambaquis destruídos nos arredores de Florianópolis. Nos anos de 1959 a 1960, fizemos escavações em alguns sambaquis e procedemos ao levantamento dos sambaquis do litoral” (p. 52).

**40) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. O sítio arqueológico do Balneário das Cabeçadas. **SBPC, Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 25 n.º 6, p. 384, 1973. Suplemento.

**Sítios arqueológicos citados:** Sítio arqueológico Balneário das Cabeçadas



**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Sítio arqueológico Balneário das Cabeçadas

**Material identificado citado:** a) Sepultamentos humanos, b) Indústria lítica: machados semi-polidos de diabásio, tembetás fusiformes, amoladores de quartzito, c) Indústria óssea; pontas de flecha, agulhas, perfuradores labiais curvos, d) Indústria odontomalacológica: objetos de adorno de dentes perfurados de mamíferos e seláquios; dentes de roedores e suínos, utilizados como raspadores; cascas de gastrópodes e discos de conchas perfuradas; tembetás de colunela de gastrópodes, e) Cerâmica lisa, preta, pouco frequente.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** João Alfredo ROHR.

**Resumo:** Resumo de trabalho com a sigla 10-F 2 – O sítio arqueológico Balneário das Cabeçadas – Itajaí/SC apresentado a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC. Descrição sucinta dos trabalhos realizados em outubro de 1971. Descreve os procedimentos adotados em campo e materiais coletados. Pesquisas desenvolvidas com apoio do CNPq e IPHAN.

**41) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. O Mistério dos esqueletos de Cabeçadas. *Livro da Família*. Porto Alegre: s.n., 1973. pp. 210-212.

**Sítios arqueológicos citados:** Sambaqui das Cabeçadas.

**Município:** Itajaí/SC

**Palavras-chave:** Sambaqui das Cabeçadas.

**Material identificado citado:** ossadas de 56 esqueletos, 20 litros de ossadas de peixes e mamíferos (restos de cozinha), 30 litros de seixos, 25 litros de conchas e 5 litros de cacos de cerâmica indígenas, quatro machados polidos, 20 pontas de flecha de ossos e objetos de adorno feitos em pedra, conchas e dentes perfurados.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Alberto Bernardes (presidente do late Clube das Cabeçadas), Júlio Carvalho e IPHAN.

**Resumo:** Em dezembro de 1973 o presidente do late Clube das Cabeçadas de Itajaí/SC, Alberto Bernardes, entrega a Rohr ossadas humanas e de animais encontradas durante realização de obras na área do clube. As escavações são realizadas, em uma área de 38m<sup>2</sup>, coleta 20 litros de ossadas de peixes e mamíferos, 25 litros de conchas e 5 litros de fragmentos cerâmica, 4 machados polidos, 20 pontas de flecha de ossos, objetos de adorno em pedra, conchas e dentes perfurados. Os enterramentos eram realizados no fundo das cabanas da aldeia. Área perturbada com registros de alterações desde os anos de 1923. O arqueólogo descreve método de datação e metodologia de campo. Se refere a legislação de proteção ao patrimônio arqueológico. Acompanha duas fotos da área de escavação com evidenciando os enterramentos.

**42) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo S.J. Die Vorgeschichtlichen Grubenhungen in Bresilien. *Jahrbuch der Familie*. Porto Alegre. 1974, pp. 178-183.

**Sítios arqueológicos citados:** Citados de forma geral nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

**Município:** Urubici/SC.

**Palavras-chaves:** Casas subterrâneas.

**Material identificado citado:** Machados de pedra, amoladores, batedores, bigornas, raspadores, facas de pedra, ponta de flecha ósseas, amuletos de dentes e de conchas perfuradas e sepultamentos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Pe. Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** O artigo em língua alemã, trata das casas subterrâneas escavadas no município de Urubici/SC. Acompanha fotografia P&B do autor, com vista geral da área de uma casa subterrânea.

**43) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. A tartaruga gigante. *Livro da Família. Livro da Família*. Porto Alegre: 1974, pp. 194-195.

**Resumo:** Obra não localizada.

**44) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. No berço da Arqueologia Brasileira. *Notícias*, Porto Alegre, n.º 121, pp. 32-35, 1974.

**Sítios arqueológicos citados:** Lapa Vermelha da Fazenda Velha Município: Lagoa Santa/MG.

**Palavras-chave:** Lapa Vermelha, Lagoa Santa/MG.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Cita apenas Peter W. Lund.

**Resumo:** À convite participa de uma etapa de pesquisa da missão franco-brasileiro de Arqueologia na Lagoa Santa/MG. Apresenta breve relato da participação, onde participaram quinze arqueólogos e dez operários (sem citar nomes). Fotos do autor no sítio Lapa Vermelha, com registro da área de escavação. E ainda foto de Rohr “ajeitando” mostruário de zoólitos no Museu do Homem do Sambaqui.

**45) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. 80 homens pré-históricos da Armação do Sul. *Notícias*, Porto Alegre, n.º 122, pp. 24-27, 1974.

**Sítios arqueológicos citados:** Armação do Sul, Base Aérea e Tapera.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Armação do Sul. Coleção osteológica.

**Material identificado citado:** material lítico (machados, batedores, bigornas, quebra-coquinhos, tembetás, raspadores, facas, buris e furadores), material ósseo (indústria óssea, pontas de flecha, etc.), material malacológico e oitenta sepultamentos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Descreve os trabalhos no sítio arqueológico Armação do Sul.

**46) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. O sítio arqueológico da Armação do Sul – Ilha de Santa Catarina. *SBPC, Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 26, n.º 7, pp. 618-619, 1974. Suplemento.

**Sítios arqueológicos citados:** Sítio arqueológico da Armação do Sul

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Sítio arqueológico da Armação do Sul.

**Material identificado citado:** sepultamentos humanos associados a ossadas de baleia, machados líticos, batedores, pesos de rede, bigornas, “chopping-tools”, facas, pontas de flecha ósseas, tembetás e objetos de adornos de ossos, dentes e conchas perfuradas.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** João Alfredo Rohr.

**Resumo:** Resumo de trabalho 6-N 8. O sítio arqueológico da Armação do Sul – Ilha de Santa Catarina apresentado a Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência — SBPC. Descrição sucinta dos trabalhos realizados em 1969 e 1974 na aldeia pré-histórica situada sob as antigas instalações para pesca de baleia. Descreve os procedimentos adotados em campo, materiais coletados e amostras de carvão para obter datações. Pesquisas desenvolvidas com apoio do CNPq e IPHAN.

**47) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Invasão e queda do Império dourado dos Astecas. *Notícias*, Porto Alegre, pp. 14-17, 1974.

**Sítios arqueológicos citados:** Teotihuacan

**Município:** Cidade do México/México.

**Palavras-chave:** 41.<sup>a</sup> Conferência Internacional dos Americanistas.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** O autor participa da 41<sup>a</sup> Conferência Internacional dos Americanistas, na cidade do México, entre 2 a 7 de setembro 1974, onde apresentou trabalho sobre Arte Rupestre indígenas no estado de Santa Catarina, onde relata o contato dos grupos pré-colombianos com os espanhóis. Acompanha fotografia P&B, da cidade do México e sítios arqueológicos pré-colombianos.

**48) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Os homicídios pré-históricos da Tapera, Florianópolis/SC. **Livro da Família**, Porto Alegre 1975. pp. 178-179.

**Sítios arqueológicos citados:** Base Aérea de Florianópolis.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Praia da Tapera. Guerras e conflitos.

**Material identificado citado:** Artefatos polidos de pedra, ossos e dentes de animais e sepultamentos humanos, lítico (machados, objetos de adorno, fusiformes polidos e outros), cerâmico, ósseo (centenas de litros de ossadas de peixes, de aves e de mamíferos, pontas de flecha), conchífero, fogões.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Dr. Wlatter Foehrt (proprietário da casa existente junto ao sítio arqueológico Tapera); Alcione (auxiliar da pesquisa).

**Resumo:** Pesquisa com apoio do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O artigo apresenta breve histórico da pesquisa realizada no sítio da Tapera, entre 1962 a 1966, com detalhes do cotidiano dos pesquisadores. E destaca os esqueletos n.ºs 28, 63 e 110 com pontas de flechas; “O esqueleto n.º 28, leva quatro pontas de

flecha na caixa torácica”, o esqueleto n.º 63 com “a ponta de flecha atravessada na espinha do esqueleto” e o esqueleto n.º 110 “que também foi atingido por uma flecha, cravado na coluna vertebral” (p. 179).

**49) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Na pista dos primeiros Catarinas. **Notícias**, Porto Alegre, n. 125, pp. 20-22, 1975.

**Sítios arqueológicos citados:** Sítios em Itapiranga, Rio Uruguai.

**Municípios relacionados:** Itapiranga e Mondaí/SC.

**Palavras-chave:** Datação. Rio Uruguai.

**Material identificado citado:** Carvões de fogueiras.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui; Padre João Alfredo Rohr, S.J.; Instituto Anchieta de Pesquisas/RS; Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Alfredo Schorr (dono de olaria); Silvério Claudino Barbian.

**Resumo:** Relata dos levantamentos e registros dos sítios arqueológicos, “antigas aldeias e parapeiros guaranis, localizados no extremo oeste catarinense, às margens do Rio Uruguai. Pesquisas custeadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com verba de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros).

O artigo descreve a busca e coleta de carvões nos barreiros da Olaria Alfredo Schorr, de Marcelino Ramos e de São Carlos. A primeira datação obtida foi de 7.260 anos (Museu Nacional de Washington), obtida pela coleta de carvões coletados a 7,30 metros de profundidade. Com entusiasmo apresenta o resultado da datação de 8.640 anos, realizada no Museu Nacional de Washington e do Museu do Homem de Paris. Conclui que Santa Catarina, já estava habitada a mais de 9 mil anos, muito antes de serem construídas as Pirâmides do Egito. Descreve, sucintamente, o método de datação pelo Carbono 14. Acompanha fotografias em P&B de Rohr, nas escavações executadas no barreiro da Olaria Alfredo Schorr, de Marcelino Ramos e o de São Carlos, às margens do Rio Uruguai.

**50) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Nossos sambaquis, as mais antigas páginas da pré-história do mundo. *Notícias* 126, Porto Alegre, pp. 20-24, 1975.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaqui da Carniça, em Laguna/SC, sambaqui de Porto Vieira e da Lagoa da Figueirinha, em Jaguaruna/SC.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Sambaquis. Proteção. Legislação.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Delegado Edgar Santana, Laélcio Ferreira de Mello (Delegado do Tribunal de Contas em Florianópolis/SC).

**Resumo:** Pesquisa com apoio do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Apresenta conceito e origem dos sambaquis, o processo de destruição e medidas legais adotadas no estado de Santa Catarina. Acompanha fotografias P&B, do autor, do sambaqui da Carniça, em Laguna/SC, sambaqui de Porto Vieira e da Lagoa da Figueirinha, em Jaguaruna/SC.

**51) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Há 8.000 anos, sepultava-se assim. *Livro da Família*. Porto Alegre 1976. pp. 116-118, 1976.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaqui Praia Grande e Armazém do Sul.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Enterramentos. Sepultamentos.

**Material identificado citado:** Enterramentos/sepultamentos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Pesquisa financiada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O artigo discorre sobre a forma de enterramentos dos grupos guaranis e pelos sambaquieiros. Acompanha fotografias P&B, do autor, de evidênciação de sepultamentos/enterramentos.

**52) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Nossos sambaquis, as mais antigas páginas da pré-história do mundo (Epílogo). *Notícias*, Porto Alegre, n.º 129, pp. 50-52, 1976.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaqui da Carniça, em Laguna/SC, sambaqui de Porto Vieira e da Lagoa da Figueirinha, em Jaguaruna/SC.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Sambaquis. Legislação.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Delegado Edgar Santana; Laélcio Ferreira de Mello (Delegado do Tribunal de Contas em Florianópolis/SC).

**Resumo:** Artigo descreve que Padre Rohr recebe intimação de um processo criminal e de transgressão da lei da imprensa movido pelo juiz federal de Santa Catarina. Ao final é absolvido por falhas técnicas no processo, porém gerou custos ao arqueólogo que será ressarcido pelo IPHAN. Acompanha fotografias P&B, do autor, de sambaquis sem identificação, possivelmente no município de Jaguaruna/SC.

**53) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. O livro da Pré-história; nossos sambaquis, as mais antigas páginas da pré-história do mundo (Conclusão). *Livro da Família*, Porto Alegre 1976., pp. 26-29.

**Sítios arqueológicos citados:** Farol de Santa Marta.

**Municípios:** Laguna, Imaruí, Jaguaruna/SC.

**Palavras-chave:** Destruição, Vandalismo, Sítios arqueológicos em Santa Catarina e Legislação.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Dr. Luiz



Antônio Dubois Ferreira (Chefe do 1.º Distrito do Departamento Nacional de Produção Mineral); Laélcio Ferreira de Mello (Delegado, do Tribunal de Contas da União), doutores Darcy Rodrigues e Edgar Santana, Diretores da Polícia Federal, o Cap. Mário Luiz Ferrari, da Secretaria de Segurança de Santa Catarina.

**Resumo:** Reuniões com a Polícia Federal. Ações de fiscalização do IPHAN e Polícia Federal.

**54) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Artistas? ou selvagens. *Notícias*, Porto Alegre, n.º 130, pp. 24-27, 1976.

**Sítios arqueológicos citados:** Ilha do Campeche e sítio Alfredo Wagner.

**Municípios:** Alfredo Wagner, Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Sítio arqueológico Alfredo Wagner, Ilha do Campeche, Florianópolis/SC.

**Material identificado citado:** Trançados, zoólitos, vasilhames cerâmicos e inscrições rupestres (petroglifos)

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Padre Antônio Sepp, S.J. (missionário austríaco, 1691-1722).

**Resumo:** Artigo dividido em cinco itens onde discute o preconceito existente sobre os povos indígenas brasileiros e a tecnologia da sua cultura material, mostrando a fabricação de vasilhames cerâmicos, urnas funerárias, trançados coletados, zoólitos, inscrições rupestres (petroglifos).

Fotografias P&B, do autor e outros, Rohr examinado petroglifo na Ilha do Campeche, Trançado de imbé do sítio Alfredo Wagner, artefatos líticos (zoólitos, tigela de pedra, machado, dois anéis de pedra e uma arma “rompe-cabeça”) e do petroglifo da Ilha do Campeche

**55) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Um trajeto que dá ideia da grandeza do Brasil. *Notícias*, Porto Alegre, n.º 131-132, pp. 52-54, 1976.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Municípios:** Brasília/DF e Belém do Pará/PA.

**Palavras-chave:** 28.ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Prof.ª Iluska Simonsen.

**Resumo:** Trata da participação na 28.ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada entre 7 a 14 de julho de 1976, realizada na Universidade de Brasília, Brasília/DF. O autor descreve alguns pontos turísticos como a Catedral Metropolitana, a Rodoviária, Teatro Nacional, Congresso Nacional, os Palácios da Justiça, Itamaraty e o Supremo Tribunal Federal. Descreve o local da Reunião e relata a participação da professora Iluska Simonsen, versando sobre a cerâmica indígena da Lagoa do Miararré. Após o encerramento da 28.ª Reunião segue para Belém do Pará, onde visita o Museu Emílio Goeldi, e se encanta com o Rio Amazonas.

Fotografias P&B, do autor: Catedral de Brasília, em Brasília/DF e do Museu Emílio Goeldi, em Belém/PA.

**56) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Pré-História da Laguna. In: *Santo Antônio dos Anjos da Laguna – Seus Valores Históricos e Humanos*. Publicação Comemorativa da Passagem do seu Tricentenário de Fundação. Florianópolis: 1976.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaqui da Carniça I, II, III, IV, V, VI; sambaqui da Lagoa dos Bixos; sambaqui da Pedra ou Toca; sambaqui da Passagem da Barra; sambaqui da Laguna; sambaqui da Caieira; sambaqui da Caputera; sambaqui da Cabeçuda; sambaqui da Ponta do Perrechil; sambaqui do Estreito; sambaqui da Galheta I, II e III; sambaqui do Cabo de Santa Marta I, II e III; sambaqui da Armação da Piedade; sambaqui Areias da Praia Grande.

**Município:** Laguna/SC.

**Palavras-chave:** Sambaquis. Pré-história de Laguna.

**Material identificado citado:** Enterramentos/esqueletos — adultos e crianças —, estruturas, adornos, machados de pedra, pontas ósseas e pedra, bolas, quebra-cocos, amoladores, almofarizes.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Luiz Castro Faria; Pedro Ramos Bocchi; Giacomo Liberatore; Ênio Cunha Castro; Wesley Hurt; Anamaria Beck; Oswaldo Rodrigues Cabral; Guilherme von den Steinen. Paulo Ehrenreich, Pedro Vogel; Gervásio Nunes Pires; Manoel Moreira da Silva; Luiz Nery Pacheco dos Reis; Francisco José da Rocha; Manuel da Costa Barreiros; Ladislau de Souza Melo e Neto.

**Resumo:** I - Conceito, definições dos períodos de Arqueologia; II - A origem dos sambaquis e esqueletos dos sambaquis; Tipos de sítios arqueológicos em Laguna – Grutas; Abrigos sob-rocha; Sinalizações rupestres; Casas subterrâneas; Galerias subterrâneas; Terreiros de antigas aldeias, Acampamentos e Paradeiros; Sítios de sepultamentos – tesos, cerritos, “Mounds”, Estearias, Palafitas ou Habitações Lacustres; Estações Líticas.

Descrição etnográfica da ocupação de Laguna. Consta sucinta descrição das escavações realizadas nos sítios arqueológicos sambaqui da Cabeçuda e sambaqui da Carniça I, e apresenta relação de 22 sambaquis identificados. Descrição de tipos de sítios arqueológicos identificados no município, como Estações Líticas, sítios de Sepultamentos, Paradeiros, Casas Subterrâneas e Palafitas.

Acompanha registro fotográfico do sambaqui do Cabo de Santa Marta II (1975); sambaqui da Cabeçuda; sambaqui da Carniça I (1971); sambaqui da Carniça I (1971, 1972); sambaqui da Cabeçuda; sambaqui do Cabo de Santa Marta I (1975); sambaqui da Carniça II (1972, 1974); urnas funerárias guarani de Jaguaruna e Imbituba e prancha com desenho de “maneira presumível de utilização dos amoladores com formato de pratos”.

**57) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Escavações arqueológicas de salvamento em Santa Catarina. **SBPC, Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 28, n.º 7, p. 645, 1976. Suplemento.

**Sítios arqueológicos citados:** Pântano do Sul/SC.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Sambaquis. Proteção. Legislação.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Resumo de trabalho realizado sítio arqueológico Pântano do Sul – SC, apresentado na 28.º Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizado no Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília em 1975, onde presidiu a Seção de Comunicação.

**58) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. 25.000 anos de Brasil. **Livro da Família**. Porto Alegre: 1977, pp. 28-99.

**Resumo:** Obra não localizada.

**59) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo S.J. A Ilha de Santa Catarina, suas belezas e suas fortalezas. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 133, pp. 24-28, 1977.

**Sítios arqueológicos citados:** Fortaleza de N. Senhora da Conceição, Forte de Sant’Ana do Estreito, Forte de São José da Ponta Grossa, Fortaleza de Santo Antônio dos Ratoes Grande e Forte de Santa Cruz do Anható-Mirim.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Fortaleza. Forte.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores/outros citados:** Saint Hilaire, brigadeiro José da Silva Pais.

**Resumo:** O artigo apresenta o estado de conservação de fortalezas e fortes existentes, lista os fortes que não há nem os vestígios, ruínas, restaurados e aqueles em processo de restauração. Lista os fortes sem vestígios: Fortes de São João; São Francisco Xavier; São Luiz e da Barra da Lagoa. Fortalezas em ruínas: Fortaleza de São José da Ponta Grossa; São Caetano, Santa Cruz e Nossa Senhora da Conceição; Fortaleza de Santo Antônio dos Ratoes Grande. Restaurados: Forte de Santa’Ana (Museu das Armas) e Forte de Santa Bárbara. Em restauração:

Forte de Santa Cruz do Anhato-Mirim e São José da Ponta Grossa. Acompanha fotografia P&B do autor, da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, Forte de Sant’Ana do Estreito, Forte de São José da Ponta Grossa, Fortaleza de Santo Antonio dos Ratoes Grande e Forte de Santa Cruz do Anhato-Mirim.

**60) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Em contato com Catarinas de 3.000 anos. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras – Balneário de Camboriú/SC. *Notícias* 135/136, pp. 28-32, 1977.

**Sítios arqueológicos citados:** Pântano do Sul.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Sítio arqueológico Praia das Laranjeiras.

**Material identificado citado:** Artefatos polidos de pedra; osso e de dentes de animais e sepultamentos humanos; material lítico (machados, objetos de adorno, fusiformes polidos e outros); cerâmico; ósseo (centenas de litros de ossadas de peixes, de aves e de mamíferos, pontas de flecha); conchífero; fogões.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.; Museu Arqueológico/Complexo Ambiental Cyro Gevaerd; Balneário Camboriú e Museu de Geociências da UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Antônio Carlos Werner (Diretor do DER), IPHAN, CNPq e alunos do Instituto Superior de Estudos Humanos do Rio de Janeiro.

**Resumo:** Pesquisa financiada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O artigo apresenta breve descrição da pesquisa realizada, sob os itens: I. Natureza do sítio, II. A descoberta do sítio arqueológico, III. Motivos que aconselharam a pesquisa, IV. Razões que determinaram a localização do sítio arqueológico, V. Conservação milenar dos esqueletos, VI. Idade do sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras.

Relata a coleta de “carvão em diversos níveis que será encaminhado aos Estados Unidos, para fins de datação pelo carbono radioativo”. Cita que o sítio arqueológico Pântano do Sul,

datado em 4.500 anos levou três meses para ser escavado e o estudo do material recolhido levou mais de um ano. Acompanha fotografias P&B de vista geral da praia das Laranjeiras e das escavações, com a evidenciação de sepultamentos; área de escavação e casas de veraneio e foto de João Alfredo Rohr, com 69 anos.

**61) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. **O sítio arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10.** Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1977, 114 p.

**Sítios arqueológicos citados:** Tapera, Base Aérea e Armação do Sul, de Florianópolis, Itacoara, em Joinville e Balneário das Cabeçadas em Itajaí.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Sítio Pântano do Sul. Datações. Zoólitos.

**Material identificado citado:** Material lítico (zoólitos, machados, batedores, quebra-coquinhos, pesos de rede, amoladores, matéria corante, moedores de corantes, núcleos, raspadores, resíduos de lascamento e outros resíduos) e Bloco-testemunho.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** CNPq; IPHAN; Antônio Carlos Werner (DER/SC), prefeito de Florianópolis; Dr. Ivan Salema; Dr. Carlos Gofferjé.

**Resumo:** Descreve os tipos de sítios localizados no então povoado de pescadores de Pântano do Sul, situada a sudeste da Ilha de Santa Catarina. Descreve os procedimentos arqueológicos adotados na escavação do sítio arqueológico do Pântano do Sul (SC-RF-10), e em seguida descreve os procedimentos em laboratório, com a análise dos materiais recolhidos: zoólitos e machados, batedores, quebra-coquinhos, amoladores, pesos e rede, matéria corante, trituradores de matéria corante, grosas ou abrasantes e miscelânea (pesos de anzol, tembetás, pingentes, contas), núcleos, matéria-prima e resíduos de lascamento (lascas, *chopping tool*, prismas de diabásio). Apresenta quantitativo de peças. Destaque para descrição detalhada dos zoólitos, machados, batedores, amoladores e material ósseo (ossadas

e artefatos ósseos de peixes, aves e mamíferos), material humano (sepultamentos n.ºs 4, 3, 2, 1, com medidas cranianas) encontrados no sítio arqueológico SC-RF-10, do Pântano do Sul. Acompanha prancha com mapa de localização geográfica do sítio, prancha do povoado do Pântano do Sul e a localização do sítio, perfil estratigráfico Área II Dunas, perfil estratigráfico Área III Sambaqui, pranchas de desenhos de machados, prancha de material lítico — adornos ou pesos de anzol, tortual de fuso, Prancha de material ósseo, pranchas de fotografias do povoado Pântano do Sul, prancha de crânios de sepultamentos, Prancha de fotografia dos zoólitos, prancha de material lítico (machados, matéria corante, batedores e *chopping tool*), prancha de material ósseo (pontas, anzóis, furadores, espátulas e objetos de adorno e prancha de zoólitos do Pântano do Sul.

**62) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo S.J. Annette Laming-Emperaire, 1917-1977. *Nheengatu*, Rio de Janeiro, n.º 3-4, pp. 71-74, 1977.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Annette Laming-Emperaire.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Necrológio de Annette Laming-Emperaire. Apresenta obras bibliográficas da arqueóloga. Acompanha fotografia P&B, de Annette Laming-Emperaire.

\*João Alfredo Rohr foi aluno de Annette Laming-Emperaire e participou de escavações sob a coordenação da arqueóloga francesa.

**Cf.:** Relatórios do CNPq Parte 1 – fls.001605 a 01608 – artigo completo

**63) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Terminologia Queratosseodontomalacológica. In: *Anais do Museu de Antropologia da UFSC (1976-1977)*, Florianópolis, 1977. n. 9-10, pp. 5-81.

**Sítios arqueológicos citados:** Tapera, sambaqui do Rio Vermelho e sambaqui do Rio D'Una.

**Municípios:** Florianópolis e Imbituba/SC.

**Palavras-chave:** Guia de terminologia Arqueológica.

**Material identificado citado:** indústria sobre ossos, dentes, conchas e chifres.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J. e outros.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq; Professor Fritz Plaumann e Professor Jaime Loiola, da Universidade do Paraná; Professor Dr. Igor Chmyz, do setor de Ciências Humanas da Universidade do Paraná; Professor Dr. Sílvio Coelho dos Santos (ex-diretor do Museu de Antropologia da UFSC); Professor Alroino Baltazar Eble.

**Resumo:** Guia de terminologia Arqueológica, correspondente à indústria sobre ossos, dentes, conchas e chifres, com Glossário da indústria Queratosseodontomalacológica e comparação com a indústria pré-histórica europeia. Acompanha pranchas de desenhos do esqueleto humano, com detalhamento do material ósseo e artefatos ósseos e outros.

**64) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. *Künstler? oder Wilde? Jahrbuch der Familie*. Porto Alegre: Empresa Gráfica Metrópole, 1978. pp. 178-183.

**Sítios arqueológicos citados:** Ilha do Campeche

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Grafismos.

**Material identificado citado:** Artefatos líticos (zoólitos, machados, fuso) e grafismo na Ilha do Campeche.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** O artigo “Artista ou selvagem? Discute a cultura dos fabricantes dos sambaquis, ceramistas e pinturas rupestres, por meio dos sítios arqueológicos no estado de Santa Catarina. Acompanha fotografia P&B do autor, artefatos líticos (zoólitos,



machados, boleadeiras e fusos) com vista geral da área de grafismo na Ilha do Campeche.

**65) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. As “mal-ditas” cobras. **Livro da Família.** Porto Alegre: , 1978. pp. 166-168.

**Sítios arqueológicos citados:** Armação do Sul/SC.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Taxidermia.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Coronel Piraguaí.

**Resumo:** O artigo fala sobre cobras venenosas e não venenosas. Acompanha fotografia P&B, do autor, de esqueleto de jararaca-assu e cobras do Instituto Butantan, SP.

**66) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras – Balneário de Camboriú/SC. **Notícias,** Porto Alegre, n. 139-140, pp. 62-66, 1978.

**Sítios arqueológicos citados:** Base Aérea, Tapera, Armação do Sul e Balneário das Cabeçudas.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** sítio arqueológico Praia das Laranjeiras.

**Material identificado citado:** Artefatos polidos de pedra; ossos e dentes de animais; sepultamentos humanos; lítico (machados, objetos de adorno, fusiformes polidos e outros), cerâmico; ósseo (centenas de litros de ossadas de peixes, de aves e de mamíferos, pontas de flecha, anzóis, furadores, agulhas, espátulas); conchífero; fogões e cerâmica (fragmentos e três vasos inteiros).

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J., Museu Arqueológico/Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, em Balneário Camboriú e Museu de Geociências da UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq);

Rosinha Schmidt e Álvaro Silva; três operários; três estudantes da Faculdade de Arqueologia Marechal Rondon, do Rio de Janeiro; Dorath Pinto Uchôa, do Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo.

**Resumo:** O artigo apresenta descrição da segunda etapa de escavação arqueológica no sítio Praia das Laranjeiras (fevereiro e março), com os trabalhos cotidianos e procedimentos metodológicos e materiais recolhidos pela equipe. Tece comentários sobre a cultura dos indígenas, exemplificando com os artefatos recolhidos, sobre os procedimentos metodológicos em campo. O autor faz observações a um sepultamento de uma mulher grávida, com o feto no ventre e outros sepultamentos com fraturas.

Acompanha fotografias P&B de detalhe de escavação com evidênciação de dois sepultamentos, prancha com desenhos de material ósseo e foto de condecoração de João Alfredo Rohr, pelos trabalhos no Museu.

**67) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Escavações de salvamento no sítio da Praia das Laranjeiras – Balneário de Camboriú/SC. In: **1ª Jornada Brasileira de Arqueologia, I.** Rio de Janeiro: Instituto Superior de Cultura Brasileira, Resumos. 1978.

**Sítios arqueológicos citados:** Praia das Laranjeiras

**Município:** Balneário de Camboriú/SC

**Palavras-chave:** Praia das Laranjeiras.

**Material identificado citado:** Sepultamentos, vasilhas de cerâmica inteira, com formato de cuias de chimarrão; machados polidos, batedores, amoladores e tembetás líticos; pontas, anzóis e objetos de adorno ósseo, dentes, conchas e (ilegível) perfuradas como contas de colar e outros.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J., Museu Arqueológico/Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, em Balneário Camboriú e Museu de Geociências da UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Trabalho apresentado na Jornada Brasileira de Arqueologia I, sobre o sítio arqueológico Praia das Laranjeiras.

Destaca-se a descrição do material arqueológico utilizado para a instalação do Museu Arqueológico em Balneário de Camboriú/SC.

**68) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Santa Catarina: Antes de Cabral! Antes de Colombo! Antes de Cristo. **Dimensão,** Florianópolis, n.º 3, pp. 69-70, 1978.

**Sítios arqueológicos citados:** Sítios arqueológicos em Alfredo Wagner, Galheta III, Garopaba, Itapiranga, Jaguaruna, Lages, Laguna, Bom Retiro, Tapera, Urubici e São Joaquim/SC.

**Município:** Alfredo Wagner, Bom Retiro, Florianópolis, Itapiranga, Jaguaruna, São Joaquim, Urubici/SC.

**Palavras-chave:** Arqueologia. Sambaquis. Destruição.

**Material identificado citado:** Zoólitos, boleadeiras, panela de pedra, machado e trançado.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** O autor pontua a evolução do homem e a criação da Terra. Exemplifica com sítios arqueológicos identificados em Santa Catarina e os tipos de vestígios encontrados. Acompanha fotografia P&B de zoólitos, boleadeiras, panela de pedra, machado e trançado. E ainda registro da reserva técnica do MHS e dos sambaquis da Galheta III (Laguna, 1975), sambaqui da Garopaba (Jaguaruna) e Jaboticabeira I (Jaguaruna, 1974).

**69) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos brasileiros e os problemas de sua preservação. **Revista Eclesiástica Brasileira,** Petrópolis, n.º 154, pp. 254-270, 1979.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaquis da Base Aérea (Florianópolis); Carniça (Laguna); da Samambaia (Imaruí) e da Jaboticabeira (Jaguaruna).

**Municípios:** Florianópolis; Garuva, Araquari; São Francisco do Sul; Laguna; Imaruí e Jaguaruna.

**Palavras-chave:** sambaquis e legislação (Lei n.º 3.924/1961)

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Von den Steinen; Krone; Harrt, von Königswald, von Koseritz; Löfgren; Rath; Wiener; Rivet, Empereire; Dr. Luiz Antônio Dubois Ferreira (chefe do Primeiro Distrito do DNPM- Departamento Nacional de Produção Mineral); Laélcio Ferreira de Mello (Delegado do Tribunal de Contas da União); os doutores Darcy Rodrigues e Edgar Santana (Diretores da Polícia Federal); o Capitão Mário Luiz Ferrari (Sec. Segurança de Santa Catarina); Prof. Dr. Osvaldo Rodrigues Cabral.

**Resumo:** Conceitua a Pré-História e os sítios arqueológicos. Apresenta os diferentes tipos de sítios arqueológicos, citando: I - Os sambaquis e II - Outros sítios arqueológicos: A) Grutas; B) Abrigos sob-roch; C) Sinalizações rupestres; D) Casas subterrâneas; E) Galerias subterrâneas; F) terrenos de antigas aldeias, acampamentos e paradesios; G) Sítios rasos de sepultamento; H) Tesos, cerritos, "mounds" e I) Estearias, palafitos ou habitações lacustres. Discute a formação do sambaquis e sua destruição e as ações empregadas, junto com instituições federais e estaduais.

**70) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Nos percalços da Pré-História: os bisontes encantados da Gruta de Altamira.

**Notícias,** Porto Alegre, n.º 142, pp. 40-43, 1979.

**Sítios arqueológicos citados:** Gruta ou Caverna de Altamira

**Município:** Santillana del Mar, Cantábria, Espanha.

**Palavras-chave:** Gruta de Altamira

**Material identificado citado:** pinturas rupestres

**Localização do acervo arqueológico:** Gruta de Altamira, Santillana del Mar, Cantábria, Espanha.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Herbert Wendt.

**Resumo:** O artigo relata sobre a Gruta de Altamira, localizada em Santillana del Mar, Cantábria, Espanha. Adaptado do livro "A procura de Adão", de Herbert Wendt. Acompanha fotografia P&B, de pinturas rupestres na Gruta de Altamira, na Espanha.

**71) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Nos percalços da Arqueologia 3. Pesquisadores, fósseis e fábulas. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 143-144, pp. 40-44, 1979.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Fósseis.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**Resumo:** O artigo relata acontecimentos, tece comentários e observações sobre fósseis. Adaptado do livro “A procura de Adão”, de Herbert Wendt. Acompanha fotografia P&B, com fósseis de estrela do mar, caracol, peixe e João Alfredo Rohr em sua mesa de trabalho, no laboratório de pesquisas no Museu do Homem do Sambaqui.

**72) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. O processo dos macacos. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 145, pp. 136-139, 1980.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Município:** Não há indicação.

**Palavras-chave:** Não há indicação.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Herbert Wendt.

**Resumo:** O artigo discute sobre evolução. Exemplifica com a descoberta do “Menino de Taungs”, e com a história ocorrida em Dayton, Tennessee, Estados Unidos da América, onde o professor John Scopes, foi acusado em juízo, por ter falado aos alunos da teoria evolucionista.

Adaptado do livro “A procura de Adão”, de Herbert Wendt. Com esboço da estátua “O Pensador, de Auguste Rodin.

**73) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Nos percalços da Arqueologia 5. O crânio de Piltdown. **Notícias** 145. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 145, pp. 28-30, 1980.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação..

**Município:** Piltdown, Inglaterra.

**Palavras-chave:** Crânio de Piltdown.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Herbert Wendt.

**Resumo:** O artigo relata sobre a descoberta do crânio de Piltdown, em Piltdown, Inglaterra e as consequências dessa descoberta. Adaptado do livro “A procura de Adão”, de Herbert Wendt. Com esboço da estátua “O Pensador, de Auguste Rodin.

**74) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Nos percalços da Arqueologia: O macaco de Pikermi. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 147-148, pp. 136-139, 1980.

**Sítios arqueológicos citados:** Sítio de Pikermi, Grécia.

**Município:** Pikermi, Grécia.

**Palavras-chave:** Processo evolutivo.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Herbert Wendt e Albert Gaudry.

**Resumo:** Continuidade de uma série de artigos adaptado do livro “A procura de Adão”, de Herbert Wendt. O artigo relata sobre a descoberta do crânio de Pikermi do período do Mioceno. Acompanha fotografia P&B, de um chimpanzé.

**75) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Der Kampf der Wissenschaften (1): Der Affenprozess. **Jahrbuch der Familie**, Porto Alegre: Empresa Gráfica Metrópole S.A. 1980. pp.110-115.

**Resumo:** Obra não localizada.

**76) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. O homem de Neandertal. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 149, 1981.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Município:** Düsseldorf, Alemanha.

**Palavras-chave:** Processo evolutivo.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.  
**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Herbert Wendt.

**Resumo:** Continuidade de uma série de artigos adaptado do livro “A procura de Adão”, de Herbert Wendt. O artigo relata sobre o homem de Neandertal. Origem do nome e descoberta.

**77) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. O fim trágico do “Homem de Pequim”. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 151-152, pp. 44-46, 1981.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Município:** Zhoukoudian, Pequim.

**Palavras-chave:** Processo evolutivo.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu das Ruínas de Zhoukoudian.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Herbert Wendt, Dr. Haberer, Davidson Black e Wong Chung Pei.

**Resumo:** Continuidade de uma série de artigos adaptado do livro “A procura de Adão”, de Herbert Wendt. O artigo relata sobre o homem de Neandertal. Origem do nome e descoberta. Acompanha fotografias P&B de crânios e da caverna de Chou-Kou-Tien.

**78) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Nos percalços da Arqueologia 4 — O mamute — um fóssil em carne e osso. **Notícias**, Porto Alegre, pp. 170-172, 1981. Porto Alegre. 1981.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Município:** Sibéria

**Palavras-chave:** Processo evolutivo.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:**

**Resumo:** O artigo relata sobre a descoberta de um mamute na Sibéria, e discute o processo de fossilização.

**79) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo S.J. Cimentação de sepultamentos e de “blocos-testemunhos”. In: **Pesquisas**

arqueológicas no litoral de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Luna, 1981. pp. 109-120.

**Sítios arqueológicos citados:** Sítios arqueológicos da Tapera; Armação do Sul e Praia das Laranjeiras/SC; sambaqui da Ilhas das Rosas/PR e sambaqui de Camboinhas, Niterói/RJ.

**Município:** Niterói/RJ.

**Palavras-chave:** Cimentação de enterramentos, blocos-testemunha.

**Material identificado citado:** Sepultamentos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu de Itaipu, Niterói, RJ.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Lina Maria Kneip (Departamento de Antropologia do Museu Nacional – UFRJ) e Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciana Pallestrini (Setor de Arqueologia do Museu Paulista da universidade de São Paulo).

**Resumo:** O artigo trata de técnicas adotadas para cimentação de evidências arqueológicas. A sequência do trabalho de campo é apontada começando com a cimentação de enterramentos/sepultamentos realizado em sítios arqueológicos no estado de Santa Catarina, e terminando com uma descrição da técnica de cimentação usando “blocos de testemunho” na concha cambojana montada. Acompanha fotografias P&B da técnica de cimentação e encaixotamento dos blocos-testemunhos, de autoria da Profa. Dra. Luciana Pallestrini (Setor de Arqueologia do Museu Paulista da Universidade de São Paulo).

**80) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Um milhão por dois centímetros de tromba de mamute. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 153, pp. 24-26, 1982.

**Sítios arqueológicos citados:** Gruta de Pech-Merle, França.

**Município:** Caret, França.

**Palavras-chave:** Arte rupestre. Falsificação.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu de Berlim

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Herbert Wendt, Otto Hauser, André Breton, Bessac.

**Resumo:** Continuidade de uma série de artigos adaptado do livro “A procura de Adão”, de Herbert Wendt. O artigo relata sobre a falsificação de pinturas rupestres na Gruta de Pech-Merle, França.



**81) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Nos percalços da Arqueologia: Seiscentas garrafas de vinho pela cabeça dum sáurio. *Livro da Família*. Porto Alegre: 1982. pp. 194-195. **Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Município:** Maastricht, Holanda.

**Palavras-chave:** Processo evolutivo.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu de Haarlem

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Herbert Wendt, Dr. Hoffmann e Cônego Godin.

**Resumo:** Continuidade de uma série de artigos adaptado do livro “A procura de Adão”, de Herbert Wendt. O artigo relata sobre o achado de um crânio de um mosassauo, e a tentativa das tropas francesas confiscar o crânio e enviar a Paris, porém o Cônego Godin escondera o crânio e foi prometido aos soldados seiscentas garrafas de vinho, para quem encontrasse a cabeça do sáurio, que foi encontrado pelos soldados que beberam as seiscentas garrafas de vinho.

**82) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Das mammut – ein mit Haut und Knochen. *Jahrbuch der Familie*. Porto Alegre: 1982. pp. 126-128.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Município:** Sibéria.

**Palavras-chave:** Processo evolutivo.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Não há indicação.

**Resumo:** O artigo relata sobre a descoberta de um mamute na Sibéria, e discute o processo de fossilização.

**83) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Auf den pfaden der archaologia: Bei katharinensern vor 3.000 jahren... Die Archaologische Fundatäte von “Praia das Laranjeiras”. *Jahrbuch der Familie*. Porto Alegre: 1982. pp. 164-170.

**Sítios arqueológicos citados:** Pântano do Sul.

**Município:** Balneário de Camboriú/SC

**Palavras-chave:** Sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras.

**Material identificado citado:** Artefatos polidos de pedra; osso e de dentes de animais e sepultamentos humanos; material lítico (machados, objetos de adorno, fusiformes polidos e outros); cerâmico; ósseo (centenas de litros de ossadas de peixes, de aves e de mamíferos, pontas de flecha); conchífero; fogões.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.; Museu Arqueológico/Complexo Ambiental Cyro Gevaerd; Balneário Camboriú e Museu de Geociências da UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Antônio Carlos Werner (Diretor do DER), IPHAN, CNPq e alunos do Instituto Superior de Estudos Humanos do Rio de Janeiro.

**Resumo:** Continuando com o título “Nos percalços da Arqueologia”, trata das pesquisas e evidências arqueológicas coletadas no sítio Praia das Laranjeiras, em Balneário de Camboriú/SC.

O artigo está publicado na revista Notícias 35/136:28-32.1977, sob o título “Em contato com Catarinas de 3.000 anos. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras – Balneário de Camboriú/SC”.

**Resumo:** Pesquisa financiada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O artigo apresenta breve descrição da pesquisa realizada, sob os itens: I. Natureza do sítio; II. A descoberta do sítio arqueológico; III. Motivos que aconselharam a pesquisa; IV. Razões que determinaram a localização do sítio arqueológico; V. Conservação milenar dos esqueletos; VI. Idade do sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras.

Relata a coleta de “carvão em diversos níveis que será encaminhado aos Estados Unidos, para fins de datação pelo carbono radioativo”. Cita que o sítio arqueológico Pântano do Sul, datado em 4.500 anos levou três meses para ser escavado e o estudo do material recolhido levou mais de um ano. Acompanha fotografias P&B de vista geral da praia das Laranjeiras e das escavações, com a evidenciação

de sepultamentos; área de escavação e casas de veraneio e foto de João Alfredo Rohr, com 69 anos.

**84) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Pesquisas arqueológicas no município catarinense de Urussanga. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, Florianópolis, anos 11-14, n.º 12-15, 1982.

**Sítios arqueológicos citados:** Sítio Urussanga 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11; Sítio Orleans 1 e 2, Sítio Pedras Grandes 1.

**Município:** Urussanga /SC (sul-catarinense).

**Palavras-chave:** Caingang, Xokleng, Urussanga, Planalto Catarinense, contato cultural, conflitos, sítios arqueológicos.

**Material identificado citado:** Pontas de flecha, com pedúnculo e aletas, facas, raspadores, furadores, machados cuneiformes, núcleos, lascas, Artefatos bumerangóides e cacos cerâmicos de vasilhames.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** O presente trabalho complementa o artigo “Sítios Arqueológicos de Urussanga/SC” já publicado no Livro da Família (1984), com maior detalhamento dos conflitos entre os colonos italianos e os Caingang. Há o acréscimo da descrição dos sítios arqueológicos identificados e materiais coletados. Apresenta fotografias do sítio Urussanga e pontas de flecha da Fase Urussanga e mapa de localização do município de Urussanga e dos sítios arqueológicos. Levantamento de quinze sítios arqueológicos, sendo onze deles localizados no município de Urussanga, três na divisa Urussanga-Orleans e um na divisa Urussanga-Pedras Grandes: Sítio Urussanga 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11; Sítio Orleans 1 e 2, Sítio Pedras Grandes 1.

**85) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo, S.J. Jemmy Botão de Madrepérola, nasce uma teoria. **Notícias**, Porto Alegre, n.º 160, pp. 34-36, 1983.

**Sítios arqueológicos citados:** Não há indicação.

**Município:** Terra do Fogo, Patagônia, Ilhas Falkand (Malvinas).

**Palavras-chave:** Não há indicação.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Não há indicação.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados/outros:** Herbert Wendt, Robert Fitzroy, Charles Darwin.

**Resumo:** Continuidade de uma série de artigos adaptado do livro “A procura de Adão”, de Herbert Wendt. O artigo relata sobre a venda de um escravo por um botão de Madrepérola, na Terra do Fogo, Patagônia. Cita Charles Darwin, o navio Beagle, com ilustração de um barco.

**86) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo S.J. Descoberto novo tipo de esculturas antropomorfas e zoomorfas na região do Contestado. **Livro da Família**. Porto Alegre: 1983. n.º 37, pp. 190-192.

**Sítios arqueológicos citados:** De forma geral, os sítios do estado de Santa Catarina.

**Município:** Caçador/SC.

**Palavras-chave:** Zoólitos e antropomorfos

**Material identificado citado:** Zoólitos e antropomorfos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu da FEARPE, Caçador/SC.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Evandro de Sá Pereira (Museu da Fundação Educacional do Alto Rio do Peixe, Caçador – SC), Marilandi Goulart (UFSC), Nilson Thomé (Museu da FEARPE), Padre Antônio Sepp, Padre Thomas Pieters e Padre Casimiro Irala.

**Resumo:** O artigo trata de esculturas missioneira dos índios guaranis — Zoólitos e antropomorfos. Acompanha fotografias P&B do autor, das esculturas.

**87) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos do Vale do Rio D’Una. Escavações de Salvação no Sambaqui da Balsinha I – Imbituba/SC. **Revista de Arqueologia do Instituto Paulista de Arqueologia**, São Paulo, v. 2, n.º 2, 1983.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaqui da Balsinha I, III, IV, V,

VI, VII; sambaqui do lado direito do Rio D'Una; sambaquis de Barreiros do Rio D'Una; sambaquis da Passagem do Rio D'Una I e II e sambaqui do Porto do Ouriques.

**Município:** Imbituba/SC.

**Palavras-chave:** Vale do Rio D'Una.

**Material identificado citado:** Em Sambaquis: Fogueiras, sepulcros, amostras de carvão, material lítico conchas. Nos Paradeiros – urnas.

**Localização do acervo arqueológico:** Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, em Tubarão, Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Alceri Luiz Schaviani (arqueólogo), Rodrigo Lavina (estudante de História da UFSC).

**Resumo:** Descreve os sítios arqueológicos do tipo sambaquis e Paradeiros Guaranis na região. Descrição da localização do sambaqui da Balsinha I, estado de conservação e sua destruição pela indústria extrativista.

Relata que em 1972, foi designado como representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para Arqueologia no estado de Santa Catarina.

Breve descrição dos sambaquis da Balsinha I, III, IV, V, VI, VII; sambaqui do lado direito do Rio D'Una; sambaquis da Passagem do Rio D'Una I e II; sambaqui do Porto do Ouriques. Em seguida traz dados dos Paradeiros Guaranis no município de Imbituba, com relatos de achados de urnas funerárias por sítiantes e na BR-101 e coleta de fragmentos cerâmicos. Informa doação de uma urna grande à Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, em Tubarão. Detalhamento das escavações no sambaqui da Balsinha I, com descrição dos procedimentos da pesquisa em campo e detalhamento da estratigrafia exposta. Foram coletados esqueletos, carvão, material lítico e osseodontomalacológico.

Amostras de carvão foram encaminhadas ao Laboratório Gif Sur Yvette para fins de datação do sítio através do carbono radioativo. Acompanha Mapa do Brasil com localização do estado de Santa Catarina, Mapa de localização do sambaqui da Balsinha, fotos de escavação no sítio arqueológico, perfil

estratigráfico, Prancha da estratigrafia, fotos esqueletos do sambaqui (1989).

**88) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Sítios Arqueológicos de Urussanga / SC. **Livro da Família.** Porto Alegre. 1984. pp. 180-185.

**Sítios arqueológicos citados:** Levantamento de quinze sítios arqueológicos, sendo onze deles localizados no município de Urussanga, três na divisa Urussanga-Orleans e um na divisa Urussanga-Pedras Grandes.

**Município:** Urussanga/SC (sul-catarinense)

**Palavras-chave:** Caingang. Xokleng. Urussanga.

**Material identificado citado:** Pontas de flecha, facas, raspadores, furadores, machados cuneiformes, núcleos, lascas, artefatos bumerangóides e cacos cerâmicos de vasilhames.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Rodrigo Lavina.

**Resumo:** Entre 1980-1981, foram arrolados quinze sítios arqueológicos, sendo onze localizados no município de Urussanga, três na divisa Urussanga-Orleans e um na divisa Urussanga-Pedras Grandes.

Antes da conquista pelos colonizadores, no século XIX, a região era densamente povoada pelos Caingang ou Xokleng. Há descrição do confronto entre os indígenas (botocudos) e os imigrantes italianos vindos da região de Veneza, em 1878. Cita a vinda do padre franciscano, Luiz Semetille, do estado do Paraná, para realizar aproximação com os índios. Colonos apreenderam artefatos dos Caingang (flechas com pontas de sílex, pontas de madeira, munidas de grande número de farpas, balaços, uns maiores, outros menores, calafetados por dentro com cera de abelhas silvestres; vasos de barro cozido de pequeno porte, para uso domésticos e culinários). Indústria lítica, predominantemente, de pedra lascada em sílex: pontas de flecha, munidas de pedúnculo e aletas, facas, raspadores, furadores, núcleos e numerosas lascas cortantes. Mais raramente são encontrados machados

cuneiformes polidos de diabásio e, esporadicamente, artefatos bumerangóides de diabásio polido. Inicialmente eram encontrados também fragmentos de cerâmica e alguma vasilha inteira, que, entretanto, se desvaneceram, devido a cem anos de lavoura intensa. Os sítios, via de regra, são superficiais, aprofundando muito pouco no solo. Registro de sepultamento em pequeno abrigo sob rocha. Sítios semelhantes ocorrem nos municípios de Bom Retiro, Urubici, Bom Jardim, Petrolândia, Imbuia, Agrolândia e Rio do Sul. No Planalto estes sítios acham-se associados a casas subterrâneas e galerias subterrâneas. Em Jaguaruna, próximo à desembocadura do Rio Urussanga, os sítios de casas subterrâneas, fazem contato com o litoral. No litoral de Jaguaruna foram registrados também, dois pequenos sambaquis com cerâmica e cultura lítica, análoga à encontrada nos sítios do planalto, que confirmam a hipótese de que as populações planaltinas, ocasionalmente, ocorressem ao litoral para mariscar. Apresenta fotografias do sítio Urussanga e pontas de flecha.

**89) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Às voltas com um sambaqui de 4.000 anos de idade... *Notícias*, Porto Alegre, n.º 161, pp. 36-38, 1984.

**Resumo:** Obra não localizada.

**90) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. **Herança:** a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu. Florianópolis: 1984. pp. 67-68.

**Sítios arqueológicos citados:** Petróglifos da Ilha do Arvoredo, Ilha do Campeche, Ilha dos Corais e Ilha do Porto Velho.

**Município:** Florianópolis/SC

**Palavras-chave:** Praia das Laranjeiras.

**Material identificado citado:** Gravuras rupestres.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Publicação apresenta sítios arqueológicos com pinturas e gravuras rupestres no Brasil. Sob o título “Os artistas navegadores em Santa Catarina”, extraído da publicação *Petroglifos da ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes*, em que apresenta resumidamente, descrição dos da Ilha do Arvoredo, Ilha do Campeche, Ilha dos Corais e Ilha do Porto Velho. Com fotos coloridas dos petroglifos ou litoglifos da Ilha do Arvoredo, Ilha do Campeche, Ilha dos Corais e Ilha do Porto Velho.<sup>16</sup>

**91) Referência da Obra:** PEREIRA, M. et al. Os grupos sanguíneos ABO em esqueletos pré-históricos de aborígenes da Ilha de Santa Catarina, Brasil. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 36, n.º 9, pp. 1597-1599, 1984.

**Sítios arqueológicos citados:** Caiacanga-Mirim e Tapera.

**Município:** Florianópolis/SC.

**Palavras-chave:** Genética. Antropologia biológica.

**Material identificado citado:** Não há indicação.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** “Foram estudadas amostras de ossos de noventa esqueletos encontrados em sambaquis nos sítios de Caiacanga-Mirim e Tapera, Ilha de Santa Catarina, e, através do método da fluorescência ao anticorpo, foram determinados os grupos sanguíneos, que revelaram 62 % do grupo O, 15 % do grupo A e 23 % indetermináveis. Como os aborígenes atuais pertencem em 100 % ao grupo O, os achados sugerem que os ancestrais apresentavam o grupo A, por um processo de seleção natural local e recente chegou-se à distribuição atual”.

---

<sup>16</sup> provavelmente é a Ilha de Porto Belo e não Porto Velho.



**92) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. Sítios arqueológicos em Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 16 n.º 17, pp. 77-168, 1984.

**Sítios arqueológicos citados:** Praia das Laranjeiras

**Municípios:** Jaguaruna; Tubarão; Imaruá; Imbituba; Laguna; Garopaba; Paulo Lopes; Palhoça; Florianópolis; Governador Celso Ramos; Porto Belo; Balneário de Camboriú; Camboriú; Itajaí; Penha; Barra Velha; Araquari; São Francisco do Sul; Garuva; Joinville; Brusque; Angelina; Rio do Sul Bom Retiro; Alfredo Wagner; Urubici; São Joaquim; Águas Mornas; Petrolândia; Rancho Queimado; Atalanta; Imbuia; Ituporanga; Itapiranga; Mondaí; Caxambu do Sul; Águas de Chapecó.

**Palavras-chave:** Sítios arqueológicos em Santa Catarina

**Material identificado citado:** Material Lítico, cerâmico, ósseo, conchífero, madeira, trançado.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J., Museu Arqueológico/Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, Balneário Camboriú e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Não há indicação.

**Resumo:** Definição dos tipos de sítios arqueológicos identificados no estado de Santa Catarina: Sambaquis, Grutas, Abrigos sob-rocha, Casas subterrâneas, Galerias subterrâneas, Terreiros de antigas aldeias, Acampamentos e Paradeiros, Sítios rasos de sepultamento, Tesos, Cerritos e Mounds, Estearias, Palafitas ou habitações lacustres, Estações Líticas e Sinalizações rupestres. Em seguida é apresentado uma relação dos das tipologias dos sítios arqueológicos, identificados em 38 municípios de Santa Catarina, com breve descrição.

**93) Referência da Obra:** ROHR, João Alfredo. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras – Balneário Camboriú. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v.16, n.º 17, pp. 5-76, 1984.

**Sítios arqueológicos citados:** Praia das Laranjeiras.

**Município:** Balneário Camboriú/SC.

**Palavras-chave:** Praia das Laranjeiras.

**Material identificado citado:** Material Lítico: Batedores; matéria corante; amoladores; lascas; cavadeiras; pontas de flecha; machadinhas; facas; serras; miscelânea; espátulas. Material ósseo: pontas de flecha; pontas polidas simples e duplas; pontas não polidas; pontas de nadadeiras de peixe; pontas de esporão de arraia; perfuradores; anzóis. espátulas; utensílios de presas de porcos do mato; tembetá de dentes de elefante marinho; objetos de adorno de gastrópodes; cerâmica (Guarani e Neobrasileira); sepultamentos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J., Museu Arqueológico/Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, Balneário Camboriú e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Armando Cesar Ghislandi (pref. Balneário); Luiz Carlos Chedid (sec. Cultura de Balneário); Gert Hering (diretor Museu de Balneário); Artemir Werner; Udo Altenburg e Rosinha Schmidt; Dorath Pinto Uchoa (Instituto de Pré-História); Alceri Schiavini; Hermes Brasil de Souza; Jayme Spinelto Jr. (Faculdade de Arqueologia Estácio de Sá); Dr. Carlos Gofferjé; Prof.<sup>a</sup> Dra. Anamaria Beck; professora Neusa M. Bloemer (diretora do Museu Universitário UFSC).

**Resumo:** O sítio Praia das Laranjeiras se caracteriza na sua metade leste, por um registro de sambaqui pré-cerâmico e, na outra metade, por um sítio raso, em que, nas camadas superiores, há cerâmica. Nos anos de 1977 e 1978, foram realizadas escavações no sítio raso, sendo escavada área de 520 m<sup>2</sup>, com registro de 113 sepultamentos e recolheu-se grande acervo arqueológico lítico, cerâmico e osseodontomalacológico. O material arqueológico acha-se exposto no Museu Municipal do Balneário Camboriú. Com mapa de localização, prancha de desenhos de material lítico (machado lascado, batedores, cavadeira, ponta de lança); Prancha de reconstituição de vasilhames cerâmicos e de borda; Fotografias P&B, da área do sítio escavada, Indústria óssea e sobre ossos (pontas agulhas e de projéteis), prancha fotográfica de machados líticos, cerâmica neo-brasileira, área de escavação, material

ósseo, Croqui de distribuição dos sepultamentos, planta de escavação e Croquis estratigráficos.

**94) Referência da Obra:** CENTRO DE INFORMAÇÕES ARQUEOLÓGICAS. *Relatório de Pesquisa Arqueológica*. Estado da Guanabara/RJ, 02-15 jul. 1973.

**Sítios arqueológicos citados:** sambaqui de Magé/RJ.

**Município:** Magé/RJ.

**Palavras-chave:** sambaqui de Magé/RJ.

**Material identificado citado:** material ósseo (espinhas, vértebras de peixe, e outros); material lítico (1 batedor, 1 seixo de quartzo rolado e 3 seixos de quartzo); material malacológico (conchas). Foram coletados fragmentos de carvão, um dente de mamífero perfurado, esporão de arraia, dentes de cação, material corante, hematita e outros.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu Antropológico da UFG (de acordo com o relatório).

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Acary de Passos Oliveira (Museu Antropológico UFG)

**Resumo:** O relatório possui setenta e seis fotografias, sendo trinta e cinco repetidas. Foram feitos também *slides* coloridos do perfil aberto por trator. Segundo o Relatório, o Prof. Acary de Passos trouxe uma coleção de peças ósseas e outra malacológica para o Museu Antropológico.

**95) Referência da Obra:** CNPq. *Relatórios do CNPq – Processo 111.1738/76*. 1976-1984. Microfilme.

**Sítios arqueológicos citados:** Tapera; Pântano do Sul; Praia das Laranjeiras e outros.

**Municípios:** Laguna; Imarú; Imbituba; Tubarão; Jaguaruna; Itapiranga; Ilha de São Francisco; Joinville.

**Palavras-chave:** CNPq.

**Material identificado citado:** Material Lítico: Batedores; matéria corante; amoladores; lascas; cavadeiras; pontas de flecha; machadinhas; facas; serras; miscelânea; espátulas. Material ósseo: pontas de flecha; pontas polidas simples e duplas; pontas não polidas; pontas de nadadeiras de peixe; pontas de esporão de arraia; perfuradores; anzóis; espátulas;

utensílios de presas de porcos do mato; tembetá de dentes de elefante marinho; objetos de adorno de gastrópodes; cerâmica (Guarani e Neobrasileira); sepultamentos.

**Localização do acervo arqueológico:** Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo Rohr, S.J., Museu Arqueológico/Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, Balneário Camboriú e Museu de Geociências-UnB/DF.

**Pesquisadores/estagiários/colaboradores citados:** Afonso Imhof (Prefeitura de Joinville); Rui Sulzbacher (procurador da República); Luiz Henrique da Silveira (Prefeito Joinville); Sonia Regina Jendiroba (Sec. de Cultura, Esporte e Turismo de Joinville); Domingos Folganes Neto (PF); Osvaldo R. Herédia (diretor do curso de Arqueologia da Faculdade Estácio de Sá); Padre Aegídio Körbes, S.J. (diretor do Colégio Catarinense); Aurelio M.G. de Abreu (Instituto Paulista de Arqueologia); Luís Galdino (Instituto Paulista de Arqueologia); Laélcio Ferreira de Melo (delegado do Tribunal de Contas da União); Luiz Antonio Dubois Ferreira (DNPM); Eduardo Santos Lins (FATMA); Prof.<sup>a</sup> Lina Maria Kneip; Teresa Domitila Fossari; Cláudio e Orlando Villas Boas; José Ubyrajara Alves (CNPq); Carlos Alfredo Bortoluzzi; Adin Nadia (França); Nanci Vieira de Oliveira Aguiar; Prof.<sup>a</sup> Mia Pereira (Musée d'histoire Naturelle de Paris); Dra. Nilse Terezinha Rohden (UFSC), Aluísio Magalhães, Ernani Bayer (reitor da UFSC), Prof.<sup>a</sup> Marilandi Goulart e outros.

**Resumo:** Relatórios do Padre João Alfredo Rohr enviado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, entre 1976 a 1984. Os relatórios foram microfilmados e disponibilizado a pesquisadores no formato digital. Alguns documentos estão fora de ordem cronológica. É importante destacar que Padre João Alfredo Rohr foi bolsista do CNPq entre os anos de 1976 a 1984. Segundo consta na documentação foi representante do IPHAN para arqueologia no estado de Santa Catarina, onde recebia verba para “atendimento das despesas com pesquisas, levantamento, cadastramento, estudo e demais medidas destinadas à proteção das jazidas arqueológicas existentes no estado de Santa Catarina, conforme plano elaborado pelo IPHAN”.

Correspondências entre o bolsista e o CNPq, Polícia Federal, IPHAN, DNPM, Procuradoria da República, Radiocarbono Laboratory, Prefeituras e outros; recibos diversos, denúncias e relatórios dos sítios arqueológicos do município de Itapiranga, com *curriculum vitae* e relação de trabalhos publicados; Relação de sambaquis da região de Laguna, Imaruí, Tubarão e Jaguaruna. Diversos Relatórios dos sítios arqueológicos (Pântano do Sul, Praia das Laranjeiras e outros), com *curriculum vitae* e relação de trabalhos publicados. Monografia intitulada “O sítio arqueológico do Pântano do Sul”. Denúncias. Reportagens e artigos em jornais e revistas: Vale do Rio Uruguai; A Notícia, Jornal Universitário; O Fluminense; Jornal de Joinville; O Sol; Diários Associados de Santa Catarina; Correio do Povo; O Estado; Jornal de Santa

Catarina; Notícias e Livro da Família. Fichas de cadastro dos sítios Palhoça VI; Governador Celso Ramos I; Rio do Sul I; Barra Velha 1 e 2; Chapecó 1 2, 3 e 4; Porto Belo 1 e 4; Fichas de cadastro dos sítios Laguna 23; Imbituba I; Balneário de Camboriú 2; Camboriú 1; Porto Belo 3; Florianópolis; Ilhota 1 e Ponta do Constantino; Jurerê II; Urussanga 1; Urussanga 2; Urussanga 3; Urussanga 4; Urussanga 5; Urussanga 6; Orleans 1; Orleans 2; Orleans 3 e Orleans 4. Projeto Arqueológico Uruguai – Barragens de Campos Novos, Itapiranga e Barra Grande – Santa Catarina/Rio Grande do Sul (1983). Relatório ao CNPq (1984). Relatório de destruição de um sítio arqueológico no município de Porto Belo (Teresa Domitila Fossari, 1984). Correspondência informando o falecimento Padre João Alfredo Rohr e apresentando a Certidão de óbito.

## ALGUMAS PEÇAS ARQUEOLÓGICAS DA COLEÇÃO PE. JOÃO ALFREDO ROHR

As imagens apresentadas a seguir, figuras 15 a 43, representam os trabalhos do arqueólogo João Alfredo Rohr como diretor do Museu do Homem do Sambaqui, quando adquiriu a Coleção Berenhauser, e em suas pesquisas arqueológicas em diversos municípios do estado de Santa Catarina, onde realizou o mais extenso cadastro de sítios arqueológicos para o Iphan, resguardando o patrimônio regional para as futuras gerações.

**Figura 15:** Pontas de flecha n.º 4668, 4672, 4665, 4679 e Petrolândia 6 – Coleção Berenhauser/SC.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



0 3

**Figura 16:** Pontas de flecha n.º 7007, 4647 e 4663 – Coleção Berenhauser/SC.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



0 3



**Figura 17:** Pontas de flecha n.º 7026, 4640 e 4639 – Coleção Berenhauser / SC.  
Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 18:** Pontas de flecha n.º 4705, 6762, 6757, 4745, 4504 – Coleção Berenhauser / SC.  
Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 19:** Ponta de flecha n.º 6751a– Coleção Berenhauser /SC.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 20:** Ponta de flecha, em ametista– Coleção Berenhauser /SC.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 21:** Ponta de flecha – Sítio lítico SC-U-49 / SC.  
**Fotografia:** Oscar Liberal/IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC



**Figura 22:** Pontas de flechas ósseas duplas (Sítio Praia da Tapera, município de Florianópolis/SC); flecha ponta óssea com pedúnculo (origem desconhecida).  
**Fotografia:** Oscar Liberal /IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC



**Figura 23:** Abridores de conchas. Sítio arqueológico Praia das Laranjeiras, Balneário de Camboriú/SC.

**Fotografia:** Ádon Bicalho/IPHAN **Fonte:** Acervo Museu de Geociências da UnB/DF



**Figura 24:** Artefatos líticos (tembetás?) n.º 4271, 4255, 4241 e 6134. Coleção Berenhauser /SC.

**Fotografia:** Oscar Liberal/IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC



**Figura 25:** Trançado de fibra vegetal coletado no sítio arqueológico Alfredo Wagner (pré-cerâmico), município de Alfredo Wagner/SC, 1967.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



0 3

**Figura 26:** Artefato em madeira (chamado por Rohr de “virote de madeira”). Sítio arqueológico Alfredo Wagner (pré-cerâmico), município de Alfredo Wagner/SC, 1967.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



0 3



**Figura 27:** Artefato em madeira (chamado por Rohr de “muleta” de madeira”). Sítio arqueológico Alfredo Wagner (pré-cerâmico), município de Alfredo Wagner/SC, 1967.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 28:** Oficina lítica: bloco de pedra utilizado para polimento de gume de ferramentas líticas. Coleção Berenhauser/SC.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 29:** Ponta de flecha óssea encravada em vértebra humana. Sítio Praia da Tapera, município de Florianópolis /SC.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 30:** Colar com 13 dentes de mamíferos perfurados, associado ao sepultamento n.º54, infantil. Sítio Praia das Laranjeiras II, município de Balneário Camboriú /SC.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 31:** Material lítico - Pesos de rede, usado na pesca. Sítio Galheta, município de Laguna/SC.

**Fotografia:** Adon Bicalho/IPHAN. **Fonte:** Acervo Museu de Geociências/ UnB



**Figura 32:** Anzol em osso, n.º 649. Origem desconhecida.

**Fotografia:** Oscar Liberal/IPHAN. **Fonte:** Acervo MHS/CC



**Figura 33:** Artefato lítico. Adorno ou peso de anzol. Sítio arqueológico Armação do Sul, município de Florianópolis/SC.

**Fotografia:** Adon Bicalho/IPHAN **Fonte:** Acervo Museu de Geociências/UnB



**Figura 34:** Artefato lítico n.º 43, denominado por Alfredo Rohr de "fusiforme". Sítio arqueológico Armação do Sul, município de Florianópolis/SC.

**Fotografia:** Oscar Liberal/IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC



**Figura 35:** Vasilhame cerâmico pequeno, liso.  
Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



0 3

**Figura 36:** Microvasilhame cerâmico com tratamento de superfície corrugado.  
Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



0 3



**Figura 37:** Microvasilhame cerâmico com tratamento de superfície corrugado.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC.



0 3

**Figura 38:** Vasilhame cerâmico.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC.



0 3

**Figura 39:** Conjunto de vasilhames cerâmicos Guarani, com decoração plástica e pintura, em exposição no Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo, S.J., município de Florianópolis /SC.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC.



**Figura 40:** Fragmentos de recipientes cerâmicos decorados – com linhas curvas contínuas, linhas vermelhas sobre engobo branco, linhas retas e diagonais contínuas, faixa vermelha, face externa e interna.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 41:** Bloco extraído de afloramento rochoso, no sítio arqueológico Praia da Armação do Sul, com inscrições rupestres (petróglifos), em exposição no Museu do Homem do Sambaqui, município de Florianópolis /SC.

**Fotografia:** Oscar Liberal/IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC



**Figura 42:** Material lítico: Bola-de-boleadeira n.º 989 e boleadeira mamilar ou “rompe-cabeça” n.º 648, utilizadas para a caça e defesa.

**Fotografia:** Oscar Liberal/IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC



**Figura 43:** Crânio de indivíduo adulto masculino pigmentado com ocre. Sítio Praia Grande (Rio Vermelho).

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



0 3



# REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marcela Nogueira de. **Os olhares sobre o patrimônio arqueológico de Itaipu (Niterói/RJ) e sua ressignificação como paisagem cultural**. Tese (Doutorado em Arqueologia) — Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.º 44, pp. 32-51, fev.-dez. 1999-2000.

CALAZANS, Marília Oliveira. **Os sambaquis e a arqueologia no Brasil do século XIX**. 2016, 174 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Processo n.º 111.1738/76, 1976-1984. Microfilme.

CRUZ, Alfredo Bronzato da Costa. **Concha sobre concha: o estudo e a conservação dos sambaquis na correspondência entre Luiz de Castro Faria e Padre João Alfredo Rohr (1960-1971)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; UNIRIO, 2013.

\_\_\_\_\_. O cotidiano e a prática arqueológica do Padre oão Alfredo Rohr em um conjunto de cartas com o antropólogo Luiz Castro Faria. **Revista Mosaico**, Goiânia, v. 5, n.º 2, p. 2-12, 2002.

FARIAS, Deisi S. Eloi de.; KNEIP, Andreas. **Panorama Arqueológico de Santa Catarina**. Palhoça: Unisul, 2010.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIOAL (IPHAN). Processo n.º 01551.000107/2016-50. Brasília/DF, 2016-2019. Coleção Arqueológica Padre João Alfredo Rohr, S.J.

LIMA, Tania Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral Centro-Sul. **Revista USP**, São Paulo, n.º 44, pp. 270-327, dez.- fev., 1999 -2000.

MARQUES, Roberta Porto. **Os mortos e seus acompanhamentos no sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II: um estudo antropológico a partir de coleções museológicas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

OLIVEIRA, Marisis Cunha de. **Relatório do levantamento e estudo da documentação do Museu Antropológico relativo ao período 1969-1982**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás/ Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, 1997-1998. Série Documentos, n.º 1, pp. 1-86.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB, 1992.

SCHMITZ, P. I. Padre João Alfredo Rohr, S.J. São Leopoldo, n.º 40, pp. 6-15, 1985.

SOUZA, Margareth de L. **Relatório IPHAN-DF: Academia Nacional da Polícia Federal: processo n.º 01551.000107/2016-50**. Brasília – DF, 2016. Coleção Padre João Alfredo Rohr.

SOUZA, L. Antônio Cruz; FRONER, Yacy-Ara. Reconhecimento de materiais que compõe acervos. **Tópicos em Conservação Preventiva**. Belo Horizonte: LACICOR; EBA; UFMG, 2008, v. 4.

DMITRUK, Hilda Beatriz. Ocupação pré-colonial do oeste catarinense. **Cadernos do CEOM**, ano 19, n.º 23, pp.99-148.2014. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2102/1192>> Acesso em: 30 maio 2018.

COMERLATO, Fabiana. O legado do padre João Alfredo Rohr S.J.: reflexões sobre sua trajetória na arqueologia brasileira. **Revista de Arqueologia Pública**, n.º 10, pp. 09-24, dez. 2014. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/322904444\\_O\\_legado\\_do\\_pe\\_Joao\\_Alfredo\\_Rohr\\_S\\_J\\_](https://www.researchgate.net/publication/322904444_O_legado_do_pe_Joao_Alfredo_Rohr_S_J_)

reflexoes\_sobre\_sua\_trajetoria\_na\_arqueologia\_brasileira>. Acesso em: 23 abr. 2018.

GARCIA, Jefferson Batista Garcia. Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr, S.J.”: o acervo arqueológico e novos desafios. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 4, nº. 1, pp. 160-171, dez. 2016. Disponível em: <<http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/04Dossie6.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2019.

HERBERTS, Ana Lucia et al. Salvaguarda do acervo arqueológico

do Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr, S.J.” Do Colégio Catarinense, Florianópolis/SC. Disponível em: <<https://scientiaconsultoria.com.br/site2009/pdf/artigos/Artigo-Salvaguarda-Acervo-Museu-do-Homem-do-Sambaqui.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2018.

NETO, Jandira. PRONAPA- Uma história da Arqueologia Brasileira contada por quem a viveu – entrevistado – Prof. Dr. Ondemar Dias em janeiro de 2014. Rio de Janeiro-RJ. Disponível em: <<http://www.arqueologia-iab.com.br/publications/download/28>>





**Figura 44:** Sambaqui Garopaba do Sul, Jaguaruna/SC.

**Fotografia:** Bruna C. Zamparetti **Fonte:** Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia-GRUPEP/Universidade do Sul de Santa Catarina.

# JOÃO ALFREDO ROHR: REGISTRO E FISCALIZAÇÃO DOS PROCESSOS DESTRUTIVOS EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO LITORAL SUL CATARINENSE

**Prof. Dr. Geovan Martins Guimarães**  
Universidade do Sul de Santa Catarina  
geovan@ymail.com

**Doutoranda Bruna Cataneo Zamparetti**  
Universidade do Sul de Santa Catarina  
bruna.cataneo@gmail.com

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias**  
Universidade do Sul de Santa Catarina  
deisiarqueologia@gmail.com

## RESUMO

O Arqueólogo João Alfredo Rohr foi um importante expoente para a arqueologia brasileira e deixou suas marcas no registro e nas ações voltadas à proteção dos sítios arqueológicos, principalmente os sítios sambaquis do litoral sul-catarinense. Os sambaquis foram intensamente minerados até a década 1980, alguns chegaram à destruição quase que por completa, estando registrados apenas nas pesquisas e relatórios de vistorias de Rohr. As intervenções de Rohr permitiram que as pesquisas em sambaquis na contemporaneidade ocorram com aplicação de metodologias e teorias atualizadas permitindo identificar padrões de ocupação, territorialidade, demografia e organização social que no passado não foram definidos. Diante da notoriedade deste personagem da arqueologia brasileira propomos discutir, neste artigo, a contribuição de Rohr para a preservação dos sítios litorâneos do sul — catarinense, apresentando a agência deste pesquisador para a arqueologia brasileira, que ficou registrada em suas publicações e nos documentos oficiais de vistoria aos sítios, compondo também o imaginário dos moradores e todo o estado de Santa Catarina.

**Palavras-chave:** João Alfredo Rohr. Sítios arqueológicos. Sambaquis. Preservação. Santa Catarina.



## INTRODUÇÃO

No estado de Santa Catarina podemos encontrar uma variedade de sítios arqueológicos, e é neste ambiente que se destacam os maiores sítios do tipo sambaqui do Brasil. Muitos destes sítios foram registrados pelo arqueólogo João Alfredo Rohr e foi devido às ações contínuas realizadas com suas visitas, e documentadas por fotografias e documentos oficiais que podemos conhecer um pouco sobre o patrimônio arqueológico e a arqueologia catarinense entre as décadas de 1950 e 1980.

Muitos sítios registrados por Rohr foram intensamente destruídos, — alguns chegaram a desaparecer quase que por completo. Neste artigo iremos discutir a relevância de Rohr para a preservação dos sítios litorâneos do sul-catarinense, apresentando a agência deste pesquisador tão relevante para a arqueologia brasileira, que ficou registrada em suas publicações e nos documentos oficiais de vistoria aos sítios, além de compor o imaginário dos moradores e todo o estado de Santa Catarina.

## AÇÕES DE PRESERVAÇÃO EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CATARINENSES

Durante as décadas que atuou como arqueólogo, João Alfredo Rohr realizou vistorias em todo o estado de Santa Catarina, verificando os sítios arqueológicos e os elementos que os colocavam em risco. Muitos foram os municípios onde Rohr identificou e documentou diversos tipos de sítios arqueológicos.

## O DESMONTE DOS SAMBAQUIS: A CAIEIRA E O USO ECONÔMICO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Os sambaquis sofreram e sofrem várias ações depredatórias. Há relatos desde o período colonial sobre a mineração de conchas de sambaquis, em várias cidades históricas litorâneas onde é possível visualizar o uso do material na construção em aterros e edificações. Esses sítios eram vistos como fonte de recursos para a economia local já em 1549, como relata Padre Anchieta: [...] as ostras são em tão grande quantidade que se acham ilhas dellas cheias e que a call, que dellas se faz, para a construção dos edifícios, é tão boa como a da pedra (ANCHIETA, 1549, apud FARIAS, 2000, p. 85).

Documentos apresentam a intensidade de atividades envolvendo o desmonte dos sítios, principalmente a mineração para produção de cal que, consequentemente, impulsionava a construção civil naquele período:

Carlos Rath, em 1871, nos relata que os primeiros portugueses que vieram para o Brasil, nunca deram importância histórica para os habitantes dessa terra, quiçá para estes sítios arqueológicos. No entanto, os sambaquis possuíam muita importância econômica uma vez que era através de seus desmontes que iniciavam o processo de fabricação da cal e de prédios para moradia (FARIAS, 2000, p. 84).



Em todo o Brasil há relatos de vários sambaquis sendo destruídos indiscriminadamente. Costa (1938, apud FARIAS, 2000) utilizando referências de Frei Gaspar de Madre de Deus relatou a destruição dos sambaquis na costa sudeste do Brasil desde o período colonial (FARIAS, 2000, p. 88):

Destas conchas de mariscos que comeram os índios, se tem feito toda a cal dos edifícios desta capitania desde o tempo da fundação até agora, e tarde se acabarão as ostras de Santos, São Vicente, Conceição, Iguape Cananéia, etc. Na maior parte delas ainda se conservam inteiras as conchas e n'algumas acham-se machados, pedaços de panelas quebradas, e ossos de defuntos...” (Frei Gaspar da Madre de Deus apud FARIAS, 2000, p. 94 )

Deste cenário de intensa destruição dos sambaquis, em especial com os sítios do litoral catarinense – território dos maiores sambaquis brasileiros – Luiz de Castro Faria a pedido do então Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – DPHAN, na década de 1950, ficou incumbido de visitar os sambaquis catarinenses e relatar tal destruição, foi neste contexto que, no momento do desmonte do sambaqui Cabeçuda 01, em Laguna/SC, o pesquisador realizou a primeira escavação sistemática em sambaquis do Brasil, resgatando vários vestígios humanos, estima-se que foram mais de 240 sepultamentos.

Diante desta situação de depredação do patrimônio pré-colonial brasileiro, arqueólogos vinculados a museus e a instituições universitárias iniciaram um movimento, pautados por documentos construídos por Castro Faria, o objetivo era a preservação legal dos sítios arqueológicos, principalmente os sambaquis.

O arrasamento do sambaqui de Matinhos, no Paraná, e do de Boguaçu, em Cananéia”, diz Joseph Emperaire, “constitui uma calamidade irreparável para a Arqueologia Brasileira. De uma riqueza espantosa e a êles poderia juntar-se o nome de muitos outros, teriam êsses sambaquis fornecido material insubstituível de altos estudos. O de Boguaçu e o de Subaúma foram inteiramente moídos, durante anos e anos, para o fabrico de farinha de ostra. O de Matinhos, integralmente empregado no revestimento de uma estrada de rodagem! Dezenas de ossadas humanas foram vistas, já trituradas pelas máquinas, já fragmentadas e espalhadas no leito daquela rodovia. (DUARTE, 1968, apud FARIAS, 2000, p. 49).

Paulo Duarte foi um dos pensadores na proposta de preservação dos sítios arqueológicos e, trabalhou junto ao Governo Federal para a aprovação de Lei n.º 3.924, promulgada em 26 de julho de 1961. A partir da publicação da lei quaisquer ações depredadoras aos monumentos arqueológicos de qualquer espécie passa a ser criminalizada.

São proibidos em todo território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou semambis, e bem assim dos sítios, inscrições e objetos enumerados das alíneas b, c e d do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisados, respeitadas as concessões anteriores e não caducas (BRASIL, 1961, art. 3.º).

Embora a mineração dos sambaquis fosse desenvolvida há muito tempo, foi na segunda metade do Século XX que essa atividade se intensificou, levando ao desaparecimento boa parte dos sambaquis relatados e pesquisados por Rohr. Na década de 1950 várias áreas caracterizadas como rurais se desenvolveram, houve o aumento considerável dos núcleos urbanos, a ampliação de linhas férreas e do sistema rodoviário.

No caminho deste projeto de expansão econômica do país encontravam-se vários sítios arqueológicos, que foram parcial ou totalmente destruídos. Na década de 1960, no auge da mineração no sul de Santa Catarina, muitos dos grandes sambaquis sofreram desmontes. Como os sambaquis eram entendidos como resultados de ações catastróficas (dilúvio bíblico, temporais, tornados, etc.) não havia impeditivo para utilizar e desmontar aquele espaço

— comumente denominado de Casqueiro — para fins econômicos que se desejava no período. É sabido que os mineradores encontravam os vestígios arqueológicos junto às conchas, chegavam a separar e guardar alguns como artefatos em osso, pedra e concha e até partes de material de ósseo humano (FARIAS, 2000; FARIAS; KNEIP, 2010; GUIMARÃES et al., 2016; ZAMPARETTI, 2014).

Devido à monumentalidade, alguns sambaquis se mostravam, aos olhos dos exploradores, como fontes inesgotáveis de material construtivo. Destaque para o sambaqui Carniça I, localizado na região de Campos Verdes em Laguna/SC — no qual temos registro feito pelo Padre Rohr de sua dimensão e desmonte. Leonardos (1938, p. 30 apud FARIAS, 2000, p. 87) destaca a monumentalidade deste sambaqui quando diz que “[...] cuba uns 70.000m<sup>3</sup>, há cinquenta anos se vem extraíndo concha, sem que a colina pareça ter sofrido com isso”. Tal era a magnitude deste sambaqui que era conhecido entre os moradores de Laguna, como Elefante Branco:

Hoje restam poucos blocos testemunhos e a base do sítio. Recentemente Farias e equipe (2018) realizaram a delimitação desse sambaqui, quando foi constatado que o sítio ainda tem alto potencial científico, guardando estratigrafias preservadas e pacotes arqueológicos íntegros, **Figuras 45, 46a e 46b**.



**Figura 45:** Sambaqui da Carniça em processo de mineração.  
**Fonte:** Acervo pessoal do Antonio Carlos Marega de Laguna /SC.



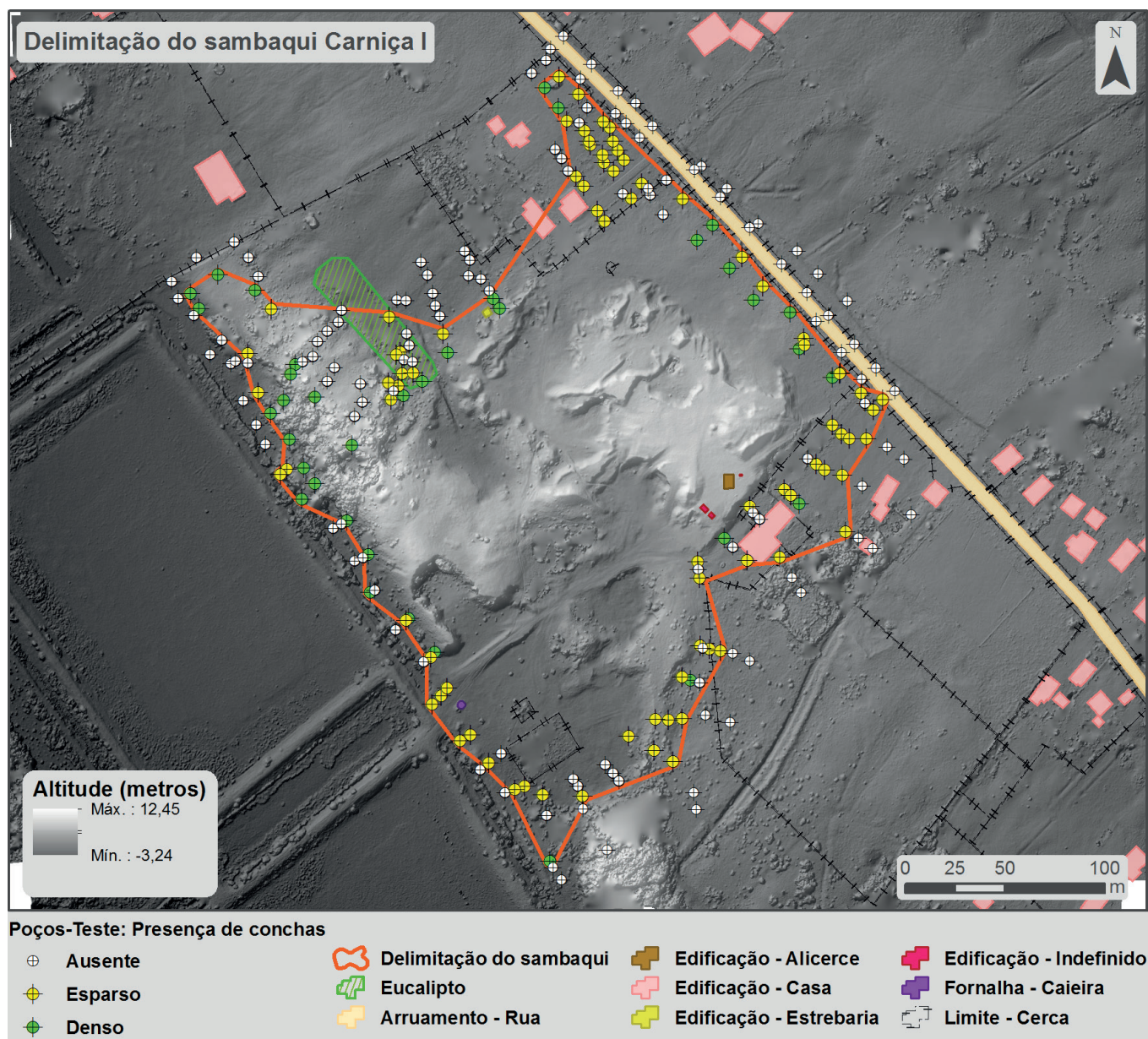


Figura 46[a]: Croqui de delimitação do Sítio Carniçal.

Fotografia: Bruna Cataneo Zamparetti Fonte: Farias, 2018, p. 60.





**Figura 46[b]:** Situação atual (2018) do Sítio Carniçal.  
Fotografia: Bruna Cataneo Zamparetti.”



Outro sambaqui intensamente minerado foi o sambaqui Garopaba do Sul, ainda hoje considerado um dos maiores do Brasil, com 25 m de altura por 1,5 ha de área. Os sambaquis Jaboticabeira II, no Município de Jaguaruna, Perrixil e Cabeçuda I, no Município de Laguna,

também foram bastante minerados e continuamente sofriam algum tipo de intervenção de Rohr, que tentava a todo custo inibir os processos destrutivos desses sítios arqueológicos, que se acentuavam a cada dia, em todo o litoral de Santa Catarina, **figuras 47, 48 e 49.**



**Figura 47:** Conchas do Sambaqui Jaboticabeira II trituradas e ensacadas para comércio, Jaguaruna/SC.

Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 48:** Estrutura de trituração de conchas do Sambaqui Jaboticabeira III, Jaguaruna/SC.

**Fonte:** Acervo MHS/CC

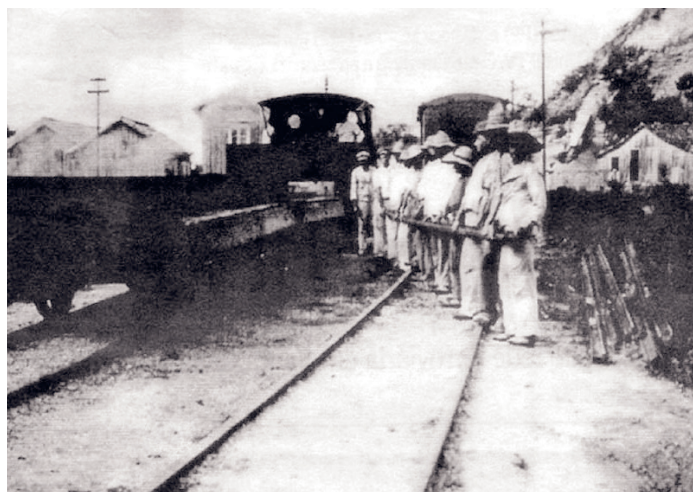


**Figura 49:** Indústria caieira no sambaqui Cabeçuda 01, registrada por Castro Faria na década de 1950.

**Fonte:** Acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro



Além do desmonte promovido pelas caieiras, era comum a remoção de conchas dos sítios para aterro de estradas e ferrovias, servindo também como material de aterro para loteamentos, tais ações eram desenvolvidas pelas empresas da estrada de ferro e por prefeituras locais. De acordo com documento da Prefeitura Municipal de Tubarão,<sup>17</sup> de 1971, que discorre sobre o sambaqui Cabeçuda 01 em Laguna/SC, no que compete aos impactos



**Figura 50:** Início da construção do aterro da segunda ponte férrea, de concreto. É visível o uso do material conchífero como aterro. Esta linha férrea passa pelo canto norte do sítio Cabeçuda 01.

**Fonte:** Acervo do Museu Ferroviário de Tubarão/SC

sofridos pelo sítio, o documento cita a indústria caieira, explorado pela Família Alcântara, localizada na encosta do sambaqui, assim como a construção da linha férrea que passa sobre a base do sambaqui e utilizou suas conchas para compactar os trilhos, e por fim o uso do material conchífero para aterrar e compactar estradas, removido e transportado por maquinários das prefeituras locais, **Figuras 50 e 51** (ZAMPARETTI, 2014, p. 30).



**Figura 51:** Trabalhadores na estação ferroviária de Cabeçuda em 1901, à direita, ao fundo, nota-se o sambaqui Cabeçuda 01 e a estrutura da caieira.

**Fonte:** Acervo do Museu Ferroviário de Tubarão/SC.

<sup>17</sup> TUBARÃO/SC. Arquivo Municipal. Caixa 01 – PMT História/01, Sambaquis.

## A ATUAÇÃO DE ROHR FRENTE AO DESMONTE DOS SAMBAQUIS

Neste cenário de desmonte dos sambaquis no território catarinense um personagem se destaca por fazer frente a estes processos de destruição, registrando e denunciando tais ações. Frequentemente visitando o litoral catarinense, na posição de pesquisador ou de fiscal do DPHAN, João Alfredo Rohr foi ativo na preservação dos sítios arqueológicos, principalmente dos sambaquis, por serem estes os visivelmente mais impactados. Alguns sítios só podem hoje ser observados através das lentes de Rohr, uma vez que foram quase ou totalmente destruídos. Concomitante a esta ação de registro e fiscalização, Rohr era incisivo junto às comunidades circunvizinhas aos sítios para que não buscassem por conta própria objetos no local ou removessem material arqueológico. É comum relatos de moradores mais antigos nestas áreas litorâneas que citam a passagem do “padre arqueólogo” que os alertava para não mexerem nos sítios.

No ano de 1972 Rohr era delegado do DPHAN, para a arqueologia, no estado de Santa Catarina. Realizava várias inspeções e vistorias as quais produzia relatórios semestrais, que em parte objetivavam denunciar as ainda frequentes destruições dos sambaquis litorâneos catarinenses. No relatório correspondente, aos dias 01/07 a 15/09/1972, narra que *“do dia 18 a 21 de julho percorremos a região de Laguna para fins de inspeção de sambaquis em destruição. Foram visitados 16 sambaquis.”* No item 4 deste mesmo relatório, é narrado o desmonte de alguns sambaquis do sul do Estado pelas companhias mineradoras:

[...] de 25 a 29 de julho retornamos ao sul do estado, para inspecionar os sambaquis do município de Tubarão e Jaguaruna. Nesta viagem foram visitados 10 sambaquis:

1. Sambaqui de Congonhas I – Tubarão;
2. Sambaqui de Congonhas II – Tubarão;
3. Sambaqui de Congonhas III – Tubarão;
4. Sambaqui de Porto Vieira – Jaguaruna;
5. Sambaqui de Ilhota – Jaguaruna;
6. Sambaqui da Ponta do Morro;
7. Sambaqui da Ponta da Ilhota;
8. Sambaqui da Jabuticabeira I;
9. Sambaqui da Jabuticabeira II;
10. Sambaqui da Jabuticabeira III.

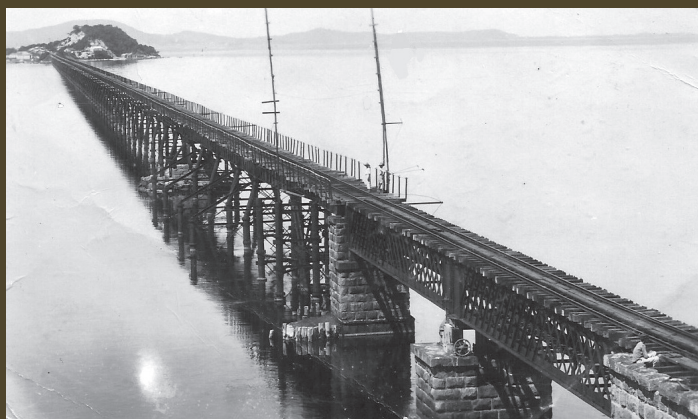
Destes sambaquis, Congonhas II e III e Ilhota da Ponta do Morro, acham-se intactos. Dos outros sambaquis restam ainda partes substanciais, que compensam exploração científica. Encontramos em exploração industrial, os sambaquis de Congonhas I, Porto Vieira, Jabuticabeira I, II e III (Relatório J. A. ROHR, 1972 apud FARIAS, 2000, pp. 99-100).

Apesar de toda campanha junto a prefeitos e com esforços de Rohr para garantir a salvaguarda dos Sambaquis, a mineração dos sambaquis ocorria indiscriminadamente. Em relatório, datado de 22 de janeiro de 1973, ofício n.º 6/1973, estado de Santa Catarina, Secretaria do Governo, Conselho Estadual de Cultura, Protocolo IPHAN, n.º 212 e, 31/01/1973, Rohr destacou os seguintes fatos: as conchas do sambaqui Carniça I apreendidas, foram vendidas pelo Juiz de Direito de

Laguna, o qual não tem seu nome citado; e, em 11 de janeiro de 1973, dez indivíduos destroem o sambaqui da Garopaba, no município de Jaguaruna. Após quatro dias, parte do sambaqui desmorona e mata dois dos exploradores clandestinos, ferindo outros. Desanimado Rohr escreve que: “A única salvação para os sambaquis parece ser a intervenção da Marinha ou do Exército” (FARIAS, 2000, p. 101).

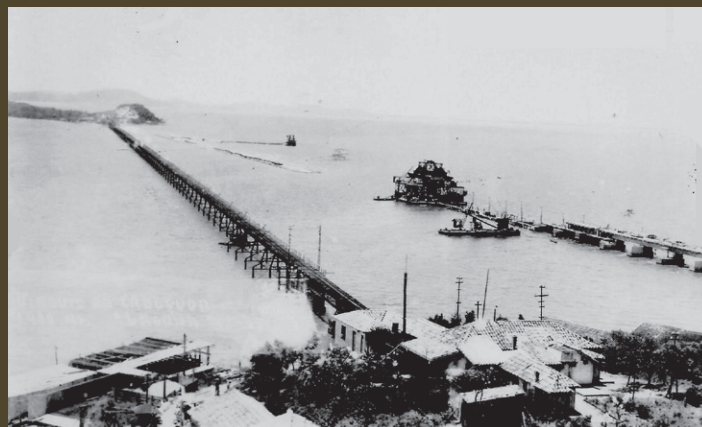
Outro sítio arqueológico no qual houve o registro de desmonte por parte de Rohr, foi o sambaqui

Cabeçuda 01 em Laguna/SC. Este sítio foi intensamente minerado, nele foram construídas três caieiras, duas no lado norte e uma no lado sul, esta última ainda está presente no sítio arqueológico, como o forno e parte da estrutura visíveis. Além das caieiras que retiravam o material arqueológico para produzir cal, esse sítio foi fortemente impactado por obras de infraestrutura, envolvendo a ampliação da rede férrea e viária da região, **Figuras 52 e 53** (ZAMPARETTI, 2014, p. 50).



**Figura 52:** Ponte ferroviária da Laranjeira, vista no sentido sul-norte. Ao fundo o sambaqui Cabeçuda, século XIX.

Fonte: Acervo pessoal do Antônio Carlos Marega de Laguna/SC.



**Figura 53:** Início da construção do aterro da segunda ponte, de concreto. Ao fundo o sambaqui Cabeçuda I, século XX.

Fonte: Acervo do Museu Ferroviário de Tubarão /SC.

Sobre o sambaqui Cabeçuda 01, Rohr (1976, p. 29), adverte que: [...] Até 1928, essa jazida estava, praticamente, intacta, mas a utilização posterior e contínua do seu substrato conchífero, para a fabricação da cal,

sobretudo como material de aterro, ocasionou uma destruição brutal.

Farias (2000) teve acesso a documentação nos arquivos de 11.<sup>a</sup> Regional do IPHAN, em Florianópolis/



SC, com dados de vistoria que Rohr desenvolveu entre 1970 e 1980, assim como em documentos do IPHAN no Rio de Janeiro. De acordo com pesquisa de Farias (2000) em um relatório de 25 de março de 1974, sob o n.º 798 de 08/04/1974, do protocolo do IPHAN, Rohr alerta acerca dos encaminhamentos dados a divisão da polícia federal e à Procuradoria da República, juntamente ao Ministério de Minas e Energia e ao Serviço de Informações desse mesmo Ministério, uma vez que os inquéritos instaurados contra os destruidores de sambaquis eram arquivados por estes órgãos federais. Assim, a forma de agir destes agentes públicos, à revelia da legislação nacional, seria para Rohr, entrave a preservação dos sítios, promovendo a destruição “franca e desenfreada” (FARIAS, 2000).

Em outro relatório (protocolo IPHAN n.º 3277 de 15/04/1974), remetido ao Museu do Homem do Sambaqui, Rohr denunciava a destruição de sambaquis catarinenses realizado pelas prefeituras dos municípios:

Em 03 de outubro, o encarregado de vigiar os sambaquis no litoral sul trouxe-nos a notícia alarmante, que a prefeitura municipal de Laguna, acabara de demolir por completo os sambaqui do Cabo de Santa Marta II, compactando estradas e que, de um mês para cá, a destruição de sambaquis havia recrudescido em toda a região sul do Estado. As placas de proteção, que havíamos colocado sobre alguns sambaquis, haviam sido derrubadas. Procuramos imediatamente a divisão da polícia federal tendo o diretor nos encaminhado ao Procurador da República, Dr. Evaldo Fernandes Campos [...] deixando, no

entanto claro, que não encontra amparo suficiente na lei, para condenar os depredadores de sambaquis. Conclui que só havia dois caminhos a seguir ou TOMBAR os sambaquis como monumentos históricos ou conseguir na área federal REGULAMENTAÇÃO da lei n.º 3924. Disse mais, que discutira o assunto com o juiz federal, tendo o mesmo se manifestado no mesmo sentido. O Dr. Diretor da Divisão de Polícia Federal declarou que não podia passar por cima da autoridade do Dr. Procurador da República e apreender a maquinária e os produtos da depredação dos sambaquis. Com isso chegamos a VERDADEIRO IMPASSE (RELATÓRIO J. A. ROHR, 1974).

Apesar da constante vistoria e avisos de Rohr, em relatório de 1976 ainda era corrente a mineração e desmonte dos sítios, sendo verificada a destruição clandestina dos sambaquis Carniça II/ Laguna; Siqueiro, Imaruú; Jabuticabeira II e III e Porto Vieira em Jaguaruna. No sambaqui Jabuticabeira II Rohr relatou ter encontrado três peneiras manuais, carrinhos de mão, pás e montes de conchas peneiradas, demonstrando a continuidade da exploração e lavra clandestina, **Figura 54** (FARIAS, 2000). No primeiro semestre de 1977, em mais uma vistoria, novamente Rohr relata a destruição destes sítios:

[...] Nos dias 15 e 16 de março (1977), fizemos vistorias no litoral sul-catarinense. Foram encontrados em exploração industrial e lavra clandestina os sambaquis da Carniça, em Laguna, o sambaqui do Siqueiro, em Imaruú; os sambaquis da Jabuticabeira II e III, em Jaguaruna.” (Relatório J. A. ROHR, 1977 apud FARIAS, 2000, p. 156).

Nos anos subsequentes continuaram as denúncias de mineração nestes sítios por parte de Rohr, algumas sendo reencaminhadas ao Procurador da República no período. Além da ação constante de visita e denúncia, Rohr participava judicialmente dos desdobramentos destas ações, buscando sempre apontar os responsáveis pelos desmontes:

No dia 17 de outubro fomos convocados ao fórum da justiça federal a fim de prestar depoimentos no processo criminal, que está sendo movido contra depredadores de sambaquis no município sul-catarinense de Jaguaruna (Relatório J. A. ROHR, 31/12/1979 apud FARIAS, 2000, p. 164).



**Figura 54:** Processo de mineração do sambaqui da Carniça em Campos Verdes, Laguna/SC.

**Fonte:** Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia-GRUPEP/ Universidade do Sul de Santa Catarina.

Nota-se em seus relatórios que mesmo diante das denúncias e processos nada era feito de efetivo para que a exploração econômica dos sítios findasse. Há registro de mineração dos sítios sambaquis até início da década de 1980 e foi através destes registros de fiscalização e denúncia, assim como do trabalho científico no registro e resgate de sítios arqueológicos, que foi observada a importância que as ações de João Alfredo Rohr tiveram para a preservação e salvaguarda dos sítios litorâneos catarinenses.

As vistorias de Rohr, além de denunciar e buscar punir legalmente os agentes responsáveis por essas ações, produziram um acervo documental e iconográfico que hoje auxiliam a arqueologia a compreender o processo de desmonte dos sambaquis litorâneos catarinenses, bem como um acervo arqueológico, do material recolhido durante as vistorias, que se encontram em museus e reservas técnicas do IPHAN em Santa Catarina (ROHR, 1969).

## CONCLUSÃO

As atividades de preservação e valorização do patrimônio arqueológico desenvolvidas por João Alfredo Rohr possibilitaram a preservação de muitos sítios arqueológicos: sambaquis, ceramistas Guarani e Jê, inscrições rupestres, oficinas líticas, abrigos e toda tipologia de sítio presentes no estado de Santa Catarina.

Os sítios que sofreram intervenção de Rohr, ainda que tenham sido muito destruídos, hoje guardam um potencial científico fantástico, como é o caso do sambaqui da Cabeçuda I, que ainda que pese o fato de ter sido

bastante destruído, pelas duas obras de implantação da ferrovia e da rodovia apresentou-se com forte potencial arqueológico. Esse sítio foi escavado por Farias e Deblasis (2014), em local na periferia do sambaqui, aparentemente estéril por ter sido cortado pela ferrovia e pela rodovia BR 101. No entanto, os pesquisadores se depararam com uma área funerária completa, de onde foram retirados 23 sepultamentos e identificados outros tantos, que não foram retirados. Essa pesquisa confirmou o caráter cerimonial do sítio, que foi construído para abrigar um grande cemitério pré-colonial. Ali foram evidenciadas muitas estruturas de combustão associadas direta ou indiretamente aos sepultamentos, bem como vestígios arqueofaunísticos que indicam a organização de festins funerários durante e após a cerimônia de enterramento dos mortos. A fauna identificada foi tipicamente de sambaquis, apresentando diversidade de peixes e mamíferos marinhos que compunham a dieta do grupo. Quase todos os indivíduos escavados estavam estendidos, apenas um indivíduo, do sexo feminino estava em decúbito ventral. Isso demonstra um diferencial no padrão de sepultamento evidenciado por Castro Faria na década de 1950, que escavou diversos esqueletos fletidos. Essa mudança de padrão pode estar relacionada a grande diferença cronológica e a alta longevidade ocupacional desse sambaqui, que apresenta datas que variam de 4000 a 3000 AP, verificadas em áreas distintas.

As intervenções de Rohr permitiram que hoje as pesquisas em sambaquis ocorram com aplicação de metodologias e teorias atualizadas permitindo identificar padrões de ocupação, territorialidade,

demografia e organização social que no passado não foram definidos. A pesquisa arqueológica conduzida em campo e laboratório produzem dados importantes para a construção da memória nacional, que refletem na memória social e na sua articulação com as representações sociais, bem como com o papel das comunidades como mediadoras na construção dos sentidos das manifestações da cultura material produzida pelos povos pré-coloniais. Demonstra como são produzidos, transmitidos e usados os saberes da tradição e da cultura local na preservação e valorização dos sítios arqueológicos. Para isso, são envolvidos diferentes agentes sociais, com suas redes de sociabilidade responsáveis pela construção da trama de informações geradas sobre os sítios ao longo dos anos e da partilha das significações que transitam no espaço onde estão os sítios arqueológicos.

Percebeu-se com as ações realizadas por Rohr que os sítios arqueológicos foram ressignificados ao longo dos anos, no entanto em todas elas se destacava a importância econômica, como atributo fundamental para a sobrevivência da comunidade que habitava o entorno dos sambaquis. Com isso, foi possível entender a memória como uma construção social produzida pelos homens, nas suas relações, valores e experiências de vida. Ela se modifica à medida que as mudanças ocorrem no tempo e no espaço, fazendo com que as trajetórias sociais sejam alteradas. Assim, pode-se dizer que a memória construída ao longo dos anos, na região onde Rohr atuou, no litoral sul de Santa Catarina, não é apenas um registro linear dos

sítios e seus artefatos, mas a produção de dados que possibilitaram o entendimento das construções sociais passadas, com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída.

Por fim, compete a nós manter o legado deixado por Rohr. Isso pode se dar por meio de ações educativas

e científicas e para orquestrar esse movimento, devemos nos integrar, pesquisadores, educadores, sociedade e órgãos fiscalizadores, escrevendo nas páginas da História e da Memória Nacional, sobre a vida das populações ancestrais sambaquieiras, primeiras sociedades a ocuparem o litoral catarinense.



# REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 3.924 de 26 de julho de 1961. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei\\_3924\\_de\\_26\\_de\\_julho\\_de\\_1961.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_3924_de_26_de_julho_de_1961.pdf)>.

DUARTE, P. Os sambaquis vistos através de alguns sambaquis. Pré-história Brasileira. Instituto de Pré-História da USP. SP. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PELO PROGRESSO DA CIÊNCIA, 19, São Paulo, 1968. **Anais...**, pp. 44-142.

FARIAS, D. S. E. **Arqueologia e Educação: uma proposta de preservação para os sambaquis do Sul de Santa Catarina** (Jaguaruna, Laguna e Tubarão). Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Delimitação Arqueológica do sambaqui Carniça I, Município de Laguna /SC. Relatório Final.** Tubarão/SC, 2018.

\_\_\_\_\_.; DEBLASIS, P. A. D. **Programa de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Duplicação da Br-101, Trecho Ponte de Cabeçuda Laguna /SC. Relatório Final.** Tubarão/SC, 2014.

\_\_\_\_\_.; KNEIP, A. **Panorama Arqueológico de Santa Catarina.** Palhoça: Unisul, 2010.

GUIMARÃES, G. M. et al. Turismo arqueológico, educação e os sambaquis do Complexo Lagunar Sul de Santa Catarina: proposta de um circuito para visitação. **Revista Memore**, Florianópolis/SC, v. 3, n.º 3, pp. 276-298, 2016.

ROHR, J. A. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. **Pesquisas**, n.º 22, pp. 1-37, 1969.

\_\_\_\_\_. O sítio arqueológico de Arma o do Sul Ilha de Santa Catarina. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 26., São Paulo. Resumos Ciência e Cultura, São Paulo, v. 7, supl., p. 618. 1974.

\_\_\_\_\_. **O sítio arqueológico Pântano do Sul SC-F-10.** Florianópolis: Imprensa Oficial, 1977. 114 p.

\_\_\_\_\_. Pré-História da Laguna. In: CABRAL, Osvaldo Rodrigues. **Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos.** Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1976.

\_\_\_\_\_. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia.** Florianópolis: UFSC, 1984. n.º 17.

ZAMPARETTI, B. C. **Sambaqui Cabeçuda 01: um território resiliente.** Disserta o (Mestrado em Ciências da Linguagem). Programa de Pós-gradua o em Ciências da Linguagem. Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão/SC, 2014.



**Figura 55:** Petroglifo Ilha dos Corais, identificado em 1966 por João Alfredo Rohr. Florianópolis/SC.

Fonte: João Alfredo Rohr, 1969. Imagem vetorizada por Sofia Paiva

# SAMBAQUIS DO LITORAL CATARINENSE E AS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS DE JOÃO ALFREDO ROHR

Prof.<sup>a</sup> Dra Deisi Scunderlick Eloy de Farias  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**  
deisiarqueologia@gmail.com

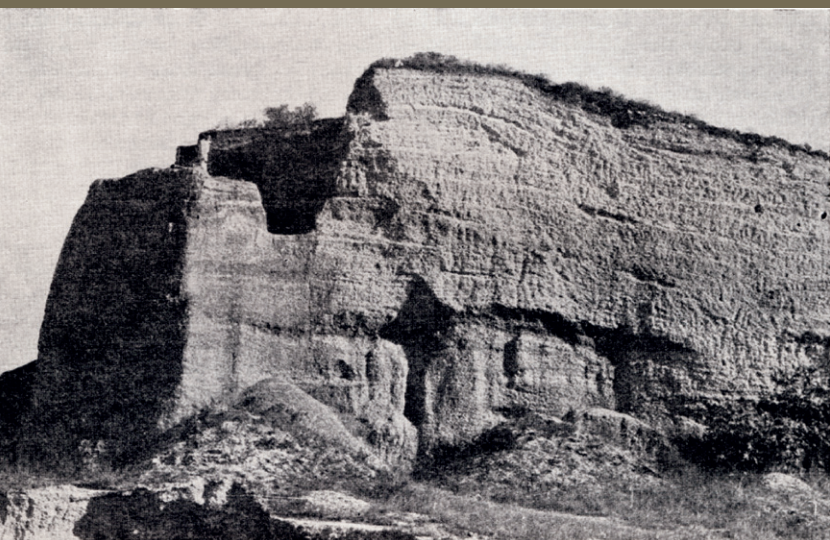
Prof. Dr. Andreas Kneip  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**  
andreas@mail.uft.edu.br

## RESUMO

O artigo destaca os sítios arqueológicos do tipo sambaqui, distribuídos na paisagem do litoral catarinense que foram alvo da atuação de João Alfredo Rohr, que em virtude de suas ações contínuas tornou-se o mais importante nome da Arqueologia catarinense. São apresentados os sambaquis identificados enquanto esteve à frente do antigo DPHAN (Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), e sua luta contra a depredação do patrimônio arqueológico do Estado de Santa Catarina. Com isso, se compreende o quanto foi importante a contribuição de João Alfredo Rohr para a Arqueologia catarinense. As pesquisas realizadas por ele geraram um lastro de conhecimento que pode ser aprofundado, possibilitando uma outra versão para as histórias sobre os sambaquis, até então contadas.

**Palavras-chave:** João Alfredo Rohr. Sítios arqueológicos. Sambaquis. Preservação. Santa Catarina.

## INTRODUÇÃO



**Figura 56:** Sambaqui da Carniça, em 1950/1951.  
Fonte: Luiz de Castro Faria, 1959 (CNPq)

Os sambaquis são sítios arqueológicos monticulares construídos ao longo de vários séculos, derivando daí seu tamanho monumental, que é sua característica mais marcante. “É uma palavra de etimologia tupi, língua falada pelos ceramistas que ocupavam parte significativa da costa brasileira [...]. Tamba significa conchas e Ki amontoado, que são as características mais marcantes desse tipo de sítio” (GASPAR, 2000, p. 09). Os sambaquis destacam-se como os sítios arqueológicos mais antigos da costa litorânea brasileira e as pesquisas demonstram que foi um sistema social construído ao longo de muitos séculos, com uma estreita relação com a cultura e o ambiente, como pode ser depreendido a partir dos vestígios deixados por essa população (DEBLASIS; GASPAR, 2009).

Os sambaquis estão distribuídos por toda a costa brasileira, ocupando regiões lagunares e áreas recortadas de baías e ilhas. Estes sítios, também chamados de concheiros, variam bastante de tamanho e, especialmente no litoral sul e norte catarinense, podem atingir dimensões impressionantes, alcançando uma altura de mais de vinte metros (por exemplo, o sambaqui Garopaba do Sul, que antes de ser parcialmente destruído possuía trinta metros de altura) e cerca de quinhentos metros de comprimento. Rohr (1984), por exemplo, descreve um sambaqui de setenta metros de altura (Sambaqui da Carniça), que foi intensamente explorado para fabricação de cal, e hoje não tem mais que cinco metros de altura, (**Figura 56**). Em geral, os sambaquis exibem uma sucessão estratigráfica de composição diferenciada: camadas de conchas mais ou menos espessas intercaladas por numerosos estratos finos

e escuros, ricos em materiais orgânicos, com muitas estruturas distribuídas em áreas específicas. As mais significativas são sepultamentos, reportados na maior parte dos sambaquis que foram descritos, em geral dispostos cerimonialmente em locais especificamente preparados para isso, frequentemente acompanhados de artefatos ósseos, conchíferos, líticos polidos, oferendas alimentares e fogueiras. Alguns sambaquis não apresentam conchas na sua matriz, substituídas por terra preta, embora ainda mantenham o formato monticular e apresentem enterramentos.

Os vestígios das ocupações nos sambaquis revelam que o sambaquieiro estabelecia estreita relação com os mortos, uma vez que “os sepultamentos, em sua maioria, seguem um determinado padrão, e há especificidades para certos indivíduos que não se restringem as diferenças de sexo e idade.”(GASPAR, 2000, p. 23).

Os espessos pacotes conchíferos aparecem ou na qualidade de materiais construtivos, para dar estabilidade e volume ao monumento (DILLEHAY, 1995; FISH et al., 2000, GASPAR et al. 2008; GASPAR, 2000), ou na qualidade de vestígios relacionados às atividades celebratórias associadas ao próprio ritual funerário (DIETLER; HAYDEN, 2001; KLÖKLER, 2008); ou a ambos, de maneira associada. (DEBLASIS; GASPAR, 2009, p. 103).

As características mais marcantes de um sambaqui são a sua forma monticular e o fato de serem constituídos por conchas, berbigões, ostras e moluscos. Esses restos faunísticos são abundantes, o que demonstra a intimidade entre os sambaquieiros e o habitat lagunar,

pois a existência de vestígios de fauna, principalmente de lagoas, revela que:

Os sambaquieiros foram o grupo que deixou a maior quantidade e diversidade de testemunhos de sua permanência no território brasileiro. [...] Os materiais estão bem preservados porque, diferente de alguns grupos que estavam sempre mudando de um lugar para outro ou limpando sistematicamente o local de moradias, os sambaquieiros habitavam durante muito tempo o mesmo local e tinham o hábito de acumular os restos faunísticos. (TENÓRIO, 1999, p. 160).

Em relação aos objetos encontram-se artefatos utilizados para captura de pescado, instrumentos feitos com pontas ósseas, presos em hastes de madeira, como um arpão. “As populações do litoral utilizavam todos os tipos de matérias-primas oferecidas pelo ambiente em que habitavam, como rochas (basalto, quartzo), conchas, faunas e dentes de animais, além de outros materiais orgânicos que não são facilmente preservados ” (FARIAS, 2000, p. 04).



**Figura 57:** Objeto lítico, com perfuração, n.º 5635, atribuído a cultura sambaquieira. Coleção Berenhauser /SC.

**Fotografia:** Oscar Liberal/IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC



Também eram utilizadas, espinhas de peixes, esporão de raia, restos faunísticos de aves e de mamíferos, como macacos, porcos-do-mato. Outros materiais também eram utilizados na produção de artefatos, empregados na obtenção de alimentos:

Pequenos blocos e lascas de quartzo eram preparados através de percussão direta e bipolar, garantindo fios cortantes para inúmeras tarefas. [...] O arsenal tecnológico contava também com objetos para triturar e moer alimentos. Pesados almofarizes feitos em pedra estavam relacionados com o processamento de vegetais. Um artefato sugestivamente denominado quebra-coquinho, entre outras funções, facilitava o consumo de diferentes tipos de nozes (GASPAR, 2000, p. 49).

Os sambaqueiros produziram artefatos como colares e adornos. Para tanto, eram utilizadas conchas, dentes de animais, como tubarão, porcos-do-mato e jacaré, como pingentes, o que pode ter um significado importante na vida dos sambaqueiros, pois são animais agressivos, apresentando dificuldades para sua caça ou pesca.

A arte sambaqueira é contemplada ainda em forma de escultura “A habilidade dos sambaqueiros ficou registrada nas esculturas de pedra polida, principalmente em representação da fauna, conhecidas como zoólitos (zoo = animal, lito = pedra). São objetos que impressionam pela beleza e pelo equilíbrio de formas” (GASPAR, 2000, p. 52).

Nos sambaquis foram encontrados vários zoólitos, **Figura 58**, representando figuras de peixes, aves,

tatus e outros animais feitos. Ainda sobre os intrigantes zoólitos, Prous nos diz que “não duvidamos de que os zoólitos desempenharam um papel importante na cultura sambaquiana meridional, pois nossas experimentações mostram que, das peças do instrumental conservado, foram elas as que requereram maior tempo de trabalho” (PROUS, 1992, p. 234).

Esses sítios distribuídos na paisagem do litoral catarinense foram alvo da atuação de João Alfredo Rohr, que em virtude de suas ações contínuas tornou-se o mais importante nome da Arqueologia catarinense. Além de pesquisar efetivamente diversos sambaquis ao longo do litoral catarinense, Padre Rohr, catalogava, cadastrava e defendia os sambaquis, inibindo a sua destruição por meio de denúncias e embargo de atividades ilegais que eram realizadas por empresas que fabricavam cal, prefeituras que desmontavam os sítios para pavimentar estradas, entre outras.



**Figura 58:** Zoólitos resgatados em sambaqui.

**Fotografia:** Oscar Liberal/IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC

## OS SAMBAQUIS PESQUISADOS

Rohr (1969, 1984) mapeou e cadastrou muitos dos sambaquis que ainda hoje são investigados no litoral catarinense (DEBLASIS et al. 2007, GASPAR, 2000, KNEIP, 2004; FARIAS, 2000; FARIAS; DEBLASIS, 2008; BANDEIRA et al., 2018; BANDEIRA; FOSSILE, 2014, entre outros). Vamos apresentar os sambaquis identificados por Rohr (1984), destacando as pesquisas recentes realizadas em alguns deles, no litoral sul-catarinense.

João Alfredo Rohr, enquanto esteve à frente do antigo DPHAN (Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em Santa Catarina, viajou por todo o estado fazendo vistorias, inibindo depredação e realizando escavações sistemáticas e emergenciais. No **gráfico 1**, apresentamos os municípios onde se encontram os sítios do tipo sambaqui identificados por Rohr.

No município de Jaguaruna foram mapeados e identificados 54 sítios arqueológicos, sendo que desses 31 eram sambaquis. Já em Tubarão, foram identificados 5 sambaquis (dois, atualmente, estão no município de Capivari de Baixo). No município de Imaruí foram mapeados 13 sambaquis e em Imbituba dos 14 sítios mapeados, 12 eram sambaquis. Em Laguna o arqueólogo mapeou 21 sambaquis e em Garopaba, apenas um. No município de Palhoça foram identificados 8 sítios arqueológicos, sendo que desses, um era sambaqui. Em Florianópolis

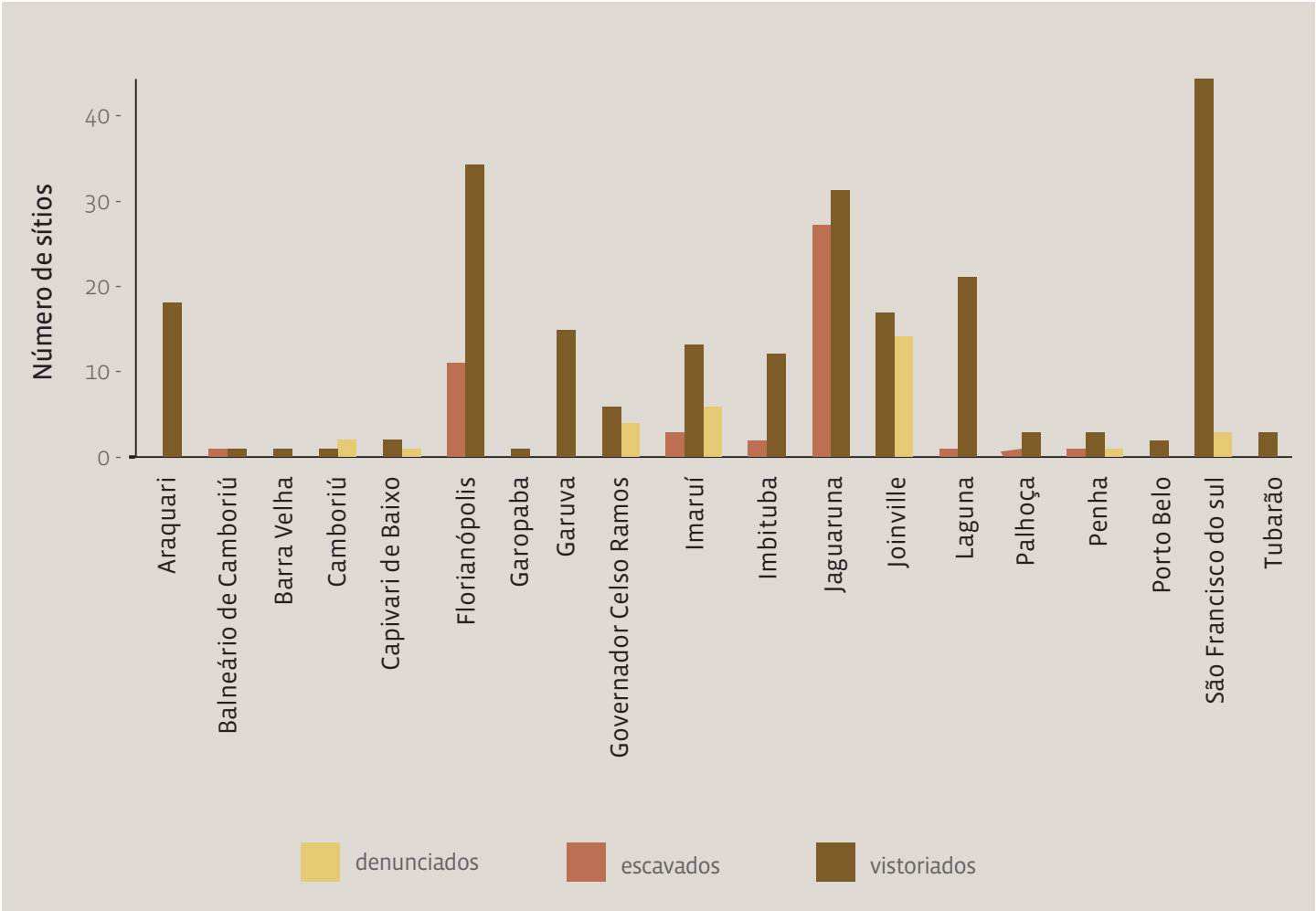
foram mapeados 34 sambaquis; em Governador Celso Ramos, 6; no município de Porto Belo dois sambaquis foram identificados. Em Barra Velha, Balneário Camboriú e Camboriú apenas um sítio foi mapeado em cada município, e no município de Penha três sambaquis foram identificados. No município de Araquari 18 sítios foram encontrados; em São Francisco do Sul 44 sambaquis foram identificados, em Garuva, 15 e em Joinville, 17.

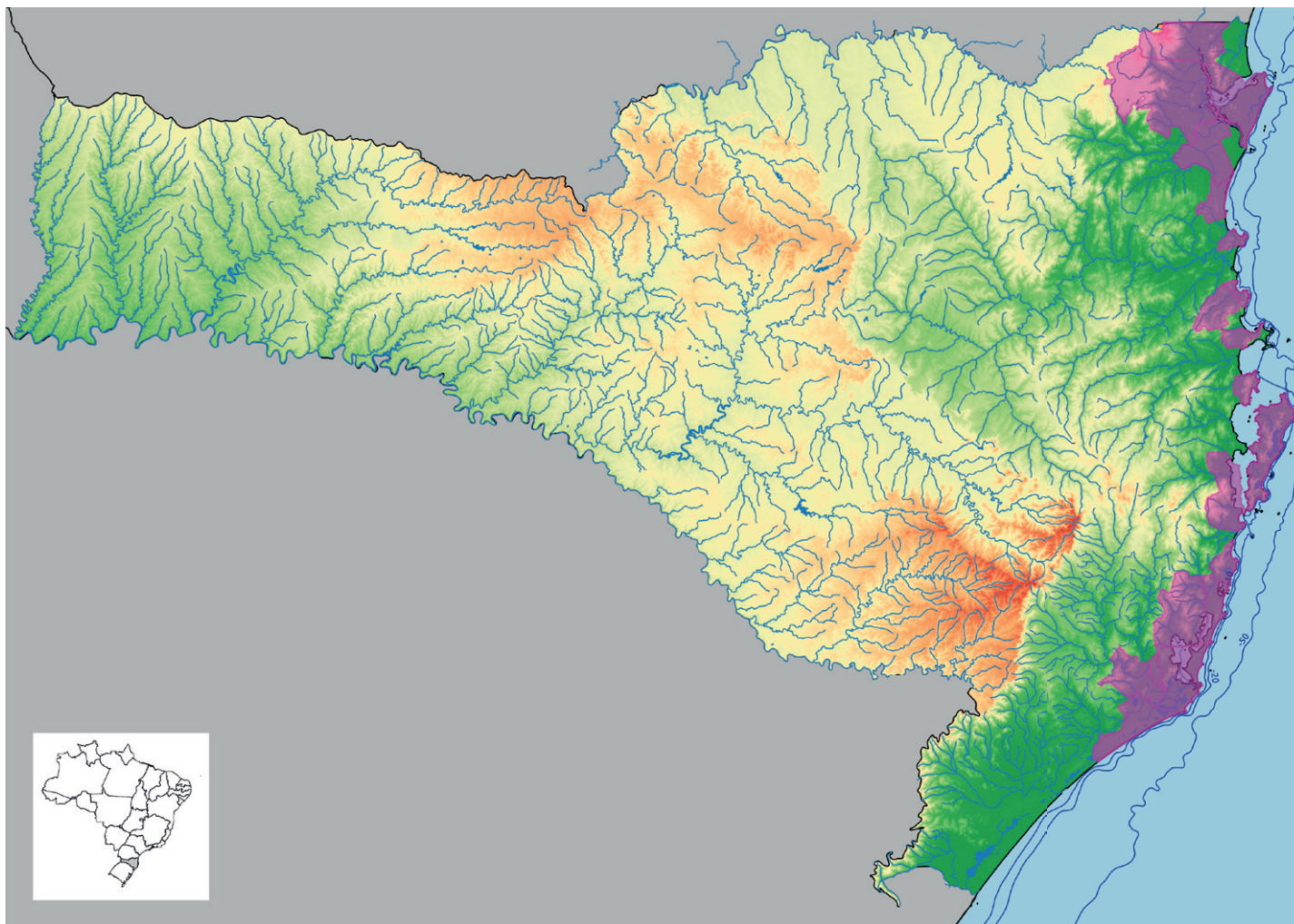
Observa-se que o município onde Rohr mais atuou foi São Francisco do Sul, seguido de Florianópolis e Jaguaruna. Isso se deve ao fato dessas regiões estarem sofrendo forte avanço da indústria caieira e das prefeituras estarem desmontando os sítios de forma indiscriminada para a pavimentação das estradas.

No **Apêndice** apresentamos os sítios escavados por Rohr e os resultados das pesquisas.

Os dados compilados demonstram que o litoral sul-catarinense, assim como o norte, também foi intensamente explorado por mineradoras. A atuação de João A. Rohr foi fundamental para a preservação da maioria dos sambaquis que ainda existem na região. Ao fazer vistorias constantes, denunciava qualquer tipo de vandalismo e depredação ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Além disso, foi o responsável pelo cadastro de centenas de sambaquis ao longo da costa catarinense (ROHR, 1984).

**Gráfico 1:** Sambaquis mapeados por João Alfredo Rohr, no litoral catarinense.  
**Fonte:** os próprios autores





**Mapa 1:** Municípios do litoral pesquisados pelo Padre Rohr.

**Fonte:** FARIAS E KNEIP

## ROHR (1969) CLASSIFICOU OS SAMBAQUIS EM CINCO CATEGORIAS:

**1.** A primeira define os tipos de sambaquis que estão ao longo da praia, com mais de dez metros de altura e cem de comprimento, que são compostos basicamente de berbigão (*Anomalocardia sp.*), apresentando indústria lítica de hematita, de superfície polida e brilhante. São os sambaquis monumentais estudados posteriormente por DeBlasis et al. (1998, 2004, 2007) e em Kneip et al. (2018).

**2.** A segunda categoria define os sambaquis distantes do mar, de dez a quinze quilômetros da praia, que margeiam a planície holocênica, ou se estabelecem como ilhotas dentro dela. São compostos quase que na totalidade por ostras (*ostrea sp.*) e possuem altura de seis a dez metros, sendo relativamente extensos. Sobre esses sítios foi encontrada, em alguns casos, — cerâmica guarani, indicando uma reocupação relativamente recente. São os sambaquis mais antigos, pesquisados por Kneip (2004), Farias; DeBlasis (2008). O sambaqui da Ponta do Morro Azul, localizado no município de Jaguaruna, forneceu uma data de aproximadamente 5.000 anos Antes de Presente. Com base neste e em outros resultados para sítios no interior da planície foi proposto que a paleo lagoa determinava a região central da ocupação sambaqueira, e não o litoral, como se acreditava antes (KNEIP, 2004).

**3.** A terceira categoria são os grandes sambaquis de berbigão, localizados ao norte do Arroio Corrente, que se estendem além do Farol de Santa Marta. Esses sítios foram posteriormente pesquisados por DeBlasis et al., 2007. Ainda nessa categoria (ROHR, 1969) agregou dois sambaquis localizados ao sul, compostos principalmente de mariscos (*Mytilus sp.*), com cerâmica Jê. Esses sítios foram investigados por Kneip (2004) e DeBlasis et al. (1998, 2004).

**4.** Na quarta categoria encontramos sambaquis grandes, próximos da praia, sem cobertura, compostos por berbigão (*anomalocardia sp.*) e sambaquis menores, também próximos do mar, recobertos por dunas e ocupando áreas pequenas, compostos por mariscos (*donax sp.*), com material lítico diferenciado do que foi encontrado nos outros sambaquis. Esses sítios foram pesquisados posteriormente por Assunção (2010) e Oliveira (2010), no âmbito do projeto sambaquis e Paisagem (DEBLASIS et al., 2004).

**5.** A quinta e última categoria, refere-se aos sambaquis semi-enterrados e semi-submersos que estão distantes quatro quilômetros da praia. Possuem pacotes estratigráficos pequenos, que não chegam a cem centímetros, e caracterizam-se por apresentarem diversidade na fauna malacológica que os compõe, com espécies de mariscos (*mytilus sp.*), berbigões (*anomalocardia sp.*), ostras (*ostrea sp.*), moçambique (*donax sp.*), gastrópodes terrestres (*strophocheilus sp.*), entre outros. Esses sítios apresentam vestígios faunísticos de mamíferos aquáticos como baleias e sepultamentos. Esses tipos de sambaquis foram estudados por Peixoto (2008), no âmbito do projeto sambaquis e Paisagem (DEBLASIS et al., 2004).

Todos os sítios do Litoral catarinense foram sistematizados por Farias; Kneip, (2010), que apresentaram um panorama arqueológico de todos os sítios arqueológicos identificados no estado de Santa Catarina, com destaque para os sambaquis pesquisados no litoral.

Com isso, se compreende o quanto foi importante a contribuição de João Alfredo Rohr para a Arqueologia catarinense. As pesquisas realizadas por ele, geraram um lastro de conhecimento que pode ser aprofundado, possibilitando uma outra versão para as histórias sobre os sambaquis, até então contadas.



## CONCLUSÃO

Os sambaquis registrados na década de 1960, obviamente estavam menos mutilados do que os atuais. Rohr catalogou sítios de até setenta metros de altura e com área de trezentos a quatrocentos metros de comprimento e largura, como por exemplo, o Ponta da Garopaba do Sul, em Jaguaruna, e o Carniça, em Laguna.

Queremos destacar que o empenho do pesquisador em denunciar, vistoriar, coletar materiais, escavar sistematicamente os sítios, atuando nas várias frentes, possibilitou aos pesquisadores que vieram depois dele, desenvolver e aprofundar as pesquisas em sambaquis. Com as pesquisas atuais, desenvolvidas em sambaquis no litoral sul-catarinense, tendo como enfoque os sítios mapeados e sistematizados por Rohr desde 1961 até 1984, destacamos o *Projeto Sambaquis e Paisagem*.

Esse projeto de longa duração iniciou-se em 1998 e finalizou em 2015. O sítio Jaboticabeira II, no município de Jaguaruna, às margens da lagoa da Garopaba do Sul, foi escavado sistematicamente tendo sido obtidas 45 datações, que mostram uma ocupação contínua do sítio, desde 3500 anos Antes do Presente (AP) até 2000 anos AP. No âmbito do projeto, foi escavado e estudado também o sítio Galheta IV (FARIAS; DEBLASIS, 2006), no município de Laguna. Este sítio mostra uma notável combinação de características sambaquieiras e Jê, e pelas suas datas,

correspondendo ao final da cultura sambaquieira na região e as primeiras ocorrências de sítios Jê, sugere uma interação entre estas culturas (DEBLASIS et al., 2014; KNEIP, 2011). Além dessas escavações sistemáticas, foram realizadas outras atividades, tais como recadastramento dos sítios mapeados por Rohr, realizado por Kneip (2004) e Assunção (2010), que incluíram visitas de campo, prospecções e intervenções arqueológicas, cadastro dos sítios conhecidos na área com a localização, estrutura estratigráfica, composição e estado de conservação. Muitos dos sítios revisitados foram datados e georeferenciados, o que possibilitou a análise regional em uma perspectiva da distribuição espacial e cronológica dos sítios (KNEIP; DE BLASIS; FARIAS, 2018).

DeBlasis et al. 2007, apresentam os resultados do modelo de ocupação regional produzido pelos sambaquieiros no litoral sul de Santa Catarina. Demonstram por meio de uma abordagem interdisciplinar a dinâmica geoambiental da região, como a paisagem se construiu e quais os processos naturais e culturais que possibilitaram esse movimento. Inferiu-se que ainda que a paisagem estivesse em constante mudança, as características ambientais locais não interfeririam na continuidade do processo cultural organizado pelos sambaquianos, ao longo de pelo menos quatro mil anos. Todo este trabalho não teria sido possível, ou seria muito difícil de ser executado, se não houvessem sido identificados e descritos os sítios pelo Padre Rohr.

# REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, D. C. **Sambaquis da paleolaguna de Santa Marta:** em busca do contexto regional no litoral sul de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), 2010.

BANDEIRA, Dione da Rocha et al. Resultados preliminares da pesquisa no sambaqui sob rocha. **Antropologia**, v. 13, pp. 207-225, 2018. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.

\_\_\_\_\_.; FOSSILE, T. Alimentação. Adaptação e Origem no sambaqui Enseada I, São Francisco do Sul /SC: patrimônio arqueológico pré-colonial de Santa Catarina. In: ZOCHE, Jairo Jose et al. (Orgs.). **Arqueofauna e Paisagem**. Erechim: Habilis, 2014. v. 1, pp. 137-154.

DEBLASIS, P. D. et al. sambaquis e Paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral sul do Brasil. **Arqueologia Sul-Americana**, 3,1, jan. 2007.

\_\_\_\_\_. et al. **Processos formativos nos sambaquis do Camacho** – SC: padrões funerários e atividades cotidianas. Relatório final à FAPESP. Processo: 03/02059-0, 2004.

\_\_\_\_\_. K, Fish S., D, Gaspar M., R, Fish P. Some references for the discussion of complexity among the sambaqui moundbuilders from the southern shores of Brazil. **Revista de Arqueologia Americana**, n.º 15, pp. 75-105, 1998.

\_\_\_\_\_.; GASPAR, M. D. Os sambaquis do sul-catarinense: retrospectiva e perspectivas de dez anos de pesquisas. **Especiaria: cadernos de ciências humanas**. v. 11, n.º 20, pp. 83-126, jul.- dez., 2008.

\_\_\_\_\_.; KNEIP, A.; FARIAS, D. S. E. Old Traditions and New Kids on the Block: Enduring Patterns of Funerary Architecture in the Southern Brazilian Shores. In: ANNUAL MEETING SOCIETY FOR AMERICAN ARCHAEOLOGY, 79., 2014, Dallas. **Abstracts...** Washington: Society for American Archaeology, 2014. v. 1. pp. 176-176.

FARIAS, D. S. E. **Arqueologia e Educação:** uma proposta de preservação para os sambaquis do sul de Santa Catarina (Jaguaruna, Laguna e Tubarão). Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

\_\_\_\_\_.; DEBLASIS, P. **Relatório Parcial do salvamento arqueológico na estrada do Camacho**. Jaguaruna /SC: UNISUL, 2008.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. Notas prévias sobre a escavação do sítio Galheta IV. In: V Encontro SAB SUL, 5, **Anais...** Sociedade de Arqueologia Brasileira. 2006.

\_\_\_\_\_. KNEIP, A. **Panorama Arqueológico de Santa Catarina**. Florianópolis. UNISUL, 2010.

FOSSILE, T.; BANDEIRA, D. R. Estudos de Diagnósticos Arqueológicos Realizados na Baía da Babitonga – Contribuição para o Mapeamento dos Sítios Arqueológicos no Projeto Atlas. In: **Revista Tecnologia e Ambiente**, Criciúma –SC, v. 19, n.º 1, pp. 125-134, 2013.

GASPAR, Maria Dulce. **Sambaquis. Arqueologia do litoral**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

KNEIP, A. **Relatório de pesquisa:** uso de SIG para análise espacial intra-sítio: aplicação no sítio Galheta IV, Laguna / SC, 2011.

\_\_\_\_\_. **O povo da Lagoa:** uso do SIG para modelagem e simulação na área arqueológica do Camacho. Tese (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_.; FARIAS, D. S. E.; DEBLASIS, P. A. D. Longa duração e territorialidade da ocupação sambaqueira na laguna de Santa Marta, Santa Catarina. **Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira)**, v. 31, pp. 25-51, 2018.

OLIVEIRA, T. F. **Estudo comparativo dos sambaquis Caipora, Lageado e Jaboticabeira I**: interpretações acerca da mudança de material construtivo ao longo do tempo. Dissertação (Mestrado em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2010.

PEIXOTO, Silvia A. **Pequenos aos Montes**: uma análise dos processos de formação dos sambaquis de pequeno porte do litoral sul de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado

em Arqueologia), Museu Nacional do Rio de Janeiro, 2008.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UnB, 1992.

ROHR, J. A. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia**. Florianópolis: UFSC, 1984. n.º 17, \_\_\_\_\_, Os sítios Arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. **Pesquisas, Antropologia**, n.º 22, 1969.

TENÓRIO, M. C. **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1999.



# APÊNDICE

## SÍTIOS MAPEADOS E SISTEMATIZADOS POR ROHR ENTRE 1961 A 1984 NO ESTADO DE SANTA CATARINA

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Jaguaruna 1 – Jaboticabeira I	Jaguaruna	Media 150 x 100 x 15 m, explorado pela indústria de cal	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 2 – Lagoa da Figueirinha I	Jaguaruna	Media 100 x 100 x 15 m em terreno da Companhia Balneário S. Sebastião Sul-Obras	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 3 – Lagoa da Figueirinha II	Jaguaruna	Media 100 x 100 x 15 m em terreno da Companhia Balneário S. Sebastião Sul-Obras	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 4 – Lagoa da Figueirinha III	Jaguaruna	Media 60 x 30 x 6 m em terreno da Companhia Balneário S. Sebastião Sul-Obras	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 5 – Lagoa da Figueirinha IV	Jaguaruna	Media 15 x 10 x 5 m em terreno da Companhia Balneário S. Sebastião Sul-Obras	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 6 – Lagoa do Laranjal I	Jaguaruna	Media 150 x 50 x 18 m, com vegetação rala cobrindo a superfície.	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 7 – Lagoa do Laranjal II	Jaguaruna	Media 100 x 40 x 6 m, sem vegetação cobrindo a superfície.	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 8 – Lagoa da Encantada I	Jaguaruna	Media 200 x 20 x 15 m, sem vegetação cobrindo a superfície, composto por três sambaquis geminados	Vistoria
Jaguaruna 9 – Lagoa da Figueirinha V	Jaguaruna	Media 10 x 10 x 2 m, coberto por duna	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 10 – Garopaba	Jaguaruna	Media 200 x 100 x 30 m, um dos maiores sambaquis. Destruído continuamente pela indústria caieira e para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 11 – Lagoa da Encantada II	Jaguaruna	Media 10 x 5 m, sem vegetação cobrindo a superfície	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 12 – Lagoa da Encantada III	Jaguaruna	Media 20 x 20 x 6 m, localizado em meio as dunas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 13 – Porto Vieira	Jaguaruna	Media 250 x 60 x 10 m. Foi destruído pela indústria calcária	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 14 – Ilhota	Jaguaruna	Media 200 x 100 x 6 m. Foi destruído pela indústria calcária	Vistoria e escavação arqueológica

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Jaguaruna 15 – Campo Bom	Jaguaruna	Media 50 x 20 x 5 m, apresenta lascas de sílex e cerâmica lisa e ponteadas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 16 – Arroio da Cruz I	Jaguaruna	Media 60 x 20 x 3 m, apresenta lascas de sílex e cerâmica lisa e ponteadas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 17 – Arroio Corrente I	Jaguaruna	Media 10 x 3 m, localizado a quinhentos metros da praia	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 18 – Arroio Corrente II	Jaguaruna	Media 10 x 5 m, localizado a quinhentos metros da praia	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 19 – Morro Grande I	Jaguaruna	Media 60 x 0,5 m, localizado a duzentos metros da Lagoa José Pereira. Destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 20 – Morro Grande II	Jaguaruna	Media 10 x 10 x 0,2 m, localizado a 150 metros da Lagoa José Pereira. Destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 21 – Arroio da Cruz de Dentro	Jaguaruna	Media 100 x 50 x 0,5 m, localizado a 150 metros da Lagoa José Pereira. Destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 22 – Arroio da Cruz II	Jaguaruna	Media 50 x 0,5 m, localizado a cem metros da Lagoa. Revestido por vegetação de gramíneas e capoeiras	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 23 – Olho D'Água I	Jaguaruna	Media 100 x 50 x 1 m, sua superfície fora usada para plantio.	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 24 – Olho D'Água II	Jaguaruna	Media 100 x 30 x 0,5 m, localizado a quatro quilômetros da praia. Destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 25 – Garopaba II	Jaguaruna	Media 60 x 30 x 3 m, localizado a cem metros da Lagoa da Garopaba. Destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 26 – Ilhota da Ponta do Morro I	Jaguaruna	Media 100 x 10 m, localizado em uma planície sedimentar alagadiça. Destruído pelo proprietário com terraplanagem	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 27 – Ponta do Morro	Jaguaruna	Media 100 x 50 x 1 m, com a superfície ocupada por uma roça.	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 28 – Ilhotinha	Jaguaruna	Media 100 x 8 m, localizado a mil metros da estrada de ferro	Vistoria
Jaguaruna 29 – Ponta do Morro Azul	Jaguaruna	Media 50 x 30 x 3 m, Destruído para retificação do leito do rio Sangão	Vistoria e escavação arqueológica



Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Jaguaruna 30 – Costa da Lagoa	Jaguaruna	Media 100 x 50 x 6 m, com uma casa construída em cima	Vistoria
Jaguaruna 31 – Jaboticabeira II	Jaguaruna	Media 150 x 100 x 8 m, destruído pela indústria de cal	Vistoria
Tubarão 1 - Congonhas I	Tubarão	Media 150 x 100 x 12 m, destruído pela indústria de cal	Denúncia e vistoria
Tubarão 2 – Congonhas II	Tubarão	Media 150 x 60 x 10 m, destruído pela prefeitura de Tubarão para abertura de estrada	Vistoria e denúncia
Tubarão 3 – Congonhas III	Tubarão	Media 100 x 10 m, parcialmente destruído por terraplenagem	Vistoria e denúncia
Tubarão 4 – Capivari I	Capivari de Baixo	Media 200 x 150 x 6 m, parcialmente destruído por terraplenagem	Vistoria e denúncia
Tubarão 5 – Capivari II	Capivari de Baixo	Media 80 x 4 m, muito destruído por ocupação urbana e fabricação de cal	Vistoria e denúncia
Imaruí 1 – Siqueiro	Imaruí	Media 100 x 50 x 5 m, destruído por terraplenagem e indústria caieira	Vistoria e denúncia
Imaruí 2 – Samambaia I	Imaruí	Media 150 x 80 x 10 m, destruído por terraplenagem e indústria caieira	Vistoria e denúncia
Imaruí 3 – Samambaia II	Imaruí	Media 70 x 3 m, destruído por ocupação urbana	Vistoria e denúncia
Imaruí 4 – Imaruí	Imaruí	Media 100 x 5 m, localizado a cem metros da Lagoa de Imaruí. Destruído quase que completamente	Vistoria e coleta de material arqueológico
Imaruí 5 – Ribeirão do Cangueri I	Imaruí	Media 100 x 50 x 3 m, localizado próximo da Lagoa de Imaruí. Destruído para fabricação de cal	Vistoria e denúncia
Imaruí 6 – Ribeirão do Cangueri II	Imaruí	Media 60 x 40 x 4 m, localizado a 10m da Lagoa de Imaruí.	Vistoria
Imaruí 7 – sambaqui do Tamborete	Imaruí	Media 8 x 1 m, localizado a 10 m da Lagoa de Imaruí.	Vistoria
Imaruí 8 – Itaguaçu	Imaruí	Media 30 x 4 m, localizado a 10 m da Lagoa de Imaruí.	Vistoria
Imaruí 9 – Balsinha III	Imaruí	Media 80 x 40 x 5 m, localizado nos terrenos de Jovino João Matos.	Vistoria
Imaruí 10 – Balsinha IV	Imaruí	Media 70 x 40 x 3 m, localizado nos terrenos de Gabriel Bernardino de Souza.	Vistoria
Imaruí 11 – Balsinha V	Imaruí	Media 30 x 20 x 6 m, localizado nos terrenos de Gabriel Bernardino de Souza.	Vistoria e coleta de material arqueológico

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Imaruí 12 – Balsinha VI	Imaruí	Media 30 m e menos de 1 metro de espessura, localizado nos terrenos de João Muller.	Vistoria
Imaruí 13 – Balsinha VII	Imaruí	Media 100 x 60 x 12 m, localizado nos terrenos de Valdinho de Tal.	Vistoria e coleta de material arqueológico
Imbituba 1 – Passagem do Rio D’Una I	Imbituba	Media 200 x 80 x 15 m, destruído por terraplenagem e indústria caieira	Vistoria, denúncia e escavação arqueológica
Imbituba 2 – Passagem do Rio D’Una II	Imbituba	Media 80 x 30 x 3 m, localizado em terreno de Rene Machado	Vistoria
Imbituba 3 – Itapirubá I	Imbituba	Media 150 x 70 x 8 m, apresentava restos de construção na sua superfície	Vistoria
Imbituba 4 – Itapirubá II	Imbituba	Media 60 x 8 m, em meio as dunas	Vistoria
Imbituba 5 – Roça Grande	Imbituba	Media 100 x 50 x 12 m, destruído mais da metade	Vistoria e denúncia
Imbituba 6 – Ponta Rasa	Imbituba	Media 50 x 4 m, destruído por indústria caieira e aterro das estradas locais	Vistoria e denúncia
Imbituba 7 – Guaiuba	Imbituba	Media 200 x 20 x 5 m, destruído pela urbanização, indústria caieira e aterro das estradas locais	Vistoria e denúncia
Imbituba 8 – Araçatuba	Imbituba	Media 80 x 5 m, destruído pelo DER para compactação de estradas	Vistoria e denúncia
Imbituba 9 – Barra da Lagoa de Ibiraquera	Imbituba	Media 1000 m2 quadrados por 5 m de espessura, próximo a oficinas líticas	Vistoria
Imbituba 10 – Balsinha I	Imbituba	Media 100 x 50 x 4 m, destruído para aterro das estradas locais	Vistoria e escavação arqueológica
Imbituba 11 – Balsinha II	Imbituba	Media 7 x 5 x 4 m, destruído para compactação de estradas	Vistoria e denúncia
Imbituba 12 – Porto de Ouriques	Imbituba	Media 20 x 6 m, revestido por vegetação rasteira	Vistoria
Laguna 1 – Caputera I	Laguna	Media 150 x 100 x 25 m, destruído por indústria caieira	Vistoria, denúncia e coleta de material arqueológico
Laguna 2 – Ponta do Perrechil	Laguna	Media 50 x 30 x 10 m, destruído por indústria caieira, restando apenas 10 x 5 x 10 m	Vistoria
Laguna 3 – Passagem da Barra	Laguna	Media 190 x 100 x 10 m, destruído por indústria caieira e compactação de estradas pela prefeitura de Laguna	Vistoria e denúncia
Laguna 4 – Roçado	Laguna	Media 150 x 10 m, destruído por indústria caieira e compactação de estradas pela prefeitura de Laguna	Vistoria e denúncia

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Laguna 5 – Carniça I	Laguna	Media 400 x 70 x 30 m, destruído por indústria caieira, considerado pelo Padre Rohr como o maior sambaqui já visto	Vistoria e denúncia
Laguna 6 – Carniça II	Laguna	Media 100 x 70 x 12 m, destruído por indústria caieira	Vistoria e denúncia
Laguna 7 – Estreito	Laguna	Media 150 x 40 x 20 m, destruído por indústria caieira	Vistoria e denúncia
Laguna 8 – Cabeçuda	Laguna	Media 100 x 20 m, destruído por indústria caieira, pela prefeitura para compactação de estrada e pela estrada de ferro	Vistoria e denúncia
Laguna 9 – Caputera II	Laguna	Media 200 x 80 x 15 m, destruído pelos moradores	Vistoria e denúncia
Laguna 10 – Caieira	Laguna	Media 35 x 25 x 2 m, destruído por indústria caieira	Vistoria
Laguna 11 – Ribeirão Pequeno	Laguna	Media 150 x 80 x 15 m, parcialmente destruído pelos moradores locais	Vistoria e denúncia
Laguna 12 – Barreiros	Laguna	Media 150 x 80 x 10 m, superficialmente remexido pela lavoura	Vistoria e denúncia
Laguna 13 – Carniça III	Laguna	Media 30 x 6 m, situado em terrenos de Joaquim José de Souza	Vistoria
Laguna 14 – Carniça IV	Laguna	Media 60 x 5 m, parcialmente destruído	Vistoria e denúncia
Laguna 15 – Carniça V	Laguna	Media 60 x 20 x 5 m, parcialmente destruído	Vistoria e denúncia
Laguna 16 – Cabo de Santa Marta I	Laguna	Media 60 x 15 m, situado entre as dunas e parcialmente destruído para construção de estradas	Vistoria e denúncia
Laguna 17 – Cabo de Santa Marta II	Laguna	Media 80 x 7 m, situado próximo ao farol de Santa Marta, destruído para compactação de estradas pela prefeitura de Laguna	Vistoria e denúncia
Laguna 18 – Cabo de Santa Marta III	Laguna	Media 100 x 80 m, por estar em área pouco acessível, não estava depredado	Vistoria
Laguna 19 – Galheta I	Laguna	Media 250 x 80 x 10 m, situado no costão da ponta da Galheta	Vistoria
Laguna 20 – Galheta II	Laguna	Media 40 x 6 m, situado no costão da ponta da Galheta	Vistoria
Laguna 21 – Galheta III ou da Roseta	Laguna	Media 100 x 80 x 12 m, situado há cem metros da praia	Vistoria
Garopaba 1 – Capão da Garopaba	Garopaba	Media 100 x 50 x 3 m, situado próximo a lagoa de Garopaba	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Palhoça 1 – sambaqui da Pinheira	Palhoça	Media 30 x 20 x 1 m, situado no terreno de Manoel Carlos Gonzaga.	Vistoria e escavação
Palhoça 2 – Ponta do Maruim	Palhoça	Media 40 x 30 x 0,6 m, situado em terrenos de Erick Westfal, parcialmente destruído por curiosos	Vistoria
Palhoça 3 – Albardão	Palhoça	Media 100 x 50 x 3 m, situado em terrenos de Quirino José da Silva, que plantava feijão por cima do sambaqui	Vistoria
Florianópolis 1 – Pântano do Sul I	Florianópolis	Media 400 x 50 x 6 m, situado no povoado de Pântano do Sul	Escavações sistemáticas
Florianópolis 2 – Pântano do Sul II	Florianópolis	Media 10 x 15 x 1,5 m, situado nos terrenos de João Teixeira de Carvalho e José Teodoro Matos	Vistoria
Florianópolis 3 – Carianos I	Florianópolis	Media 6 x 2 m, situado nos terrenos da Base Aérea	Vistoria
Florianópolis 4 – Carianos II	Florianópolis	Media 40 x 30 x 4 m, situado no terreno de Mauro José Leal, quase todo destruído para a compactação de estradas	Vistoria
Florianópolis 5 – Carianos III	Florianópolis	Media 80 x 10 x 0,5 m, muito destruído pela ação do arado.	Vistoria
Florianópolis 6 – Carianos IV	Florianópolis	Media 20 x 20 x 2 m, muito destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Florianópolis 7 – Rio Tavares I	Florianópolis	Media 35 x 10 x 2 m, muito destruído para compactação de estradas	Vistoria e recolhimento de material arqueológico
Florianópolis 8 – Rio Tavares II	Florianópolis	Media 20 x 10 x 0,7 m, muito destruído pela ação do arado.	Vistoria
Florianópolis 9 – Rio Tavares III	Florianópolis	Media 50 x 20 x 1 m, muito destruído para compactação de estradas	Vistoria
Florianópolis 10 – Rio Tavares IV	Florianópolis	Media 15 x 6 x 0,7 m, localizado na propriedade de Hipólito Chagas	Vistoria e escavação arqueológica
Florianópolis 11 – Canto da Lagoa I	Florianópolis	Media 20 x 10 x 1 m, muito destruído pela ação do arado.	Vistoria e escavação arqueológica
Florianópolis 12 – Canto da Lagoa II	Florianópolis	Media 70 x 30 x 3 m, muito destruído pela ação do arado.	Vistoria
Florianópolis 13 – Freguesia da Lagoa I	Florianópolis	Media 35 x 15 x 4 m, muito destruído para compactação de estradas	Vistoria
Florianópolis 14 – Ponta das Almas	Florianópolis	Media 70 x 6 m, foi pesquisado por arqueólogos da UFSC	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Florianópolis 15 – Barra da Lagoa I	Florianópolis	Media 150 x 50 x 3 m, muito destruído pela indústria de cal e pela agricultura	Vistoria
Florianópolis 16 – Barra da Lagoa II	Florianópolis	Media 10 x 6 x 1 m, foi bastante destruído pela urbanização	Vistoria
Florianópolis 17 – Rio da Barra da Lagoa	Florianópolis	Media 60 x 30 x 4 m, foi bastante destruído pela indústria caieira	Vistoria
Florianópolis 18 – Ponta do Lessa	Florianópolis	Media 10 x 10 x 1 m, foi bastante destruído pela indústria caieira	Vistoria
Florianópolis 19 – Ilha do Arvoredo	Florianópolis	Media 60 x 40 x 3 m, foi bastante destruído pela lavoura e para atracar barcos da Marinha	Vistoria e recolhido material arqueológico
Florianópolis 20 – Ratonos I	Florianópolis	Media aproximadamente 0,4 ha com um metro de espessura sendo parcialmente destruído	Vistoria
Florianópolis 21 – Canasvieiras	Florianópolis	Media aproximadamente 800 m2 com menos de um metro de espessura sendo parcialmente destruído	Vistoria
Florianópolis 22 – Vargem do Bom Jesus I	Florianópolis	Media aproximadamente 1.500 m2 com um metro de espessura sendo parcialmente destruído	Vistoria
Florianópolis 23 – Vargem do Bom Jesus II	Florianópolis	Media aproximadamente 300 m2 com 30 cm de espessura sendo parcialmente destruído	Vistoria
Florianópolis 24 – Ponta das Canas	Florianópolis	Media 60 x 40 x 4 m, foi bastante destruído pela lavoura e teve construção interditada	Vistoria e denúncia
Florianópolis 25 – Lagoinha da Ponta das Canas	Florianópolis	Media 20 x 15 x 1,5 m, foi bastante destruído para a construção da casa do então político Celso Ramos	Vistoria e escavação arqueológica
Florianópolis 26 – Porto do Rio Vermelho	Florianópolis	Media 80 x 20 x 4 m, foi bastante destruído pela indústria caieira	Vistoria
Florianópolis 27 – Campo do Casqueiro I	Florianópolis	Media 22 x 12 x 4 m, sambaqui preservado	Vistoria
Florianópolis 28 – Campo do Casqueiro II	Florianópolis	Media 20 m2 com 30 centímetros de espessura, muito destruído pela ação do arado.	Vistoria
Florianópolis 29 – Mato do Pilão	Florianópolis	Media 15 m2 com 40 centímetros de espessura, sambaqui preservado	Vistoria
Florianópolis 30 – Ponta do Martins	Florianópolis	Media 36 x 29 x 1,5 m, sambaqui preservado	Vistoria
Florianópolis 31 – Praia Grande	Florianópolis	Media 100 x 20 x 4 m, foi parcialmente destruído e posteriormente escavado	Vistoria e escavação arqueológica
Florianópolis 32 – Campo do Jurerê I	Florianópolis	Media 100 x 100 x 1 m, sambaqui preservado	Vistoria



Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Florianópolis 33 – Campo do Jurerê II	Florianópolis	Media 15 x 0,6 m, sambaqui preservado	Vistoria
Florianópolis 34 – Costa da Lagoa	Florianópolis	Media 3000 m2 com menos de um metro de espessura, destruído pela ocupação urbana e agricultura	Vistoria
Governador Celso Ramos 1 – Sambaqui	Governador Celso Ramos	Media 80 x 60 x 3 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Governador Celso Ramos 2 – Sambaqui	Governador Celso Ramos	Media 25 x 20 x 2 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Governador Celso Ramos 3 – Sambaqui	Governador Celso Ramos	Media 70 x 40 x 5 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Governador Celso Ramos 4 – Sambaqui	Governador Celso Ramos	Media 60 x 30 x 2 m, sambaqui preservado	Vistoria
Governador Celso Ramos 5 – Sambaqui	Governador Celso Ramos	Media 160 x 40 x 2 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Governador Celso Ramos 6 – Sambaqui da Casa Grande	Governador Celso Ramos	Media 40 x 20 x 0,5 m, sambaqui com vestígios de antiga construção de moradia	Vistoria
Porto Belo 1 – Sambaqui	Porto Belo	Media 60 x 60 x 5 m, sambaqui destruído pela abertura de estrada	Vistoria
Porto Belo 2 – Sambaqui	Porto Belo	Media 10 x 10 x 3 m, sambaqui destruído por avanço da urbanização	Vistoria e denúncia
Balneário Camboriú 1 – Sambaqui	Balneário Camboriú	Media 60 x 30 x 2 m, sambaqui pesquisado	Vistoria e escavação arqueológica
Camboriú 1 – Sambaqui	Camboriú	Media 50 x 50 x 3 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Penha 1 – Sambaqui	Penha	Media 100 x 100 x 1 m, sambaqui destruído para compactação de estradas	Vistoria
Penha 2 – Sambaqui	Penha	Media 50 x 50 x 1 m, sambaqui destruído pela prefeitura para aterro de estrada	Vistoria
Penha 3 – Sambaqui	Penha	Media 20 x 20 x 5 m, sambaqui destruído por fenômenos naturais de avanço da maré	Vistoria e coleta de material arqueológico
Barra Velha 2 – Sambaqui	Barra Velha	Media 80 x 50 x 1,5 m, sambaqui localizado no terreno de José Renato Ramos e Rino Aguiar	Vistoria
Araquari 1 – Areias Grandes	Araquari	Media 55 x 30 x 6 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Araquari 2 – Perequê	Araquari	Media 140 x 30 x 10 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Araquari 3 – Rio Parati I	Araquari	Media 200 x 60 x 6 m, sambaqui destruído pela construção da estrada de ferro	Mapeado por Bigarella
Araquari 4 – Rio Parati II	Araquari	Media 100 x 70 x 15 m, sambaqui destruído pela construção da estrada de ferro	Vistoria
Araquari 5 – Gamboa do Rio Parati	Araquari	Media 150 x 50 x 5 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Araquari 6 – Barra do Rio Parati	Araquari	Media 80 x 40 x 6 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Araquari 7 – Ilha dos Barcos I	Araquari	Media 70 x 30 x 1 m, sambaqui destruído por ação agrícola	Vistoria
Araquari 8 – Ilha dos Barcos II	Araquari	Media 60 x 40 x 5 m, sambaqui preservado, mas estava sendo destruído pela ação da maré	Vistoria
Araquari 9 – Ilha do Mel	Araquari	Media 60 x 50 x 4 m, sambaqui destruído por ação das lavouras	Vistoria
Araquari 10 – Areias Pequenas	Araquari	Media 170 x 80 x 15 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Araquari 11 – Barranca do Rio Parati	Araquari	Media 100 x 50 x 6 m, sambaqui destruído pelo DER para compactação de estradas	Vistoria
Araquari 12 – Pirai-Piranga	Araquari	Media 20 m de diâmetro e 3 metros de espessura, sambaqui preservado	Vistoria
Araquari 13 – Rio Paranaguá-Mirim I	Araquari	Media 50 x 15 x 5 m, sambaqui preservado	Vistoria
Araquari 14 – Rio Paranaguá-Mirim II	Araquari	Situado a margem esquerda do rio Paranaguá-Mirim foi destruído e não foi possível definir seu tamanho	Vistoria
Araquari 15 – Ilha dos Papagaios	Araquari	Media 100 x 50 x 8 m, sambaqui preservado	Vistoria
Araquari 16 – Rio Pinheiros I	Araquari	Media 90 x 45 x 8 m, sambaqui destruído para uso em compactação de estradas	Vistoria
Araquari 17 – Rio Pinheiros II	Araquari	Media 65 x 47 x 15 m, sambaqui destruído para uso em compactação de estradas	Vistoria
Araquari 18 – Rio Paranaguá-Mirim IV	Araquari	Media 30 x 15 x 4 m, sambaqui alterado por uso de trator na sua superfície	Vistoria
São Francisco do Sul 1 – Ribeira I	São Francisco do Sul	Media 150 x 100 x 12 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 2 – Porto do Rei I	São Francisco do Sul	Media 30 x 30 x 0,5 m, sambaqui preservado	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
São Francisco do Sul 3 – Porto do Rei II	São Francisco do Sul	Media 100 x 60 x 15 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 4 – Bupeva I	São Francisco do Sul	Media 100 x 50 x 10 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 5 – Praia Grande I	São Francisco do Sul	Media 100 x 40 x 6 m, sambaqui destruído para uso em compactação de estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 6 – Praia Grande II	São Francisco do Sul	Media 100 x 100 x 15 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 7 – Praia Grande III	São Francisco do Sul	Media 200 x 200 x 25 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 8 – Praia Grande IV	São Francisco do Sul	Media 150 x 100 x 25 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 9 – Lagoa do Acarei I	São Francisco do Sul	Media 150 x 150 x 12 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 10 – Lagoa do Acarei II	São Francisco do Sul	Media 150 x 40 x 5 m, sambaqui usado para a agricultura	Vistoria
São Francisco do Sul 11 – Tapera I	São Francisco do Sul	Media 40 x 25 x 5 m, sambaqui destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 12 – Tapera II	São Francisco do Sul	Media 30 x 30 x 5 m, sambaqui destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 13 – Tapera III	São Francisco do Sul	Media 40 x 40 x 5 m, sambaqui destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 14 – Enseada	São Francisco do Sul	Media 80 x 40 x 10 m, sambaqui destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 15 – Forte Marechal Luz	São Francisco do Sul	Media 50 x 40 x 6 m, sambaqui destruído pelos militares	Vistoria
São Francisco do Sul 16 – Bupeva II	São Francisco do Sul	Media 30 x 20 x 1 m, possivelmente preservado pois está em local de mata densa e pouco acessível	Vistoria
São Francisco do Sul 17 – Vila da Glória I	São Francisco do Sul	Media 25 x 10 x 4 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 18 – Vila da Glória II	São Francisco do Sul	Media 50 x 50 x 12 m, sambaqui alterado pela ocupação urbana	Vistoria
São Francisco do Sul 19 – Vila da Glória III	São Francisco do Sul	Media 20 x 15 x 2 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
São Francisco do Sul 20 – Lagoa do Acarei III	São Francisco do Sul	Media 60 x 40 x 7 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 21 – Lagoa do Acarei IV	São Francisco do Sul	Media 200 x 50 x 7 m, sambaqui pouco destruído	Vistoria
São Francisco do Sul 22 – Lagoa do Acarei V	São Francisco do Sul	Media 10 x 6 x 2 m, sambaqui bastante preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 23 – Lagoa do Acarei VI	São Francisco do Sul	Media 100 x 100 x 20 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 24 – Capivarú I	São Francisco do Sul	Media 30 x 30 x 5 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 25 – Capivarú II	São Francisco do Sul	Media 10 x 10 x 3 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 26 – Capivarú III	São Francisco do Sul	Media 30 x 6 x 2 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 27 – Capivarú IV	São Francisco do Sul	Media 45 x 12 x 7 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 28 – Ribeira II	São Francisco do Sul	Media 40 x 40 x 5 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 29 – Ribeira III	São Francisco do Sul	Media 20 x 20 x 5 m, sambaqui parcialmente destruído pela Madeira Dorem	Vistoria
São Francisco do Sul 30 – Ilha do Linguado I	São Francisco do Sul	Media 200 x 100 x 12 m, sambaqui totalmente destruído	Vistoria
São Francisco do Sul 31 – Ilha do Linguado II	São Francisco do Sul	Media 60 x 40 x 8 m, sambaqui parcialmente destruído pela Estrada de Ferro	Vistoria
São Francisco do Sul 32 – Ribeira IV	São Francisco do Sul	Media 12 x 12 x 1,5 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 33 – Ribeira V	São Francisco do Sul	Media 15 x 15 x 3 m, sambaqui parcialmente destruído pela COMFLORESTA, que limpou a área do sítio com um trator alterando a superfície do sambaqui	Vistoria
São Francisco do Sul 34 – Ribeira VI	São Francisco do Sul	Media 30 x 20 x 6 m, sambaqui parcialmente destruído pela COMFLORESTA, que limpou a área do sítio com um trator alterando a superfície do sambaqui	Vistoria
São Francisco do Sul 35 – Bupeva III	São Francisco do Sul	Media 140 x 30 x 2,5 m, sambaqui preservado	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
São Francisco do Sul 36 – Bupeva IV	São Francisco do Sul	Media 100 x 50 x 3 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 37 – Bupeva V	São Francisco do Sul	Media 100 x 75 x 7 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 38 – Gamboa I	São Francisco do Sul	Media 60 x 30 x 9 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 39 – Gamboa II	São Francisco do Sul	Media 40 x 30 x 5 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 40 – Gamboa III	São Francisco do Sul	Media 25 x 20 x 2 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 41 – Gamboa IV	São Francisco do Sul	Media 100 x 40 x 5 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 42 – Bupeva VI	São Francisco do Sul	Media 50 x 50 x 10 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 43 – Bupeva VII	São Francisco do Sul	Media 100 x 50 x 6 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 44 – Bupeva VIII	São Francisco do Sul	Media 50 x 20 x 5 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 1 – Saí-Guaçu	Garuva	Media 100 x 60 x 17 m, sambaqui cortado pela estrada que dá acesso a Itapoá	Vistoria
Garuva 2 – Jaguaruna I	Garuva	Media 60 x 20 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
Garuva 3 – Jaguaruna II	Garuva	Media 60 x 10 x 2 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
Garuva 4 – Jaguaruna III	Garuva	Media 60 x 20 x 2 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 5 – Jaguaruna IV	Garuva	Media 20 x 10 x 2 m, sambaqui parcialmente destruído por particulares	Vistoria
Garuva 6 – Barra do Rio Saí-Mirim I	Garuva	Media 80 x 40 x 3 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
Garuva 7 – Barra do Rio Saí-Mirim II	Garuva	Media 50 x 5 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
Garuva 8 – Rio Saí-Mirim I	Garuva	Media 100 x 70 x 20 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 9 – Rio Saí-Mirim II	Garuva	Media 30 x 15 x 2 m, sambaqui parcialmente destruído pela lavoura	Vistoria
Garuva 10 – Rio Saí-Mirim III	Garuva	Media 100 x 40 x 6 m, sambaqui preservado	Vistoria



Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Garuva 11 – Rio Saí-Mirim IV	Garuva	Media 80 x 50 x 4 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 12 – Rio Braço do Norte do Rio Saí-Mirim I	Garuva	Media 90 x 80 x 8 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 13 – Rio Braço do Norte do Rio Saí-Mirim II	Garuva	Media 50 x 10 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 14 – Rio Braço do Norte do Rio Saí-Mirim III	Garuva	Media 30 x 15 x 3 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 15 – Jaguaruna IV	Garuva	Media 70 x 40 x 6 m, sambaqui preservado	Vistoria
Joinville 1- Morro do Ouro	Joinville	Media 100 x 100 x 10 m, sambaqui preservado	Vistoria
Joinville 2 – Guanabara	Joinville	Media 60 x 10 x 5 m, sambaqui 20 % destruído	Vistoria
Joinville 3 – Cubatão I	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 4 – Cubatão II	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 5 – Cubatão III	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 6 – Cubatãozinho	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 7 – Espinheiros I	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 8 – Espinheiros II	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 9 – Ilha dos Espinheiros I	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 10 – Ilha dos Espinheiros II	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 11 – Ilha dos Espinheiros III	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 12 – Ilha do Gado I	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 13 – Ilha do Gado II	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 14 – Ilha do Riacho	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 15 – Rio Velho I	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 16 – Rio Velho II	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 17 – Rua Guaíra	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Jaguaruna 1 – Jaboticabeira I	Jaguaruna	Media 150 x 100 x 15 m, explorado pela indústria de cal	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 2 – Lagoa da Figueirinha I	Jaguaruna	Media 100 x 100 x 15 m em terreno da Companhia Balneário S. Sebastião Sul-Obras	Vistoria e escavação arqueológica

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Jaguaruna 3 – Lagoa da Figueirinha II	Jaguaruna	Media 100 x 100 x 15 m em terreno da Companhia Balneário S. Sebastião Sul-Obras	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 4 – Lagoa da Figueirinha III	Jaguaruna	Media 60 x 30 x 6 m em terreno da Companhia Balneário S. Sebastião Sul-Obras	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 5 – Lagoa da Figueirinha IV	Jaguaruna	Media 15 x 10 x 5 m em terreno da Companhia Balneário S. Sebastião Sul-Obras	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 6 – Lagoa do Laranjal I	Jaguaruna	Media 150 x 50 x 18 m, com vegetação rala cobrindo a superfície.	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 7 – Lagoa do Laranjal II	Jaguaruna	Media 100 x 40 x 6 m, sem vegetação cobrindo a superfície.	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 8 – Lagoa da Encantada I	Jaguaruna	Media 200 x 20 x 15 m, sem vegetação cobrindo a superfície, composto por três sambaquis geminados	Vistoria
Jaguaruna 9 – Lagoa da Figueirinha V	Jaguaruna	Media 10 x 10 x 2 m, coberto por duna	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 10 – Garopaba	Jaguaruna	Media 200 x 100 x 30 m, um dos maiores sambaquis. Destruído continuamente pela indústria caieira e para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 11 – Lagoa da Encantada II	Jaguaruna	Media 10 x 5 m, sem vegetação cobrindo a superfície	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 12 – Lagoa da Encantada III	Jaguaruna	Media 20 x 20 x 6 m, localizado em meio as dunas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 13 – Porto Vieira	Jaguaruna	Media 250 x 60 x 10 m. Foi destruído pela indústria calcária	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 14 – Ilhota	Jaguaruna	Media 200 x 100 x 6 m. Foi destruído pela indústria calcária	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 15 – Campo Bom	Jaguaruna	Media 50 x 20 x 5 m, apresenta lascas de sílex e cerâmica lisa e ponteadas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 16 – Arroio da Cruz I	Jaguaruna	Media 60 x 20 x 3 m, apresenta lascas de sílex e cerâmica lisa e ponteadas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 17 – Arroio Corrente I	Jaguaruna	Media 10 x 3 m, localizado a quinhentos metros da praia	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 18 – Arroio Corrente II	Jaguaruna	Media 10 x 5 m, localizado a quinhentos metros da praia	Vistoria e escavação arqueológica

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Jaguaruna 19 – Morro Grande I	Jaguaruna	Media 60 x 0,5 m, localizado a duzentos metros da Lagoa José Pereira. Destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 20 – Morro Grande II	Jaguaruna	Media 10 x 10 x 0,2 m, localizado a 150 metros da Lagoa José Pereira. Destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 21 – Arroio da Cruz de Dentro	Jaguaruna	Media 100 x 50 x 0,5 m, localizado a 150 metros da Lagoa José Pereira. Destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 22 – Arroio da Cruz II	Jaguaruna	Media 50 x 0,5 m, localizado a cem metros da Lagoa. Revestido por vegetação de gramíneas e capoeiras	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 23 – Olho D'Água I	Jaguaruna	Media 100 x 50 x 1 m, sua superfície fora usada para plantio.	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 24 – Olho D'Água II	Jaguaruna	Media 100 x 30 x 0,5 m, localizado a quatro quilômetros da praia. Destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 25 – Garopaba II	Jaguaruna	Media 60 x 30 x 3 m, localizado a cem metros da Lagoa da Garopaba. Destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 26 – I lhota da Ponta do Morro I	Jaguaruna	Media 100 x 10 m, localizado em uma planície sedimentar alagadiça. Destruído pelo proprietário com terraplanagem	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 27 – Ponta do Morro	Jaguaruna	Media 100 x 50 x 1 m, com a superfície ocupada por uma roça.	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 28 – Ilhotinha	Jaguaruna	Media 100 x 8 m, localizado a mil metros da estrada de ferro	Vistoria
Jaguaruna 29 – Ponta do Morro Azul	Jaguaruna	Media 50 x 30 x 3 m, Destruído para retificação do leito do rio Sangão	Vistoria e escavação arqueológica
Jaguaruna 30 – Costa da Lagoa	Jaguaruna	Media 100 x 50 x 6 m, com uma casa construída em cima	Vistoria
Jaguaruna 31 – Jaboticabeira II	Jaguaruna	Media 150 x 100 x 8 m, destruído pela indústria de cal	Vistoria
Tubarão 1 – Congonhas I	Tubarão	Media 150 x 100 x 12 m, destruído pela indústria de cal	Denúncia e vistoria
Tubarão 2 – Congonhas II	Tubarão	Media 150 x 60 x 10 m, destruído pela prefeitura de Tubarão para abertura de estrada	Vistoria e denúncia

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Tubarão 3 – Congonhas III	Tubarão	Media 100 x 10 m, parcialmente destruído por terraplenagem	Vistoria e denúncia
Tubarão 4 – Capivari I	Capivari de Baixo	Media 200 x 150 x 6 m, parcialmente destruído por terraplenagem	Vistoria e denúncia
Tubarão 5 – Capivari II	Capivari de Baixo	Media 80 x 4 m, muito destruído por ocupação urbana e fabricação de cal	Vistoria e denúncia
Imaruí 1 – Siqueiro	Imaruí	Media 100 x 50 x 5 m, destruído por terraplenagem e indústria caieira	Vistoria e denúncia
Imaruí 2 – Samambaia I	Imaruí	Media 150 x 80 x 10 m, destruído por terraplenagem e indústria caieira	Vistoria e denúncia
Imaruí 3 – Samambaia II	Imaruí	Media 70 x 3 m, destruído por ocupação urbana	Vistoria e denúncia
Imaruí 4 – Imaruí	Imaruí	Media 100 x 5 m, localizado a cem metros da Lagoa de Imaruí. Destruído quase que completamente	Vistoria e coleta de material arqueológico
Imaruí 5 – Ribeirão do Cangueri I	Imaruí	Media 100 x 50 x 3 m, localizado próximo da Lagoa de Imaruí. Destruído para fabricação de cal	Vistoria e denúncia
Imaruí 6 – Ribeirão do Cangueri II	Imaruí	Media 60 x 40 x 4 m, localizado a 10m da Lagoa de Imaruí.	Vistoria
Imaruí 7 – sambaqui do Tamborete	Imaruí	Media 8 x 1 m, localizado a 10 m da Lagoa de Imaruí.	Vistoria
Imaruí 8 – Itaguaçu	Imaruí	Media 30 x 4 m, localizado a 10 m da Lagoa de Imaruí.	Vistoria
Imaruí 9 – Balsinha III	Imaruí	Media 80 x 40 x 5 m, localizado nos terrenos de Jovino João Matos.	Vistoria
Imaruí 10 – Balsinha IV	Imaruí	Media 70 x 40 x 3 m, localizado nos terrenos de Gabriel Bernardino de Souza.	Vistoria
Imaruí 11 – Balsinha V	Imaruí	Media 30 x 20 x 6 m, localizado nos terrenos de Gabriel Bernardino de Souza.	Vistoria e coleta de material arqueológico
Imaruí 12 – Balsinha VI	Imaruí	Media 30 m e menos de 1 m de espessura, localizado nos terrenos de João Muller.	Vistoria
Imaruí 13 – Balsinha VII	Imaruí	Media 100 x 60 x 12 m, localizado nos terrenos de Valdinho de Tal.	Vistoria e coleta de material arqueológico
Imbituba 1 – Passagem do Rio D'Una I	Imbituba	Media 200 x 80 x 15 m, destruído por terraplenagem e indústria caieira	Vistoria, denúncia e escavação arqueológica
Imbituba 2 – Passagem do Rio D'Una II	Imbituba	Media 80 x 30 x 3 m, localizado em terreno de Rene Machado	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Imbituba 3 – Itapirubá I	Imbituba	Media 150 x 70 x 8 m, apresentava restos de construção na sua superfície	Vistoria
Imbituba 4 – Itapirubá II	Imbituba	Media 60 x 8 m, em meio as dunas	Vistoria
Imbituba 5 – Roça Grande	Imbituba	Media 100 x 50 x 12 m, destruído mais da metade	Vistoria e denúncia
Imbituba 6 – Ponta Rasa	Imbituba	Media 50 x 4 m, destruído por indústria caieira e aterro das estradas locais	Vistoria e denúncia
Imbituba 7 – Guaiuba	Imbituba	Media 200 x 20 x 5 m, destruído pela urbanização, indústria caieira e aterro das estradas locais	Vistoria e denúncia
Imbituba 8 – Araçatuba	Imbituba	Media 80 x 5 m, destruído pelo DER para compactação de estradas	Vistoria e denúncia
Imbituba 9 – Barra da Lagoa de Ibiraquera	Imbituba	Media mil metros quadrados por 5 metros de espessura, próximo a oficinas líticas	Vistoria
Imbituba 10 – Balsinha I	Imbituba	Media 100 x 50 x 4 m, destruído para aterro das estradas locais	Vistoria e escavação arqueológica
Imbituba 11 – Balsinha II	Imbituba	Media 7 x 5 x 4 m, destruído para compactação de estradas	Vistoria e denúncia
Imbituba 12 – Porto de Ouriques	Imbituba	Media 20 x 6 m, revestido por vegetação rasteira	Vistoria
Laguna 1 – Caputera I	Laguna	Media 150 x 100 x 25 m, destruído por indústria caieira	Vistoria, denúncia e coleta de material arqueológico
Laguna 2 – Ponta do Perrechil	Laguna	Media 50 x 30 x 10 m, destruído por indústria caieira, restando apenas 10 x 5 x 10 m	Vistoria
Laguna 3 – Passagem da Barra	Laguna	Media 190 x 100 x 10 m, destruído por indústria caieira e compactação de estradas pela prefeitura de Laguna	Vistoria e denúncia
Laguna 4 – Roçado	Laguna	Media 150 x 10 m, destruído por indústria caieira e compactação de estradas pela prefeitura de Laguna	Vistoria e denúncia
Laguna 5 – Carniça I	Laguna	Media 400 x 70 x 30 m, destruído por indústria caieira, considerado pelo Padre Rohr como o maior sambaqui já visto	Vistoria e denúncia
Laguna 6 – Carniça II	Laguna	Media 100 x 70 x 12 m, destruído por indústria caieira	Vistoria e denúncia
Laguna 7 – Estreito	Laguna	Media 150 x 40 x 20 m, destruído por indústria caieira	Vistoria e denúncia



Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Laguna 8 – Cabeçuda	Laguna	Media 100 x 20 m, destruído por indústria caieira, pela prefeitura para compactação de estrada e pela estrada de ferro	Vistoria e denúncia
Laguna 9 – Caputera II	Laguna	Media 200 x 80 x 15 m, destruído pelos moradores	Vistoria e denúncia
Laguna 10 – Caieira	Laguna	Media 35 x 25 x 2 m, destruído por indústria caieira	Vistoria
Laguna 11 – Ribeirão Pequeno	Laguna	Media 150 x 80 x 15 m, parcialmente destruído pelos moradores locais	Vistoria e denúncia
Laguna 12 – Barreiros	Laguna	Media 150 x 80 x 10 m, superficialmente remexido pela lavoura	Vistoria e denúncia
Laguna 13 – Carniça III	Laguna	Media 30 x 6 m, situado em terrenos de Joaquim José de Souza	Vistoria
Laguna 14 – Carniça IV	Laguna	Media 60 x 5 m, parcialmente destruído	Vistoria e denúncia
Laguna 15 – Carniça V	Laguna	Media 60 x 20 x 5 m, parcialmente destruído	Vistoria e denúncia
Laguna 16 – Cabo de Santa Marta I	Laguna	Media 60 x 15 m, situado entre as dunas e parcialmente destruído para construção de estradas	Vistoria e denúncia
Laguna 17 – Cabo de Santa Marta II	Laguna	Media 80 x 7 m, situado próximo ao farol de Santa Marta, destruído para compactação de estradas pela prefeitura de Laguna	Vistoria e denúncia
Laguna 18 – Cabo de Santa Marta III	Laguna	Media 100 x 80 m, por estar em área pouco acessível, não estava depredado	Vistoria
Laguna 19 – Galheta I	Laguna	Media 250 x 80 x 10 m, situado no costão da ponta da Galheta	Vistoria
Laguna 20 – Galheta II	Laguna	Media 40 x 6 m, situado no costão da ponta da Galheta	Vistoria
Laguna 21 – Galheta III ou da Roseta	Laguna	Media 100 x 80 x 12 m, situado a cem metros da praia	Vistoria
Garopaba 1 – Capão da Garopaba	Garopaba	Media 100 x 50 x 3 m, situado próximo a lagoa de Garopaba	Vistoria
Palhoça 1 – sambaqui da Pinheira	Palhoça	Media 30 x 20 x 1 m, situado no terreno de Manoel Carlos Gonzaga.	Vistoria e escavação
Palhoça 2 – Ponta do Maruim	Palhoça	Media 40 x 30 x 0,6 m, situado em terrenos de Erick Westfal, parcialmente destruído por curiosos	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Palhoça 3 – Albardão	Palhoça	Media 100 x 50 x 3 m, situado em terrenos de Quirino José da Silva, que plantava feijão por cima do sambaqui	Vistoria
Florianópolis 1 – Pântano do Sul I	Florianópolis	Media 400 x 50 x 6 m, situado no povoado de Pântano do Sul	Escavações sistemáticas
Florianópolis 2 – Pântano do Sul II	Florianópolis	Media 10 x 15 x 1,5 m, situado nos terrenos de João Teixeira de Carvalho e José Teodoro Matos	Vistoria
Florianópolis 3 – Carianos I	Florianópolis	Media 6 x 2 m, situado nos terrenos da Base Aérea	Vistoria
Florianópolis 4 – Carianos II	Florianópolis	Media 40 x 30 x 4 m, situado no terreno de Mauro José Leal, quase todo destruído para a compactação de estradas	Vistoria
Florianópolis 5 – Carianos III	Florianópolis	Media 80 x 10 x 0,5 m, muito destruído pela ação do arado	Vistoria
Florianópolis 6 – Carianos IV	Florianópolis	Media 20 x 20 x 2 m, muito destruído para compactação de estradas	Vistoria e escavação arqueológica
Florianópolis 7 – Rio Tavares I	Florianópolis	Media 35 x 10 x 2 m, muito destruído para compactação de estradas	Vistoria e recolhimento de material arqueológico
Florianópolis 8 – Rio Tavares II	Florianópolis	Media 20 x 10 x 0,7 m, muito destruído pela ação do arado	Vistoria
Florianópolis 9 – Rio Tavares III	Florianópolis	Media 50 x 20 x 1 m, muito destruído para compactação de estradas	Vistoria
Florianópolis 10 – Rio Tavares IV	Florianópolis	Media 15 x 6 x 0,7 m, localizado na propriedade de Hipólito Chagas	Vistoria e escavação arqueológica
Florianópolis 11 – Canto da Lagoa I	Florianópolis	Media 20 x 10 x 1 m, muito destruído pela ação do arado	Vistoria e escavação arqueológica
Florianópolis 12 – Canto da Lagoa II	Florianópolis	Media 70 x 30 x 3 m, muito destruído pela ação do arado	Vistoria
Florianópolis 13 – Freguesia da Lagoa I	Florianópolis	Media 35 x 15 x 4 m, muito destruído para compactação de estradas	Vistoria
Florianópolis 14 – Ponta das Almas	Florianópolis	Media 70 x 6 m, foi pesquisado por arqueólogos da UFSC	Vistoria
Florianópolis 15 – Barra da Lagoa I	Florianópolis	Media 150 x 50 x 3 m, muito destruído pela indústria de cal e pela agricultura	Vistoria
Florianópolis 16 – Barra da Lagoa II	Florianópolis	Media 10 x 6 x 1 m, foi bastante destruído pela urbanização	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Florianópolis 17 – Rio da Barra da Lagoa	Florianópolis	Media 60 x 30 x 4 m, foi bastante destruído pela indústria caieira	Vistoria
Florianópolis 18 – Ponta do Lessa	Florianópolis	Media 10 x 10 x 1 m, foi bastante destruído pela indústria caieira	Vistoria
Florianópolis 19 – Ilha do Arvoredo	Florianópolis	Media 60 x 40 x 3 m, foi bastante destruído pela lavoura e para atracar barcos da Marinha	Vistoria e recolhido material arqueológico
Florianópolis 20 – Ratonos I	Florianópolis	Media aproximadamente 0,4 ha com um metro de espessura sendo parcialmente destruído	Vistoria
Florianópolis 21 – Canasvieiras	Florianópolis	Media aproximadamente 800 m², com menos de um metro de espessura sendo parcialmente destruído	Vistoria
Florianópolis 22 – Vargem do Bom Jesus I	Florianópolis	Media aproximadamente 1.500 m², com um metro de espessura sendo parcialmente destruído	Vistoria
Florianópolis 23 – Vargem do Bom Jesus II	Florianópolis	Media aproximadamente 300 m², com 30 cm de espessura sendo parcialmente destruído	Vistoria
Florianópolis 24 – Ponta das Canas	Florianópolis	Media 60 x 40 x 4 m, foi bastante destruído pela lavoura e teve construção interditada	Vistoria e denúncia
Florianópolis 25 – Lagoinha da Ponta das Canas	Florianópolis	Media 20 x 15 x 1,5 m, foi bastante destruído para a construção da casa do então político Celso Ramos	Vistoria e escavação arqueológica
Florianópolis 26 – Porto do Rio Vermelho	Florianópolis	Media 80 x 20 x 4 m, foi bastante destruído pela indústria caieira	Vistoria
Florianópolis 27 – Campo do Casqueiro I	Florianópolis	Media 22 x 12 x 4 m, sambaqui preservado	Vistoria
Florianópolis 28 – Campo do Casqueiro II	Florianópolis	Media 20 m² com 30 cm de espessura, muito destruído pela ação do arado.	Vistoria
Florianópolis 29 – Mato do Pilão	Florianópolis	Media 15 m² com 40 centímetros de espessura, sambaqui preservado	Vistoria
Florianópolis 30 – Ponta do Martins	Florianópolis	Media 36 x 29 x 1,5 m, sambaqui preservado	Vistoria
Florianópolis 31 – Praia Grande	Florianópolis	Media 100 x 20 x 4 m, foi parcialmente destruído e posteriormente escavado	Vistoria e escavação arqueológica
Florianópolis 32 – Campo do Jurerê I	Florianópolis	Media 100 x 100 x 1 m, sambaqui preservado	Vistoria
Florianópolis 33 – Campo do Jurerê II	Florianópolis	Media 15 x 0,6 m, sambaqui preservado	Vistoria
Florianópolis 34 – Costa da Lagoa	Florianópolis	Media 3000 m², com menos de um metro de espessura, destruído pela ocupação urbana e agricultura	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Governador Celso Ramos 1 – Sambaqui	Governador Celso Ramos	Media 80 x 60 x 3 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Governador Celso Ramos 2 – Sambaqui	Governador Celso Ramos	Media 25 x 20 x 2 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Governador Celso Ramos 3 – Sambaqui	Governador Celso Ramos	Media 70 x 40 x 5 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Governador Celso Ramos 4 – Sambaqui	Governador Celso Ramos	Media 60 x 30 x 2 m, sambaqui preservado	Vistoria
Governador Celso Ramos 5 – Sambaqui	Governador Celso Ramos	Media 160 x 40 x 2 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Governador Celso Ramos 6 – sambaqui da Casa Grande	Governador Celso Ramos	Media 40 x 20 x 0,5 m, sambaqui com vestígios de antiga construção de moradia	Vistoria
Porto Belo 1 – Sambaqui	Porto Belo	Media 60 x 60 x 5 m, sambaqui destruído pela abertura de estrada	Vistoria
Porto Belo 2 – Sambaqui	Porto Belo	Media 10 x 10 x 3 m, sambaqui destruído por avanço da urbanização	Vistoria e denúncia
Balneário Camboriú 1 – Sambaqui	Balneário Camboriú	Media 60 x 30 x 2 m, sambaqui pesquisado	Vistoria e escavação arqueológica
Camboriú 1 – Sambaqui	Camboriú	Media 50 x 50 x 3 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Penha 1 – Sambaqui	Penha	Media 100 x 100 x 1 m, sambaqui destruído para compactação de estradas	Vistoria
Penha 2 – Sambaqui	Penha	Media 50 x 50 x 1 m, sambaqui destruído pela prefeitura para aterro de estrada	Vistoria
Penha 3 – Sambaqui	Penha	Media 20 x 20 x 5 m, sambaqui destruído por fenômenos naturais de avanço da maré	Vistoria e coleta de material arqueológico
Barra Velha 2 – Sambaqui	Barra Velha	Media 80 x 50 x 1,5 m, sambaqui localizado no terreno de José Renato Ramos e Rino Aguiar	Vistoria
Araquari 1 – Areias Grandes	Araquari	Media 55 x 30 x 6 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Araquari 2 – Perequê	Araquari	Media 140 x 30 x 10 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Araquari 3 – Rio Parati I	Araquari	Media 200 x 60 x 6 m, sambaqui destruído pela construção da estrada de ferro	Mapeado por Bigarella

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Araquari 4 – Rio Parati II	Araquari	Media 100 x 70 x 15 m, sambaqui destruído pela construção da estrada de ferro	Vistoria
Araquari 5 – Gamboa do Rio Parati	Araquari	Media 150 x 50 x 5 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Araquari 6 – Barra do Rio Parati	Araquari	Media 80 x 40 x 6 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Araquari 7 – Ilha dos Barcos I	Araquari	Media 70 x 30 x 1 m, sambaqui destruído por ação agrícola	Vistoria
Araquari 8 – Ilha dos Barcos II	Araquari	Media 60 x 40 x 5 m, sambaqui preservado, mas estava sendo destruído pela ação da maré	Vistoria
Araquari 9 – Ilha do Mel	Araquari	Media 60 x 50 x 4 m, sambaqui destruído por ação das lavouras	Vistoria
Araquari 10 – Areias Pequenas	Araquari	Media 170 x 80 x 15 m, sambaqui destruído por fabricantes de cal	Vistoria
Araquari 11 – Barranca do Rio Parati	Araquari	Media 100 x 50 x 6 m, sambaqui destruído pelo DER para compactação de estradas	Vistoria
Araquari 12 – Piraí-Piranga	Araquari	Media 20 m de diâmetro e 3 m de espessura, sambaqui preservado	Vistoria
Araquari 13 – Rio Paranaguá-Mirim I	Araquari	Media 50 x 15 x 5 m, sambaqui preservado	Vistoria
Araquari 14 – Rio Paranaguá-Mirim II	Araquari	Situado à margem esquerda do rio Paranaguá-Mirim foi destruído e não foi possível definir seu tamanho	Vistoria
Araquari 15 – Ilha dos Papagaios	Araquari	Media 100 x 50 x 8 m, sambaqui preservado	Vistoria
Araquari 16 – Rio Pinheiros I	Araquari	Media 90 x 45 x 8 m, sambaqui destruído para uso em compactação de estradas	Vistoria
Araquari 17 – Rio Pinheiros II	Araquari	Media 65 x 47 x 15 m, sambaqui destruído para uso em compactação de estradas	Vistoria
Araquari 18 – Rio Paranaguá-Mirim IV	Araquari	Media 30 x 15 x 4 m, sambaqui alterado por uso de trator na sua superfície	Vistoria
São Francisco do Sul 1 – Ribeira I	São Francisco do Sul	Media 150 x 100 x 12 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 2 – Porto do Rei I	São Francisco do Sul	Media 30 x 30 x 0,5 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 3 – Porto do Rei II	São Francisco do Sul	Media 100 x 60 x 15 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria



Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
São Francisco do Sul 4 – Bupeva I	São Francisco do Sul	Media 100 x 50 x 10 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 5 – Praia Grande I	São Francisco do Sul	Media 100 x 40 x 6 m, sambaqui destruído para uso em compactação de estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 6 – Praia Grande II	São Francisco do Sul	Media 100 x 100 x 15 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 7 – Praia Grande III	São Francisco do Sul	Media 200 x 200 x 25 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 8 – Praia Grande IV	São Francisco do Sul	Media 150 x 100 x 25 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 9 – Lagoa do Acarei I	São Francisco do Sul	Media 150 x 150 x 12 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 10 – Lagoa do Acarei II	São Francisco do Sul	Media 150 x 40 x 5 m, sambaqui usado para a agricultura	Vistoria
São Francisco do Sul 11 – Tapera I	São Francisco do Sul	Media 40 x 25 x 5 m, sambaqui destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 12 – Tapera II	São Francisco do Sul	Media 30 x 30 x 5 m, sambaqui destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 13 – Tapera III	São Francisco do Sul	Media 40 x 40 x 5 m, sambaqui destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 14 – Enseada	São Francisco do Sul	Media 80 x 40 x 10 m, sambaqui destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 15 – Forte Marechal Luz	São Francisco do Sul	Media 50 x 40 x 6 m, sambaqui destruído pelos militares	Vistoria
São Francisco do Sul 16 – Bupeva II	São Francisco do Sul	Media 30 x 20 x 1 m, possivelmente preservado pois está em local de mata densa e pouco acessível	Vistoria
São Francisco do Sul 17 – Vila da Glória I	São Francisco do Sul	Media 25 x 10 x 4 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 18 – Vila da Glória II	São Francisco do Sul	Media 50 x 50 x 12 m, sambaqui alterado pela ocupação urbana	Vistoria
São Francisco do Sul 19 – Vila da Glória III	São Francisco do Sul	Media 20 x 15 x 2 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 20 – Lagoa do Acarei III	São Francisco do Sul	Media 60 x 40 x 7 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
São Francisco do Sul 21 – Lagoa do Acarei IV	São Francisco do Sul	Media 200 x 50 x 7 m, sambaqui pouco destruído	Vistoria
São Francisco do Sul 22 – Lagoa do Acarei V	São Francisco do Sul	Media 10 x 6 x 2 m, sambaqui bastante preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 23 – Lagoa do Acarei VI	São Francisco do Sul	Media 100 x 100 x 20 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 24 – Capivaru I	São Francisco do Sul	Media 30 x 30 x 5 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 25 – Capivaru II	São Francisco do Sul	Media 10 x 10 x 3 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 26 – Capivaru III	São Francisco do Sul	Media 30 x 6 x 2 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 27 – Capivaru IV	São Francisco do Sul	Media 45 x 12 x 7 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 28 – Ribeira II	São Francisco do Sul	Media 40 x 40 x 5 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 29 – Ribeira III	São Francisco do Sul	Media 20 x 20 x 5 m, sambaqui parcialmente destruído pela Madeireira Dorem	Vistoria
São Francisco do Sul 30 – Ilha do Linguado I	São Francisco do Sul	Media 200 x 100 x 12 m, sambaqui totalmente destruído	Vistoria
São Francisco do Sul 31 – Ilha do Linguado II	São Francisco do Sul	Media 60 x 40 x 8 m, sambaqui parcialmente destruído pela Estrada de Ferro	Vistoria
São Francisco do Sul 32 – Ribeira IV	São Francisco do Sul	Media 12 x 12 x 1,5 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
São Francisco do Sul 33 – Ribeira V	São Francisco do Sul	Media 15 x 15 x 3 m, sambaqui parcialmente destruído pela COMFLORESTA, que limpou a área do sítio com um trator alterando a superfície do sambaqui	Vistoria
São Francisco do Sul 34 – Ribeira VI	São Francisco do Sul	Media 30 x 20 x 6 m, sambaqui parcialmente destruído pela COMFLORESTA, que limpou a área do sítio com um trator alterando a superfície do sambaqui	Vistoria
São Francisco do Sul 35 – Bupeva III	São Francisco do Sul	Media 140 x 30 x 2,5 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 36 – Bupeva IV	São Francisco do Sul	Media 100 x 50 x 3 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 37 – Bupeva V	São Francisco do Sul	Media 100 x 75 x 7 m, sambaqui preservado	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
São Francisco do Sul 38 – Gamboa I	São Francisco do Sul	Media 60 x 30 x 9 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 39 – Gamboa II	São Francisco do Sul	Media 40 x 30 x 5 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 40 – Gamboa III	São Francisco do Sul	Media 25 x 20 x 2 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 41 – Gamboa IV	São Francisco do Sul	Media 100 x 40 x 5 m, sambaqui destruído para fabricação de cal	Vistoria
São Francisco do Sul 42 – Bupeva VI	São Francisco do Sul	Media 50 x 50 x 10 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 43 – Bupeva VII	São Francisco do Sul	Media 100 x 50 x 6 m, sambaqui preservado	Vistoria
São Francisco do Sul 44 – Bupeva VIII	São Francisco do Sul	Media 50 x 20 x 5 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 1 – Saí-Guaçu	Garuva	Media 100 x 60 x 17 m, sambaqui cortado pela estrada que dá acesso a Itapoá	Vistoria
Garuva 2 – Jaguaruna I	Garuva	Media 60 x 20 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
Garuva 3 – Jaguaruna II	Garuva	Media 60 x 10 x 2 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
Garuva 4 – Jaguaruna III	Garuva	Media 60 x 20 x 2 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 5 – Jaguaruna IV	Garuva	Media 20 x 10 x 2 m, sambaqui parcialmente destruído por particulares	Vistoria
Garuva 6 – Barra do Rio Saí-Mirim I	Garuva	Media 80 x 40 x 3 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
Garuva 7 – Barra do Rio Saí-Mirim II	Garuva	Media 50 x 5 m, sambaqui parcialmente destruído pela prefeitura para compactação das estradas	Vistoria
Garuva 8 – Rio Saí-Mirim I	Garuva	Media 100 x 70 x 20 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 9 – Rio Saí-Mirim II	Garuva	Media 30 x 15 x 2 m, sambaqui parcialmente destruído pela lavoura	Vistoria
Garuva 10 – Rio Saí-Mirim III	Garuva	Media 100 x 40 x 6 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 11 – Rio Saí-Mirim IV	Garuva	Media 80 x 50 x 4 m, sambaqui preservado	Vistoria

Nome do sítio	Município	Características gerais	Ações desenvolvidas
Garuva 12 – Rio Braço do Norte do Rio Saí-Mirim I	Garuva	Media 90 x 80 x 8 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 13 – Rio Braço do Norte do Rio Saí-Mirim II	Garuva	Media 50 x 10 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 14 – Rio Braço do Norte do Rio Saí-Mirim III	Garuva	Media 30 x 15 x 3 m, sambaqui preservado	Vistoria
Garuva 15 – Jaguaruna IV	Garuva	Media 70 x 40 x 6 m, sambaqui preservado	Vistoria
Joinville 1- Morro do Ouro	Joinville	Media 100 x 100 x 10 m, sambaqui preservado	Vistoria
Joinville 2 – Guanabara	Joinville	Media 60 x 10 x 5 m, sambaqui 20 % destruído	Vistoria
Joinville 3 – Cubatão I	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 4 – Cubatão II	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 5 – Cubatão III	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 6 – Cubatãozinho	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza
Joinville 7 – Espinheiros I	Joinville	Sem especificação	Mapeado por Piazza



**Figura 59:** Sepultamento infantil n.º 75 (com acompanhamentos funerários), do Sítio Praia da Tapera. Coletado por meio da técnica de cimentação de esqueletos humanos. Em exposição no Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr, S.J.”, município de Florianópolis/SC.

Fotografia: Oscar Liberal / IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC



# AS CONTRIBUIÇÕES DE PADRE ROHR À BIOANTROPOLOGIA E BIOARQUEOLOGIA DO LITORAL DE SANTA CATARINA NO HOLOCENO MÉDIO E FINAL ATRAVÉS DA FORMAÇÃO DE COLEÇÕES DE ESQUELETOS HUMANOS PRÉ-HISTÓRICOS

Dra Mercedes Okumura

Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH)

Departamento de Genética e Biologia Evolutiva

Instituto de Biociências / Universidade de São Paulo

Bolsista produtividade CNPq (302163/2017-4)

okumura@ib.usp.br

## RESUMO

Este capítulo visa a apresentar as contribuições de Padre Rohr à arqueologia brasileira, com ênfase na construção de coleções osteológicas humanas oriundas de escavações de sepultamentos encontrados em sambaquis da costa do estado de Santa Catarina. A formação de tais coleções, das quais Padre Rohr foi uma figura pivotal, possibilitou diversos estudos nas áreas de bioantropologia e bioarqueologia, incluindo o estudo das relações de afinidade biológica entre os diferentes grupos associados aos sambaquis da costa sudeste e sul do Brasil e a proposição de modelos de povoamento do litoral durante o Holoceno Médio e Final. Inicialmente, apresentamos um breve panorama acerca da arqueologia de sambaquis da costa sudeste e sul, assim como uma discussão geral sobre os sambaquis catarinenses. Em seguida, apresentamos uma análise que mostra a contribuição irrefutável das pesquisas de Padre Rohr no que diz respeito à formação de coleções de esqueletos humanos oriundos do litoral catarinense. Finalmente, discutimos essas coleções podem contribuir para a construção do conhecimento acerca desses povos pretéritos, com ênfase nas questões acerca das afinidades biológicas desses grupos pré-históricos.

**Palavras-chave:** Bioantropologia. Padre João Alfredo Rohr. Arqueologia da Morte. Santa Catarina.

## SAMBAQUIS DO LITORAL SUDESTE E SUL BRASILEIROS

De modo geral, sambaquis podem ser descritos como sendo sítios arqueológicos datados do Holoceno Médio e Tardio, presentes principalmente na faixa costeira do Rio Grande do Sul até o Recôncavo Baiano e do Maranhão até o Pará (GASPAR, 1998; LIMA, 1999-2000; WAGNER et al., 2011). Este capítulo terá como foco sambaquis da costa sudeste e sul do Brasil, isto é, na região litorânea que abrange os estados do Rio de Janeiro até Santa Catarina. Embora exista muito debate a respeito da diversidade incluída dentro do termo “sambaqui” para se referir a esses sítios brasileiros, é possível caracterizá-los como sendo estruturas monticulares presentes majoritariamente no litoral brasileiro e formadas principalmente por camadas de conchas. Frequentemente, tais camadas encontram-se associadas a restos faunísticos de outra natureza, além de carvão, artefatos líticos, ósseos e conchíferos, e sepultamentos humanos (DUARTE, 1968; PROUS & PIAZZA, 1977).

Datações apontam que a maioria dos sambaquis da costa sudeste e sul brasileiras encontra-se na faixa cronológica de cinco mil e três mil anos AP (LIMA, 1999-2000; LIMA et al., 2004). No entanto, alguns sambaquis apresentam datações mais recuadas, como é o caso de Camboinhas e Algodão no Rio de Janeiro (KNEIP et al., 1981; LIMA et al., 2002; 2004) e de Maratujá e Cambriu Grande em São Paulo (EMPERAIRE & LAMING, 1956; CALIPPO, 2004).

A presença desses sítios em ambientes lagunares, de grande produtividade biótica, seria indicativa de uma subsistência majoritariamente baseada em recursos aquáticos. Dada a grande quantidade de conchas de moluscos observada nesses sítios, até o final do século XX, tais moluscos eram considerados como a base da dieta desses grupos. No entanto, estudos zooarqueológicos e de isótopos estáveis em esqueletos humanos feitos a partir dos anos de 1990 apontam para um predomínio da pesca como atividade



**Figura 60:** Machado polido oriundo de sambaqui de Santa Catarina.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN. Fonte: Acervo MHS/CC.

de subsistência (BANDEIRA, 1992; FIGUTI, 1992, 1993; 1999; LIMA, 1991; KNEIP, 1994; DE MASI, 1999, 2001) e que a coleta de moluscos teria sido uma atividade voltada majoritariamente para a construção desses sítios (FISH et al., 2000; GASPAS, 1998; GASPAS & DEBLASIS, 1992). Estudos acerca da importância do consumo de espécies vegetais por esses grupos, baseados principalmente em estudos de patologias orais, apontam para uma dieta com poucos produtos vegetais cariogênicos (com exceções). Análises de micro vestígios botânicos obtidos principalmente do cálculo dentário de esqueletos humanos evidenciam uma diversidade de produtos de origem vegetal consumida por esses grupos (TURNER & MACHADO, 1983; DIAS & CARVALHO, 1983-1984; MACHADO, 1984; NEVES et al., 1984; OLIVEIRA, 1991; SCHEEL-YBERT, 1998; 2001; SCHEEL-YBERT et al., 2009, TENÓRIO, 2000; WESOLOWSKI, 2000; WESOLOWSKI et al., 2010, NEVES & WESOLOWSKI, 2002; BOYADJIAN et al., 2007, 2016a, 2016b; OKUMURA & EGGERS, 2012).

Esses grupos humanos fabricaram e usaram uma miríade de artefatos confeccionada em pedra lascada e polida, concha e osso. Há raros relatos sobre a presença de artefatos formais, além dos numerosos machados polidos observados em alguns sítios (Figura 60). Dentre os artefatos líticos, destacam-se os zoólitos (Figura 62), esculturas feitas em pedra polida, geralmente zoomorfas, e cujo apelo estético sugere uso ritual (PROUS, 1976; SCHIMITZ, 1987; LIMA, 1999-2000; MILHEIRA 2005, 2014; GOMES, 2012).



**Figura 61:** Artefatos ósseos encontrados em sambaqui de Santa Catarina. Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN. Fonte: Acervo MHS/CC



**Figura 62:** Peça lítica, zoomorfa apresentando cavidade, vista em ângulos distintos. Sambaqui Pântano do Sul, Florianópolis, Santa Catarina. Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN. Fonte: Acervo MHS/CC

Ainda em termos de cultura material, o advento da cerâmica no Holoceno Final na região costeira do sudeste e sul do Brasil merece destaque. Essa cerâmica, associada a distintos grupos, aparece no topo ou nas camadas mais superficiais de alguns sambaquis, ou em sítios mais rasos, que raramente atingem um metro de espessura, denominados “acampamentos conchíferos cerâmicos” (PROUS & PIAZZA, 1977). Hipóteses acerca da extinção dos grupos associados aos sambaquis “clássicos” (ou seja, pré-cerâmicos) propõem a diminuição ou interrupção total da construção dos montes de conchas (BECK, 1972; CHMYZ, 1976; NEVES, 1988).

## OS SAMBAQUIS DE SANTA CATARINA

O povoamento da costa de Santa Catarina pode ser dividido em três partes, de acordo com questões cronológicas e culturais. Primeiro, vieram os grupos caçadores-coletores-pescadores, relacionados aos sambaquis, no Holoceno Médio. No Holoceno Final, temos a chegada de grupos ceramistas: primeiro, aqueles relacionados à tradição Itararé e, subsequentemente, grupos associados à tradição tupi-guarani (CHMYZ, 1976; PROUS, 1976; PROUS & PIAZZA, 1977; NEVES, 1988). A datação mais antiga existente para os sambaquis da costa de Santa Catarina é de 4500 anos AP (Rio Comprido, Pântano do Sul I, Porto do Rio Vermelho 1, Mato Alto 2, entre outros), e esse período que se caracteriza pela construção intensiva de sambaquis ocorre até aproximadamente 1200 anos AP. Especialmente no litoral norte e no litoral sul de Santa Catarina, os sambaquis são caracterizados pelas suas grandes dimensões

e uma indústria lítica polida, em que merecem destaque os machados e os supracitados zoólitos. Ainda no período anterior à chegada de grupos ceramistas, concomitantemente aos sambaquis, observa-se o que Prous & Piazza (1977) denominam de “acampamentos conchíferos pré-cerâmicos”. Esses seriam sítios mais planos e sem cerâmica. Armação do Sul seria um exemplo desse tipo de sítio.

A partir de 1200 anos AP, são observados sítios rasos com cerâmica associada à tradição Itararé (BECK, 1972; CHMYZ, 1976; PROUS & PIAZZA, 1977; SCHMITZ, 1984; NEVES, 1988, **Figura 63**) e um menor acúmulo de conchas. Esses sítios foram denominados de “acampamentos conchíferos cerâmicos” por Prous (1991). Além desses sítios rasos, cerâmica associada à tradição Itararé pode ser observada nas camadas mais superficiais de sambaquis catarinenses, como é o caso de Rio Pinheiros 8 e Enseada I. O aparecimento de cerâmica nesses níveis mais recentes parece ser um fenômeno complexo e que teria variado em termos da interação entre os grupos caçadores-coletores-pescadores e os horticultores. Por exemplo, em Forte Marechal Luz, cerâmica associada à tradição Itararé pode ser observada nos seis metros mais superficiais do sítio e aparentemente, não ocorre nenhuma outra modificação na cultura material (incluindo o padrão de sepultamento, BRYAN, 1961). A presença de um segundo grupo ceramista, aquele associado à tradição tupi-guarani, ocorre por volta de mil anos AP no litoral de Santa Catarina essas foram as populações contatadas pelos portugueses no século XVI (PROUS, 1977).



**Figura 63:** Fragmentos de cerâmica associada à tradição Itararé encontrados no sítio Praia da Tapera.

**Fotografia:** Juliana Gómes Mejía. **Fonte:** Acervo MHS/CC

## **SAMBAQUIS E OUTROS SÍTIOS COSTEIROS DE SANTA CATARINA ESCAVADOS E ANALISADOS POR PADRE ROHR: UMA QUANTIFICAÇÃO DOS REMANESCENTES ÓSSEOS HUMANOS**

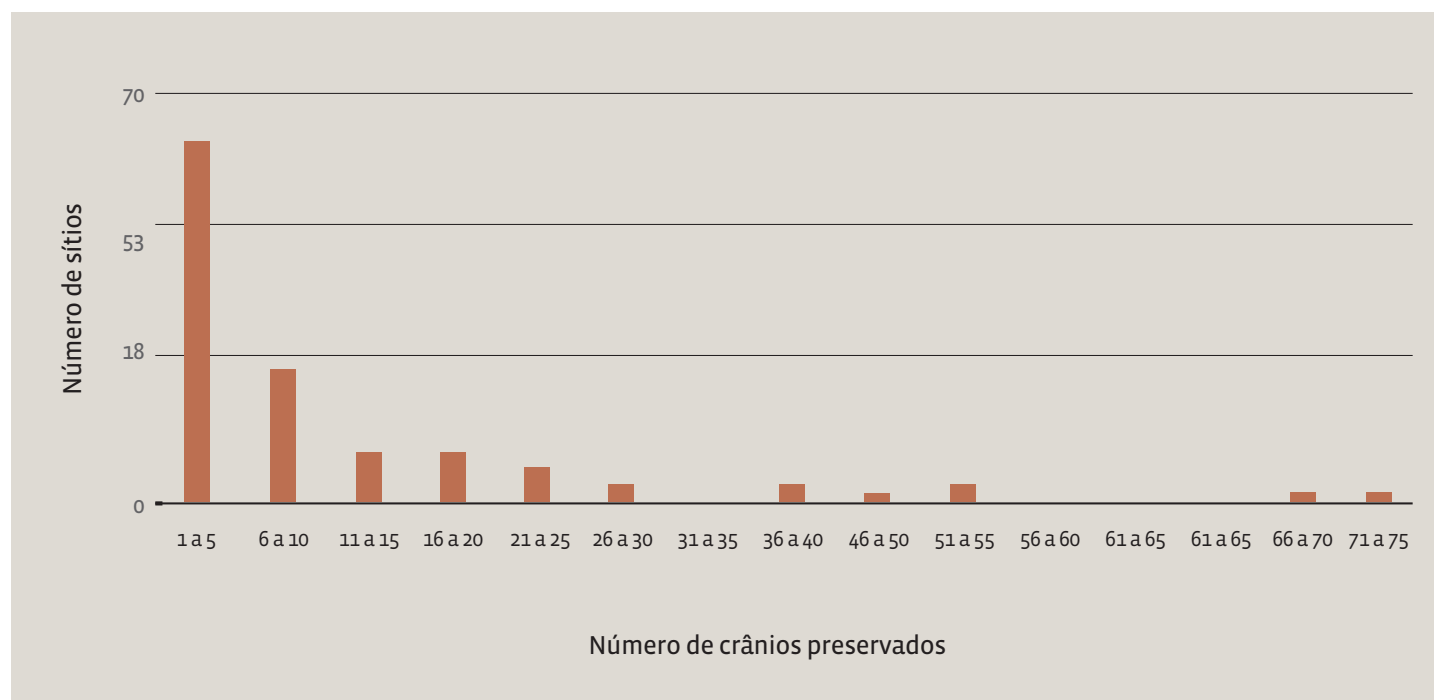
É inegável o importante papel que Padre Rohr teve na arqueologia brasileira, com destaque para a catalogação e escavação de sambaquis e outros sítios costeiros no litoral central e sul de Santa Catarina, além da Ilha de Santa Catarina. Não é exagero afirmar que a maioria das coleções osteológicas humanas oriundas de sambaquis das regiões supracitadas foram fruto do trabalho arqueológico empreendido por Padre Rohr entre as décadas de 1950 e 1970.

A fim de verificar essa afirmação, seria importante quantificar os esqueletos encontrados nas coleções osteológicas relacionadas a remanescentes ósseos humanos oriundos de sambaquis e demais sítios da costa sudeste e sul. Infelizmente, nem todas as coleções apresentam inventários completos e detalhados (ou disponíveis para consulta online), de forma que usamos uma medida aproximada da quantidade de remanescentes ósseos humanos encontrados nas instituições brasileiras. Assim, consideramos a contagem do número de crânios adultos cujas medidas craniométricas eram passíveis de serem realizadas, de acordo com a pesquisa da autora, que incluiu uma varredura em coleções presentes nas principais instituições dos estados do sudeste e sul (OKUMURA, 2008). São elas: Museu Nacional (UFRJ) e Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) no Rio de Janeiro; Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP) em São Paulo; Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-UFPR), Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA-UFPR) e Museu Paranaense no Paraná; MASJ: Museu Arqueológico de sambaqui de Joinville (MASJ), Museu de Arqueologia e Etnologia “Oswaldo Rodrigues Cabral” (MARQUE-UFSC) e Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr” em Santa Catarina e Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP-Unisinus) no Rio Grande do Sul. É importante ressaltar que os números apresentados representam uma subestimativa do número total de esqueletos humanos nessas coleções, uma vez que se restringe aos crânios de indivíduos adultos em estado de conservação de mediano a excelente. No entanto,



acreditamos ser uma boa proxy para entender a importância dos trabalhos de Padre Rohr na construção do conhecimento arqueológico, especialmente no que diz respeito à sua contribuição aos acervos osteológicos humanos. O **Gráfico 2** apresenta o número de crânios de indivíduos adultos relativamente bem preservados oriundos de sítios arqueológicos da costa sudeste e sul, encontrados nas instituições supracitadas. Claramente, a maioria dos sítios arqueológicos apresenta poucos esqueletos bem preservados, o que pode ser verificado

no pico de frequência relativo ao intervalo de um a cinco esqueletos. Os sítios que apresentam números mais expressivos são: Corondó e Base Aérea (36 a 40 crânios), Laranjeiras II (42 crânios), Morro do Ouro e Guaraguaçu (46 a 50 crânios), Praia da Tapera (69) e Cabeçuda (73). Em suma, é possível inferir que dos sete sítios arqueológicos do litoral sudeste e sul que apresentam mais esqueletos humanos em coleções, três foram escavados por Padre Rohr (Base Aérea, Laranjeiras II e Praia da Tapera, **Figura 64**).



**Gráfico 2:** Número de crânios de indivíduos adultos relativamente bem preservados oriundos de sítios arqueológicos da costa sudeste e sul, encontrados em instituições do sudeste e sul do Brasil.

Fonte: Mercedes Okumura, autora.

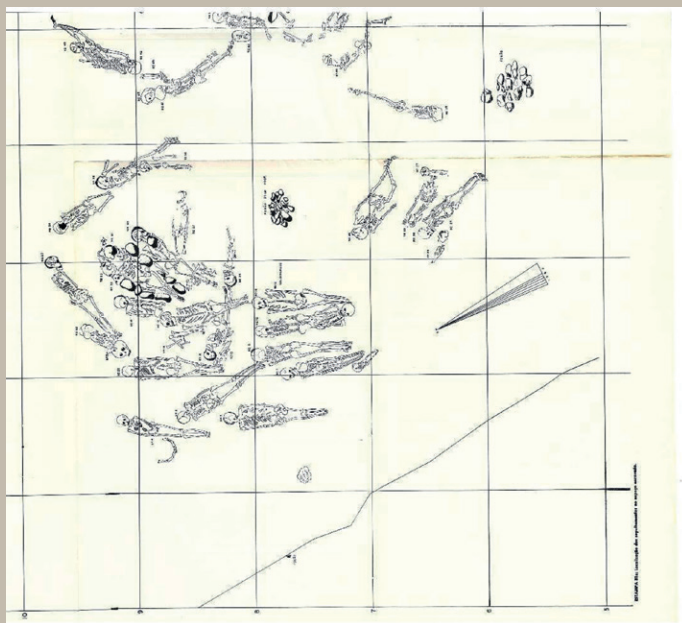


**Figura 64:** Diário de campo da escavação na Base Aérea (1958), Florianópolis.  
**Fotografia:** Oscar Liberal/IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC

Se observarmos com detalhes os sítios das regiões pesquisadas por Padre Rohr (litoral central e sul de Santa Catarina, além da Ilha de Santa Catarina), também verificamos a importância dessas coleções. Assim, no litoral central de Santa Catarina, a autora analisou quatro sítios (Cabeçudas, Laranjeiras I, Laranjeiras II e Praia do Embrulho). Desses, apenas a

coleção de Praia do Embrulho não foi fruto da pesquisa de Padre Rohr (1971; 1973; 1984; SCHMITZ et al., 1993; 1996a; SCHMITZ & VERARDI, 1996). Já em relação aos dez sítios costeiros da Ilha de Santa Catarina (Armação do Sul, Base Aérea, Ilha do Arvoredo, Ilha dos Corais, Pântano do Sul I, Ponta das Almas, Porto do Rio Vermelho 2, Praia Grande, Rio Lessa e Praia da Tapera) analisados pela autora, sete foram escavados por Padre Rohr (SCHMITZ et al., 1992, 1996b; BATISTA DA SILVA et al., 1990) e um sítio (Armação do Sul) apresenta materiais esqueléticos humanos oriundos de escavações de Padre Rohr e de outro pesquisador (ROHR & ANDREATTA, 1969; SCHMITZ et al., 1992). Finalmente dos doze sítios analisados para o litoral sul de Santa Catarina (Balsinha I, Cabeçuda, Caieira, Carniça I, Congonhas I, Içara, Imbituba (região), Jabuticabeira II, Jaguaruna 32, Laguna (região), Magalhães e Passagem do Rio D'Una I), dois foram pesquisados por Padre Rohr de modo a gerar acervos esqueléticos (ROHR, 1983).

Além da formação de coleções esqueléticas humanas importantes, outro aspecto chama a atenção nas pesquisas de Padre Rohr: a confecção de plantas apresentando a disposição geral dos sepultamentos, incluindo o número de identificação dado a cada indivíduo (**Figura 65**). Tais informações, raras na literatura arqueológica brasileira, são importantíssimas para o estudo dos padrões de sepultamento de um grupo humano pretérito, assim como o cruzamento desses padrões com dados de sexo, idade, patologias, entre outros.



**Figura 65:** Detalhe da planta mostrando a disposição espacial dos sepultamentos do sítio Praia da Tapera (Batista da Silva et al., 1990).

**Fonte:** Acervo MHS/CC

## O ESTUDO DOS REMANESCENTES ÓSSEOS HUMANOS ORIUNDOS DE SAMBAQUIS: PALEOPATOLOGIA E ARQUEOLOGIA DA MORTE

Tradicionalmente, as principais áreas de estudo de remanescentes ósseos humanos pré-históricos são a paleopatologia, os padrões de sepultamento e a biodistância. A maioria dos sambaquis apresenta sepultamentos humanos, de forma que muitas coleções osteológicas dessa natureza foram



**Figura 66:** Desgaste dental acentuado e abscesso observado em indivíduo da Praia da Tapera.

**Fotografia:** Juliana Gomes Mejia **Fonte:** Acervo Pessoal da autora.

formadas ao longo dos anos nas instituições de pesquisa. Muitos desses estudos bioantropológicos e bioarqueológicos, especialmente os mais antigos, focaram na análise da saúde oral desses grupos, apontando para um padrão de poucas cáries (compatível com o esperado para grupos caçadores-coletores) e baixa frequência de perda de dentes antemortem e alto desgaste dental (SALLES CUNHA, 1959, 1963; ARAÚJO, 1969, 1970; UNGER & IMHOF, 1972; RODRIGUES, 1997, HAUBERT et al., 2004 – **Figura 66**).

Esse padrão de saúde oral confirmou-se com estudos posteriores que levaram em conta outros marcadores de saúde populacional, que complementaram nosso conhecimento a respeito desses grupos, apontando para uma baixa frequência de traumas violentos ou acidentais (LESSA & MEDEIROS 2001, LESSA & SCHERER 2008), uma alta frequência de alterações ósseas relacionadas a processos infecciosos crônicos e a presença de patologias degenerativas das articulações de forma mais marcante nos membros superiores em relação aos



**Figura 67:** Indivíduo do sítio Praia da Tapera apresentando patologia degenerativa das articulações distais do úmero.

**Fotografia:** Juliana Gomes Mejía **Fonte:** Acervo Pessoal da autora

inferiores (MENDONÇA DE SOUZA, 1995; RODRIGUES-CARVALHO, 2004; HUBBE, 2005; OKUMURA & EGGERS, 2005, **Figura 67**). Tais padrões de violência e infecções foram interpretados, respectivamente, como sendo consequência de uma baixa violência inter-grupal e de uma forma de vida relativamente sedentária. Já os resultados relacionados às degenerações articulares foram interpretados como resposta às demandas das atividades relacionadas à aquisição de recursos aquáticos, como nadar, jogar redes de pesca e remar.

A importância das atividades ligadas à obtenção recursos aquáticos também foi evidenciada a partir das altas frequências de exostoses do meato auditivo interno observadas em alguns grupos, uma vez que tais crescimentos ósseos são interpretados como sendo uma resposta fisiológica à exposição do meato auditivo ao resfriamento causado pela exposição à água (OKUMURA et al., 2006; 2007a, 2007b).

Além do estudo de patologias ósseas, remanescentes esqueléticos humanos são importantes para a discussão acerca das afinidades biológicas dessas populações (OKUMURA, 2013). Muitas hipóteses foram colocadas a respeito da ocorrência ou não de uma unidade morfológica nesses grupos, frequentemente a partir de amostras reduzidas e análises estatísticas simples (LACERDA, 1885; MELLO E ALVIM & MELLO FILHO, 1965; MELLO E ALVIM et al., 1984). No início da década de 1980, Neves (1982; 1988) propôs uma hipótese sobre as afinidades biológicas dos grupos costeiros que será discutida com mais detalhe posteriormente.





**Figura 68:** Sepultamento múltiplo de indivíduos sub-adultos do sítio Praia da Laranjeiras apresentando grande quantidade de pigmento. Município de Balneário de Camboriú/SC.

**Fotografia:** Oscar Liberal/IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC

Além disso, remanescentes ósseos humanos oriundos de sítios costeiros têm sido importantes no estudo da Arqueologia da Morte, principalmente no que diz respeito aos padrões de sepultamento observados em sambaquis e sítios afins. Ocorre uma grande diversidade nos modos de sepultamento empregados por esses grupos pretéritos, inclusive intra-sítio (DE POMPEU, 2017). Alguns sítios são considerados como sendo cemitérios ou como tendo sua construção intimamente ligada aos sepultamentos (GASPAR et al., 2008; DE SOUZA et al., 2012).

A preparação dos corpos pode ter envolvido uma série de passos, incluindo a deposição secundária de alguns indivíduos, assim como o uso de pigmentos de origem mineral (OKUMURA & EGGERS, 2008, 2014a, **Figura 68**). Artefatos depositados junto aos corpos, como zoólitos, têm sido interpretados como oferendas mortuárias. Outros elementos cujo papel de oferenda é menos óbvio seriam os restos de alimentos encontrados em associação às áreas funerárias de alguns sítios (KLOKLER 2008, 2016; VILLAGRÁN et al., 2010; GASPAR et al., 2014).



## QUEM FORAM OS GRUPOS HUMANOS QUE POVOARAM A COSTA SUDESTE E SUL DO BRASIL NO HOLOCENO MÉDIO E FINAL?

A fim de responder essa pergunta, é preciso utilizar um conceito chamado de biodistância ou distância biológica. A biodistância utiliza dados derivados de remanescentes humanos para estudar relações entre populações (similaridade ou falta dela) através da aplicação de métodos estatísticos multivariados. No caso de esqueletos pré-históricos humanos, é comum o uso de atributos mensuráveis ou caracterizados por graus de expressão observados no crânio, dentes ou pós-crânio, a fim de identificar padrões de variação biológica que separe diferentes populações, em termos de tempo ou espaço. Tal abordagem relaciona-se à expectativa teórico-metodológica de que morfologia craniana é um indicador razoavelmente bom de relações ancestral-descendente, uma vez que estudos de herdabilidade apontam uma contribuição genética importante na determinação da forma do crânio, ainda que ocorram mudanças de grande escala no ambiente (SPARKS & JANTZ, 2002).

Estudos indicam que os grupos da costa sudeste e sul brasileiras podem ser caracterizados por apresentar morfologia mongolóide. O trabalho da autora (OKUMURA, 2008) mostra que, quando as séries do litoral brasileiro se associam a outras séries mundiais, o fazem às séries de morfologia mongolóide (isto é, grupos históricos da Ásia ou das Américas). Tais resultados podem ser interpretados à luz do modelo

de povoamento das Américas proposto por Neves, na qual dois grupos biologicamente distintos em termos de morfologia craniana teriam colonizado essa região (MUNFORD et al., 1995; NEVES & HUBBE, 2005). O grupo mais antigo apresentaria uma morfologia craniana generalizada, semelhante à dos Australianos atuais e o grupo mais recente seria caracterizado por uma morfologia mongolóide, semelhante aos asiáticos atuais e aos nativos americanos atuais. Assim, os grupos que povoaram a costa sudeste e sul do Brasil no Holoceno Médio e Final pertenceriam ao segundo grupo, isto é, o de morfologia mongolóide (HUBBE, 2005; NEVES et al., 2008; BERNARDO et al., 2011; HUBBE et al., 2014).

Portanto, os diferentes grupos costeiros pré-históricos do sudeste e sul do Brasil podem ser considerados como sendo uma unidade morfológica, dentro da escala de comparação mundial. No entanto, ao verificarmos as afinidades biológicas focando apenas nessas populações do litoral, é possível observar alguma variação importante.

A supracitada hipótese de Neves (1982; 1988) propunha que os grupos que ocuparam o litoral do Rio de Janeiro e do Espírito Santo representariam uma unidade biológica distinta daquela formada pelos grupos que povoaram Paraná e Santa Catarina (NEVES, 1988), e as populações de São Paulo ocupariam uma posição intermediária (COCILOVO & NEVES, 1988). Esse modelo foi confirmado a partir das análises da autora (OKUMURA, 2008), que analisou sob o ponto de vista da craniometria e dos caracteres não-métricos

cranianos centenas de indivíduos oriundos de sítios do litoral sudeste e sul do Brasil. A **tabela 1** apresenta a composição da amostra usada para a Análise de

Componentes Principais<sup>18</sup> de 324 indivíduos do sexo masculino, oriundos de sítios costeiros do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

**Tabela 1:** Séries masculinas incluídas nas análises.<sup>19</sup>

Grupo	Descrição	N
NRJ	Litoral norte do Rio de Janeiro	30
CRJ	Litoral central do Rio de Janeiro	2
SRJ	Litoral sul do Rio de Janeiro	16
NSP	Litoral norte de São Paulo	5
CSP	Litoral central de São Paulo	27
SSP	Litoral sul de São Paulo	5
NPR	Litoral norte do Paraná	19
SPR	Litoral sul do Paraná	10
NSC	Litoral norte de Santa Catarina	62
CSC	Litoral central de Santa Catarina	33
ISC	Ilha de Santa Catarina	62
SSC	Litoral sul de Santa Catarina	53
Total		324

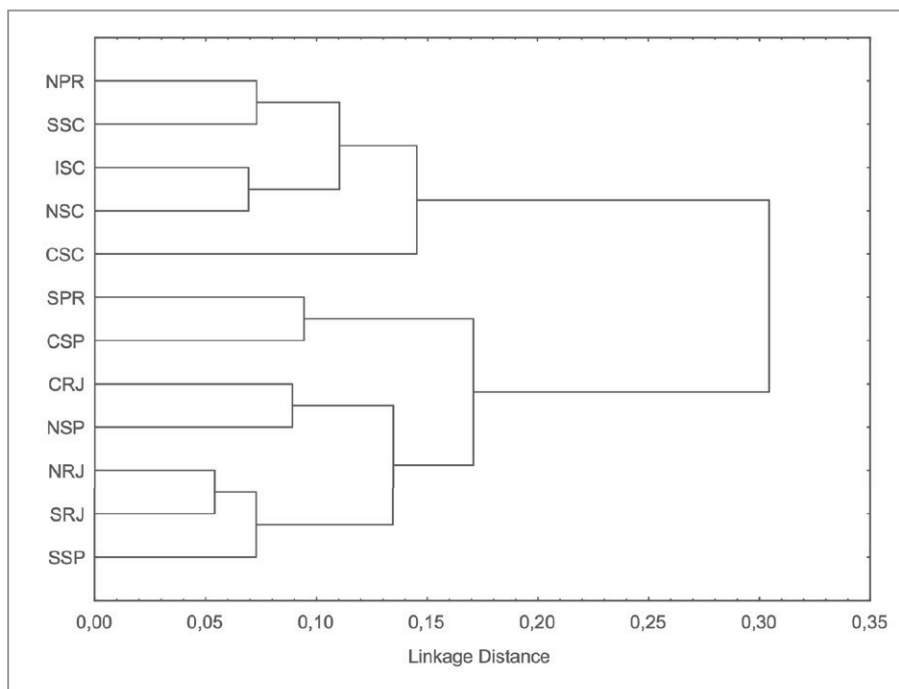
Fonte: OKUMURA, 2008.

<sup>18</sup> Dados corrigidos em relação ao tamanho. Usou-se matriz de covariância para a extração de dados e as variáveis craniométricas usadas foram: GOL, XCB, STB, AUB, ASB, FMB, NAS, DKB, WMH, FRC, PAC, OCC, VRR, NAR, BRR, LAR e OSR (HOWELLS, 1973; 1989; 1996).

<sup>19</sup> Para mais detalhes sobre a composição de cada série, cf. Okumura (2008).

A **Figura 69** apresenta o dendrograma gerado a partir dos sete primeiros Componentes Principais (que explicam 97,5 % da variação). São observados dois

grupos distintos: um deles formado por Rio de Janeiro, São Paulo e sul do Paraná e o outro constituído pelo norte do Paraná e Santa Catarina.



**Figura 69:** Dendrograma gerado a partir dos sete primeiros Componentes Principais. Método Ward sobre Distâncias Euclidianas.

Fonte: OKUMURA, 2008

Essa divisão do litoral sudeste e sul em dois grupos foi observada também nas análises feitas com dados craniométricos da amostra de indivíduos femininos e na análise de caracteres não métricos cranianos que levou em conta ambos os sexos juntos (OKUMURA, 2008). Nessas análises foram observados dois grupos: séries fluminenses e paulistas aparecem juntas, em oposição às catarinenses. As séries paranaenses mostram afinidades ora com as fluminenses e paulistas, ora

com as catarinenses. Apesar dessa divisão do litoral em duas partes ser praticamente constante nas análises, o ponto que delimita tal fronteira não é claro, embora o litoral do Paraná seja um bom candidato, uma vez que as afinidades observadas pelas duas séries desse estado oscilam entre São Paulo e Santa Catarina.

A presença desses dois grupos morfológicos relativamente distintos coincide com o modelo de Prous (1976; 1991) sobre a distribuição dos zoólitos, na qual

só pode ser observada do sul do Brasil até o norte do Paraná e sul de São Paulo. Assim, seria provável que os grupos humanos que migraram para os atuais territórios de Rio de Janeiro e São Paulo não tinham a produção de zoólitos como parte de seu repertório cultural.

Ainda, a monumentalidade observada em alguns sambaquis da costa norte e sul de Santa Catarina (LIMA, 1999-2000) poderia ser uma evidência dessa clivagem do litoral, uma vez que sítios de grandes proporções são raros no litoral sudeste. A autora propõe que os enormes sambaquis meridionais estariam ligados a um aumento na complexidade social desses grupos, incluindo o surgimento de desigualdade e hierarquia social e de poder institucionalizado (LIMA, 1999-2000). Deste modo, os grupos que se dispersaram em direção a São Paulo e Rio de Janeiro, não só perderam (ou nunca adquiriram) o hábito de fabricar zoólitos, como também não apresentam com tanta frequência a monumentalidade vista frequentemente nos sítios costeiros catarinenses.

A hipótese da divisão da costa proposta a partir de nossos resultados e o fato de alguns fatores culturais apoiarem essa idéia suscita a discussão acerca da colagem entre linhagens culturais e biológicas. Por um lado, Gaspar (1991) propõe que os sambaquis do Rio de Janeiro pertencem à mesma unidade sócio-cultural dos sambaquis do sudeste e sul brasileiros, apesar da presença de variações importantes, como a presença de zoólitos ou a monumentalidade observada em alguns sítios. Para a autora, o hábito de construir montes com restos alimentares, e o uso dos mesmos como local de

habitação e de sepultamento de mortos seria suficiente para inferir uma identidade sócio-cultural compartilhada por esses grupos. Por outro lado, Lima (1999-2000) entende que a construção de montes, por ser um fenômeno observado em distintas partes do mundo e em diferentes períodos, deve ser debatida a partir dessa diversidade. Embora a correlação entre grupos biológicos e grupos culturais esteja longe de ser perfeita, ela é observada de forma bastante consistente (CAVALLI-SFORZA et al., 1994), de modo que nossa interpretação sobre a divisão observada em termos morfológicos indicaria a existência (dentro da escala de análise) de dois grupos distintos em termos biológicos e culturais na costa sudeste e sul do Brasil.

## CONCLUSÕES

O estudo dos sambaquis e demais sítios costeiros do Holoceno Médio e Final no Brasil é fundamental para um melhor entendimento dos processos de povoamento dessa região, assim como para a construção de um quadro mais completo acerca da pré-história brasileira. É inegável a contribuição de Padre Rohr no que diz respeito à prospecção, identificação e escavação de sítios costeiros do estado de Santa Catarina. Graças a esses esforços, coleções osteológicas humanas oriundas desses sítios foram construídas e estudos em diferentes áreas da Bioantropologia e da Bioarqueologia — paleopatologia, Arqueologia da Morte e biodistância — puderam ser realizados, avançando de forma importante nosso conhecimento acerca dos povos associados aos sambaquis e outros sítios costeiros de Santa Catarina.

# REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, E. M. Análise do material ósseo humano do sambaqui do Rio Lessa (SC.LF.39). **Anais do Instituto de Antropologia (UFSC)**, ano 2, n.º 2, pp. 175-188, 1969.
- \_\_\_\_\_. Afecções dentárias: hipercementose e abrasão das populações do litoral de Santa Catarina. \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, v. 3, pp. 71-90, 1970.
- BANDEIRA, D. R. **Mudança na estratégia de subsistência. O sítio arqueológico Enseada I. Um estudo de caso.** 1992. (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BATISTA DA SILVA, S. et al. Escavações arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, s. j. — O sítio arqueológico da praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani. **Pesquisas (Antropologia)**, São Leopoldo, n.º 45, pp. 1-210, 1990.
- BECK, A. **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis — litoral de Santa Catarina.** 1972, 286 f. Tese. (Doutorado em Arqueologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BERNARDO, D. V. et al. Measuring skulls: getting into the biological realm of the settlement of the New World. In: VIALOU, D. (Ed.). **Peuplements et préhistoire en Amériques**: CTHS, 2011. pp.31-42.
- BOYADJIAN, C.; EGGERS, S.; SCHEEL-YBERT, R. Evidence of plant foods obtained from the dental calculus of individuals from a Brazilian shell mound. In: HARDY, K.; KUBIAK-MARTENS, L. (Ed.). **Wild harvest: plants in the hominine and pre-agrarian human worlds**, 2016a. pp. 215-240.
- BOYADJIAN, C. H. C. et al. Dieta no sambaqui Jabuticabeira-II – SC: consumo de plantas revelado por microvestígios provenientes de cálculo dentário. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 13, n.º 25, pp. 131-161, 2016b.
- BRYAN, A. L. Excavation of a Brazilian Shell Mound. **Science of Man**, v. 1, n.º 5, pp. 148-151/174-175, 1961.
- CALIPPO, F. R. **Os sambaquis submersos de Cananéia: um estudo de caso de arqueologia subaquática.** 2004, 135 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CAVALLI-SFORZA, L. L.; MENOZZI, P.; PIAZZA, P. **The history and geography of human genes.** Princeton: Princeton University, 1994.
- CHMYZ, I. A ocupação do litoral dos estados do Paraná e Santa Catarina por povos ceramistas. **Estudos Brasileiros**, Curitiba, v. 1, pp. 7-43, 1976.
- COCILOVO, J. A.; NEVES, W. A. Afinidades biológicas entre las poblaciones prehistóricas del litoral del Brasil y de Argentina: primera aproximación. **Relaciones de La Sociedad Argentina de Antropología**, (Argentina), v. 17, pp. 31-56, 1988.
- DE MASI, M. A. N. **Mobility of prehistoric hunter-gatherers on southern Brazilian coast. Santa Catarina Island.** 1999. f. Tese (Doutorado em Antropologia) University of Stanford, Stanford.
- \_\_\_\_\_. Pescadores coletores da costa sul do Brasil. **Pesquisas (Antropologia)**, v. 57, pp. 1-136, 2001.
- DE POMPEU, F. G. Cronologia e dinâmica entre práticas funerárias de onze sambaquis do Paraná e Santa Catarina (4951-3860 AP). **Especiaria**, v. 17, n.º, 30, pp. 93-113, 2017.
- DE SOUZA, S. M. et al. Sambaqui do Amourins: mortos para mounds? **Revista de Arqueologia**, v. 25, n.º 12, pp. 84-103, 2012.
- DIAS, O.; CARVALHO, E. A fase Itaipu, RJ. Novas considerações. **Arquivos do Museu de História Natural**, v. 8-9, pp. 95-119, 1984.
- DUARTE, P. O sambaqui visto através de alguns sambaquis. In: **Pré-história brasileira**. São Paulo: IPH-USP, 1968. pp. 45-142.
- EMPERAIRE, J.; LAMING, A. Les sambaquis de la côte meridionale du Brésil; campagnes de fouilles (1954-1956). **Journal de la Société des Américanistes**, v. 45, pp. 5-163, 1956.



FIGUTI, L. **Les sambaquis COSIPA (4200 à 1200 ans BP): étude de la subsistence chez les peuples préhistoriques de pêcheurs-ramasseurs de bivalves de la côte centrale de l'état de São Paulo, Brésil.** 1992. . Dissertation (PhD) Musée National d'Histoire Naturelle, Institut de Paleontologie Humaine, Paris .

\_\_\_\_\_. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia (USP)**, v. 3, pp. 67-80, 1993.

\_\_\_\_\_. Economia/alimentação na pré-história do litoral de São Paulo. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. pp.197-203.

FISH, S. K. et al. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do estado de Santa Catarina. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 10, pp. 69-87, 2000.

GASPAR, M. D. **Aspectos da organização social de pescadores-coletores:** região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. 1991, (Doutorado em Arqueologia) Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Considerations of the sambaquis of the Brazilian coast. **Antiquity**, v. 72, pp. 592-615, 1998.

\_\_\_\_\_. et al. sambaqui (shell mound) societies of coastal Brazil. In: (Ed.). **The handbook of South American Archaeology**. New York: Springer, 2008, pp.319-335.

\_\_\_\_\_.; DE BLASIS, P. Construção de sambaquis. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 6, 1992. **Anais...** pp. 811-820.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_.; KLOKLER, D. Were sambaqui people buried in the trash. In: M, R. et al. (Eds.). **The cultural dynamics of shell-matrix sites**. New Mexico: UNM Press, 2014. pp. 91-100.

GOMES, A. A. **Perspectivas Interpretativas no Estudo das Esculturas Zoomórficas Pré-Coloniais do Litoral Sul do Brasil.** 2012. . Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Paraná.

HAUBERT, F. et al. Bocas e dentes: o estudo dos esqueletos escavados por Padre João Alfredo Rohr S.J. no litoral de Santa

Catarina. **Documentos — Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil**, v. 9, 2004.

HOWELLS, W. W. **Cranial variation in man**. Cambridge (Massachusetts): Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, 1973.

\_\_\_\_\_. **Skull shapes and the map: craniometric analyses in the dispersion of modern Homo**. Cambridge, Massachusetts: Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, 1989.

\_\_\_\_\_. Howells' craniometric data on the internet. **American Journal of Physical Anthropology**, v. 101, pp. 441-442, 1996.

HUBBE, M. **Análise biocultural dos remanescentes ósseos humanos do sambaqui Porto do Rio Vermelho 02 (SC-PRV-02).** 2005, 555 f. (Doutorado em Ciências Biológicas) Departamento de Genética e Biologia Evolutiva. Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. et al. Cranial morphological diversity of early, middle, and late Holocene Brazilian groups: implications for human dispersion in Brazil. **American Journal of Physical Anthropology**, v. 155, n.º 4, pp. 546-558, 2014.

KLOKLER, D. **Food for body and soul: mortuary ritual in shell mounds (Laguna-Brazil).** 2008 . PhD University of Arizona.

\_\_\_\_\_. Animal para toda obra: fauna ritual em sambaquis. **Revista Habitus (Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia)**, v. 14, n.º 1, pp. 21-34, 2016.

KNEIP, L. M. Cultura material e subsistência das populações pré-históricas de Saquarema, RJ. **Documento de Trabalho (Série Arqueologia, MNRJ)**, n.º 2, pp. 3-71, 1994.

\_\_\_\_\_.; PALLESTRINI, L.; CUNHA, M. C. The radiocarbon dating of the sambaqui de Camboinhas, Itaipu, RJ, Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro**, v. 53, n.º 2, pp. 339-343, 1981.

LACERDA, J. B. O homem dos sambaquis. Contribuição para a antropologia brasileira. **Arquivos do Museu Nacional**, v. 6, pp. 175-203, 1885.

LESSA, A.; MEDEIROS, J. C. Reflexões preliminares sobre a questão da violência em populações construtoras de sambaquis: análise

dos sítios Cabeçuda /SC e Arapuan (RJ). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 11, pp. 77-94, 2001.

\_\_\_\_\_.; SCHERER, L. Z. O outro lado do paraíso: novos dados e reflexões sobre violência entre pescadores-coletores pré-coloniais. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n.º 18, pp. 89-100, 2008.

LIMA, T.A. **Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro**. 1991. Tese (Doutorado em História). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. **Revista USP**, v. 44, pp. 270-327, 1999-2000.

\_\_\_\_\_. et al. The antiquity of the prehistoric settlement of the central-south Brazilian coast. **Radiocarbon**, v. 44, n.º 3, pp. 733-738, 2002.

\_\_\_\_\_. The earliest shellmounds of the central-south Brazilian coast. **Nuclear Instruments and Methods in Physics Research B**, v. 223-224, pp. 691-694, 2004.

MACHADO, L. M. C. **Análise de remanescentes humanos do sítio arqueológico Corondó, RJ: aspectos biológicos e culturais**. Rio de Janeiro: IAB, 1984. Série Monografias, v. 1, p. 425.

MELLO E ALVIM, M. C.; MELLO FILHO, D. P. Morfologia craniana da população do sambaqui da Cabeçuda (Laguna – SC) e sua relação com outras populações de paleoameríndios do Brasil. Homenage a Juan Comas em su 65.º aniversário, 1965, México.

\_\_\_\_\_.; SOARES, M. C.; CUNHA, P. S. P. Traços não-métricos cranianos e distâncias biológicas em grupos indígenas do Brasil — Botocudos e construtores de sambaquis. **Revista de Pré-História (IPH-USP)**, v. 6, pp. 107-117, 1984.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. **Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos em perspectiva biocultural**. 1995. 254 f. Doutorado em História. ENSP/FIOCRUZ, Rio de Janeiro. 1995

MILHEIRA, R. G. **Esculturas Líticas sambaquieiras: algumas possibilidades interpretativas, reflexões a partir de uma coleção**

Lítica do LEPAARQ/UFPEL. 2005. Monografia de TCC Universidade Federal de Pelotas

\_\_\_\_\_. Zoólitos: Algumas reflexões sobre as esculturas sambaquieiras. In: **Arqueofauna e Paisagem**, 2014. pp.187-208.

MUNFORD, D.; ZANINI, M. C.; NEVES, W. A. Human cranial variation in South America: implications for the settlement of the New World. **Brazilian Journal of Genetics**, v. 18, pp. 673-688, 1995.

NEVES, W.A. Variação métrica nos construtores de sambaquis do litoral sul do Brasil: primeira aproximação multivariada. **Revista de Pré História**, v. 4, pp. 83-108, 1982.

\_\_\_\_\_. Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). **Pesquisas (Antropologia)**, v. 43, p. 178, 1988.

\_\_\_\_\_.; HUBBE, M. Cranial morphology of early Americans from Lagoa Santa, Brazil: implications for the settlement of the New World. **PNAS**, v. 102, pp. 18309-18314, 2005.

\_\_\_\_\_.; WESOLOWSKI, V. Economy, nutrition, and disease in prehistoric coastal Brazil: A case study from the State of Santa Catarina. In: STECKEL, R. H.; ROSE, J. C. (Ed.). **The Backbone of History. Health and Nutrition in the Western Hemisphere**. Cambridge: Cambridge University, 2002. pp. 346-400.

\_\_\_\_\_.; UNGER, P.; SCARAMUZZA, C. A. M. Incidência de cáries e padrões de subsistência no litoral norte de Santa Catarina, Brasil. **Revista de Pré História**, v. 6, pp. 371-380, 1984.

NEVES, W.A.; BERNARDO, D. V.; OKUMURA, M. M. M. A origem do homem americano vista a partir da América do Sul: uma ou duas migrações? **Revista de Antropologia**, v. 50, n.º 1, pp. 9-44, 2007.

OKUMURA, M. Diversidade morfológica craniana, micro-evolução e ocupação pré-histórica da costa brasileira. **Pesquisas (Antropologia)**, v. 66, 2008.

\_\_\_\_\_. Populações Sambaquianas Costeiras: saúde e afinidades biológicas dentro de um contexto geográfico e temporal. **Tempos Acadêmicos**, n.º 11, pp. 38-53, 2013.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. Cultural Formation Processes of the Bioarchaeological Record of a Brazilian Shell Mound. In: M, R;

S. et al. (Ed.). **The cultural dynamics of shell-matrix sites**. New Mexico: UNM Press, 2014a. pp.103-112.

\_\_\_\_\_. Do Cultural Markers Reflect Biological Affinities? A Test Using Prehistoric Ceramist and Non-Ceramist Groups from Coastal Brazil. In: \_\_\_\_\_ et al. (Ed.). **The cultural dynamics of shell-matrix sites**. New Mexico: UNM Press, 2014b. pp.173-187.

\_\_\_\_\_; EGGERS, S. The people of Jabuticabeira II: reconstruction of the way of life in a Brazilian shellmound. **Homo**, v. 55, pp. 263-281, 2005.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Natural and cultural formation processes on the archaeological record: a case study regarding skeletal remains from a Brazilian shellmound. In: SUÁREZ, A. R.; VÁSQUEZ, M. N. (Ed.). **Archaeology Research Trends**. New York: Nova Science Publishers, 2008. pp. 1-39.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Living and eating in coastal Brazil during prehistory. In: COLLARD, D.; MORRIS, J., et al. (Ed.). **Food and Drink in Archaeology**, Devon: Prospect Books, 2012. v. 3, pp. 55-64.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. BOYADJIAN, C. H. Análise da exostose do meato auditivo externo como um marcador de atividade aquática em restos esqueléticos humanos da costa e do interior do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n.º 15-16, pp. 181-197, 2006.

\_\_\_\_\_. Auditory exostoses as an aquatic activity marker: a comparison of coastal and inland skeletal remains from tropical and subtropical regions of Brazil. **American Journal of Physical Anthropology**, v. 132, n.º 4, pp. 558-567, 2007a.

\_\_\_\_\_. An evaluation of auditory exostoses in 621 prehistoric human skulls from coastal Brazil. **Ear, Nose & Throat Journal**, v. 86, n. 8, pp. 468-472, 2007b.

OLIVEIRA, M. C. T. **A importância da coleta de vegetais no advento da agricultura**. 1991. Tese (Doutorado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PROUS, A. Les sculptures zoomorfes du Sud Brésilien et de l'Uruguay. **Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud**, Paris, v. 5, 1976.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

\_\_\_\_\_; PIAZZA, W. Documents pour la préhistoire du Brésil Méridional 2: l'état de Santa Catarina. **Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud**, v. 4, 1977.

RODRIGUES, C. **Perfis dento-patológicos nos remanescentes esqueléticos de dois sítios pré-históricos brasileiros: o cemitério de Furna do Estrago e o sambaqui de Cabeçuda**. 1997. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

RODRIGUES-CARVALHO, C. **Marcadores de estresse ocupacional em populações sambaquieiras no litoral fluminense**. 2004. Tese. (Doutorado em Saúde Pública) Escola Nacional de Saúde Pública, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROHR, J. A. **Escavações em Cabeçudas**. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí, Departamento de Administração, 1971, p. 4.

\_\_\_\_\_. O sítio arqueológico de Cabeçudas. **Ciência e Cultura**, v. 25, n.º 6, p. 384, 1973. Suplemento.

\_\_\_\_\_. O sítio arqueológico da Praia de Laranjeiras, Balneário Camboriú. **Anais do Museu de Antropologia (UFSC)**, Florianópolis, v. ano 16, n.º 17, pp. 5-76, 1984.

\_\_\_\_\_. Os sítios arqueológicos do vale do Rio D'Una. Escavações de salvamento no sambaqui da Balsinha I — Imbituba — SC. **Revista Paulista de Arqueologia**, São Paulo, n.º 2, 1983.

ROHR, A.; ANDREATTA, M. D. O sítio arqueológico da Armação do Sul (nota prévia). **Pesquisas**, São Leopoldo, v. 20, pp. 135-138, 1969.

SALLES CUNHA, E. Patologia odonto-maxilar do homem dos sambaquis. **Revista Brasileira de Odontologia**, v. 17, n.º 103, pp. 1-11, 1959.

\_\_\_\_\_. Patologia alvéolo-dentária do homem dos sambaquis de Vitória. **Revista de Farmácia e Odontologia**, v. ano 24, n.º 264, pp. 249-262, 1963a.

SCHEEL-YBERT, R. **Stabilité de L'écosystème sur le littoral sud-est du Brésil à L'Holocène Supérieur (5500-1400 ans BP)**. Universidade de Montpellier II, Paris, 1998.

\_\_\_\_\_. Man and vegetation in the Southeastern Brazil during the Late Holocene. *Journal of Archaeological Science*, v. 28, n.º 5, pp. 471-480, 2001.

SCHEEL-YBERT, R. et al. Subsistence and lifeway of coastal Brazilian moundbuilders. *Treballs d'Etnoarqueologia*, v. 7, pp. 37-53, 2009.

SCHMITZ, P. I. Prehistoric hunters and gatherers of Brazil. *Journal of World Prehistory*, v. 1, n.º 1, pp. 53-126, 1987.

\_\_\_\_\_.; BITTENCOURT, A. L. V. O sítio arqueológico de Laranjeiras I – SC — Escavações arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J. *Pesquisas (Antropologia)*, São Leopoldo, v. 53, pp. 13-76, 1996a.

\_\_\_\_\_. O sítio arqueológico do Pântano do Sul, S.C. — Escavações arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J. v. 53, pp. 77-124, 1996b.

\_\_\_\_\_.; VERARDI, I. Cabeçudas: um sítio Itararé no litoral de Santa Catarina — Escavações arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J. v. 53, pp. 125-182, 1996.

\_\_\_\_\_. et al. O sítio arqueológico da Armação do Sul — Escavações arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J. n.º 48, 1992.

\_\_\_\_\_. O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da tradição ceramista Itararé — Escavações arqueológicas

do Padre João Alfredo Rohr, S.J. *Pesquisas (Antropologia)*, v. 49, pp. 1-181, 1993.

SPARKS, C. S.; JANTZ, R., L. A reassessment of human cranial plasticity: Boas revisited. *PNAS*. 2002. v. 99, pp. 14636-14639.

TENÓRIO, M. C. Coleta, processamento e início da domesticação de plantas no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*, 2000. pp. 259-271.

TURNER II, C. G.; MACHADO, L. C. A new dental wear pattern and evidence for high carbohydrate consumption in a Brazilian archaic skeleton population. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 61, pp. 125-130, 1983.

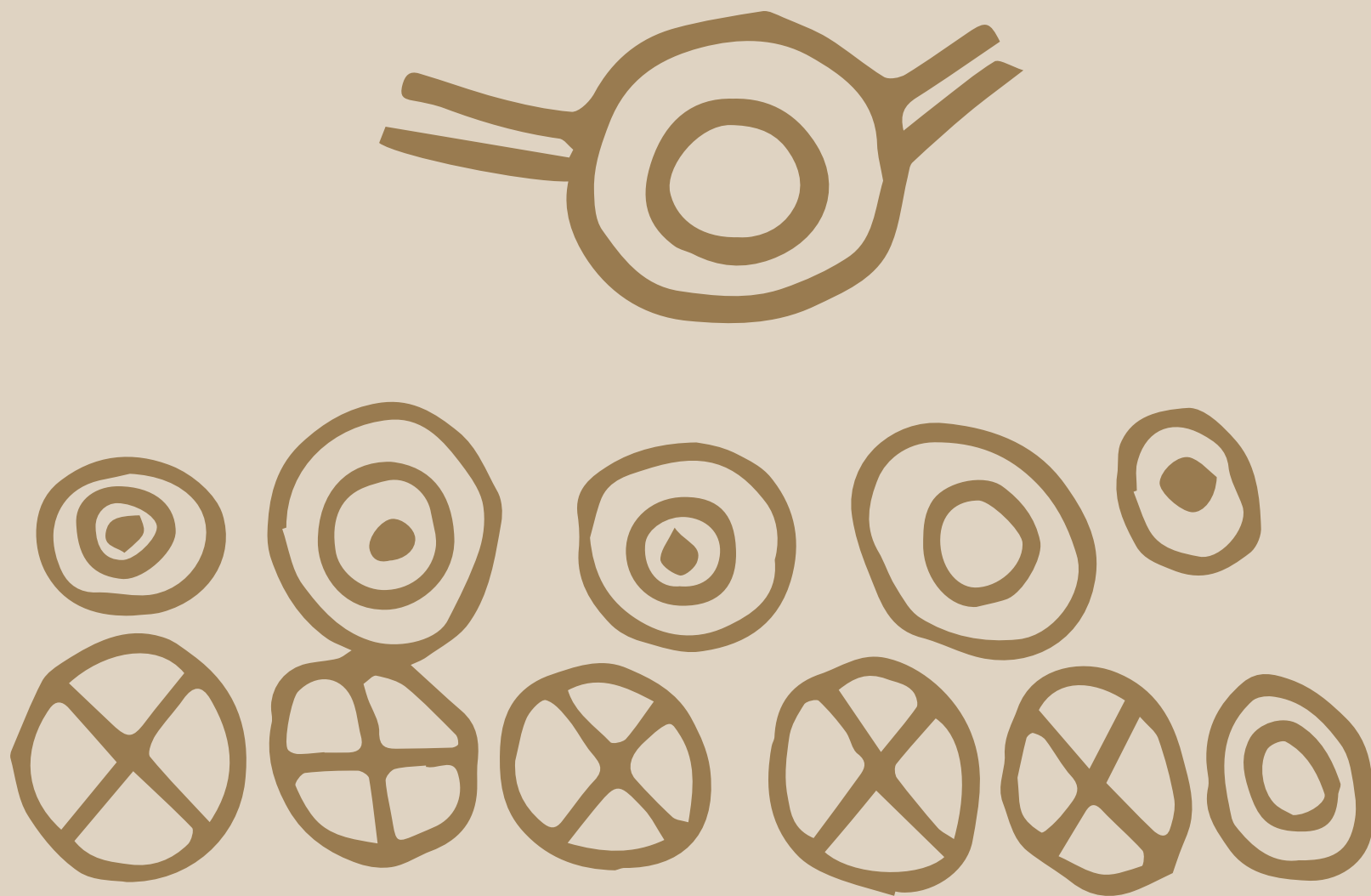
UNGER, P.; IMHOF, A. Estudo de anomalias dentárias do homem do sambaqui de Rio Comprido. *Joinville Universitaria*, v. 1, pp. 25-39, 1972.

VILLAGRAN, X. S. et al. Lecturas estratigráficas: Arquitectura funerária y depositación de resíduos en el sambaquí Jabuticabeira II. *Latin American Antiquity*, v. 21, n.º 2, pp. 195-216, 2010.

WAGNER, G. et al. Sambaquis (shell mounds) of the Brazilian coast. *Quaternary International*, v. 239, n.º 1-2, pp. 51-60, 2011.

WESOLOWSKI, V. et al. Evaluating microfossil content of dental calculus from Brazilian sambaquis. *Journal of Archaeological Science*, v. 37, n.º 6, pp. 1326-1338, 2010.

Agradeço à Margareth de Lourdes Souza pelo convite para participar dessa publicação. Também agradeço a todos os responsáveis por coleções de remanescentes ósseos humanos pré-históricos brasileiros que têm me recebido em suas instituições desde 2003, especialmente à equipe do Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr, S.J.”, que detém a guarda das coleções esqueléticas oriundas dos trabalhos do Padre Rohr. Agradecimentos especiais à Juliana Gómes Mejía (Universidad de Caldas, Colômbia) por gentilmente ceder algumas fotos usadas neste artigo.



**Figura 70:** Petroglifo Praia do Santinho, identificado em 1966 pelo arqueólogo João Alfredo Rohr. Florianópolis/SC.

Fonte: João Alfredo Rohr, 1969 Imagem vetorizada por Sofia Paiva



# ACERVO DE ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS DA COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA PADRE JOÃO ALFREDO ROHR EM DOIS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS NO LITORAL CATARINENSE

Doutoranda Roberta Porto Marques  
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
roberta.marques@iphan.gov.br

## RESUMO

Este artigo tem como tema analisar objetos específicos integrantes da *Coleção Arqueológica Padre João Alfredo Rohr*, coleção tombada pelo IPHAN, identificados como acompanhamentos funerários. Trata-se de materiais arqueológicos que foram encontrados durante as escavações do Padre Rohr que estavam junto a sepultamentos humanos.<sup>20</sup>

Na *Coleção Arqueológica*, formada por vários tipos de materiais arqueológicos provenientes das pesquisas do Padre Rohr, há acompanhamentos funerários de vários sítios arqueológicos escavados por ele. Neste artigo apresento apenas os materiais arqueológicos encontrados junto aos sepultamentos nos sítios Praia das Laranjeiras II, em Balneário Camboriú, e Caiacanga-Mirim, em Florianópolis, sítios pré-coloniais litorâneos que foram escavados em dois períodos distintos da trajetória do Padre Rohr e cujas pesquisas identificaram datações entre cerca de 800 e 1300 anos d.C.

**Palavras-chave:** João Alfredo Rohr. Acompanhamentos funerários. Praia das Laranjeiras II. Caiacanga-Mirim. Santa Catarina.

---

<sup>20</sup> Este artigo é parte de minha monografia conclusão de curso em Museologia pela UFSC, intitulada “Estudo do acervo de acompanhamentos funerários da Coleção Arqueológica Padre João Alfredo Rohr, S.J.: análise de dois contextos arqueológicos litorâneos em Santa Catarina”, referenciada como Marques, 2018.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa objetos integrantes de um acervo museológico de proveniência arqueológica constituído através dos trabalhos do padre jesuíta e arqueólogo João Alfredo Rohr. Os objetos, provenientes de dois sítios arqueológicos pré-coloniais do litoral central de Santa Catarina, são classificados como acompanhamentos funerários, pois faziam parte de contextos de sepultamentos humanos.

Este material arqueológico integra a “Coleção Arqueológica Padre João Alfredo Rohr”<sup>21</sup> e está localizado, em parte, no Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr, S.J.”, nas dependências do Colégio Catarinense (Florianópolis-SC), assim como no Museu Arqueológico do Complexo Ambiental Cyro Gevaerd (Balneário Camboriú-SC). Parte do material encontra-se, ainda, em Brasília, e integra uma coleção doada por Rohr, em vida, para a Academia Nacional da Polícia Federal (Brasília-DF).<sup>22</sup>

A ideia deste artigo é trazer reflexões sobre a possibilidade de estudar acervos arqueológicos específicos, os acompanhamentos funerários, presentes em uma coleção museológica. Nesse sentido, apresento um estudo de objetos que fazem parte de uma coleção, evidenciados em contextos funerários arqueológicos

de dois sítios, escavados pelo Padre Rohr em épocas diferentes e com metodologias distintas. Pretende-se abordar a classificação dos objetos funerários realizada pelo Padre Rohr, assim como pensar sobre questões que envolvem o estudo dos povos indígenas pretéritos e a análise de suas práticas funerárias a partir dos acompanhamentos.

Com base no acervo museológico e nos dados fornecidos pela documentação e pelas publicações do Padre Rohr e do Instituto Anchieta de Pesquisas, o presente artigo apresenta um breve estudo dos acompanhamentos funerários dos sítios. Algumas das intenções da pesquisa são promover reflexões no sentido de pensar sobre objetos funerários e suas relações com as pessoas em um contexto arqueológico específico, assim como sobre a ressignificação pela qual os objetos passam a ter ao integrar coleções museológicas. Além disso, a pesquisa busca também contribuir com informações que apontam para um caminho que amplia as análises e estudos sobre grupos indígenas pretéritos e para a escrita de uma história indígena do litoral catarinense a partir de objetos arqueológicos constituintes de acervos de museus e coleções museológicas, especialmente a Coleção Arqueológica Padre João Alfredo Rohr (MARQUES, 2018).

<sup>21</sup> A Coleção Arqueológica Padre João Alfredo Rohr é resultado de anos de trabalho e pesquisa do Padre Rohr em território catarinense. Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1986, a coleção possui mais de oitenta mil peças dentre materiais líticos, ósseos, conchíferos e cerâmicos dos povos indígenas antigos de Santa Catarina.

<sup>22</sup> Em 2019, a Coleção foi transferida do Museu de Geociências da Universidade de Brasília, pela Superintendência do IPHAN no Distrito Federal.

A partir de leituras e discussões acerca de estudos antropológicos, arqueológicos e museológicos, foi delineado um caminho para pensar os acompanhamentos funerários em questão, que além de objetos de teor sagrado (no sentido de serem parte de sepultamentos humanos), são objetos que foram e são ressignificados enquanto objetos integrantes de coleções museológicas. Tais objetos não estão mais em seus lugares de origem e passaram a ter um estatuto diferenciado — aquele que recebem os objetos de museu — ao integrarem uma coleção, que, por sua vez, foi produzida através de contextos que envolvem metodologias específicas de coleta, em diferentes épocas e em condições distintas. Em suma, os acompanhamentos funerários são entendidos, nesse sentido, como objetos que remetem a *relações* (MARQUES, op. cit.).

Para o desenvolvimento da pesquisa, assim como aos materiais arqueológicos, obtive acesso a parte da documentação original das escavações: os diários de campo, as Fichas de Registro de Sepultamento,<sup>23</sup> as anotações gerais do Padre Rohr e as fotografias

de campo e dos materiais arqueológicos. A partir do acesso ao material, à documentação de pesquisa de Rohr e às publicações referentes à escavação destes sítios arqueológicos, pude realizar a análise dos objetos e perceber as diferenças de metodologias das duas épocas de pesquisa do Padre Rohr: a fase inicial, no final da década de 1950, e uma fase posterior, nos anos 1970.

A escavação do sítio Caiacanga-Mirim marca o início dos trabalhos de Rohr enquanto arqueólogo em campo.<sup>24</sup> Trata-se de sua primeira escavação, em 1958, em que realizou um salvamento no sítio arqueológico que estava sendo destruído por operários da Base Aérea de Florianópolis, em função de obras no espaço do sítio (**Figura 71**). A escavação do sítio Praia das Laranjeiras II,<sup>25</sup> por outro lado, foi empreendida de maneira diferente, dividida em etapas e com metodologia mais elaborada, em que Rohr, mais experiente enquanto arqueólogo, trilhou outros caminhos de registro e de estudo dos materiais arqueológicos provenientes das escavações (MARQUES, 2018).

<sup>23</sup> As Fichas de Registro de Sepultamento são um método de registro que o Padre Rohr utilizava em suas escavações de esqueletos humanos. Pelo que pude identificar, as primeiras fichas foram utilizadas nas escavações do sítio Praia da Tapera. Nessas fichas havia campos como sexo, posição, deposição, orientação do corpo, acompanhamentos funerários, que possibilitavam um registro mais completo e detalhado de cada um dos esqueletos.

<sup>24</sup> O sítio arqueológico localizado na Ponta Caiacanga-Mirim é também denominado “Base Aérea”. Recebeu esta denominação por se encontrar dentro de terrenos pertencentes à Base Aérea de Florianópolis/SC (FOSSARI, 2004, p. 211). A BAFL é uma Organização Militar da Força Aérea Brasileira.

<sup>25</sup> Localiza-se na baía das Laranjeiras, no município de Balneário Camboriú/SC, e foi pesquisado pelo Padre Rohr durante os anos de 1977 e 1978.



**Figura 71:** Padre Rohr evidenciando um sepultamento (não identificado) no sítio da Base Aérea, em 1958.

Fonte: Arquivo MHS/CC

## SOBRE MUSEUS E SEUS ACERVOS ARQUEOLÓGICOS

Museus podem ser considerados lugares especiais que guardam, comunicam e estudam bens materiais e imateriais que fazem parte do repertório humano no mundo. Parafraseando o antropólogo Tim Ingold, assim como “a antropologia é uma investigação sobre as condições e possibilidades da vida humana no mundo” (INGOLD, 2011, p. 21), os museus são — a partir de um ponto de vista ocidental — lugares privilegiados para entender, expor, guardar, preservar, estudar, conhecer, divulgar e interpretar essas condições e possibilidades de existir no mundo.

De acordo com a perspectiva museológica, podemos interpretar mundos distintos, em diferentes épocas e lugares através dos objetos. Tempos e espaços são contemplados nos museus e a suas principais ações nesse sentido são documentar, conservar e divulgar as mais variadas condições e possibilidades da vida humana no mundo a partir de seus acervos. Os museus são construções históricas, lugares de memória e instituições de guarda que inventam e ressignificam, mas que também preservam, pesquisam e comunicam os objetos de seus acervos (COELHO, 2017).

Os objetos arqueológicos que compõem coleções museológicas podem ser denominados, de acordo com Coelho, como “acervos *ex situ*” (COELHO, op. cit., p. 79). Os acervos *ex situ* são, segundo a autora, constituídos pelos vestígios arqueológicos provenientes de sítios arqueológicos — que ela classifica como acervos *in situ*

**Tabela 2:** Comparativo dos sítios analisados, com a datação, número de sepultamentos evidenciados em cada um deles, existência de Fichas de Registro de Sepultamento e localização dos esqueletos e acompanhamentos funerários.

Sítio arqueológico	Datação	Seps	Fichas de Sep	Esqueletos	Acompanhamentos funerários
Caiaçanga-Mirim (Florianópolis)	Aprox. 1.150 (± 70 anos) d.C.	54	Não	Coleção do MHS	Coleção do MHS
Praia das Laranjeiras II (Balneário Camboriú)	Entre 800 e 1300 d.C.	112	Sim	Coleção do MHS e MA/CACG (alguns cimentados)	Coleção do MHS e MA/CACG

Fonte: MARQUES, 2018

— “que foram retirados ao longo do tempo e estão dispersos em coleções particulares, reservas técnicas e instituições museológicas” (COELHO, op. cit.). É interessante pensar as coleções arqueológicas sob essa ótica — acervos *ex situ* —, pois tais objetos vieram de certos lugares — *in situ* — e, mesmo que componham acervos de museus, remetem inevitavelmente a sua origem, os sítios arqueológicos, que de acordo com tal perspectiva, por si só são acervos.

### OBJETOS ARQUEOLÓGICOS FUNERÁRIOS

Em uma vertente de estudos museológicos busca-se analisar e entender a relação das pessoas com os objetos e as diversas relações possíveis envolvidas nesse contexto. Estudar objetos é, de certo modo, estudar pessoas, seus comportamentos, seus modos de ser e estar nesse mundo mediado por objetos.

Para além de físico e material, o mundo dos objetos é um mundo humano de relações, pois assim como as pessoas produzem os objetos, os objetos

também fazem parte, através de seus processos de produção (as técnicas), da produção das pessoas. Objetos também identificam, demarcam *status*, produzem sentido, modificam categorias, ativam memórias, participam e marcam saberes e fazeres, mediam a relação dos humanos com o mundo, dentre tantas outras potencialidades. Seus usos, significados, ressignificações muitas vezes não podem ser identificados pelos estudiosos dos grupos humanos em seus registros arqueológicos. No entanto, é preciso levar em consideração a potência dos objetos na vida das pessoas e levar a sério o papel dos objetos nas existências humanas (MARQUES, 2018).

Os objetos materiais estão relacionados à vida das pessoas, eles são fundamentais vínculos entre elas e possibilitam distintos tipos de relações em um coletivo. Desta maneira, de acordo com Gonçalves, o entendimento antropológico das mais diversas formas de vida social e cultural implica necessariamente na consideração de objetos materiais (GONÇALVES, 2007).



Existindo como partes integrantes de sistemas classificatórios, os objetos são categorias materializadas. Constituir classificações assegura aos objetos materiais não somente o poder de estabilizar e tornar visíveis determinadas categorias socioculturais, “demarcando fronteiras entre estas, como também o poder, não menos importante, de constituir sensivelmente formas específicas de subjetividade individual e coletiva” (GONÇALVES, op. cit., p. 8).

Para pensar os objetos arqueológicos funerários, que são o foco deste artigo, podemos analisar vários aspectos. Uma das possibilidades seria pensar o próprio *fazer* dos objetos, seus processos de produção, as técnicas em sua fabricação. Técnicas em um sentido não apenas material, de uma ação sobre a matéria, mas técnicas no sentido ideário, de um saber-fazer que envolve conhecimentos, representações, valores e habilidades (SCHLANGER, 2005). Para estudar objetos de grupos humanos específicos podemos olhar para a cadeia operatória desses objetos, o que pode contribuir para formular uma visão mais refinada sobre os artefatos e permitir “uma maior caracterização quanto ao grupo e possíveis comparações entre materiais compatíveis de distintas regiões” (SILVA, 2013, p. 34).

Um estudo sobre técnicas, em termos antropológicos e arqueológicos, considera não apenas as

produções materiais dos grupos humanos que estuda, seus objetos e descrições materiais (propriedades físico-químicas), como também as práticas, os gestos, os usos e as ações realizadas em função desses objetos. Podemos pensar a partir de um viés de estudo da cultura material que leva em consideração a morfologia dos objetos, mas que analisa, especialmente, a “vida social” desses acompanhamentos funerários e suas dinâmicas históricas e culturais. Utilizar alguns aportes desse viés para analisar os acompanhamentos funerários pode trazer contribuições interessantes ao tema, uma vez que proporciona um movimento reflexivo abrangente ao conceber a técnica como uma entrada privilegiada para entender os fenômenos sociais, uma vez que as representações técnicas fazem parte de sistemas simbólicos (LEMMONIER, 1993).

Assim como outras atividades sociais, os funerais e os gestos funerários podem ser entendidos por uma leitura técnica, pois são também parte da cultura material. A morte de um indivíduo dá origem a um cadáver, que precisa de um “tratamento”, o que, nesse sentido, implica na implementação de várias técnicas. A cadeia operatória<sup>26</sup> funerária, nesse sentido, é uma ferramenta eficaz para entender a maneira pela qual a sociedade lida com seus mortos e realiza seu discurso particular sobre a morte (THÉVENET et al., 2014, p. 7).

---

<sup>26</sup> O conceito de cadeia operatória pode ser simplificado como um conjunto de operações realizadas por um grupo, visando uma ação sobre a matéria. É um saber-fazer — tanto prático quanto ideário — imbuído de eficácia, e cronologicamente ordenado. A definição de cadeia operatória, segundo Schlander (2005), se refere à classe dos processos que ocorrem a partir do momento em que se seleciona e formatiza a matéria-prima até convertê-la em produtos culturais.

Afirmar que os objetos materiais estão ligados à vida das pessoas implica em considerar todos os aspectos da vida e da existência humana, inclusive da própria morte dos indivíduos. Os objetos materiais, nesse sentido, também estão relacionados à morte das pessoas e aqueles que recebem o estatuto de acompanhamentos funerários são parte fundamental de práticas efetuadas pelos vivos sobre os mortos e podem incitar análises e reflexões sobre os grupos humanos (MARQUES, 2018).

Os acompanhamentos funerários são objetos classificados como “objetos sagrados” por estarem diretamente vinculados a sepultamentos humanos. Eles foram retirados de seus contextos originais, durante as escavações arqueológicas, e ganharam novos sentidos e outro *status* ao integrar acervos de museus e instituições de guarda. Esse novo estatuto, no entanto, não invalidou nem fez com que perdessem seu viés de objeto sagrado, mesmo que tenhamos atribuído a eles sentidos e significados distintos dos originais (MARQUES, 2018).<sup>27</sup>

Sem esquecer que aqui tratamos de objetos produzidos por grupos indígenas pretéritos, podemos pensar que é possível estudar tais grupos, mesmo que em parte, a partir de seus objetos materiais para pensarmos em suas histórias e trajetórias. A temática indígena vista a

partir de objetos que formam coleções, portanto, pode ser um campo privilegiado de estudos para pensar sobre suas lógicas e modos de ser e estar no mundo.

Nesse sentido, considero que a temática deste artigo se baseia na realização de uma “antropologia dos acervos”. Utilizo essa expressão para me referir a um tipo de estudo das coleções e acervos que considera não apenas os objetos em si, mas todo o contexto de produção, uso, ressignificação e todos os outros processos possíveis de acessar que levaram os objetos a se tornar peças de acervo, seja em museus, coleções ou outras instituições museológicas (MARQUES, 2018).

Um estudo de acervo é, não apenas um resgate de análise dos objetos, com um novo olhar para as coleções, mas uma maneira de analisar em outro contexto e com outras metodologias, objetos que foram coletados, selecionados e guardados em outro tempo, com diferentes propósitos. Estudar um acervo é alargar as possibilidades de se pensar e repensar as pessoas a partir de seus objetos: tanto aquelas pessoas que os produziram (contexto de origem) quanto aquelas que os coletaram, ressignificaram e guardaram (pessoas ligadas às instituições museológicas).

Os vestígios funerários propiciam, de acordo com Silva, dados mortuários que “revelam importantes

---

<sup>27</sup> Em se tratando de objetos arqueológicos, coletados em escavações de sítios de grupos humanos que não estão mais vivos, não é possível identificar os significados e sentidos atribuídos pelos próprios produtores desses objetos. Podemos inferir, no entanto, que, por integrarem contextos funerários, seriam, possivelmente, objetos de cunho especial, o que chamamos de “sagrado” ou até mesmo “sensível”, por acompanharem um indivíduo morto em seu sepultamento. Trata-se de uma classificação nossa que pode ser diferente da classificaçãoêmica desses indivíduos sobre essa classe de objetos.

informações sobre a variação dos acompanhamentos funerários, cronologia, idade e sexo, formas de assentamento, subsistência e indicadores de diversidade e complexidade social e de continuidade ou mudança social” (SILVA, 2005, p. 16).

Funerais podem ser entendidos, de acordo com Thévenet e colaboradores (2014), como um conjunto de ações e gestos realizados em um nível tanto material como também imaterial. Os autores indicam que o cadáver é objeto de tratamento, e passa por uma transformação física, no entanto, para além do tangível, o funeral também possui objetivos intangíveis, como assegurar a transformação de um indivíduo membro de uma comunidade viva para uma nova comunidade, a dos mortos. Podemos analisar os funerais a partir do viés das técnicas e da cadeia operatória e, nesse sentido, a cadeia operatória funerária possui uma complexidade: ela é, ao mesmo tempo, uma transformação material no corpo do falecido, e uma transformação ideal, que diz respeito à alma do morto ou a seu princípio vital, e também o lugar que perdeu na sociedade. Para a sociedade, é preciso estabelecer a distinção entre os mortos e o cadáver. O cadáver, que seria potencialmente perigoso, após ter passado pelo tratamento necessário, ganha um novo *status* enquanto indivíduo e vira um morto, que por sua vez, possui um *status* benevolente. O morto, então, é assim construído e passa a ser identificado como um ancestral, um antepassado (THÉVENET et al., 2014, pp. 7-8).

A arqueologia dos contextos funerários pode ser definida como “a arqueologia das estruturas onde se

encontram restos de funerais, geralmente incluindo remanescentes corporais humanos, ou seja, lugares de deposição dos mortos” (SOUZA, WESOLOWSKI, LESSA, RODRIGUES-CARVALHO, 2013, p. 128). Essas estruturas, portanto, podem ser denominadas de estruturas funerárias.

A arqueologia funerária é entendida e utilizada por pesquisadores, não só para analisar os contextos funerários em si, mas também “como fonte inestimável para compreender a vida no passado”, uma vez que os contextos funerários são espaços privilegiados de análise, pois fornecem aos pesquisadores “a oportunidade de compreender visões sobre a vida e morte em sociedades passadas” (KLOKLER; GASPAS, 2013). Junto à área de pesquisa da arqueologia funerária encontra-se a bioarqueologia, que estuda os remanescentes de corpos humanos evidenciados em sítios arqueológicos em uma perspectiva abrangente, e tem como objetivo reconstruir, a partir dos ossos, aspectos biológicos, culturais e sociais da vida, não apenas do indivíduo, como também do grupo pretérito.

Acompanhamentos funerários são, de acordo com Silva (2005), bens intencionalmente depositados com os mortos que fazem parte do complexo mortuário, da estrutura funerária, e representam uma parcela dos vestígios funerários encontrada próxima dos mortos, no interior da cova (SILVA, op. cit., p. 210). Depositados junto ao morto, esses objetos podem ser de vários tipos, podendo ser objetos cotidianos, “usados pelo falecido ou terem sido exclusivamente

fabricados objetivando satisfazer interesses restritos dos vivos sobre o morto e os rituais funerários, todos vinculados ao fenômeno da morte” (SILVA, op. cit., p. 210). Nesse sentido, “é evidente que os acompanhamentos funerários desempenham um papel importante na interpretação das práticas mortuárias” (SENE, 2007, p. 61), já que são parte do contexto funerário.

Da mesma forma que acontece com os vestígios arqueológicos em geral, o estado de conservação e as características deposicionais dos acompanhamentos funerários estão vinculados a fatores tafonômicos,<sup>28</sup> cujo contexto depende de processos pós-deposicionais, tanto naturais, as denominadas bioturbações, quanto culturais, ou seja, os processos antrópicos. Isso indica que alguns tipos de acompanhamentos funerários em um sepultamento arqueológico podem não ficar preservados devido ao caráter da matéria-prima de que foram feitos, por exemplo, materiais orgânicos como plumária e fibras vegetais, e também ao tipo de solo e outras características da deposição. Nesse sentido, é importante lembrar que o contexto funerário evidenciado pelos arqueólogos durante as escavações de um sepultamento é apenas parcial, é apenas uma parte do evento funerário e, como todo registro arqueológico, nunca é completo (MARQUES, 2018).

O estudo dos sepultamentos de grupos indígenas pré-coloniais implica também em problematizar

questões como a noção de corporalidade, que, segundo Machado, “pode ser percebida mais intensamente no momento da morte”, sendo que o corpo dos mortos “nesse contexto mostra-se como suporte preferencial das preocupações sociais” (MACHADO, 2005, p. 119).

De acordo com Beck os “costumes funerários permitem, sem dúvida alguma, definir muitas das manifestações culturais de sociedades extintas, cujo estudo só se torna possível através da Arqueologia pré-histórica” (BECK, 1972, p. 231). Montardo chama a atenção para o fato de que as evidências arqueológicas “constituem informações fragmentárias de comportamentos passados e que podem sofrer transformações pós-deposicionais”, mas indica que “ultrapassar tais limites com vistas à construção de conhecimento é um desafio que deve ser tentado” (MONTARDO, 1995, pp. 24-25). Assim como a afirmação de Beck, a afirmação de Montardo é interessante para pensar nas possibilidades e desafios que o estudo arqueológico de sepultamentos pode gerar.

O estudo dos acompanhamentos funerários em contexto arqueológico pode identificar artefatos distintos aos quais podemos atribuir categorias distintas. Por exemplo, é possível classificar os objetos a partir da categoria *instrumentos*, que seriam ferramentas e utensílios, como também da categoria *adornos*, tidos como colares, pingentes, pulseiras,

---

<sup>28</sup> Tafonômico se refere aos processos deposicionais, de decomposição e de preservação dos vestígios.

braçadeiras, cintos, brincos, tembetás. Além disso, a análise dos acompanhamentos funerários e de outros vestígios inumados pode representar, de acordo com Silva, itens usados como adornos pessoais, itens preparados especialmente para o ritual funerário e, ainda, itens usados para fins utilitários, durante o tempo de vida do morto e não necessariamente usados por ele (SILVA, 2005-2006, p. 114).

O objeto de adorno possui uma estreita relação com o corpo e em muitos casos em que são identificados em contexto funerário, de acordo com Silva, teriam a função “de portar uma mensagem de caráter social” (SILVA, 2005, p. 217) e poderiam representar vínculos do corpo com esferas cosmológicas, algum nível hierárquico, uma relação de exclusividade a certa condição, faixa etária, ou a algum clã, por exemplo. No entanto, Saladino, ao tratar em sua dissertação sobre contextos funerários, nos recorda que é preciso tentar evitar interpretações estritamente materialistas do contexto funerário como, por exemplo, associar o status que a pessoa sepultada tinha quando viva à riqueza de acompanhamentos funerários (SALADINO, 2016, pp. 12-13). A autora indica que é preciso considerar os processos de ressignificações que ocorrem nos rituais funerários, como a questão dos objetos depositados junto aos mortos. Saladino sugere que, quando em contexto funerário uma ferramenta ou adorno pessoal “imersos na dimensão simbólica que configura este rito de passagem, adquire outros significados, não mais importando apenas as

funções que eventualmente desempenhava no mundo dos vivos” (SALADINO, 2016, p. 13). Nesse sentido, a autora nos coloca que é possível compreender que todos os artefatos, nas sepulturas, são rituais.

Saladino está em consonância com a percepção de que a dimensão ritual faz parte do cotidiano, não sendo acionada apenas em situações específicas. Nesse sentido, os sepultamentos devem ser entendidos como documentos fundamentais para estudarmos comportamentos que não seriam “puramente rituais”, mas práticas da vida cotidiana dos grupos. A autora compreende os rituais funerários como “espaços privilegiados para a expressão simbólica e para a idealização da sociedade” e interpreta os adornos como elementos centrais nas interações humanas, sendo indissociáveis dos mortos e que, no entanto, também estariam presentes na cotidianidade dos vivos (SALADINO, op. cit., p. 224).

O estudo arqueológico dos sepultamentos de um grupo cultural é importante, ainda, pois a partir dos restos humanos e seus acompanhamentos funerários, “bem como sua forma de deposição, podemos inferir as características técnicas, operacionais do comportamento funerário intra e inter sítios” (SILVA, 2005, p. 18), permitindo, assim, estabelecer generalidades e diferenças sociais e culturais. De acordo com Barreto, ao lidar com materiais arqueológicos relacionados a rituais funerários, “estamos trabalhando em um terreno de representação das relações sociais, representação esta que reflete concepções de vida, de morte



e da relação com ancestrais, de acordo com modelos cosmológicos particulares” (BARRETO, 2008, p. 37).

Nesse sentido, podemos perceber a riqueza de análise que há no estudo dos contextos funerários. Muitas são as possibilidades de interpretação quando se trata do estudo de sepultamentos, no entanto, é preciso ter muito cuidado ao tentar inferir tais concepções. Precisamos ter em mente, conforme aponta Silva, que os atributos simbólicos ou rituais das práticas funerárias “não podem ser recuperados, mas inferidos/ sugeridos ou criados pelo arqueólogo com base em descrições etnográficas” (SILVA, 2005, p. 17).

Deve-se levar em consideração que os contextos funerários, em toda sua complexidade, estão relacionados a escolhas culturais, a indícios representativos, a distinções e a técnicas específicas de um grupo, que podemos denominar de cadeias operatórias funerárias e que estão diretamente vinculados a “sistemas simbólicos”. Ainda que não possamos acessar totalmente tais sistemas, podemos nos aproximar deles realizando associações e inferências, cuidadosas e relativas, embasadas em analogias etnográficas ou em outros contextos. Um estudo sobre os comportamentos funerários arqueológicos, por mais que seja realizado com as mais acertadas e variadas metodologias de análise, será sempre parcial, visto que se trata de um tema que perpassa questões que estão além da materialidade dos esqueletos e dos acompanhamentos funerários, trata-se também do imaterial, do simbólico, do intangível (MARQUES, 2018).

## **AS ESCAVAÇÕES DO PADRE ROHR E OS OBJETOS ASSOCIADOS AOS SEPULTAMENTOS**

Grande parte dos sítios escavados pelo padre Rohr, especialmente litorâneos, eram compostos por numerosos sepultamentos humanos e vários desses indivíduos apresentaram materiais associados. Padre Rohr os considerava acompanhamentos funerários por perceber a associação direta desses elementos aos indivíduos sepultados. Mesmo que Rohr tivesse a preocupação em considerar, coletar e descrever os acompanhamentos funerários, é importante destacar que nem sempre descrevia a localização exata do acompanhamento em relação ao esqueleto. Nesse sentido, sem informações suficientes a respeito da posição desses objetos, um mapeamento satisfatório e outras análises específicas sobre a espacialidade dos enterramentos e seus materiais associados ficam, de certa forma, prejudicados. Nem por isso as análises sobre tais objetos são invalidadas. Além disso, o tipo de coleta, as informações anotadas e percebidas por Rohr (aquilo que foi registrado e o que ficou de fora do registro), assim como algumas das interpretações a respeito de acompanhamentos funerários são interessantes para pensar seu lugar enquanto pesquisador de seu tempo (MARQUES, op. cit.).

Desde sua primeira escavação, em 1958 na Ilha de Santa Catarina, Rohr adotou em sua metodologia a descrição dos objetos associados aos mortos e a proposição de interpretações sobre eles. Os artefatos eram diversos, desde conchas a dentes perfurados e ossos de animais.

Em sua publicação de 1959, sobre esse primeiro sítio arqueológico por ele escavado, o sítio Caiacanga-Mirim, alguns dos acompanhamentos funerários caracterizados como adorno foram classificados por Padre Rohr como amuletos e tidos como objetos que revelam “um gosto estético, assaz apurado” daquela população. Padre Rohr considerou os adornos evidenciados como “jóias, as mais ricas e as mais preciosas” e sugeriu, ainda no contexto arqueológico deste sítio, que o uso de dentes de animais como adornos poderia apresentar “um sentido totêmico, como símbolos da agilidade e da força” (ROHR, 1959, p. 212). Essas assertivas são interessantes para pensar um tipo de interpretação dos acompanhamentos funerários realizada pelo Padre Rohr, no entanto, sabemos que revelam mais uma percepção ocidental sobre tais objetos que possíveis caracterizações deles de um ponto de vistaêmico. A categorias “amuleto”, “jóias” e “esteticismo”, se existentes em contextos ameríndios, não são categorias equivalentes aos contextos ocidentais e não indígenas (Marques, op. cit.).

Por mais que Rohr (1959) tenha sugerido que o grupo que ocupou o sítio Caiacanga-Mirim utilizava dentes de animais como amuletos, e ainda, que os pingentes de colar tinham um sentido totêmico, não podemos tomar tais afirmações sem relativizá-las, pois não esgotam as possibilidades de interpretações acerca da presença dessa classe de artefatos nesses sítios arqueológicos. Mesmo que seja instigante criar categorias e atribuir sentidos e funções aos objetos que estudamos nesses contextos, precisamos ter

cuidado com nossas interpretações, pois elas podem estar incompletas, equivocadas ou, então, cristalizar as possibilidades. Aquilo que consideramos um “amuleto” pode ser, para o grupo estudado, um objeto integrante de outra categoria — ou de mais de uma delas. Por exemplo, objetos que denominamos como “enfeites corporais”, são, para alguns grupos ameríndios, ao mesmo tempo adornos e remédios (LAGROU, 2009, p. 54), ou então, os enfeites podem remeter à noção de humanidade e a distinções ontológicas, especialmente entre vivos e mortos (MILLER, 2007, p. 5). É nesse sentido que tais interpretações precisam ser relativizadas: os objetos que para Rohr ou para nós, pesquisadores do nosso tempo, podem ser entendidos como amuletos ou adornos, podem ser artefatos com diferentes e inúmeros estatutos e potências (MARQUES, op. cit.).

Podemos dizer que, em parte do universo indígena brasileiro, a fabricação de artefatos, grafismos e pinturas está fortemente vinculada à fabricação de corpos e pessoas. Os grupos ameríndios, em geral, podem ser melhor entendidos quando voltamos nossa atenção para suas noções de corpo e conceito de corporalidade. Dar atenção para a noção do corpo é fundamental quando estudamos grupos indígenas, pois ela possui um enorme potencial de análise entre esses grupos. Especialmente entre grupos ameríndios o corpo humano é considerado a base da identidade, pois para eles “a identidade está no corpo” (CALAVIA SÁEZ, 2012).

Podemos afirmar que entre os grupos ameríndios o corpo humano ocupa um lugar central. É destaque

entre tais grupos a centralidade da corporalidade e da noção de pessoa. Segundo Lagrou, um dos principais aspectos da concepção ameríndia sobre a corporalidade diz respeito ao modo como o corpo é concebido: ele não é percebido como uma entidade biológica que cresce automaticamente a partir de uma forma predefinida pela herança genética, mas ele é fabricado pelos pais e pela comunidade (LAGROU, 2009, p. 39).

Essa é uma concepção demonstrada especialmente por algumas etnografias amazônicas, as quais apontam que o corpo humano não está “pronto”, ele deve ser constantemente fabricado através de diversas práticas que “envolvem a alimentação, a decoração, a reclusão e uma série de outros mecanismos de manipulação do corpo e das substâncias corporais” (MILLER, 2007, p. 4). Nesse sentido, as modificações intencionalmente produzidas no corpo, como pinturas, marcas, perfuração e ornamentação “são concebidas como parte do processo fisiológico de constituição do corpo humano que não pode, portanto, ser separado de processos ditos culturais ou sociológicos” (MILLER, op. cit., p. 4).

A ideia central da pesquisa que deu origem a este artigo está relacionada a pensar os acompanhamentos funerários, aqueles objetos que estão junto aos corpos dos mortos, a partir de um viés antropológico que pressupõe que grupos ameríndios possuem lógicas específicas de entendimento do mundo, dos

corpos, dos ambientes, e dos artefatos. Esses objetos não seriam meramente “coisas”, mas um emaranhado de relações, que interligam — e em quem estão interligados — pessoas e artefatos, vivos e mortos, humanos e não-humanos (MARQUES, op. cit.).

De acordo com tal perspectiva, podemos entender que, para os grupos ameríndios, os artefatos são parte de uma sociocosmologia. Percebidos como mediadores entre mundos, ambientes e matérias, os artefatos podem ser entendidos enquanto corpos. Para Lagrou podemos afirmar que, entre os ameríndios, artefatos são como corpos e corpos são como artefatos (LAGROU, op. cit, p. 39). Essa afirmação foi possível na medida em que a etnologia começou a dar mais atenção ao mundo artefactual que acompanha a fabricação do corpo ameríndio: ao se voltar para os artefatos, a própria noção de corpo foi redefinida.

Considerando que podemos pensar, também para os ameríndios do passado, na possibilidade de interpretação dos artefatos como corpos e dos corpos como artefatos, identifica-se que a presença de artefatos junto a sepultamentos é algo relevante nesse sentido. Nos sítios arqueológicos aqui estudados, os acompanhamentos aparecem tanto em adultos, dos sexos feminino e masculino, quanto em crianças, no entanto, percebe-se que, a partir dos vestígios materiais que ficaram preservados,<sup>29</sup> as crianças são os

<sup>29</sup> Alguns artefatos e registros arqueológicos não sobrevivem à ação do tempo por suas próprias características, por exemplo, artefatos produzidos com sementes, plumária e fibras vegetais, que são materiais orgânicos. Além disso, podem não ficar preservados devido às características dos locais e solos onde estão enterrados.

indivíduos mais adornados em seus sepultamentos. Esse é um dado interessante, e, mesmo que se trate de contextos funerários, nos permite pensar sobre os enfeites corporais indígenas e sua relação com o corpo, especialmente entre as crianças. A etnologia brasileira, em geral, indica que, em muitos grupos indígenas, as crianças possuem um *status* diferenciado e precisam ser tratadas de uma maneira especial, geralmente com intensos cuidados e sendo bastante adornadas. Nos contextos arqueológicos analisados podemos evidenciar fortemente e pensar nessa relação entre adornos/acompanhamentos funerários e os indivíduos infantis.

Em seu *Dicionário do Artesanato Indígena*, por exemplo, Berta Ribeiro cita o verbete “amuletos de uso pessoal” e indica que os adornos de uso diário ou festivo que são assim classificados, principalmente os adornos infantis, “são qualificados como ‘remédios’ ou ‘encantamentos’ destinados a prevenir doenças ou feitiços que comprometam a saúde dos adultos ou o crescimento dos imaturos” (Ribeiro, 1988, p. 286). Nesse sentido, como nos recorda Claudia Rodrigues-Carvalho, podemos afirmar que um “adorno pessoal é mais do que um objeto ornamental” (Rodrigues-Carvalho, 2014, p. 140), não somente em contextos etnológicos, como também em contextos arqueológicos.

Assim como os artefatos em geral, os objetos que acompanham os mortos também possuem suas especificidades nas perspectivas ameríndias. Entre os grupos ameríndios, há inúmeras e diferentes maneiras de

conceber a morte, os funerais e os objetos em contextos funerários. Em relação ao estudo contextos funerários de grupos pretéritos, em termos arqueológicos, não podemos ter acesso a certas informações devido ao caráter dos vestígios. No entanto, se seguirmos o caminho de ampliar o olhar e tomar de empréstimo algumas pesquisas da etnologia ameríndia, teremos algumas possibilidades interessantes de perceber as possíveis respostas indígenas ao fenômeno da morte e a tudo que envolve o morrer.

## ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS DOS SÍTIOS CAIACANGA-MIRIM E PRAIA DAS LARANJEIRAS II

A escavação do sítio Caiacanga-Mirim foi a primeira escavação do Padre João Alfredo Rohr e ocorreu em contexto de salvamento. Em 1958, Rohr foi informado que operários da Base Aérea de Florianópolis estavam encontrando, ao retirarem areia para construções nas imediações da praia, ossos humanos. Padre Rohr passou, de abril a dezembro de 1958, todos os seus dias livres do ano em escavações naquele sítio. Nele conseguiu salvar cerca de cinquenta esqueletos humanos e muitos artefatos líticos, ósseos e cerâmicos.

A publicação dos resultados desta escavação, em 1959, “Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina”, atraiu, de acordo com Rohr, a atenção de cientistas nacionais e estrangeiros e, a pedido de seus colegas do Instituto Anchieta de Pesquisas,

Padre Rohr abandonou o campo da Botânica para dedicar-se à Arqueologia.<sup>30</sup>

Padre Rohr ainda estava em fase inicial de suas pesquisas arqueológicas e, por ser sua primeira escavação sistemática, ainda estava aprimorando técnicas e metodologias. Não tinha ainda desenvolvido as “Fichas de Registro de Sepultamento”, em que, posteriormente, passou a inserir registros detalhados dos esqueletos que escavava, o que possibilitava identificar informações preciosas para o estudo dos sepultamentos. Na escavação na Base Aérea Padre Rohr não registrou detalhes de cada um dos sepultamentos evidenciados, ele apenas numerou cada um deles e registrou detalhes específicos, como a presença de acompanhamentos funerários com alguns esqueletos.

Na época da escavação de Praia das Laranjeiras II, final da década de 1970, Rohr estava mais experiente em suas pesquisas, já havia elaborado novas metodologias e técnicas de escavação e de estudos dos sítios. Em Laranjeiras teve maior êxito na retirada dos esqueletos, tendo inclusive utilizado a técnica de cimentação em alguns deles, técnica que havia desenvolvido e aprimorado durante a década de 1960 em suas escavações no sítio arqueológico Praia da Tapera, em Florianópolis.

Além das diferenças metodológicas e temporais nas escavações de Caiacanga-Mirim e Laranjeiras II, a análise que Padre Rohr realizou dos materiais arqueológicos foi distinta. À época da produção do texto sobre

o sítio Caiacanga-Mirim, Padre Rohr parecia mais interessado na análise das características morfológicas dos crânios dos esqueletos humanos evidenciados. Em sua publicação dedicada ao sítio (ROHR, 1959), ele apresenta o estudo dos crânios, com medidas e classificações deles, inclusive com tabelas comparativas.

Já na época de Laranjeiras II, cerca de vinte anos depois, Rohr havia aprimorado suas técnicas e métodos de escavação, de registro, de cimentação de esqueletos e já havia elaborado as *Fichas de Registro de Sepultamento*, em que as informações sobre os esqueletos e o contexto funerário foram mais bem delineados. Em Laranjeiras, Rohr fez uso dessas Fichas, o que possibilitou a coleta de muitas informações relevantes para o estudo dos sepultamentos. Para os pesquisadores que atuam na área de arqueologia funerária e bioarqueologia essas informações são de grande valia, especialmente por detalhar em certos aspectos o que Padre Rohr percebia e registrava durante as escavações dos sepultamentos.

Durante as escavações em Caiacanga-Mirim, Padre Rohr identificou cinquenta e quatro esqueletos, sendo adultos e crianças. Além disso, ele relata que coletou diversos ossos humanos, que estavam dispersos pela área que anteriormente havia sido devastada pelos operários da Base Aérea (ROHR, op. cit., p. 208). Os esqueletos, segundo a descrição de Rohr, estavam enterrados em uma cova rasa, feita na areia.

---

<sup>30</sup> Carta de Rohr para Ribeiro, 1965.



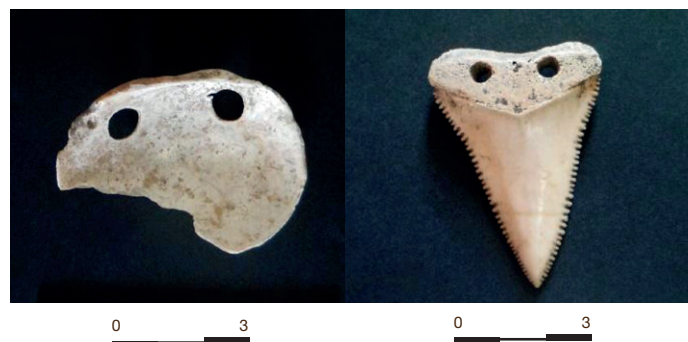
Foram evidenciados diferentes tipos de acompanhamentos funerários durante a escavação do sítio Caiacanga-Mirim. O arqueólogo classificou alguns deles como adornos corporais e foram, em sua maioria, confeccionados a partir de rochas, de conchas e de dentes de animais, conforme **Figuras 72, 73, 74 e 75**.

Ao se referir aos esqueletos encontrados com acompanhamentos classificados por ele como “objetos de adorno”, Rohr aponta que, no sítio:

o uso de enfeites parece ter sido bastante generalizado entre os construtores daquele reduto paleo-etnográfico. Eram de preferência as crianças, cujos encantos naturais, se procurava ressaltar por meio de alguma jóia. Quase que não se desenterrava esqueleto de criança, que não viesse acompanhado de algum amuleto ou colar (ROHR, op. cit., p. 211).

Segundo Rohr, os materiais mais utilizados na fabricação dos objetos de adorno eram conchas, dentes de tubarão e mamíferos e, com menos frequência, material lítico. Além dos objetos de adorno encontrados junto aos esqueletos, Rohr também evidenciou nas escavações outros objetos, feitos de valvas de conchas, dentes de jaguar, dentes de macaco, dentre outros (ROHR, op. cit., p. 214).

Dos cinquenta e quatro esqueletos evidenciados em Caiacanga-Mirim, doze foram encontrados com acompanhamentos. No entanto, se considerarmos que parte do sítio já havia sido destruída em função das obras na Base Aérea, é possível que outros esqueletos e seus acompanhamentos tenham sido destruídos.



**Figuras 72 e 73:** Acompanamentos funerários do Sepultamento 01 (“amuleto de concha”) e Sepultamento não identificado infantil (dente de tubarão duplamente perfurado), acima.

**Fotografia:** Roberta Porto Marques **Fonte:** Acervo MHS/CC



**Figuras 74 e 75:** Acompanamentos funerários do Sepultamento 11 (adulto), sete conchas de *Conus spurius* perfuradas (esquerda), e do Sepultamento não identificado (infantil), 41 conchinhas perfuradas de *Olivella sp.*

**Fotografia:** Roberta Porto **Fonte:** Acervo MHS/CC



**Figura 76:** Sepultamento 61, infantil, do sítio Caiacanga-Mirim. Os acompanhamentos, que segundo Rohr, seriam um “colar”, estão dispostos junto ao esqueleto, do pescoço até a cintura pélvica.

Fonte: Acervo MHS/CC

O sítio arqueológico Laranjeiras II foi escavado nos anos de 1977 e 1978. Padre Rohr e sua equipe escavaram cerca de 500 m<sup>2</sup> da área do sítio — estimada em aproximadamente 1000 m<sup>2</sup> —, enquanto a outra metade não escavada teria sido destruída pelo proprietário do terreno (SCHMITZ et al., 1993, pp. 17-18).

Os trabalhos de escavação puderam evidenciar 112 sepultamentos<sup>31</sup> de diversas faixas etárias que se encontravam estendidos ou fletidos, geralmente orientados no sentido praia-interior. Presume-se, devido a distribuição espacial dos sepultamentos no sítio, que a maioria dos indivíduos estava enterrada dentro das habitações, isto é, “dentro das choupanas contra as paredes” (SCHMITZ et al., 1993, p. 18), **Figura 77.** Alguns materiais associados aos

sepultamentos são materiais líticos (lâmina de machado polida, amolador), pontas de projétil ósseas, ossos de mamíferos, vértebras perfuradas de peixe, uma mandíbula de baleia, conchas (*Olivella* sp) e dentes de animais (de tubarão, de boto, de porco-do-mato, de símios e de felídeos). Em um sepultamento infantil, evidenciou-se uma tigelinha de cerâmica emborcada sobre sua cabeça (SCHMITZ et al., 1993, p. 117).

No sítio, Rohr identificou diferentes tipos de acompanhamentos funerários. De acordo com Rohr os acompanhamentos encontrados junto aos esqueletos seriam “oferendas funerárias”. Para ele o hábito de sepultar os “defuntos e de associar-lhes oferendas funerárias demonstra que os povos primitivos acreditavam em

<sup>31</sup> Alguns dos sepultamentos do sítio Praia das Laranjeiras II foram cimentados e estão expostos no Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr, S.J.” e no Museu Arqueológico do Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, em Balneário Camboriú.

alguma sobrevivência após a morte”, pois esses povos, segundo ele, “já criam na imortalidade da alma” (ROHR, 1977, pp. 29-30).

Diversos sepultamentos, particularmente de crianças, tinham associados objetos de adorno, sendo “conchinhas (*olivella* sp.) perfuradas, dentes de cação e dentes de mamíferos perfurados, ou ainda, pedrinhas perfuradas”. Alguns dos sepultamentos que apresentaram “oferendas funerárias” eram de adultos associados a machados líticos, pontas de flecha ósseas<sup>32</sup> ou presas de porcos-do-mato, utilizados como



**Figura 77:** Evidenciação dos esqueletos Sep 82, Sep 72 e Sep 79 na escavação do sítio Praia das Laranjeiras II, em 1978.

Fonte: Acervo MHS/CC

artefatos. Outros esqueletos de adultos apresentaram ossadas de baleia – **Figura 80** – ou, ainda, seixos como objetos associados (ROHR, 1984, pp. 45-46).

De acordo com os dados levantados, a maioria dos indivíduos que possuíam acompanhamento funerário no sítio, sendo 37 indivíduos no total, considerando a faixa etária, eram indivíduos infantis (13 crianças). Dentre os jovens, três indivíduos tinham acompanhamentos. Por fim, dentre os adultos (homens, mulheres e sexo indeterminado), 21 indivíduos apresentaram materiais associados.

Os indivíduos com acompanhamentos funerários na Praia das Laranjeiras II, sejam homens, mulheres ou crianças estavam em distintas posições, deposições,



**Figura 78:** Cinco dentes perfurados de mamíferos, associados ao Sepultamento 39 (infantil), em exposição em vitrine no MA/CACG.

Fotografia: Simon-Pierre Gilson Fonte: Acervo MA/CACG.

<sup>32</sup> As pontas de flecha ósseas, mesmo que encontradas junto aos esqueletos, podem não ser acompanhamentos funerários. Elas podem indicar que o indivíduo foi flechado e atingido em algum órgão vital e isso pode ter lhe causado a morte. Padre Rohr encontrou no sítio Praia da Tapera, em Florianópolis, um indivíduo com ponta de flecha óssea cravada em uma vértebra, o que sugere evidências de violência entre esses grupos. Este esqueleto (Sepultamento 110) foi cimentado por Rohr e encontra-se em exposição no MHS/Colégio Catarinense. Nesse sentido, a presença de pontas de flechas ósseas junto a esqueletos humanos nesses sítios arqueológicos precisa ser relativizada.





**Figura 79:** Dentes de mamíferos perfurados associados ao sepultamento infantil (Sep. 49). Em vitrine da exposição do MA/CACG.

**Fotografia:** Simon-Pierre Gilson **Fonte:** Acervo MA/CACG.

profundidades e em diversas orientações e, nesse caso, não foi possível estabelecer um padrão para o comportamento funerário vinculado aos objetos associados, **Figuras 78 e 79**. No entanto, podemos pensar em termos de preferências e sugerir que, entre as crianças, os dentes de animais perfurados tiveram maior expressão, assim como entre os homens aparecem, predominantemente, materiais líticos.

Nos dois sítios arqueológicos analisados, especialmente os indivíduos infantis foram evidenciados com adornos associados. As crianças parecem ter sido as mais adornadas dentre os indivíduos sepultados tanto em Caiacanga-Mirim quanto em Praia das Laranjeiras II. Os outros objetos associados aos mortos, como vasilhames cerâmicos, ossos de baleia,



**Figura 80:** Sepultamento 107 (adulto masculino), deitado em posição fetal e encostado em uma mandíbula de baleia.

**Fonte:** Acervo MHS/CC

pontas de flecha ósseas, materiais líticos e rochas associadas apresentaram-se, em sua maioria, entre os adultos.

Mesmo que a metodologia de escavação e de registro dos sepultamentos do sítio Caiacanga-Mirim tenha sido diferente daquela utilizada na escavação de Praia das Laranjeiras II, ao analisarmos os sepultamentos e os acompanhamentos funerários dos dois sítios, percebemos que há algumas semelhanças em seus contextos funerários, especialmente em relação a essa classe de objetos.

Em termos de acompanhamentos funerários, evidenciou-se objetos de diferentes tipos, mas obtiveram destaque aqueles que podemos classificar como “adornos ou enfeites corporais”, que seriam artefatos

produzidos a partir de dentes de animais, de conchas, de vértebras de peixe. Pensar em adornos funerários nos remete novamente à noção indígena que compõe o mundo e as pessoas, a noção de corporalidade, aqui especificamente relacionada a um outro corpo, diferente dos vivos, o corpo do morto, conforme visto na **Tabela 3**.

**Tabela 3:** Comparativa que apresenta os tipos de acompanhamentos funerários que aparecem em cada uma das classes de idade entre os indivíduos de Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II.

Sítio Arqueológico/Indivíduos	Caiacanga-Mirim	Praia das Laranjeiras II
Adultos	Adornos de conchas; Peça cerâmica; Rochas	Artefatos ósseos (vértebras de peixe perfuradas); Pontas de flecha ósseas; Artefatos de dentes de animais (tubarões, mamíferos); Osso de baleia; Rochas
Jovens	Artefato lítico	Conchas; Artefato lítico
Crianças	Adornos de conchas, de dentes de animais (tubarões)	Adornos de conchas, de dentes de animais (mamíferos e tubarões); Vasilhame cerâmico

Fonte: MARQUES, 2018.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou realizar uma breve reflexão sobre alguns objetos específicos que compõem parte da Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr. A partir do estudo de uma coleção arqueológica, foi possível identificar o potencial de estudo dos materiais que integram grandes coleções que ainda foram pouco estudadas e que ajudam a escrever a história dos povos indígenas do nosso território. Essa Coleção Arqueológica em particular, resultado de anos de esforço, trabalho e pesquisa do Padre Rohr, é uma coleção preciosa e extremamente relevante para a arqueologia brasileira. Muitas pesquisas podem ser elaboradas tendo como base o estudo desta Coleção

e podem nos dar, a partir de variadas metodologias e de inúmeras perspectivas, muitas respostas interessantes sobre esses povos ameríndios.

Através de uma proposta de análise que envolveu objetos de caráter especial e sagrado — justamente por serem parte de sepultamentos humanos — o trabalho buscou realizar um estudo que valorizasse tais objetos sem esquecer que, para além desse seu *status* original, eles receberam, ainda, outro estatuto depois de sua evidênciação nas escavações: o estatuto de objeto arqueológico e peça de museu, ou seja, estatuto de acervo museológico.

Mesmo que os dois sítios arqueológicos tenham sido escavados a partir de metodologias distintas, que





**Figura 81:** Sepultamento 91 (infantil), do sítio Praia das Laranjeiras II, cimentado e em exposição no MHS. Possui como acompanhamento, um adorno feito com 114 conchinhas perfuradas (*Olivella* sp.).

**Fotografia:** Oscar Liberal / IPHAN **Fonte:** Acervo MHS/CC

os sepultamentos tenham sido registrados de diferentes maneiras, e que os acompanhamentos funerários tenham sido interpretados e coletados de modos distintos pelo Padre Rohr, foi possível evidenciar algumas semelhanças entre os contextos funerários de Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II, especialmente a presença de acompanhamentos funerários classificados como adornos, produzidos a partir de conchas, ossos de animais, dentes

de mamíferos e de tubarões, e também de outros objetos, como materiais líticos, artefatos ósseos e cerâmica.

Baseado também em algumas referências da etnologia ameríndia, o trabalho buscou desenvolver reflexões sobre os objetos entre grupos ameríndios, especialmente os adornos, enfeites e os objetos relacionados aos mortos para pensar os acompanhamentos funerários estudados e valorizar o legado deixado pelo Padre João Alfredo Rohr.

# REFERÊNCIAS

- BARRETO, Cristiana N. G. B. **Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga**. 2008, f. . Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BECK, Anamaria. **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis: litoral de Santa Catarina**. 1972, 292 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. Do perspectivismo ameríndio ao índio real. **Campos - Revista de Antropologia**, [s.l.] v. 13, n.º 2, pp. 7-23, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/36728>>
- CASTRO, Eduardo B. Viveiros de. **A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- CASTRO, Eduardo B. Viveiros de. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- COELHO, Christiane C. R. **Sambaquis e Museus: relações entre acervos in situ e ex situ**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- FOSSARI, Teresa D. A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- GASPAR, Maria Dulce; SOUZA, Sheila M. (Org.). **Abordagens estratégicas em sambaquis**. Erechim: Habilis, 2013.
- GONÇALVES, José R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN/GARAMOND, 2007.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. Materials against materiality. In: \_\_\_\_\_. **Being Alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011.
- KLOKLER, D. M. Adornos em concha do sambaqui Cabeçuda: revisita às amostras de Castro Faria. **Revista de Arqueologia**, v. 27, n.º 2, pp.150-169, 2014.
- \_\_\_\_\_.; GASPAR, Maria Dulce. Há uma estrutura funerária em meu sambaqui..., esse sambaqui é uma estrutura funerária! In: GASPAR M.; SOUZA, S. **Abordagens Estratégicas em Sambaquis**. Erechim: Habilis, 2013. pp. 117-125.
- LAGROU, Els. **Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.
- LEMMONIER, P. Introduction. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Technical Choices, transformation in material cultures since the Neolithic**. Routledge: [s. n.], 1993.
- \_\_\_\_\_. Tecnología y Antropología. Tradução: Andrés Laguens. In: \_\_\_\_\_. **Elements for an Anthropology of Technology**. [S. l.]: Ann Arbor, 1992. pp. 1-24.
- MACHADO, Juliana Salles. **Montículos artificiais na Amazônia central: um estudo de caso do sítio Hatahara**. 2005. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MARQUES, Roberta P. “Estudo do acervo de acompanhamentos funerários da Coleção Arqueológica Padre João Alfredo Rohr, S.J.: análise de dois contextos arqueológicos litorâneos em Santa Catarina”. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, Florianópolis, 2018.
- MILLER, Joana. **As Coisas. Os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamaindê (Nambiquara)**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- MONTARDO, Deise L. **Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas (reflexões iniciais)**.

1995. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- RIBEIRO, Berta G. **Dicionário do artesanato indígena**. São Paulo: EdUSP/Itatiaia, 1988.
- RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. O pensamento simbólico complexo: origem e controvérsias, reflexões a partir de evidências de adornos, práticas funerárias e arte. **Ciência & Ambiente**, [s. l.], n. 48, jan.-jun. 2014.
- ROHR, João A. [Correspondência]. Destinatário: Luiz Salgado Ribeiro. 1965. Colégio Catarinense.
- \_\_\_\_\_. A jazida da Base Aérea de Florianópolis. **Pesquisas: publicações de antropologia**, São Leopoldo, n.º 3, 1959.
- \_\_\_\_\_. O Sítio Arqueológico da Praia das Laranjeiras – Balneário Camboriú – SC. **Notícias**, Natal, pp.135-136, 1977.
- \_\_\_\_\_. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras – Balneário de Camboriú. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, Florianópolis, n. 17, pp. 5-76, 1984.
- SALADINO, Alejandra. **A morte enfeitada: um olhar sobre as práticas mortuárias dos construtores do sambaqui Cabeçuda a partir de um sepultamento infantil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- \_\_\_\_\_. Museus e Arqueologia: algumas reflexões. **Cadernos de Sociomuseologia**, [s. l.], v. 10, pp. 89-112, 2017.
- SCHERER, Luciane Zanenga. **Relatório Final para Bolsa de Apoio Técnico**. Projeto “Sistemas de Assentamento Pré-colonial no Litoral e Planalto do Sul do Brasil”. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006.
- SCHLANGER, Nathan. The chaîne opératoire. In: BAHN, Paul G.; RENFREW, Colin. **Archaeology: the key concepts**. Burnaby: University of Simon Fraser Library, 2005. pp. 25-31.
- SCHMITZ, Pedro I.; VERARDI, Ivone. Antropologia da morte. Praia das Laranjeiras: um estudo de caso. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 8, n. 1, pp. 91-100, 1994.
- \_\_\_\_\_. et al. Escavações Arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J.: o sítio da praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da tradição Ceramista Itararé. **Pesquisas: Publicações de Antropologia**, São Leopoldo, n.º 49, 1993.
- SEEGER, Anthony; MATTA, Roberto da; CASTRO, Eduardo Viveiros de. A construção da Pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 32, pp. 2-19, maio 1979.
- SENE, Glaucia M. **Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social**. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SILVA, Jaciara A. **O corpo e os adereços: sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) — Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.
- SILVA, Sergio F. S. M. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 15-16, pp. 113-138, 2005/2006.
- \_\_\_\_\_. **Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-históricos do Litoral do estado de São Paulo**. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SOFAER, Joanna R. **The Body as Material Culture. A Theoretical Osteoarchaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- SOUZA, Sheila M. F. Mendonça de et al. Escavar e interpretar lugares de deposição de mortos. In: GASPAR, Maria Dulce; SOUZA, Sheila Mendonça de (Orgs.). **Abordagens estratégicas em sambaquis**. Erechim: Habis, 2013. pp. 127-154.
- THEVENET, Corinne et al. Introduction: la chaîne opératoire funéraire. In: VALENTIN, Frédérique et al. **La Chaîne opératoire funéraire. Ethnologie et archéologie de la mort**. Paris: De Boccard, 2014. pp. 7-10.





**Figura 82:** Vasilhames cerâmicos guarani com decoração plástica.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN Fonte: Acervo MHS/CC

# JOÃO ALFREDO ROHR E A PESQUISA EM SÍTIOS GUARANI EM SANTA CATARINA

Prof. Dr Andreas Kneip  
**Universidade Federal do Tocantins**  
andreas@mail.uft.edu.br

Prof.<sup>a</sup> Dra Deisi Scunderlick Eloy de Farias  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**  
deisiarqueologia@gmail.com

## RESUMO

A atuação de João Alfredo Rohr na Arqueologia catarinense ocorreu efetivamente na década de 1950, quando iniciou os registros dos vestígios arqueológicos na Ilha de Santa Catarina e, posteriormente, realizou a escavação, em 1958, do sítio Caiacanga Mirim (REIS, FOSSARI, 2009).

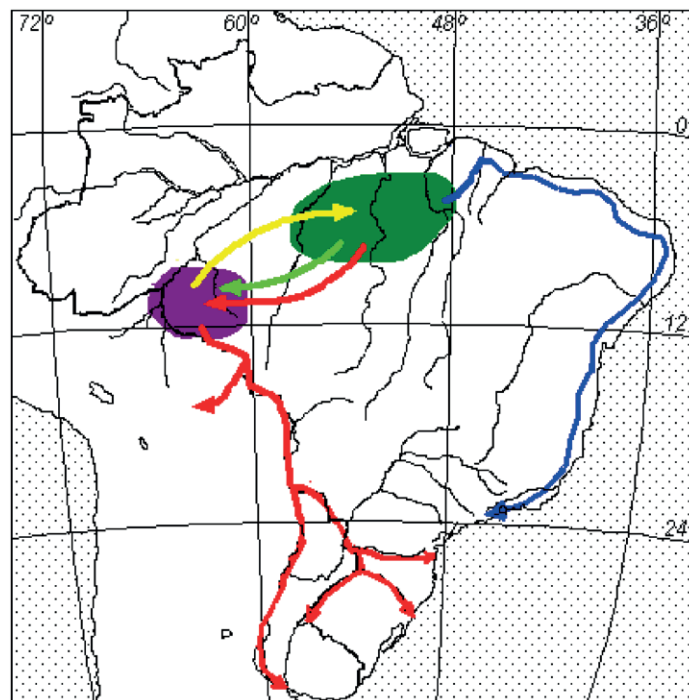
Rohr (1984) identificou mais de quatrocentos sítios arqueológicos em todo o território catarinense. Nesse artigo daremos enfoque aos sítios Guarani mapeados e as atividades desenvolvidas, que foram intensificadas nos anos de 1960 em diante. A pesquisa em sítios Guarani ocorreu por meio de levantamentos sistemáticos em diversos municípios do estado, iniciando-se pelo Sítio da Tapera, que foi escavado entre 1962 e 1967 (ROHR, 1966); passando por Itapiranga onde pesquisou sítios guaranis de grande porte que estavam em franco processo de destruição, tanto pela agricultura, quanto pela extração de argila.

**Palavras-chave:** João Alfredo Rohr. Sítios arqueológicos. Paradeiro Guarani. Preservação. Santa Catarina.



# OS GUARANI E SUA EXPANSÃO PARA O SUL DO BRASIL

A migração das populações Guarani originou-se na Amazônia. Estes grupos dominaram extensas regiões no interior do Brasil, nas bacias do rio Paraguai, Paraná, Uruguai e dos seus maiores afluentes, bem como do litoral do Paraná ao litoral do Rio Grande do Sul (FUNARI; NOELLI 2002). Chegaram ao Rio Grande do Sul pelos rios Paraná e Uruguai, colonizando todo território e atingindo o litoral Atlântico, seguindo para o norte via orla marítima, alcançando assim todo território catarinense. Ao chegarem à costa brasileira, no século XVI, os europeus se depararam com grupos indígenas que dominavam toda a região. Eles pertenciam ao tronco linguístico Tupi-guarani, provenientes do sudoeste da Amazônia. Sua dispersão ocorreu por volta de 5000 AP e chegaram à costa brasileira à cerca de 2500 AP (MELLO; KNEIP, 2017; BROCHADO, 1984). Partindo da Amazônia esses grupos falantes do Guarani e Tupi, permaneceram separados por muito tempo, quando houve um provável encontro na costa sudeste do Brasil. Os proto-Guarani teriam rumado para o sul via Madeira-Guaporé e atingido o Rio Paraguai, espalhando-se ao longo de sua bacia desde o início da era cristã já os proto-tupinambá teriam descido o Amazonas até sua foz, expandindo-se, em seguida, pela estreita faixa costeira em sentido



**Mapa 2:** Modelo de Origem dos povos tupi-guarani no Brasil. A área roxa mostra o centro de origem do tronco tupi. A seta amarela mostra o deslocamento dos falantes do proto-tupi que deram origem à família tupi-guarani. A área verde-escura representa o centro de origem da família tupi-guarani. A seta verde-clara mostra a volta de um ramo da família tupi-guarani para a área proto-tupi. A expansão tupinambá, em azul, parte da área proto-tupi-guarani. A Guarani, em vermelho, retorna à área que coincide com a de origem proto-Tupi, antes de migrar rumo sul.

Fonte: MELLO; KNEIP, 2017.

oeste-leste, e depois norte-sul (FAUSTO, 1992, p. 382, apud SCHIAVETTO 2003, p. 86). Os Guarani chegaram ao litoral catarinense aproximadamente cem anos antes da colonização europeia. “No momento da chegada dos europeus no estado, a ilha de Santa Catarina estava totalmente povoada pelos Carijó (SCHMITZ, 1991, p. 44)”. Nessa região, foram encontrados muitos vestígios da

cultura material do grupo Guarani (SILVA, 2004). Esses receberam diversas denominações ao longo da história por portugueses e espanhóis, ao grupo habitante da costa denominaram Cariós ou Carijós. Na literatura de cronistas ou viajantes, esses também eram conhecidos como *tapes*, *carijós* e *arachãs* (SCHIAVETTO, 2003, p. 88), ver **Mapa 2**.

A territorialidade desses grupos está relacionada à cosmologia construída junto com os padrões sociais estabelecidos e imbricados nessa dinâmica cultural. Organizavam a sociedade a partir de grupos de parentesco em torno de uma liderança, que poderia ser religiosa ou política (DIAS; SILVA, 2014, p. 86). A mobilidade sempre ocorria, pois ela mantinha a cosmologia acesa. Cada vez que a situação se tornava calamitosa, estas populações iriam em busca da "terra-sem-mal" (BRANDÃO, 1994, p. 285). Segundo Schmitz (1991, p. 34-35), esse movimento migratório estaria ligado à exaustão do solo, quando saiam em busca de novos rios cujas margens eram cobertas de matas, onde a vida poderia ser reproduzida sem grandes preocupações. Para Dias; Silva, (2014), a dinâmica da ocupação do território mbyá caracteriza-se pela circularidade, que são “constantemente retomados por grupos familiares num sistema de revezamento” (op. cit., p. 87).

Os Guarani tinham um modelo de cultura adaptada ao ambiente úmido e quente das florestas tropicais, cujas principais atividades seriam a agricultura, a construção de embarcações fluviais e a produção de cerâmica. A agricultura baseava-se na exploração e no cultivo de recursos naturais, praticando a

horticultura itinerante de derrubada e queimada, a coivara, uma atividade comum para a limpeza da roça. A cultura desses grupos estaria centrada na plantação de mandioca, milho, cará, palmito, feijão, fumo. A dieta alimentar era complementada pelas proteínas da pesca, da caça e da coleta de moluscos marinhos e fluviais e a indústria lítica se caracterizava pela confecção de poucas lascas, machados polidos, pilões e mãos-de-pilão (SCHMITZ, 1991).

Os Guarani encontraram na produção de artefatos cerâmicos um meio adequado de diversificar os métodos de processamento e transformação dos vegetais em alimentos adequados ao consumo. Na sociedade Guarani a produção de cerâmica era uma atividade restrita às mulheres. Elas preocupavam-se com os elementos artísticos, produzindo grande variedade de decorações, dentre elas destacam-se as cerâmicas pintadas relacionadas aos rituais, a corrugada, ungulada, escovada e lisa que estariam ligadas ao processamento e armazenamento de alimentos (NOELLI, 1999-2000; PROUS, 1989-1990; 1992; SOARES, 2005; KLAMT, 2005; SCHMITZ, 1990-1991; NEUMANN, 2014; NOELLI et al., 2014; MILHEIRA; WAGNER, 2014). “Viviam em aldeias de casa coletivas, construídas de tronco e palha” (SCHMITZ, 1991, p. 32).

A habitação maior, melhor localizada e com mais fogueiras pertenciam aos líderes locais, que chamamos de caciques, estes como outros homens do grupo geralmente tinham grande número de mulheres e filhos, já que praticavam a poligamia (BRANDÃO, 1994; SCHMITZ, 1991).

Os caciques poderiam exercer mais de uma função diante do seu grupo, como líder político, filosófico, religioso e curador. Porém, havia indivíduos que poderiam exercer estas funções como o pajé, cujas atividades realizadas estariam ligadas a religião do seu povo. Os ritos de dança serviam para comemorar todos os acontecimentos sociais, como o casamento, a guerra e a morte, sendo que o canibalismo também estava presente nesses rituais (SCHMITZ, 1990; 1991).

A língua Guaraní era falada no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Paraguai e Argentina. Os Guaraní foram uma das populações mais numerosas do Brasil, na época da chegada dos europeus. Noelli (2014, p. 188) afirma que “de acordo com Rodrigues (1964, 1986, 2000; URBAN, 1992), a família linguística Tupi-Guarani, da qual a língua Guaraní é afiliada, teve origem no sudoeste da Amazônia, no atual estado de Rondônia.”

Lavina (1999) escreve sobre aspectos do modo de vida dos Guaraní que viviam em Santa Catarina baseando-se nos relatos dos primeiros cronistas europeus que tiveram contato com o grupo. O mesmo autor afirma que os Guaraní além de estar no litoral catarinense, também ocupavam faixas do planalto, nas margens do rio Iguaçu e Uruguai. Noelli (2014) produziu um mapa com aproximadamente três mil sítios arqueológicos Guaraní, considerando somente a distribuição geográfica. Esses sítios estão distribuídos nos estados brasileiros de Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O autor elencou também os vestígios localizados

no Paraguai Oriental, no nordeste da Argentina e no Uruguai. Esse levantamento demonstrou que essa extensão territorial está “entre as maiores alcançadas por falantes de uma língua pré-colombiana na América [...] que se trata de pessoas que reproduziram basicamente os mesmos traços culturais durante dois mil anos [...]” (NOELLI, op. cit., p. 202). Esses dados foram indicados anteriormente por Clastres (1978, p. 66) que discute sobre a demografia, apresentando dados que demonstram um número de 1.500.000 Guaraní antes da entrada do europeu, indicando uma densidade de quatro habitantes por quilômetro quadrado, em uma área que o autor estabeleceu como sendo de 350.000 km<sup>2</sup>. Para chegar a essas conclusões o autor utilizou-se de dados provenientes de jesuítas em suas reduções, que costumavam praticar censo dos habitantes das Missões.

Informações etno-históricas indicam que ocupavam uma área imensa, do norte da Amazônia até o Rio da Prata, da costa atlântica até a região do Chaco. Entretanto os dados arqueológicos mostram a distribuição da cerâmica, elemento identificador dessa cultura, em apenas uma parte dessa área, que corresponde à costa meridional e a região das bacias do rio Uruguai, Paraguai e Paraná, além do estuário da Prata. As pesquisas confirmam o intenso movimento migratório vivido pelo grupo, que se deparou com ambientes diversificados e possivelmente entrou em contato com grupos caçadores-coletores, promovendo, dessa maneira, adaptações culturais que podem ser identificadas a partir das evidências materiais

encontradas nos sítios arqueológicos, as quais denominamos sub-tradições: uma relacionada ao Guarani do sul e outra ao Tupi do norte.<sup>33</sup>

O Guarani, aqui definido como agricultor, vai escolher um ambiente que possuía alto índice de pluviosidade, estação seca reduzida e temperaturas médias elevadas, além de solos apropriados para a agricultura de coivara. A agricultura praticada pelo grupo é de escala limitada, necessitando sempre de novas terras para o plantio. As áreas eram delimitadas de acordo com as suas necessidades e demonstravam possuir uma forte dependência com as condições apresentadas pelo ambiente. Acostumado com terras mais frias, cultivavam o milho, o aipim, feijão, batata doce e abóboras.

As pesquisas realizadas indicaram a presença desse grupo em áreas colinares, próximas a rios, ou ainda ao longo do litoral, sempre em áreas com ligeira elevação (BROCHADO, 1984; CHMYZ, 1966; SCHMITZ, 1999; ROGGE, 1996; SOARES, 1997, 1999). Dados etno-históricos e históricos sugerem que as características básicas das habitações variam de dimensões entre 50 e 250 metros de diâmetro, podendo ocorrer aldeias maiores. O estrato arqueológico apresenta-se entre trinta e quarenta centímetros de espessura, cujos

vestígios referem-se a estruturas de combustão e moradia, além de sepultamentos.

As aldeias, situadas próximas às lagoas e aos grandes rios eram formadas de uma a cinco casas, com cada família extensa vivendo em uma das casas e sem divisões internas. A população média da aldeia era de duzentos indivíduos. Os locais das aldeias eram sempre próximos a áreas agricultáveis e a distância com relação à outra aldeia era de aproximadamente *uma légua* (LAVINA, 1999).<sup>34</sup>

Segundo Soares (1997) a cultura material Guarani correspondia a cordais, cestos e cabaças para acondicionar e transportar alimentos líquidos ou sólidos, além das canoas de várias dimensões, usadas tanto no mar quanto nos rios e lagoas. Eram usados arcos, flechas e pilões para preparar alimentos, adornos plumários, cuias, cabaças e tacapes usados em rituais antropofágicos (LAVINA, 1999).

No entanto, sobre o ritual citado acima, Prous (1992, p. 414) afirma que os dados etno-históricos dos grupos Tupi litorâneos do século XVI não devem ser aplicados aos portadores da cerâmica Tupiguarani de qualquer século e região, já que no mesmo século XVI havia a existência do canibalismo ritual entre os Tupi

<sup>33</sup> Os termos “fases” e “tradição” são utilizados como recurso de identificação na terminologia arqueológica. No caso do guarani, a tradição tupi-guarani, foi definida da seguinte maneira pelo PRONAPA (1969, p. 10): “Após considerações de possíveis alternativas, não obstante suas conotações lingüísticas foi decidido rotular como tupi-guarani (escrito numa só palavra) esta tradição ceramista tardia amplamente difundida, considerando já ter sido o termo consagrado pela bibliografia e também a informação etno-histórica estabelecer correlações entre as evidências arqueológicas e os falantes da língua tupi e guarani, ao longo de quase todo território brasileiro”. Para uma análise crítica dessas terminologias ver Brochado (1984) e Prous (2006).

<sup>34</sup> Aproximadamente seis quilômetros.

do litoral de São Paulo até o Maranhão, mas não existia entre os Carijó (Guarani) do litoral catarinense.

Dentro da cultura material dos Guarani existem os vasos cerâmicos, que por resistir a decomposição são encontrados nas escavações, assim como objetos de resina, líticos e poucos ossos de fauna e ossos humanos sepultados em urnas funerárias. Com relação à classificação dos vasos cerâmicos:

[...] os pesquisadores do PRONAPA passaram a considerar que houve uma evolução cultural visível nos estilos decorativos. No período mais antigo, os vasilhames eram predominantemente decorados com pintura na porção superior, conservando a inferior simples: os sítios onde se verificou a preponderância quantitativa de cacos simples e pintados sobre a decoração plástica foram, então, agrupados dentro de uma “subtradição Pintada”. A seguir, a decoração corrugada tornou-se mais popular do que a pintada, sem que, no entanto, esta desapareça; trata-se da “subtradição Corrugada” [...] (PROUS, 1992, p. 372).

No entanto, nos últimos anos, com datações e pesquisas em determinadas áreas, fizeram notar que a separação entre as duas primeiras subtradições não era nítida no sul, e ainda se passou a considerar que as subtradições correspondem a aspectos regionais e não cronológicos (PROUS, op. cit., p. 372).

Assim, Prous (1992, p. 412) diz que a subtradição meridional é caracterizada pela predominância da

decoração corrugada, poucas vezes igualada pela pintada, já que em alguns sítios do litoral catarinense o percentual da diferença entre as subtradições pintada e corrugada não ultrapassa dois por cento.

De modo geral, nos sítios Guarani de Santa Catarina, são encontrados outros tipos de acabamento cerâmico além do corrugado e pintado, como o acanalado, ungulado, inciso, roletado e escovado. Segundo La Salvia; Brochado (1989), estes acabamentos são definidos como decoração plástica, isto é, que forma relevos na parte externa do vaso cerâmico, sendo rara a execução desta decoração na parte interna do vaso; e decoração pintada, confeccionada através de tintas minerais e vegetais, e relacionada a alguns motivos.

As pesquisas arqueológicas realizadas por Rohr, fomentaram muitas investigações tanto no período em que ele esteve na ativa, quanto posteriormente. A seguir apresentaremos as pesquisas desenvolvidas por Rohr no estado de Santa Catarina.

## **PESQUISA ARQUEOLÓGICA EM SÍTIOS GUARANI NO OESTE DE SANTA CATARINA – UM ENFOQUE NOS SÍTIOS DE ITAPIRANGA E MONDAÍ**

No oeste de Santa Catarina Rohr atuou por muitos anos, onde realizou vistorias, mapeando sítios, escavando e coletando material arqueológico em diversos municípios.

Em Caxambu do Sul identificou dois sítios cerâmicos Guarani. O *Caxambu do Sul 1* encontrava-se as margens do Rio Uruguai, medindo 400 x 100 m, onde foram



avistadas manchas escuras, com vestígios de carvão, cerâmica e moluscos fluviais. Encontrava-se em área de agricultura, e nas entrevistas com o proprietário do terreno verificou-se que foram quebradas cinco urnas funerárias, quando a terra foi lavrada.

O *Sítio Caxambu do Sul 2* também estava às margens do Rio Uruguai, em terras de agricultura. Esse assentamento media 100 x 20 m, onde foram mapeadas manchas escuras, com vestígios de carvão, cerâmica, pontas de projétil e moluscos fluviais. O agricultor informou que ao arar a terra quebrou mais de uma dúzia de urnas funerárias.

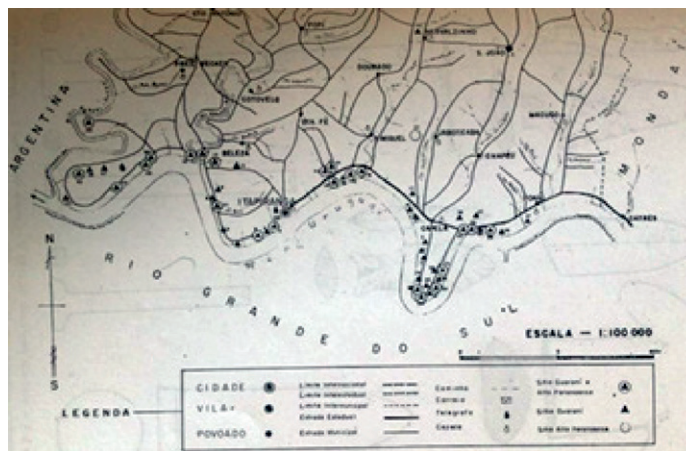
No município de *Águas de Chapecó* 1 foi mapeado um sítio Guarani com uma área de 300 x 100 m, onde foram avistadas manchas escuras, com vestígios de carvão, cerâmica e moluscos fluviais. O proprietário entregou ao pesquisador adornos encontrados em urnas que ele quebrou ao arar a terra.

No município de São Carlos, foram mapeados quatro sítios Guarani. Eram sítios pequenos, medindo em média 100 x 50 m, e todos apresentaram materiais semelhantes como manchas escuras, carvão vegetal, cerâmica, pontas de projétil produzidas em sílex e moluscos fluviais. Em todos eles foram destruídos urnas funerárias pela ação do arado.

## A PESQUISA EM ITAPIRANGA E MONDAÍ

Rohr (1966), durante a pesquisa em Itapiranga desvelou o potencial arqueológico daquele município, às margens do Rio Uruguai (**figura 83**). Muitos sítios foram mapeados na beira desse rio, nas desembocaduras dos

rios menores, arroios e córregos. “De fato, com raras exceções, onde quer que um curso de água perene se lança no Rio, aparecem vestígios de ocupação indígena” (op. cit., p. 24).



**Figura 83:** Sítios Arqueológicos identificados no município de Itapiranga.

**Fonte:** ROHR, 1966, p. 55.

Rohr e equipe estiveram nos municípios de Itapiranga e Mondaí por trinta dias, quando realizaram prospecção e sondagens em cinquenta e três sítios arqueológicos, sendo a maioria deles Guarani, onde foram escavadas cinco urnas funerárias, dessas três eram grandes e duas médias. Possuíam tampa e continham vestígios esqueléticos humanos de adultos e crianças e artefatos como tembetás. Nesses sítios, definidos como grandes aldeias devido a profusão de manchas escuras evidenciadas sobre o solo, os pesquisadores encontraram muitos materiais associados a cultura Guarani, como cerâmica das mais diversas decorações

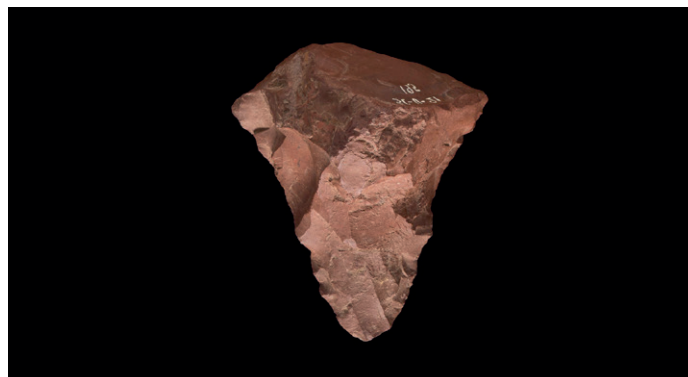
(pintada, lisa, corrugada, incisa, escovada, etc.), artefatos líticos como machados, mão de pilão, batedores e lascas, produzidos em diabásio e sílex, matéria-prima disponível na região, **Figura 84**.



**Figura 84:** Machado Semi-Lunar, coletado em 1966 no município de Itapiranga/SC.

Fotografia: Oscar Liberal/IPHAN. Fonte: Acervo MHS/CC

Dos cinquenta e três sítios mapeados nos dois municípios, vinte e sete apresentaram vestígios da cultura alto-paranaense. Esses sítios puderam ser descobertos por estarem nas áreas onde ocorria a extração de argila, que deixavam a mostra perfis com mais de cinco metros de profundidade, **Figura 85**. Ali foi possível avistar as manchas com abundância de carvão e material lítico lascado em diabásio vermelho, como machados bumerangóides, picões, raspadores e facas laminares.



**Figura 85:** Artefatos líticos da Cultura Alto-Paranaense: Picão (SC-U-195), picareta (SC-U-195) e machado curvo (SC-U-23). Município de Itapiranga/SC. Fotografia: Ádon Bicalho/IPHAN. Fonte: Museu de Geociências da UnB/DF.

Por serem grandes sítios, Rohr (1966, p. 31) afirmou que “as olarias não conseguirão demolir toda a área do sítio por ser muito extenso. [...] Toda a beira do Rio, numa extensão de 500 x 100 m, está coberta de sítios, um encostado no outro.”

A pesquisa nos municípios de Itapiranga e Mondaí se estendeu para a sociedade local por meio de uma intensa campanha de esclarecimento nas rádios, conferências e palestras, o que estimulou o poder público de Itapiranga a fundar um Museu Arqueológico Municipal, onde seria guardado todo o material que fosse retirado das áreas de plantio do município.

Oliveira (2009) realizou estudo de parte da coleção de Itapiranga, enfocando a cerâmica pintada proveniente dessa região pesquisada. A pesquisadora faz uma análise comparativa do material de Itapiranga, com o da Coleção Berenhauser, de Florianópolis e da coleção da Candelária, Rio Grande do Sul. Seu objetivo foi demonstrar que a normatividade aparente, apresentada nos motivos cerâmicos, podem ser alterados à medida que ocorrem variações regionais e sócio-culturais. Oliveira (2009, p. 68) identificou que a decomposição dos motivos decorativos em elementos mínimos “são normativos porque, além de serem o elemento principal para o desenvolvimento de uma série de outros motivos decorativos, eles se repetem tanto em Itapiranga, quanto em Florianópolis, em Candelária e em outras áreas e sítios.”

## PESQUISA ARQUEOLÓGICA EM SÍTIOS GUARANI DE FLORIANÓPOLIS – O SÍTIO DA TAPERA

Rohr (1984) mapeou seis sítios Guarani em Florianópolis, todos com características semelhantes tanto na localização, próximos ao mar ou as lagoas, quanto no material encontrado, que foi cerâmica, artefatos líticos e vestígios faunísticos. O *Sítio Florianópolis 39*, com aproximadamente 300 m<sup>2</sup> foi localizado nas dunas do Pântano do Sul, a trinta metros da praia, nele o pesquisador verificou cerâmica, carvão, batedores, alisadores e lascas de diabásio.

No *Florianópolis 40*, com área de 2000 m<sup>2</sup> também localizado no Pântano do Sul, foram identificados os mesmos materiais: cerâmica, carvão, batedores, alisadores, núcleos de lascas de diabásio. Uma vasilha de 25 centímetros de altura foi desenterrada por um morador local e doada ao Museu do Homem do Sambaqui. O *Florianópolis 41*, com área de 400 m<sup>2</sup> foi mapeado na Ponta da Caiacanga Açu, no Ribeirão da Ilha, a vinte metros da praia, com a mesma tipologia de material arqueológico. No Rio Tavares foi mapeado o *sítio Florianópolis 42* com área aproximada de 1000 m<sup>2</sup>. Esse sítio foi escavado por Oldemar Dias que retirou muito material cerâmico fragmentado e uma urna quase inteira. Na região da Lagoa da Conceição foram mapeados os sítios *Florianópolis 43* e *Florianópolis 44*. O primeiro, pequeno, com cem metros de área foi localizado nas dunas da Lagoa da Conceição; o segundo, um pouco maior, com 200 m<sup>2</sup> foi verificado

o vandalismo em duas urnas funerárias com sepultamentos, que foram quebradas e deixadas espalhadas pelas dunas. Nesse foi verificado também, a presença de uma ponta de projétil.

Outro sítio que apresentou material Guarani foi o *Florianópolis 35*, conhecido como *Sítio da Tapera*, que foi escavado por Rohr, durante quatro anos e meio, de 1962 a 1967. Foram escavados mais de dois mil metros quadrados e registrados cento e setenta e dois sepultamentos, desses onze foram cimentados e levados para o Museu do Homem do Sambaqui em Florianópolis.

Esse sítio se caracterizou por apresentar horizontes culturais bastante distintos envolvendo a cultura Jê (Itararé) e Guarani. Esse fato se definiu pelas diferenças construtivas que se apresentaram no sítio e nas datas obtidas onde se verificou para o horizonte ocupacional Guarani a data de  $1400 \pm 70$  d.C. (SI-244) (Silva et al., 1990). A cerâmica Guarani foi encontrada no sítio da Tapera no nível A e caracterizava-se por ser lisa, pintada, corrugada, ungulada, escovada, incisa. Nessa escavação foram recuperados mais de vinte mil fragmentos da cerâmica Guarani, pintada, ungulada, corrugada, corrugada-ungulada, com engobe branco e vermelho.

Ainda em Florianópolis, Rohr (1984) registrou a presença de cerâmica Guarani em outros sítios do tipo sambaqui. O *Florianópolis 11*, conhecido como sambaqui do Canto da Lagoa, localizado no canto sul da Lagoa da Conceição, apresentou cerâmica na superfície. O

mesmo ocorrendo no *Florianópolis 18*, sambaqui da Ponta do Lessa, que foi escavado pelo Museu da UFSC.

## PESQUISA ARQUEOLÓGICA EM SÍTIOS GUARANI DO CENTRO E SUL CATARINENSE

Nas vistorias realizadas por Rohr no litoral sul-catarinense a fim de inibir a destruição dos sambaquis, foi possível mapear e identificar diversos sítios Guarani, que o pesquisador denominava de *Paradeiro Guarani* ou *Sítio Cerâmico Guarani*. Ao todo foram cadastrados vinte sítios no município de Jaguaruna; dois em Garopaba e Imbituba; um em Paulo Lopes e Palhoça. Muitos desses sítios foram revisitados e escavados posteriormente por Farias e equipe (2004a; 2004b; 2006) na região de Imbituba e por Farias; DeBlasis (2008) no município de Jaguaruna. Além disso, esses sítios foram sistematizados por Farias; Kneip (2010).

Os sítios Guarani mapeados em 1969, no município de Jaguaruna foram denominados de Paradeiro Guarani, conforme apresentado no **Quadro 1**, e são caracterizados por apresentarem, em sua maioria manchas escuras no solo, com fragmentos de cerâmica lisa, corrugada, ungulada e pintada na maior parte da amostra, e escovada em menor quantidade. Além disso, foram identificados artefatos líticos lascados e polidos. Em alguns sítios foram identificadas urnas funerárias intactas e fragmentadas, pois haviam sido quebradas anteriormente pelos agricultores ao ararem a terra.

**Quadro 1:** Sítios Guarani (Paradeiros) mapeados em 1969, no município de Jaguaruna/SC.<sup>35</sup>

Nome do Sítio	Localidade	Tamanho	Descrição sumária	Implantação
JAGUARUNA 33 — Paradeiro Guarani.	Costa da Lagoa	10 m diâmetro	Caracteriza-se por uma mancha escura no solo com cerâmica lisa, corrugada, ungulada, englobada de branco com desenhos vermelhos, lascas de sílex e de diabásio, amoladores, etc.	Situa-se a cem metros de um córrego e a um quilômetro e meio da Lagoa de Jaguaruna.
JAGUARUNA 34 — Paradeiro Guarani.	Arroio Corrente	100 m2	Caracteriza-se por manchas de terra preta no solo, com cerâmica lisa, corrugada, englobada de branco, com desenhos vermelhos, seixos lascados, etc.	A dois quilômetros da praia, e a duzentos metros da Lagoa do Arroio Corrente.
JAGUARUNA 36 — Paradeiro Guarani.	Arroio Corrente	100 m2	Apresentava manchas escuras com carvão vegetal, cacos de cerâmica lisa, corrugada e ungulada.	A dois quilômetros da praia e a 150 metros da Lagoa do Arroio Corrente.
Jaguaruna 37 — Paradeiro Guarani.	Arroio Corrente	500 m2	manchas escuras com carvão vegetal, cacos de cerâmica lisa, corrugada, ungulada, en- globada de branco com desenhos vermelhos, cachimbos de barro cozido e outro material arqueológico.	Situado em terrenos da Marinha, em meio as dunas, a quinhentos metros da praia.
Jaguaruna 38 -Paradeiro Guarani.	Arroio Corrente	100 m2	Com manchas pretas no solo, com carvão vegetal, cerâmica corrugada ungulada e lisa.	à margem da Lagoa, e a dois quilômetros da praia.
JAGUARUNA 39 — Paradeiro Guarani	Olho D'Água	3000 m2	Manchas escuras no solo com carvão vegetal e cerâmica lisa, corrugada, englobada de branco com desenhos vermelhos, machados polidos de diabásio, tembetás de quartzo e lascas de sílex. Amadores retiraram cinco urnas funerárias do sítio, e o pesquisador retirou outra, do tipo corrugado. com vasilha menor servindo de tampa. Dentro da mesma foram encontrados os restos de um esqueleto de criança, um tembetá de quartzo e um machado polido de diabásio.	Não informado

<sup>35</sup> Além desses paradeiros, Rohr (1984) identificou vestígios de cerâmica Guarani sobre três sambaquis: Porto Vieira, Ilhota e Olho D'Água II.



Nome do Sítio	Localidade	Tamanho	Descrição sumária	Implantação
JAGUARUNA 40 — Paradeiro Guarani	Olho D'Água	100 m2	Observam-se manchas pretas no solo, com carvão vegetal e cerâmica corrugada, ungulada e lisa. Ao ser lavrada a terra uma urna funerária foi quebrada.	Sem informação
JAGUARUNA 41 — Paradeiro Guarani	Olho D'Água	100 m2	Manchas escuras no solo, com carvão vegetal e cerâmica corrugada, lisa, ungulada, pintada de vermelho sobre engobe branco. Foram retiradas diversas urnas funerárias do sítio.	A quatro quilômetros da praia
JAGUARUNA 42 — Paradeiro Guarani	Olho D'Água	400 m2	observam-se manchas escuras no solo, com carvão vegetal cerâmica lisa, corrugada, ungulada, e pintadas de vermelho sobre engobe branco.	A quatro quilômetros da praia
JAGUARUNA 43 — Paradeiro Guarani.	Olho D`Água	100 m2	Manchas escuras no solo, com carvão vegetal, cascas de moluscos, machados polidos de diabásio, e cerâmica lisa, corrugada e escovada	A quatro quilômetros da praia
JAGUARUNA 44 — Paradeiro Guarani	Olho D`Água	100 m2	Manchas escuras no solo, com carvão vegetal e cerâmica lisa, corrugada, engobada de branco com desenhos vermelhos. Urna funerária quebrada pelo arado	A quatro quilômetros da praia
JAGUARUNA 45 — Paradeiro Guarani.	Olho D'Água	10000 m2	Manchas de terra preta, com carvão vegetal e cerâmica lisa, corrugada, ungulada, desenhadas de vermelho sobre engobe branco e cascas esparsas de moluscos	A cem metros de uma lagoa.
JAGUARUNA 46 — Paradeiro Guarani.	Olho D'Água	10000 m2	Manchas escuras no solo, com carvão vegetal cerâmica lisa, corrugada, ungulada, escovada e pintadas de vermelho sobre engobe branco. Três urnas funerárias, foram retiradas, contendo ossadas humanas e colares feitos de discos perfurados de conchas.	A quatro quilômetros da praia
JAGUARUNA 47 — Paradeiro Guarani	Torneiro	100 m2	Manchas escuras no solo, com carvão vegetal cerâmica lisa, corrugada e pintada de vermelho sobre engobe branco, e cascas esparsas de moluscos	A um quilômetro da praia e a cinquenta metros do Rio Urussanga

Nome do Sítio	Localidade	Tamanho	Descrição sumária	Implantação
JAGUARUNA 48 — Paradeiro Guarani	Morro Bonito	100 m2	Esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal e cerâmica lisa, corrugada e pintada de vermelho.	A cinco quilômetros da praia
JAGUARUNA 49 — Paradeiro Guarani	Albardão do Morro Bonito	60 m2	Manchas escuras no solo, com carvão vegetal, conchas e cerâmica corrugada, lisa e pintada de vermelho sobre engobe branco.	A cinco quilômetros da praia
JAGUARUNA 50 — Paradeiro Guarani	Laranjal	2000 m2	Manchas escuras no solo, com carvão vegetal, machados polidos de diabásio, amoladores de arenito e lisa, corrugada e pintada de vermelho e de preto sobre engobe branco. Ao lavar a terra duas urnas funerárias foram quebradas.	A duzentos metros da Lagoa do Laranjal
JAGUARUNA 51 — Paradeiro Guarani	Morro Bonito	100 m2	Manchas pretas no solo, com carvão vegetal, cascas de gastrópodes terrestres, artefatos líticos cerâmica lisa e corrugada.	Não informado
JAGUARUNA 52 — Paradeiro Guarani	Morro Bonito	100 m2	Esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal e cerâmica lisa e corrugada. Foram quebradas diversas urnas funerárias pelo arado	Não informado
JAGUARUNA 53 -Paradeiro Guarani	Morro Bonito	100 m2	Esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal e cerâmica corrugada e unguada. Ao abrir um buraco para a colocação de um moirão de cerca, o dono encontrou uma urna funerária que foi quebrada	Não informado

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado por Rohr nos sítios cerâmicos Guarani, abrangeu todo o estado de Santa Catarina. Na maioria dos casos ocorreram coletas de superfície e entrevistas com agricultores, que além de relatarem sobre os desmontes do sítio durante a intervenção no solo para plantio, entregavam ao Padre Rohr, material arqueológico que eles coletavam quando encontravam, principalmente as urnas funerárias.

Alguns sítios foram escavados por mais tempo, como foi o caso do Sítio da Taperá, no entanto, a ocupação Guarani, ainda que tenha sido intensa nesses sítios, o que pode ser comprovado pela quantidade expressiva de cerâmica coletada, o enfoque da pesquisa recaiu sobre a ocupação Jê. Com isso, detalhes para além da configuração das tipologias cerâmicas não foram aprofundados.

Os sítios mapeados em Itapiranga também não foram escavados sistematicamente. Ali foram abertos sondagens e poços testes nas manchas escuras, para identificação da estratigrafia e verificação da espessura do pacote arqueológico. Além disso foram coletados

milhares de fragmentos cerâmicos e escavadas urnas funerárias. Esse material foi levado em parte para Florianópolis e outra parte ficou no município.

Com essa pesquisa pode-se destacar as principais investigações de Rohr sobre os sítios Guarani. Certamente esses não são todos os seus trabalhos, mas são os mais representativos e que geraram a possibilidade de futuras pesquisas arqueológicas, tanto em campo, quanto no acervo documental e artefactual produzido por ele durante sua vida de arqueólogo. Os sítios aqui apresentados ofereceram um importante panorama da ocupação Guarani em Santa Catarina, que se espalharam por todo o estado ocupando preferencialmente as desembocaduras dos grandes rios, as margens de lagoas e pontos já anteriormente ocupados, como o caso de assentamentos Guarani em sambaquis e sítios Itararé do litoral.

Assim, as pesquisas arqueológicas desenvolvidas por Rohr ao longo da sua vida, possibilitam ainda hoje a continuidade das pesquisas, já que oferecem dados importantes que ainda geram problemas de pesquisa instigantes.

# REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Somos Puros**. Campinas: Papyrus, 1994.
- BROCHADO, José Proença. **An ecological model of the Spread of Pottery and agriculture Into Eastern South America**. Ph. D. Tesis. Urbana-Champaign. University of Illinois at Urbana – Champaign, 1984.
- CHMYZ, Igor. Terminologia Arqueológica Brasileira para a cerâmica. Curitiba. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Manuais de Arqueologia**, n. 1, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná. 1966.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.
- DIAS, A.S.; SILVA, S.B. Arqueologia guarani no lago Guaíba: refletindo sobre a territorialidade e a mobilidade pretérita e presente. In: MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. (Orgs.). **Arqueologia guarani no litoral Sul do Brasil**. Curitiba, Appris, 2014. pp. 81-114.
- FARIAS, D.S.E.; KNEIP, A. **Panorama Arqueológico de Santa Catarina**. Florianópolis. UNISUL, 2010. 304 p.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. Salvamento e Monitoramento Arqueológico na área de implantação de empreendimento imobiliário na localidade de Araçatuba – Imbituba/SC. **Relatório Parcial**. Tubarão, 2004a.
- \_\_\_\_\_. Salvamento e Monitoramento Arqueológico na área de implantação da Pousada Vida, Sol e Mar – Praia do Rosa, Imbituba/SC. **Relatório Parcial**. Tubarão, 2004b.
- \_\_\_\_\_. Salvamento e Monitoramento Arqueológico na área de implantação do loteamento Awyra, Imbituba/SC. **Relatório Parcial**. Tubarão, 2006.
- FARIAS, D. S. E.; DEBLASIS, P. Salvamento arqueológico na estrada do Camacho. **Relatório Parcial**. Jaguaruna/SC: UNISUL, 2008.
- FUNARI, Pedro Paulo; NOELLI, Francisco Silva. **Pré-história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. (Repensando a História).
- KLAMT, Sergio Célio. Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani. Tese. (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.
- LAVINA, R. A Terra Sem Mal entre os Guarani. *Revista de Ciências Humanas (Criciúma)*, v. 1, pp. 19-23, 1999.
- MELLO, A. A. S.; KNEIP, A. Novas evidências linguísticas (e algumas arqueológicas) que apontam para a origem dos povos tupi-guarani no leste amazônico. **Literatura y Linguística** (impresa), v. 36, pp. 299-312, 2017.
- MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. (Orgs.). **Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil**. Curitiba: Appris, 2014.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. NOELLI, F. S. Os sítios arqueológicos guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina: registros até 2013. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Arqueologia guarani no litoral Sul do Brasil**. Curitiba, Appris, pp. 177-186. 2014.
- NEUMANN, M. A. A cerâmica Guarani no litoral Norte do Rio Grande do Sul. In: MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. (Orgs.). **Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil**. Curitiba, Appris, 2014. pp. 63-80.
- NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, pp. 218-269, dez., fev. 1999-2000. Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira II.
- \_\_\_\_\_. O espaço dos Guarani: a construção do mapa arqueológico no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. In: MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. (Orgs.). **Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil**. Curitiba, Appris, 2014. pp. 187-204.
- OLIVEIRA, K. A cerâmica pintada da Tradição Tupiguarani: estudando a coleção Itapiranga/SC. **Documentos** 11. pp. 5-88, 2009.
- PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB, 1992.
- \_\_\_\_\_. Os artefatos líticos: elementos descritivos e classificatórios.

**Arquivos do Museu de História Natural.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 11, pp. 91-111, 1986/1990.

REIS, M. J.; FOSSARI, T. D. Arqueologia e preservação do patrimônio cultural: a contribuição do Padre João Alfredo Rohr. **Cadernos do CEOM**, Chapecó /SC, ano 22, n.º 30, pp. 265-293, 2009. Políticas públicas: memórias e experiências.

ROGGE, Jairo Henrique. Adaptação na Floresta subtropical: A Tradição Tupiguarani no Médio Rio Jacuí e no Rio Pardo. **Documentos**, São Leopoldo, n.º 06, pp. 3-156, 1996.

ROHR, J. A. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia**. Florianópolis: UFSC, 1984. n.º 17.

\_\_\_\_\_. Os sítios Arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. **Pesquisas (Antropologia)**, n.º 22, 1969.

\_\_\_\_\_. Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do município de Itapiranga. \_\_\_\_\_, n.º 15, 1966.

\_\_\_\_\_. Pesquisas Paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina, n.º 3, 1959.

\_\_\_\_\_. Pesquisas Paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina e sambaquis do litoral. \_\_\_\_\_, n.º 14, 1962.

SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. **A arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2003.

SCHMITZ, P. I. Escavações arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J. **Pesquisas (Antropologia)**, v. 53, 1996.

\_\_\_\_\_. Pré-História do Rio Grande do Sul. São Leopoldo. Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS. **Documentos** 5. 1991.

SILVA, S. B. S. et al. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, s. j. — O sítio arqueológico da praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani. **Pesquisas (Antropologia)**, n.º 45, pp. 1-210, 1990.

SOARES, André Luis R. **Guarani: organização social e arqueologia**. Porto Alegre. EdPUCRS. 1997. Série Arqueologia 4.

\_\_\_\_\_. Os horticultores Guaranis: modelos, problemáticas e perspectivas. **Rev. do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n.º 30, pp. 103-141, jul-dez. 1999.





**Figura 86:** Petroglifo Praia do Santinho, identificado em 1966 pelo arqueólogo João Alfredo Rohr. Florianópolis/SC.

**Fonte:** João Alfredo Rohr, 1969. Imagem vetorizada por Sofia Paiva.



**Figura 87:** Petroglifo Ilha do Campeche, identificado em 1966 pelo arqueólogo João Alfredo Rohr. Florianópolis/SC.

**Fonte:** João Alfredo Rohr, 1969. Imagem vetorizada por Sofia Paiva.

# MUSEU E ACERVOS ARQUEOLÓGICOS: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS NO BRASIL

**Dra. Andréa Fernandes Considera<sup>36</sup>**

Curso de Museologia  
Faculdade de Ciencia da Informacao  
Universidade de Brasília  
andreaconsidera@unb.br

## RESUMO

Os objetos arqueológicos estiveram presentes nos museus brasileiros desde o século XIX e acompanharam, ao longo do tempo, as transformações a que ambos os campos de conhecimento — museologia e arqueologia — estiveram submetidos. Este capítulo procura analisar a trajetória dos museus no Brasil desde o início do século XIX, destacando a relação entre os contextos históricos com os fazeres museais de cada época. Analisa em destaque os movimentos da Nova Museologia e seus impactos sobre a noção de musealização. Observa ainda os desafios atuais que os museus têm enfrentado na preservação, pesquisa e comunicação dos acervos arqueológicos em específico.

**Palavras-chave:** Museologia. Museus. Acervos arqueológicos. Preservação. Patrimônio arqueológico.

---

<sup>36</sup> A autora é museóloga e professora do Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (DF)

## INTRODUÇÃO

Os museus são fenômenos ocidentais, surgidos com o homem moderno e voltados para respostas contemporâneas da sociedade. Se hoje produzimos, legitimamos e mantemos os museus, é porque os reconhecemos como instituições importantes na nossa sociedade. Mas estamos sabendo cuidar dos nossos museus?

Alguns autores ainda buscam, na palavra e na instituição, a origem dos museus nos templos das musas gregas, mesclando o caráter sagrado e metafísico dos objetos, com a noção de templo e contemplação. É certo que tanto as nove musas do panteão grego, quando a diversidade de objetos que observamos nos museus atuais, buscam representar o universo do conhecimento humano, ou melhor a capacidade criativa da humanidade em produzir artefatos que tragam conforto na sua relação com a natureza.

Observamos também, que o processo de musealização, envolvendo seus mais complexos níveis de trabalho, tem por missão transformar um objeto funcional e útil para uma determinada sociedade, em um objeto de contemplação, em um semióforo que apenas continua existindo por representar o modo de fazer e de pensar de um determinado grupo social, por vezes já não mais existente. Como sugere Paul Ricoeur, o objeto é a presença daquele que está ausente; as pessoas se vão, mas os artefatos deixados por elas se mantem presentes como referência daquele que não existe mais (RICOEUR, 2007, pp. 27-28). Neste sentido, os objetos

tomam uma aura sagrada, passível de ser admirada, como num templo.

Mas nossos museus não guardam uma linha genealógica contínua com o templo das musas. Ao contrário, encontramos os antepassados mais distantes dos nossos museus nos séculos XVI e XVII, quando a descoberta de novos mundos (não ocidentais) e a tecnologia da época, favorecia o recolhimento de objetos exóticos, que reunidos na Europa, causavam espanto e curiosidade: surgiram assim os primeiros gabinetes de curiosidades. Portanto, nossos museus tiveram uma origem muito mais científica do que sagrada.

Os gabinetes de curiosidade logo se tornaram objetos de distinção social; tê-los organizados e poder exibi-los exigia, no entanto, algum nível de organização, não só estética como também científica. Surgia naquele momento os princípios mais básicos do fazer museal: a pesquisa dos objetos, necessária à classificação destes; a sistematização e documentação dos artefatos; e a comunicação das coleções através de sua ordenação espacial, ou seja, a exposição. Soma-se ainda a estes princípios, a escolha curatorial do colecionador que seleciona e destaca ou não na exposição, o que lhe é mais significativo e importante.

Para outros, os gabinetes de curiosidade eram verdadeiros laboratórios onde se maceravam, misturavam e testavam substâncias minerais e orgânicas provenientes dos ambientes mais diversos com o intuito de se obter novos produtos lucrativos, desde os medicinais, até os que de alguma forma contribuíssem para

o enriquecimento de seu descobridor. Neste sentido, muitos médicos, farmacêuticos, físicos e alquimistas reuniram suas primeiras coleções.

Já em 1655 temos a primeira notícia da denominação de um gabinete de curiosidades como museu; uma gravura representando a coleção do dinamarquês Olaus Wormius (1588-1654) trazia o título “*Musei Wormiani*” e apresentava nas paredes, teto e demais espaços uma infinidade de objetos “curiosos”.

No século XVII os primeiros gabinetes de curiosidades e museu passaram a organizar seus objetos em duas categorias: a *naturalia* se referia a tudo que tivesse origem mineral, vegetal e animal sem interferência humana; a *artificialia*, ao contrário, representava a criação humana, ou seja, todos os artefatos resultantes da transformação da natureza pela ação humana. Havia ainda uma terceira categoria, a *mirabilia*, que envolvia o sobrenatural e o extraordinário, incluindo as aberrações da natureza ou produzidas pelos homens.

Em 1656 foi publicado na Inglaterra o catálogo da coleção do *Musaeum Tradescantianum*, produzido por Elias Ashmolean (1617-1692), sendo um dos primeiros tratados sobre museus. Em 1735 o sueco Carl von Linneaus (1707-1778) publicou a obra *Sistema da Natureza* que organizava a *naturalia* nos três reinos da natureza (animal, vegetal e mineral). Entre 1749 e 1804, o francês Conde de Buffon (1707-1788) detalhou a classificação dos animais e vegetais nos trinta e seis volumes da sua obra *Histoire Naturelle*. Ainda no século XVIII se consolidou a profissão de naturalista.

Todas estas contribuições transformaram os museus do século XVIII nos principais agentes de produção do conhecimento científico e em instituições estratégicas para o desenvolvimento econômico e político de muitos países. No caso português, João Brigola observa:

A observação direta dos seres e dos objetos e o experimentalismo como metodologia educativa impõem a construção de equipamentos museológicos, tomando nova dimensão o próprio conceito de Museu. Alargam-se os públicos e abrem-se portas num dia fixo da semana; sofisticam-se os equipamentos [...] contratam-se especialistas estrangeiros e funcionários permanentes; organizam-se expedições científicas aos territórios continental e ultramarinos e envolve-se a nossa diplomacia na rede internacional de aquisições. (BRIGOLA, 2003, p. 35).

Enquanto do outro lado do Atlântico os museus se organizavam em torno da classificação do novo mundo, que era aos poucos descoberto e explorado cientificamente, em terras brasileiras cresciam os esforços pela manutenção da soberania portuguesa sobre suas colônias. Quando, em Portugal, foi estabelecido no final do século XVIII o complexo científico e cultural da Ajuda, reunindo num só lugar, um museu, um zoológico e um jardim botânico, em grande parte abastecido pelos espécimes e exemplares provenientes das terras brasileiras, aqui no Brasil foi criado um estabelecimento português destinado a preparação e taxidermização dos espécimes a serem enviados a Portugal.



O estabelecimento era identificado em documentos como Casa de História Natural, mas ficou conhecido popularmente como Casa dos Pássaros, devido aos inúmeros pássaros taxidermizados que podiam ser vistos da rua através das janelas abertas. Longe de ser exatamente um museu, a Casa dos Pássaros preparava espécimes para, dentre outros destinos, o Museu da Ajuda em Lisboa, sendo uma extensão das atividades museais daquela instituição. Somente em 1813 a Decisão n.º 20 de 22 de junho de 1813 “manda que se hajam por extintos os diferentes empregos do Museu desta Corte” (BRASIL, 1813), caracterizando a Casa de História Natural como um museu.

Foi igualmente após a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, que ocorreu a publicação do decreto de 1818 que determinava a criação, no Rio de Janeiro, do Museu Real, com claro objetivo científico voltado para os interesses industriais e econômicos portugueses.

Querendo propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em benefício do comércio, da indústria e das artes, que muito desejo favorecer, como grandes mananciais de riqueza: Hei por bem que nesta Corte se estabeleça um Museu Real, para onde passem, quanto antes, os instrumentos, maquinas e gabinetes que já existem dispersos por outros lugares; ficando tudo a cargo das pessoas que Eu para o futuro nomear. (BRASIL, 1818).

A primeira instituição museal brasileira surgiu então, a partir do modelo europeu, acrescido de características peculiares portuguesas, num contexto de exploração das riquezas coloniais. Sem dúvida, foi um modelo moderno para sua época, mas baseado numa organização científica estranha à nossa realidade. Tal fato se observa no Regulamento n.º 123 de 1842 que organizava o museu em quatro seções: 1) seção de Anatomia Comparada e Zoologia; 2) seção de Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas; 3) seção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas; 4) seção de Numismática e Artes Liberais, Arqueologia, usos e costumes das Nações Modernas (BRASIL, 1842).

Sobre as três primeiras, que representavam os três reinos da natureza, já bem estabelecidos na época, caberia apenas observar a associação dos acervos com suas finalidades práticas no âmbito econômico. Mas a quarta seção era especialmente interessante para nós.

Uma única seção abrangia “Numismática e Artes Liberais, Arqueologia, usos e costumes das Nações Modernas”. Em 1842, a numismática brasileira, com exceção de alguns florins holandeses e das moedas portuguesas, não teria mais do que vinte anos de história; as artes liberais ainda eram incipientes no país recém independente; a arqueologia ainda uma novidade na própria Europa, ainda estava longe de se consolidar por aqui; e os usos e costumes das Nações Modernas provavelmente estavam relacionados a um projeto civilizatório do país, mas que já delegava ao museu sua função educativa e seu papel social.

Mas foi nesta seção tão peculiar que o primeiro museu nacional criado no Brasil reuniu a coleção de múmias egípcias, de fragmentos de afrescos romanos, de moedas das mais diversas partes do mundo, de artefatos latino-americanos e dos primeiros acervos arqueológicos, cuja curadoria ainda se dava muito mais pela riqueza estética do que pelo valor científico.

Com o tempo, os demais museus brasileiros do século XIX seguiram o modelo do Museu Nacional, contemplando sempre uma quarta seção para abrigar o fazer humano, fosse ele contemporâneo ou de nossos antepassados.

Em 1871, a organização do Museu Paraense (depois Museu Paraense Emílio Goeldi) proposta por Ferreira Pena, diretor à época, era mais ousada, prevendo uma seção específica para os achados arqueológicos promovidos por ele na ilha de Marajó, onde descobriu diversos sítios arqueológicos na época. Por sua vez, o regulamento do Museu Paranaense em 1882 previa uma quarta seção que reuniria acervos de “arqueologia, etnografia e numismática” (PARANÁ, 1882).

No entanto, o caráter científico dos museus aos poucos foi dando espaço para uma abordagem mais histórica dos acervos. Ao adentrarmos o século XX e ao se aproximar a comemoração do centenário da independência do Brasil em 1922, surgiu a oportunidade da construção de uma narrativa de coesão nacional e novamente os museus se tornaram protagonistas dos novos tempos.

Nos anos que antecederam a década de 1920, no Museu Paulista (São Paulo), assistimos à substituição do seu diretor,

o zoólogo Herman von Ihering, pelo historiador Affonso Taunay e, em pouco tempo, os animais taxidermizados foram sendo substituídos pelos retratos dos Bandeirantes, símbolo do progresso; no Rio de Janeiro, por sua vez, o advogado Gustavo Barroso obteve amplos poderes para recolher todos os objetos que considerasse relevantes para construir uma narrativa sobre a história do Brasil num novo museu, o Museu Histórico Nacional, na capital do país.

Ambos os museus tinham como proposta não mais reunir as riquezas naturais do país, mas sim orientar os holofotes para a formação da nação brasileira através de seu povo mestiço, resultado da união das “três raças”, onde os índios e os negros certamente eram apenas a base da pirâmide social. Se por um lado o Museu Paulista se orgulhava de estar às margens do rio Ipiranga, onde geograficamente, de fato, teria ocorrido a independência do Brasil e poder exaltar seus heróis bandeirantes, sem os quais o país teria se reduzido a uma pequena faixa de terra litorânea, por outro lado, Museu Histórico Nacional estava localizado na capital do país, centro do poder do Império e da República, onde as principais decisões políticas eram tomadas.

O que de fato observamos é que um novo modelo de museu surgia no Brasil e para isso era preciso dispor de outros profissionais, não mais zoólogos, mineralogistas, botânicos ou naturalistas. Cabe ainda ressaltar, que a antiga “quarta seção”, comum nos museus, que até então reunia tudo que, por oposição, não se referia aos “três reinos da natureza”, a partir deste momento adquiria preponderância sobre as demais seções.

A ausência destes profissionais levou à criação, em 1932, do Curso de Museus no Museu Histórico Nacional. De acordo com o Decreto n.º 21.129 de 07 de março de 1932, que criou o Curso de Museus, as disciplinas ministradas eram as seguintes:

Art. 2.º O curso, a que se refere o artigo, anterior, constará das disciplinas abaixo discriminadas, distribuídas por dois anos letivos, de acordo com a seriação seguinte:

1.º ano: História política e administrativa do Brasil (período colonial). Numismática (parte geral). História da arte (especialmente do Brasil). Arqueologia aplicada ao Brasil.

2.º ano: História política e administrativa do Brasil (até a atualidade). Numismática (brasileira) e sigilografia. Epigrafia. Cronologia. Técnica de museus.

Parágrafo único. As matérias constantes da seriação anterior constituirão as quatro cadeiras seguintes:

- a) História do Brasil;
- b) Numismática e sigilografia;
- c) Arqueologia brasileira;
- d) Epigrafia, cronologia e técnica de museus.

(BRASIL, 1932).

A escolha e ordenação dos conteúdos a serem ministrados nos mostram algumas preocupações interessantes naquele momento. Primeiro é importante destacar a relevância dada a arqueologia, em especial à arqueologia brasileira, e a separação entre arqueologia e história, que refletia não só uma distinção

cronológica, mas também relacionada as metodologias de pesquisa e aos diferentes aspectos de seus respectivos campos científicos.

Em segundo lugar, a presença de um conteúdo relacionado às técnicas de museus, demonstrava a preocupação com um fazer museal específico, ou seja, a necessidade de conhecimentos científicos e métodos práticos específicos de uma área de conhecimento aplicado: os museus. Era o início do surgimento do profissional museólogo. Em outras palavras, não bastava mais conhecer o acervo; era necessário saber musealizá-lo e isso envolvia teorias e práticas específicas que se estabeleciam para além dos objetos.

As décadas seguintes à criação do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional produziram diversas experiências museais voltadas para a interação público-objeto. Os museus de narrativas históricas se voltaram ao público escolar, transformando-os em extensões das salas de aula, onde os professores levavam seus alunos uniformizados e razoavelmente comportados para passeios escolares de aprendizado. Nos municípios do interior do estado de São Paulo proliferaram os “museus históricos pedagógicos”, muitas vezes resolvendo a ausência de objetos com os modernos recursos expositivos dos quadros didáticos franceses ou alemães, traduzidos ao idioma nacional, que foram criados para atender o público escolar. A mesma situação se repetia no Rio de Janeiro, quando o Museu Nacional (ainda dedicado à História Natural), era frequentemente solicitado a organizar coleções didáticas a serem enviadas aos pequenos museus escolares municipais.

Em 1958, o seminário regional da Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) que ocorreu no Rio de Janeiro teve por tema a função educativa dos museus e em seu documento final afirmava:

O museu pode trazer muitos benefícios à educação. Esta importância não deixa de crescer. Trata-se de dar à função educativa toda a importância que merece, sem diminuir o nível da instituição, nem colocar em perigo o cumprimento das outras finalidades não menos essenciais: conservação física, investigação científica e deleite. (UNESCO, 1958).

Era inegável a importância da presença do público nos museus, ainda que levados, muitas vezes sem escolha, pelas mãos de seus educadores, num moderno método de aprendizado. Retornariam estas crianças aos museus depois de se tornarem adultos? Por mais que a museologia entendesse a importância da convivência do público com os museus, que novas teorias e métodos de comunicação e exposição se mostrassem eficazes, ainda havia muito a ser aperfeiçoado no campo museal.

Neste contexto, três documentos representaram um grande marco para as referências museais que temos hoje. O primeiro foi elaborado em 1972, durante realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile promovida pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) e estabelecia os princípios básicos para um “Museu Integral” a partir da compreensão de que os museus eram instituições a serviço da sociedade e desta forma, deveriam promover e orientar suas ações de acordo

com o interesse público e não a partir das demandas internas de seus pesquisadores. Já não bastava construir um discurso curatorial e levar os estudantes para visitar; era preciso dar voz às suas famílias para saber o que elas gostariam de ver nos museus.

O segundo documento, também fruto de um encontro internacional do ICOM, surgiu em 1984 em Quebec, no Canadá, e estabelecia os princípios básicos da “Nova Museologia”, destacando o papel ativo dos museus nos processos de mudança social:

Ao mesmo tempo em que preserva os frutos materiais das civilizações passadas, e que protege aqueles que testemunham as aspirações e a tecnologia atual, a nova museologia — ecomuseologia, museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa — interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo em que as associa aos projetos de futuro. (ICOM, 1984).

A partir de então, os museus passaram a assumir um papel fundamental nas transformações sociais e a museologia, em suas mais diversas formas de manifestação, passou a compreender que suas atribuições até então voltadas basicamente para a pesquisa, conservação, documentação, educação e comunicação só teriam sentido se colaborassem para o autoconhecimento e reflexão das comunidades sobre a realidade que os cercavam, tornando-os agentes de mudanças sociais.

Estes princípios foram reafirmados por um terceiro documento internacional, a Declaração de Caracas

de 1992, quando se discutiu o papel das instituições frente às mudanças sociais e ambientais.

Com estes antecedentes podemos afirmar que o museu tem uma missão transcendental a cumprir hoje na América Latina. Deve constituir-se em instrumento eficaz para o fortalecimento da identidade cultural de nossos povos, e para seu conhecimento mútuo, — fundamento da integração — tem também um papel essencial no processo de desmistificação da tecnologia, para sua assimilação no desenvolvimento integral de nossos povos. Por fim, um papel imprescindível para a tomada de consciência da preservação do meio ambiente, onde o homem, natureza e cultura formam um conjunto harmónico e indivisível. (ICOM, 1992).

Nestas duas décadas os museus deixaram de ser instituições de ensino não formal e passaram a ser agentes de transformação social; deixaram de ser pensados para seus públicos e passaram a ser feitos pelos seus públicos. Os museus se tornaram veículos da ação social, não mais para a sociedade, e sim pelas comunidades, destacando o protagonismo social.

Estes três documentos, no entanto, devem ser vistos com resultado de um amplo processo de transformação social que vinha ocorrendo na época em vários campos do conhecimento. Na arqueologia, por exemplo, observamos fenômeno semelhante, desde os primeiros experimentos voltados para a arqueologia pública na década de 1970, até os atuais projetos de educação patrimonial, tão comuns nas pesquisas arqueológicas que ocorrem hoje.

No âmbito dos museus brasileiros, observamos neste período diversas iniciativas instigantes, como o Museu do Trabalho (Porto Alegre) criado na década de 1980, quando ocorreu a desativação da Usina do Gasômetro e destinado à preservação da memória dos trabalhadores; o Museu Maguta (Benjamin Constant – AM) que foi apropriado pelo povo Ticuna na década de 1990, no qual os índios se utilizaram dos métodos museológicos para se fazerem representar; o Museu da Maré (Rio de Janeiro – RJ), inaugurado em 2006 com recursos cenográficos e museológicos aplicados à preservação da memória das comunidades do complexo da Maré, com claros objetivos de inclusão social.

Tais mudanças transformaram o museu numa complexa instituição onde os fazeres museais do século XIX e os conhecimentos teóricos e práticos do século XX se somaram a desafios de gestão, sustentabilidade financeira e princípios éticos, num mundo cada vez mais inclusivo e ao mesmo tempo polarizado.

No Brasil a resposta por parte do governo a estes novos desafios começou a ser observado em 2003, no âmbito do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU), órgão então subordinado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), quando foi instituída a Política Nacional de Museus (PNM); no ano seguinte foi criado o Sistema Nacional de Museus e em 2009 o DEMU se desvinculou do IPHAN e passou a compor o atual Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), com estatuto próprio e a gestão direta sobre trinta museus federais.

Outro marco fundamental para o contexto museológico brasileiro foi a promulgação da Lei n. 11.904



de 14 de janeiro de 2009, que define os museus da seguinte forma:

Art. 1.º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (BRASIL, 2009).

Esta definição trouxe para a sociedade o entendimento de que um museu se define por suas características e não pela presença ou não a palavra “museu” em seu nome. Portanto, independentemente de sua denominação, as instituições responsáveis pela guarda de acervos de acordo com a definição acima apresentada, são entendidas como museus e como tais, devem obedecer a uma série de regras estabelecidas por esta lei federal.

A Lei n.º 11.904 de 2009, também conhecida como Estatuto de Museus, trouxe ainda a obrigatoriedade da elaboração do Plano Museológico, entendido como instrumento de gestão museal. Tal instrumento tem por função o planejamento e a articulação as diversas

atividades de um museu e exige de quem o elabora profundo conhecimento de todas as potencialidades museais.

A partir de 2009, também como resultado do incentivo do governo ao setor museal, foram criados vários cursos de graduação, mestrado e doutorado em museologia no país, capacitando profissionais para trabalharem com as mais diversas tipologias de acervos e museus. Atualmente no Brasil, são milhares de museólogos formados e aptos para cuidar dos acervos musealizados no país.

Paralelamente foram produzidos diversos instrumentos normativos, tanto pelo Ibram quanto pelos diversos setores culturais estaduais e municipais, visando o aperfeiçoamento das práticas museais no novo cenário social.

O crescimento do Terceiro Setor e as práticas sociais cada vez mais próximas dos museus proporcionaram a adoção de novos modelos de gestão, principalmente daqueles que envolvem as parcerias público-privado e os modelos de gestão compartilhada.

Com relação aos acervos arqueológicos, o surgimento das chamadas “instituições de guarda”, nem sempre associadas aos contextos museológicos, deu origem a um novo modelo de gestão de acervos públicos por instância muitas vezes privadas, exigindo dos museólogos, novas formas de abordagem para estas coleções.

Outros fatores como impacto ambiental e a acessibilidade universal em imóveis tombados, também tem exigido novas posturas por parte dos museus e dos profissionais envolvidos com a instituição.

Mas no meio de tantas transformações, quando adentramos os museus, encontramos intermináveis coleções de objetos, em sua maioria recolhidos aos museus em contextos ideológicos, sociais e políticos distintos, situados numa realidade distante no tempo. No caso dos acervos arqueológicos, é comum encontrá-los descontextualizados, retirados de seus sítios sem nenhuma preocupação informacional, com indicações frágeis ou extremamente abrangentes de sua origem. Mas os objetos estão ali, estáticos, esperando que decidamos seu destino; descartá-los ou condená-los aos escuros armários das reservas técnicas pode ser a negação do que fomos e fizemos um dia, mas o esquecimento geralmente leva a repetição dos erros.

É preciso abrir as reservas técnicas, ressignificar os discursos, propor novas abordagem na pesquisa museológica, relativizar os campos dos sistemas de documentação, ousar novas museografias, apresentar novas propostas pedagógicas, mas, principalmente, escutar o que os objetos têm a nos dizer. Apenas nos livros usamos a imagem dos objetos como adornos ilustrativos da nossa narrativa; nos museus, ao contrário, o discurso é dos objetos e o texto deve apenas orientar o ritmo da narrativa.

Musealizar não é tarefa fácil. Exige de quem o faz profundos conhecimentos de legislação durante o processo de aquisição; de preservação e guarda, para estabelecer as condições ambientais adequadas ao objeto; de conservação e acondicionamento, para manter íntegro o objeto; de documentação, uma vez que é fundamental o uso adequado dos instrumentos básicos previstos nas diversas legislações; de pesquisa

e curadoria, considerando inclusive os objetos sensíveis em contextos religiosos, sociais e culturais; de exposição e comunicação, que envolve desde as condições climáticas dos espaços e materiais expográficos até a acessibilidade universal ao conteúdo apresentado, incluindo as ações de mediação e lúdicas para os diversos públicos; de gestão museus, para conseguir coordenar todas as ações acima apresentadas; e por fim, de princípios éticos que devem nortear cada uma destas atividades.

No caso dos acervos arqueológicos, muitas vezes cada fragmento pode parecer somente um vestígio, mas por trás dele houve um ser humano, uma história complexa e rica em informações, um modo de fazer herdado de muitas gerações ou uma inovação tecnológica revolucionária. Enfim, todo o nosso passado está ali nos museus, diante de nós, aguardando para ser revelado e nos permitir estabelecer os laços com o universo de onde viemos. Cabe a nós, museólogos e arqueólogos, sermos eficazes em nossas missões e permitirmos aos acervos a perenidade que eles precisam para continuar existindo e unindo gerações.

Mais do que nunca, não podemos deixar para trás nenhum destes objetos ou fragmentos arqueológicos um dia coletados pelo Pe. João Alfredo Rohr. É urgente se fazer no Museu do Homem do Sambaqui o inventário, documentação, catalogação e pesquisa de todo este acervo, independentemente de seu tamanho, relevância, tipologia, importância ou origem. Só assim, preservaremos parte significativa da história da arqueologia brasileira e poderemos construir um futuro verdadeiramente igualitário.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decisão n.º 20, de 22 de junho de 1813. Manda que se hajam por extintos os diferentes empregos do Museu desta Corte. **Coleção das Leis do Brasil, 1813**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890. p. 26.

\_\_\_\_\_. Decreto de 6 de junho de 1818. Cria um Museu nesta Corte, e manda que ele seja estabelecido em um prédio do Campo de Sant'Anna que manda comprar e incorporar aos próprios da Corte. **Coleção das Leis do Brasil, 1818**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890. p. 60.

\_\_\_\_\_. Regulamento n.º 123 de 3 de fevereiro de 1842. Dá ao Museu Nacional uma organização acomodada à melhor classificação, e conservação dos objetos. **Coleção das Leis do Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1842. Tomo 5.º, parte 2.ª, Seção 10, p. 143.

\_\_\_\_\_. Decreto n.º 21.129 de 07 de março de 1932. Cria no Museu Histórico Nacional o "Curso de Museus". Rio de Janeiro: Câmara dos Deputados, 1932.

BRIGOLA, João Carlos Pires. **Colecções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUM (ICOM). **Declaração de Quebec**. Quebec: Icom, 1984

\_\_\_\_\_. **Declaração de Caracas**. Caracas: Icom, 1992.

PARANÁ (Província). Ato n.º 393, de 30 de dezembro de 1882. Dando Regulamento ao Museu Paranaense. Curitiba: 19 dez. 1883. p. 1.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007, pp. 27-28.

Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO). **Declaração do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UNESCO, 1958.



**Figura 88:** Petroglifo Ilha do Campeche, identificado em 1966 pelo arqueólogo João Alfredo Rohr. Florianópolis/SC.  
**Fonte:** João Alfredo Rohr, 1969. Imagem vetorizada por Sofia Paiva.

# LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, MAPAS, QUADRO e TABELAS

## FIGURAS

- Figura 1:** Escavação arqueológica realizada pelo arqueólogo João Rohr, de chapéu, e equipe. Florianópolis/SC. 3
- Figura 2:** Petroglifo Ilha dos Corais, identificado em 1966 pelo arqueólogo João Alfredo Rohr. 5
- Figura 3:** Padre João Alfredo Rohr, S.J., com suas botas de cano alto e chapéu inglês, com proximadamente cinquenta anos de idade, durante escavações arqueológicas no sítio Base Aérea. Florianópolis/SC. 1958. 6
- Figura 4:** Pesquisadores. São Leopoldo/RS, 1968 10
- Figura 5:** Revista Manchete edição nº 505, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1961. 12
- Figura 6:** Adorno encontrado em sítio litorâneo. Dentes de tubarão duplamente perfurados, formando um colar, coletados em 1961, junto a sepultamento. Sítio Praia da Tapera, município de Florianópolis/SC. 16
- Figura 7:** Extração de camadas do sambaqui da Jaboticabeira II, para serem trituradas e queimadas nas caieiras/fornos. Jaguaruna /SC. 18
- Figura 8:** Caieira – local para onde eram transportadas, trituradas e queimadas toneladas de estratos de camadas dos sambaquis, e transformadas em cal. sambaqui da Jaboticabeira II. 19
- Figura 9:** Escavação Ilha dos Rosas. Com Annette Laming-Emperaire, Padre Rohr, Celso Perota, Marcos Albuquerque, Pedro Ignácio Schmitz e três operários. Antonina/PR, 1966. 22
- Figura 10:** A técnica de cimentação, criada por Rohr, foi aplicada em diversos sítios arqueológicos, no estado de Santa Catarina, Rio de Janeiro e Paraná. A exemplo, vê-se na imagem o Sep 110, cimentado e em exposição no MHS, proveniente do sítio Praia da Tapera, com ponta de flecha cravada na vértebra. 23
- Figura 11:** Ação de fiscalização. João Alfredo Rohr (IPHAN/SC) e Luiz Castro de Faria (Museu Nacional/RJ) diante o desmonte realizado em um sambaqui da região de Laguna/SC. 27



<b>Figura 12:</b> Ofício n.º 8.281, de 27 de setembro de 1984, com recomendação do governador do estado de Santa Catarina, para o tombamento, a nível estadual, do acervo Rohr.	30
<b>Figura 13:</b> Termo de Recebimento de peças da Coleção Rohr no Museu de Geociências da UnB.	33
<b>Figura 14:</b> Digitalização da documentação produzida por Alfredo Rohr, durante os trabalhos arqueológicos, como os diários de campo, croquis e correspondências, será uma ação preventiva para conservação e complementação da Coleção arqueológica tombada.	34
<b>Figura 15:</b> Pontas de flecha n.º 4668, 4672, 4665, 4679 e Petrolândia 6 – Coleção Berenhauser/SC.	68
<b>Figura 16:</b> Pontas de flecha n.º 7007, 4647 e 4663 – Coleção Berenhauser/SC.	68
<b>Figura 17:</b> Pontas de flecha n.º 7026, 4640 e 4639 – Coleção Berenhauser/SC.	69
<b>Figura 18:</b> Pontas de flecha n.º 4705, 6762, 6757, 4745, 4504 – Coleção Berenhauser/SC.	69
<b>Figura 19:</b> Ponta de flecha n.º 6751a– Coleção Berenhauser/SC.	70
<b>Figura 20:</b> Ponta de flecha, em ametista – Coleção Berenhauser/SC.	70
<b>Figura 21:</b> Ponta de flecha, em quartzo hialino, s/ n.º – Coleção Berenhauser/SC.	71
<b>Figura 22:</b> Pontas de flechas ósseas duplas (Sítio Praia da Tapera, município de Florianópolis/SC); flecha ponta óssea com pedúnculo (origem desconhecida).	71
<b>Figura 23:</b> Abridores de conchas. Sítio arqueológico Praia das Laranjeiras, Balneário de Camboriú/SC.	72
<b>Figura 24:</b> Artefatos líticos (tembetás?) n.º 4271, 4255, 4241 e 6134. Coleção Berenhauser/SC.	72
<b>Figura 25:</b> Trançado de fibra vegetal coletado no sítio arqueológico Alfredo Wagner (pré-cerâmico), município de Alfredo Wagner/SC, 1967.	73
<b>Figura 26:</b> Artefato em madeira (chamado por Rohr de “virote de madeira”). Sítio arqueológico Alfredo Wagner (pré-cerâmico), município de Alfredo Wagner/SC, 1967.	73
<b>Figura 27:</b> Artefato em madeira (chamado por Rohr de “muleta” de madeira”). Sítio arqueológico Alfredo Wagner (pré-cerâmico), município de Alfredo Wagner/SC, 1967.	74

<b>Figura 28:</b> Oficina lítica: bloco de pedra utilizado para polimento de gume de ferramentas líticas. Coleção Berenhauser/SC.	74
<b>Figura 29:</b> Ponta de flecha óssea encravada em vértebra humana. Sítio Praia da Tapera, município de Florianópolis /SC.	75
<b>Figura 30:</b> Colar com 13 dentes de mamíferos perfurados, associado ao sepultamento n.º54, infantil. Sítio Praia das Laranjeiras II, município de Balneário Camboriú /SC.	75
<b>Figura 31:</b> Material lítico – Pesos de rede, usado na pesca. Sítio Galheta, município de Laguna/SC.	76
<b>Figura 32:</b> Anzol em osso, n.º 649. Origem desconhecida.	76
<b>Figura 33:</b> Artefato lítico. Adorno ou peso de anzol. Sítio arqueológico Armação do Sul, município de Florianópolis/SC.	77
<b>Figura 34:</b> Artefato lítico n.º 43, denominado por Alfredo Rohr de “fusiforme”. Sítio arqueológico Armação do Sul, município de Florianópolis/SC.	77
<b>Figura 35:</b> Vasilhame pequeno, liso.	78
<b>Figura 36:</b> Microvasilhame cerâmico com tratamento de superfície corrugado.	78
<b>Figura 37:</b> Microvasilhame cerâmico com tratamento de superfície corrugado.	79
<b>Figura 38:</b> Vasilhame cerâmico.	79
<b>Figura 39:</b> Conjunto de vasilhames cerâmicos Guarani, com decoração plástica e pintura, em exposição no Museu do Homem do Sambaqui, Padre João Alfredo, S.J., município de Florianópolis/SC.	80
<b>Figura 40:</b> Fragmentos de recipientes cerâmicos decorados – com linhas curvas contínuas, linhas vermelhas sobre engobo branco, linhas retas e diagonais contínuas, faixa vermelha, face externa e interna.	81
<b>Figura 41:</b> Bloco extraído de afloramento rochoso, no sítio arqueológico Praia da Armação do Sul, com inscrições rupestres (petróglifos), em exposição no Museu do Homem do Sambaqui, município de Florianópolis/SC.	82
<b>Figura 42:</b> Material lítico: Bola-de-boleadeira n.º 989 e boleadeira mamilar ou “rompe-cabeça” n.º 648, utilizadas para a caça e defesa.	82

<b>Figura 43:</b> Crânio de indivíduo adulto masculino pigmentado com ocre. Sítio Praia Grande (Rio Vermelho).	83
<b>Figura 44:</b> Sambaqui Garopaba do Sul, Jaguaruna/SC.	86
<b>Figura 45:</b> Sambaqui da Carniça em processo de mineração.	91
<b>Figura 46[a]:</b> Croqui de delimitação do Sítio Carniçal.	92
<b>Figura 46[b]:</b> Situação atual (2018) do Sítio Carniçal.	93
<b>Figura 47:</b> Conchas do Sambaqui Jaboticabeira II trituradas e ensacadas para comércio, Jaguaruna/SC.	94
<b>Figura 48:</b> Estrutura de trituração de conchas do Sambaqui Jaboticabeira III, Jaguaruna/SC.	95
<b>Figura 49:</b> Indústria caieira no sambaqui Cabeçuda 01, registrada por Castro Faria na década de 1950.	95
<b>Figura 50:</b> Início da construção do aterro da segunda ponte férrea, de concreto. É visível o uso do material conchífero como aterro. Esta linha férrea passa pelo canto norte do sítio Cabeçuda 01.	96
<b>Figura 51:</b> Trabalhadores na estação ferroviária de Cabeçuda em 1901, à direita, ao fundo, nota-se o sambaqui Cabeçuda 01 e a estrutura da caieira.	96
<b>Figura 52:</b> Ponte ferroviária da Laranjeira, vista no sentido sul-norte. Ao fundo o sambaqui Cabeçuda, século XIX.	98
<b>Figura 53:</b> Início da construção do aterro da segunda ponte, de concreto. Ao fundo o sambaqui Cabeçuda I, século XX.	98
<b>Figura 54:</b> Processo de mineração do sambaqui da Carniça em Campos Verdes, Laguna/SC.	100
<b>Figura 55:</b> Petroglifo Ilha dos Corais, identificado em 1966 pelo arqueólogo Jião Alfredo Rohr.	104
<b>Figuras 56:</b> Sambaqui da Carniça, em 1950/1951.	106
<b>Figura 57:</b> Objeto lítico, com perfuração, n.º 5635, atribuído a cultura sambaquieira. Coleção Berenhauser/SC.	107
<b>Figura 58:</b> Zoólitos resgatados em sambaqui.	108

<b>Figura 59:</b> Sepultamento infantil n.º 75 (com acompanhamentos funerários), do Sítio Praia da Tapera. Coletado por meio da técnica de cimentação de esqueletos humanos. Em exposição no Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr, S.J.”, município de Florianópolis/SC.	142
<b>Figura 60:</b> Machado polido oriundo de sambaqui de Santa Catarina.	144
<b>Figura 61:</b> Artefatos ósseos encontrados em sambaqui de Santa Catarina.	145
<b>Figura 62:</b> Peça lítica, zoomorfa apresentando cavidade, vista em ângulos distintos. Sambaqui Pântano do Sul, Florianópolis, Santa Catarina.	145
<b>Figura 63:</b> Fragmentos de cerâmica associada à tradição Itararé encontrados no sítio Praia da Tapera.	147
<b>Figura 64:</b> Diário de campo da escavação na Base Aérea (1958), Florianópolis.	149
<b>Figura 65:</b> Detalhe da planta mostrando a disposição espacial dos sepultamentos do sítio Praia da Tapera (Batista da Silva et al., 1990).	150
<b>Figura 66:</b> Desgaste dental acentuado e abscesso observado em indivíduo da Praia da Tapera.	150
<b>Figura 67:</b> Indivíduo do sítio Praia da Tapera apresentando patologia degenerativa das articulações distais do úmero.	151
<b>Figura 68:</b> Sepultamento múltiplo de indivíduos sub-adultos do sítio Praia da Laranjeiras apresentando grande quantidade de pigmento. Município de Balneário de Camboriú/SC.	152
<b>Figura 69:</b> Dendrograma gerado a partir dos sete primeiros Componentes Principais. Método Ward sobre Distâncias Euclidianas.	155
<b>Figura 70:</b> Petroglifo Praia dos Santinho, identificado em 1966 pelo arqueólogo João Alfredo Rohr.	162
<b>Figura 71:</b> Padre Rohr evidenciando um sepultamento (não identificado) no sítio da Base Aérea, em 1958.	166
<b>Figura 72 e 73:</b> Acompanhamentos funerários do Sepultamento 01 (“amuleto de concha”) e Sepultamento não identificado infantil (dente de tubarão duplamente perfurado).	178
<b>Figuras 74 e 75:</b> Acompanhamentos funerários do Sepultamento 11 (adulto), sete conchas de <i>Conus spurius</i> perfuradas e do Sepultamento não identificado (infantil), 41 conchinhas perfuradas de <i>Olivella</i> sp.	178
<b>Figuras 76:</b> Sepultamento 61, infantil, do sítio Caiacanga-Mirim. Os acompanhamentos, que segundo Rohr, seriam um “colar”, estão dispostos junto ao esqueleto, do pescoço até a cintura pélvica.	179

<b>Figura 77:</b> Evidenciação dos esqueletos Sep 82, Sep 72 e Sep 79 na escavação do sítio Praia das Laranjeiras II, em 1978.	180
<b>Figura 78:</b> Cinco dentes perfurados de mamíferos, associados ao Sepultamento 39 (infantil), em exposição em vitrine no MA/CACG.	180
<b>Figura 79:</b> Dentes de mamíferos perfurados associados ao sepultamento infantil (Sep. 49). Em vitrine da exposição do MA/CACG.	181
<b>Figura 80:</b> Sepultamento 107 (adulto masculino), deitado em posição fetal e encostado em uma mandíbula de baleia.	181
<b>Figura 81:</b> S Sepultamento 91 (infantil), do sítio Praia das Laranjeiras II, cimentado e em exposição no MHS. Possui como acompanhamento, um adorno feito com 114 conchinhas perfuradas ( <i>Olivella sp</i> ).	183
<b>Figura 82:</b> Vasilhames cerâmicos guarani com decoração plástica.	186
<b>Figura 83:</b> Sítios Arqueológicos identificados no município de Itapiranga.	183
<b>Figura 84:</b> Machado Semi-Lunar, coletado em 1966 no município de Itapiranga/SC.	194
<b>Figura 85:</b> Artefatos líticos da Cultura Alto-Paranaense: Picão (SC-U-195), picareta (SC-U-195) e machado curvo (SC-U-23). Município de Itapiranga/SC.	194
<b>Figura 86:</b> Petroglifo Praia do Santinho, Florianópolis, identificado em 1966 pelo arqueólogo João Alfredo Rohr.	203
<b>Figura 87:</b> Petroglifo Praia do Campeche, Florianópolis, identificado em 1966 pelo arqueólogo João Alfredo Rohr.	204
<b>Figura 88:</b> Petroglifo Ilha do Campeche, identificado em 1966 pelo arqueólogo João Alfredo Rohr. Florianópolis/SC.	216



GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Sambaquis mapeados por João Alfredo Rohr, no litoral catarinense.	111
<b>Gráfico 2:</b> Número de crânios de indivíduos adultos relativamente bem preservados oriundos de sítios arqueológicos da costa sudeste e sul, encontrados em instituições do sudeste e sul do Brasil.	149

TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Séries masculinas incluídas nas análises.	155
<b>Tabela 2:</b> Comparativo dos sítios analisados, com a datação, número de sepultamentos evidenciados em cada um deles, existência de Fichas de Registro de Sepultamento e localização dos esqueletos e acompanhamentos funerários.	167
<b>Tabela 3:</b> Comparativa que apresenta os tipos de acompanhamentos funerários que aparecem em cada uma das classes de idade entre os indivíduos de Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II.	183

MAPAS

<b>Mapa 1:</b> Municípios do litoral pesquisados pelo Padre Rohr.	112
<b>Mapa 2:</b> Modelo de Origem dos povos tupi-guarani no Brasil A área roxa mostra o centro de origem do tronco tupi. A seta amarela mostra o deslocamento dos falantes do proto-tupi que deram origem à família tupi-guarani. A área verde-escuro representa o centro de origem da família tupi-guarani. A seta verde-claro mostra a volta de um ramo da família tupi-guarani para a área proto-tupi. A expansão tupinambá, em azul, parte da área proto-tupi-guarani. A Guarani, em vermelho, retorna à área que coincide com a de origem proto-Tupi, antes de migrar rumo sul.	190

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Glaucio Coelho – MC&G Design Editorial

**Revisão e Normalização**

Carlos Otávio Flexa – MC&G Design Editorial

Tiragem de 1.000 exemplares.

Impresso no Brasil – Fevereiro de 2021

Este livro foi composto com a família da fonte Vista Sans.



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO







## A TRAJETÓRIA ARQUEOLÓGICA DE Pe. JOÃO ALFREDO ROHR EM SANTA CATARINA

Com o objetivo de homenagear o arqueólogo João Alfredo Rohr, reunimos nesta obra artigos que retratam sua atuação, especialmente em solo catarinense, sempre forte e destemida, em defesa do patrimônio arqueológico, o que se tornaria a sua marca registrada e o incluiria entre os grandes defensores que o patrimônio cultura brasileiro teve até hoje.

Suas pesquisas arqueológicas geraram coleções de valor inestimável, que ainda geram novas pesquisas e perspectivas, como aquelas aqui apresentadas pelos autores convidados pelo IPHAN, que avançaram e produziram novos conhecimentos sobre a história da ocupação do território brasileiro.

ISBN 978-65-86514-32-2



9 786586 514322